

SECRETARIA DA CULTURA, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

COLEÇÃO TEXTOS E DOCUMENTOS

JOSÉ ADERALDO CASTELLO

**O MOVIMENTO
ACADEMICISTA
NO BRASIL**

1641 - 1820/22

VOL. III – TOMO 2

CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA

VOLUMES JÁ EDITADOS NESTA COLEÇÃO:

- N.º 1 — *João Pacheco*
ANTOLOGIA DO CONTO PAULISTA
- N.º 2 — *Domingos Carvalho da Silva, Oliveira Ribeiro Netto e Péricles Eugênio da Silva Ramos*
- N.º 3 — *José Aderaldo Castello*
ANTOLOGIA DO ENSAIO LITERÁRIO PAULISTA
- N.º 4 — *José Aderaldo Castello*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO, I VOL.
- N.º 5 — *Pires de Almeida*
A ESCOLA BYRONIANA NO BRASIL
- N.º 6 — *José Aderaldo Castello*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO, II VOL.
- N.º 7 — *Pessanha Póvoa*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO, III VOL. — ANOS ACADÉMICOS
- N.º 8 — *Dante Moreira Leite*
PSICOLOGIA E LITERATURA
- N.º 9 — *Péricles Eugênio da Silva Ramos*
DO BARROCO AO MODERNISMO
- N.º 10 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22 — VOL. I — TOMO 1
- N.º 11 — *Francisco de Assis Barbosa*
BRITO BROCA — LETRAS FRANCESAS
- N.º 12 — *Vicente de Paulo Vicente de Azevedo*
FAGUNDES VARELLA — DISPERSOS
- N.º 13 — *Péricles Eugênio da Silva Ramos*
POETAS DE INGLATERRA
- N.º 14 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22 — VOL. I — TOMO 2
- N.º 15 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22 — VOL. I — TOMO 3
- N.º 16 — *Silveira Peixoto*
FALAM OS ESCRITORES — VOL. I
- N.º 17 — *Silveira Peixoto*
FALAM OS ESCRITORES — VOL. II

- N.º 18 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 —
1820/22, VOL. I — TOMO 4
- N.º 19 — *Octacilio de Carvalho Lopes*
APASSIONATA — (OS AMORES DE BEETHOVEN)
- N.º 20 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 —
1820/22, VOL. I — TOMO 5
- N.º 21 — *Manoel Botelho de Oliveira* (leitura paleográfica de Heitor
Martins)
LYRA SACRA
- N.º 22 — *Francisco Pati*
DICIONÁRIO DE MACHADO DE ASSIS
- N.º 23 — *Maria Alice de Oliveira Faria*
ASTARTE E A ESPIRAL
- N.º 24 — *Murilo Mendes*
RETRATOS E RELÂMPAGOS
- N.º 25 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 —
1820/22, VOL. III — TOMO 1

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pelo Centro de Catalogação na fonte,
Câmara Brasileira do Livro, SP)

Castello, José Aderaldo, 1921-

C345m O movimento academicista no Brasil: 1641-1820/22.
v.1- São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1969-
v. em (Textos e documentos, n. 10, 14-15, 18, 20, 25)
Publicados: v.I, t.1, 1969, t.2-3, 1970, t.4-5, 1971;
v.III, t.1, 1974.

1. Literatura brasileira — Coletâneas. 2. Literatura
brasileira — Sociedades etc. I. Conselho Estadual de Cul-
tura (São Paulo) II. Título.

CDD-869-906

-869.908

74-0766

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil: Academias literárias 869.906
2. Literatura brasileira: Coletâneas 869.908

José Aderaldo Castello

Pesquisa, planejamento e supervisão:

— JOSÉ ADERALDO CASTELLO

Fixação de texto:

— ISAAC NICOLAU SALUM

— YÉDDA DIAS LIMA

**O MOVIMENTO
ACADEMICISTA
NO BRASIL**

1641-1820/22

VOL. III — TOMO 2



CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA

SÃO PAULO

**FESTEJOS PÚBLICOS
COMEMORATIVOS - 1641 - 1821**

(CONTINUAÇÃO)

7. **SÚMULA TRIUNFAL DA NOVA E GRANDE CELEBRIDADE DO GLORIOSO E INVICTO MÁRTIR SÃO GONÇALO GARCIA [...], POR SOTÉRIO DA SILVA RIBEIRO, 1745, (Ed. 1753).**

INTRODUÇÃO (1)

O documento que a Revista acolhe em suas páginas no presente tomo é de importância para a história da literatura brasileira, a cujos estudiosos tem passado despercebido, em razão de só existir um exemplar impresso, em Portugal, na biblioteca do Conde de Sabugosa. Desse exemplar obteve, há tempos, o Instituto Histórico a cópia de que nos servimos agora. Intitula-se *Súmula Triunfal da nova, e grande celebridade do Glorioso, e invicto Mártir São Gonçalo Garcia, etc., e veio à luz em Lisboa, 1753. Seu autor, sob o nome suposto de Sotério da Silva Ribeiro, é Frei Manuel da Madre de Deus, de quem Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, no Novo Orbe Seráfico Brasileiro, ed. de 1761, tomo I, págs. 224, e de 1858, tomo I, págs. 369, nos dá esta biografia sumária:*

*“Frei Manuel da Madre de Deus, natural da Cidade da Bahia, e professo no Convento da Vila de Iguaraçu, em Pernambuco a 5 de maio de 1745, em idade de 21 anos incompletos. Por moléstia, que padeceu nos primeiros anos de Religioso, não continuou os Estudos maiores, tendo mestrado pelos Clássicos capacidade para todos. De tudo é bastante prova o seguinte: (menciona o título da *Súmula Triunfal*, e mais um Comento aos *Emblemas*, ou *Empresas de Alciato*, que nunca saiu impresso).*

Barbosa Machado, na Biblioteca Lusitana, omitiu o nome do autor, que Inocêncio e Sacramento Blake mencionam, embora não lhe conhecessem a obra.

Reimprimindo-a, tem a Revista oportunidade de oferecer alguns subsídios, não desprovidos de interesse, aos que estudam a nossa história literária.

(DA DIREÇÃO)

(1) In *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1928. Tomo 99, vol. 153, págs. 5-104.

SÚMULA TRIUNFAL DA NOVA E GRANDE
CELEBRIDADE DO GLORIOSO E INVICTO
MÁRTIR SÃO GONÇALO GARCIA

Dedicada, e oferecida ao Senhor Capitão

José Rabelo

de Vasconcelos,

por seu autor

Sotério da Silva Ribeiro:

Com uma Coleção de vários folguedos, e danças,

Oração Panegírica, que recitou o Doutíssimo, e

Reverendíssimo Padre

Frei Antônio de Santa Maria

Jaboatão,

Religioso Capucho da Província de São Antônio do Brasil,

Na Igreja dos Pardos da

Senhora do Livramento,

Em Pernambuco no primeiro de maio do ano

de 1745.

Lisboa

Na Oficina de Pedro Ferreira, Impressor da Augustíssima

Rainha nossa Senhora

Ano de M.D.CC.LIII.

Com todas as licenças necessárias.

DEDICATÓRIA

Já chegou o tempo, em que o cordial afeto, com que o venero, conte vitórias. Repetidas vezes me atormentou o desejo de corresponder agradecido àquelas carícias de amor, com que tantas vezes fui da sua benevolência mimoso; desejando alcançar uma resolução de sacrificar-lhe os toscos rasgos da minha pena: a este intento se opuseram não poucos incômodos, arrojando de seus holocaustos esta rendida vítima.

Sempre solicitei ansioso numerar-me em o número dos seus, para este título empenhei sempre todo o meu amor no seu serviço: por isso de ambicioso poderá talvez notar-me alguém imprópriamente, mas tenho desculpa, pelos motivos que me há dado o seu amor nas repetidas mercês a meu amoroso atrevimento, e ambição: porém do desejo, que tenho de o agradar quem o pode melhor informar que a minha pouca correspondência?

Confesso ingenuamente que foi sempre Vossa Majestade para favorecer-me Gigante, e eu me corresponder Pigmeu; por isso mesmo espero, que aquele a quem se deve a bondade de meus desejos, esse me defenda da crise popular, e licenciada censura, levando na frente desta pequena oferta a dourada rubrica do seu nome.

Quem negará, que algum superior impulso (depois do meu agradecimento) me obrigou a tomar esta empresa? para que em aforismos de tão Santo, e perfeito emprego achasse a mordaz emulação de alguns seguríssima pauta para os seus desenganos; e pode ser que já que no Encomiástico, e Hiperólico não suspendam minhas razões, ao menos a veemências da verdade, se persuadam os Homens Pardos a respirar das passadas, e universais vexações, em que viviam sosso-brados.

Por esta causa consagro à sua benignidade todo o desempenho da ação, para que de seus naturais zelos não só proteja, e ampare este breve período; mas também, o que é defenda a sem razão, que padecem os Pardos; que a não suceder como espero, não só erro, mas arrojado fora o vôo da minha mal aparada pena.

A matéria, que reverente consagro à sua heroicidade, de um ramalhete de flores, e frutos, que do delicioso jardim da devoção parda colhi, e contém uma lacônica pandeta da verdade para que nenhum jamais no estímulo da oposição possa sem desculpa calcifrar;

por esta razão temeroso fugi sempre do comum, e lisonjeiro sofisma das dedicatórias, que é levantar Padrões, propor Genealogias, delinear Prosapias, amontuar Proesas, e acumular por razões, o que sem dúvida aos olhos de muitos se faz contemptível; posto que me fique o desejo da dilação neste discurso; mas passe por travessura de afeto este político aforismo de amor.

De que logra Vossa Majestade uma perfeita simetria com os mais assinalados Varões de mais lustroso valor, e crédito é certo, e deixo por referir tão acreditadas ações por não ofender a gravidade, e modestia, nem incorrer na nota de lisonjeiro. De sua santa, e religiosa liberdade não é leve testemunho o longo território de Pernambuco; nem conhece mais leis, que as do amparo, e proteção dos inumeráveis Iros, quantos são os que habitam esta vasta porção do Mundo: pois sabem, a confessam, que algumas vezes passou de liberal a pródigo; mas se como diz o vulgar aforismo, que a necessidade carece de leis, quem poderá por leis à misericórdia, que só anela amparar misérias? Receba pois Vossa Majestade este curto, mas reverente obséquio, que só procura o seu nome, e piedoso asilo, a quem não tenho mais que ofertar, senão pedir a Deus posterize sua pessoa Nestorios anos.

De Vossa Majestade
menor servo, e maior venerador
Sotério da Silva Ribeiro.

SÚMULA TRIUNFAL

INTRODUÇÃO

Mais para venerar, que para ponderar nos aconselha a humana baixeza, são os inescrutáveis juízos de Deus. Quem não dissera, que para maior alegria, e universal aclamação oculta Deus muitas vezes ao mundo, aquilo que sem dúvida se deseja com maior saudade, e devoção. Este é sem dúvida a causa por que a Divina providência, nesta mais, que em todas as coisas se ostenta com maior admiração, e universal espanto dos viventes?

Já dos primeiros séculos vemos se acham sepultadas em as cinzas do esquecimento muitas coisas roubadas pelos dias, e anos ao luzido Sol da nossa memória, para que do grisol (sic) da nossa esperança, saia mais apurada à custa de erros vários a nossa devoção.

Estes são sem dúvida os motivos, que teve o Altíssimo, esta a causa de ter a tão inveterados séculos, padecendo em tanto decurso, e profluência de males, a sequiosa devoção dos homens pardos, pela falta de santo da sua cor; para que em suas maiores tribulações descobrisse Deus um amoroso afeto, que depois com inexplicáveis júbilos, e euges suavizassem os heus com as seguintes vitórias.

Ferido tinha já o lastimoso pranto de Israel as Divinas orelhas, quando de entre as incombustas chamas de uma sarça convida Deus o Moisaico (sic) valor a enxugar as lágrimas de tanta aflição e angústia nascidas da cruel impiedade, em que viviam de Faraó, sem mais pretexto, que a estranhez da nação.

Esta verdade lá figurada se vê, cá realmente praticada pelos anos do Senhor no primeiro de maio de 1745, tempo destinado para tão feliz redenção; pois não sem mistério pareceu escassa, e vagarosa em socorrer tantos males; ou porque fiando-se na sua infinita misericórdia no ministério de tantos infortúnios, descobrir-se em os homens pardos a mais fina devoção, ou porque em o gravame de tantas opressões, e angústias resplandecesse mais a sua fé, ou talvez para que a pedra de toque de tantas calúnias, e escárnios se conhecesse o mais subido quilate do ouro de sua paciência, para lhes suceder depois mais sobejo o remédio a suas lastimosas angústias.

⌞ Sem dúvida pois sucedeu assim, porque ferido já Deus dos lastimosos ais, e enternecidos heus desta angustiada, e aflita nação

de homens (em que tão maior, quanto maior era a necessidade) quis que luzisse a Aurora de sua infinita misericórdia a noite de tanta desesperação, e angústia, de que os libertou, dizem que um piíssimo Religioso da esclarecida Religião de Santo Inácio com a feliz notícia do invicto Mártir São Gonçalo Garcia, Santo de sua mesma cor, e acidente; convidando-os (quem não dirá, que por celestial influxo) à desejada terra de promessa de seus fervorosos desejos, à qual nem todos chegaram com felicidade, uns porque incrédulos da intempestiva notícia emudeceram não da fala, mas das obras para condescender em tão custosa viagem, outros que totalmente desistiram da empresa com a feia nota de suas más consciências, em a direção deste negócio.

Apenas tinha o clarim da fama defendido esta notícia em a vasta Capitania de Pernambuco, quando reboando o eco de seus clamores por todo o Império Americano, inexplicável parece o júbilo, que conceberam os sujeitos deste acidente, respirando todos a um tempo das pretéritas incalamidades: mutuamente se davam uns aos outros o parabém de tanta ventura. Aos Céus rompiam com agradecidas vozes, à terra com auges, e vivas, os corações com ais, propriedade só de quem felizmente escapado havia do rubro de tantas lágrimas, vendo sepultados já seus inimigos em as ondas de tantas calúnias a veemências de uma tão estranha, como feliz notícia, que ao parecer verossimil foi da maneira seguinte:

Haverá pouco mais de trinta anos, que indo deste Pernambuco ao Reino de Portugal um homem pardo por nome Antônio Ferreira no regresso trouxe uma pequena Imagem do Beato Gonçalo Garcia com a notícia que lá lhe deram de ser o Santo da sua mesma cor, e acidente; esta Imagem conservou em seu poder com grande amor, e devoção alguns anos, que viveu, e por sua morte a deixou a uma devota matrona deste País, e hoje em dia se acha no Oratório do Síndico dos Religiosos de Santo Antônio do Recife, Manoel Alves Ferreira.

Algumas diligências fez este devoto pardo por introduzir nos mais a opinião, que do Reino trazia, de ser o Santo também pardo; mas como não alegava mais fundamento que a opinião, que trazia, ou porque não era ainda chegado o dia determinado pela Divina providência para a exaltação, e glória do Santo, e redenção da sua cor, não passou a sua piedosa diligência mais que a deixar na memória dos mais o desejo do seu culto, o qual de presente avivado, e incitado pelo Religioso, que já dissemos, não se resolviam contudo a sair à luz com o seu projeto; porque comunicando com algumas pessoas Religiosas, e Doutas este negócio, nenhum concordava em que o Santo (sendo natural da Índia) pudesse ter aquela cor.

Buscaram ultimamente ao Reverendo Padre Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, como fiduciados no seu douto parecer, e prudente conselho, o qual sem impugnância alguma lhes respondeu, que pelo que entendia, podiam estar na certeza de que o Beato Gonçalo Garcia, como natural da Índia, tinha da cor parda tudo aquilo, que bastava para que eles o pudessem ter por Santo da sua cor, e acidente.

Esta mesma resposta deu o dito Padre ao Reverendo Coadjutor, que por ordem do seu Reverendo Pároco, o veio consultar sobre este ponto; e esta só opinião sua foi a luz, que bastou para desfazer tantas sombras de ignorância, que ofuscavam, não só as razões, mas ainda a verdade, de que fosse o Santo pardo, e privá-lo desta glória.

Se assim como aconteceu isto seis anos atrás, viesse neste tempo; nem o Orador tivera tanto trabalho em revolver livros esquisitos, e apurar notícias antigas; nem os duvidosos tanta ocasião para a censura; pois com as novas conquistas da Índia, aos que dela têm notícia, e lêem as relações impressas (sic) acharam que todos aqueles povos são nelas tratados por negros. Negro se chama muitas vezes poéticos discursos da Índia o Monsoló, e negros são também os Maratas, que hoje ocupam, e senhorião a Cidade de Baçaim, pátria do Beato Gonçalo Garcia: estes negros inda que reproduzidos, não são novamente produzidos ali, nem vieram para a Índia das partes da África, nem é força, que para ser um pardo haja algum de seus pais de ser nacional de África, antes basta que seja de negro a Cidade ao meu ver; que podem mais acrescentar os duvidosos?

Mas como a tristeza costumou sempre acompanhar a alegria nas espaldas como sombra, e às ocasiões de maior consolação parecem subornados os azares, de repente se viram desvanecidos de tanta glória, fluando em novas ânsias, por causas que eles melhor do que eu as saberão, com que se frustrariam seus briosos intentos, se com as prudentes máximas do Orador panegíricos não cobrasse o perdido calor a sua devoção.

Resolutos pois, e deliberados com isto a pôr em execução o culto do Santo Gonçalo Garcia não foi pouco para admirar. Ver concorrer os moradores deste distrito, e seus arredores, mais ainda o mesmo céu, terra, mar, e elementos, ainda a mesma natureza, qualquer com discreta, e muda emulação (se é que se dá em tais sujeitos) parecia contribuir liberal a tanta glória como adiante veremos, sem que com este exemplo se confundissem os opositores de tão piedosos intentos, estribando-se na sofística causal de que senão compadecia com tal acidente a santidade, pouco atentos à experiência que desde os primeiros séculos nos aconselha o Poeta, se há de dar a cor, cuja verdade posto que Gênio, conheceu claramente um Coridon na intimação que de seus afetos fazia ao menino Aleixo, ou como lêem outros, Alexandre:

Ó Formose, puer nimium ne crede colori Alba ligustra cadunt vacinia nigra leguntur funduntur violae.

Mas inda assim quando o ódio dos moradores os fizesse indignos de virtude alguma aos menos pela parte preta, de que compõem podiam advertir, o que diz o Psalmista: **Ethiopia proeveniet manus ejus Deo**, para assim entenderem que não são estes homens estéreis para a virtude.

Não menor foi outra, que em certa ocasião beberam meus ouvidos de um indiscreto Eclesiástico, a quem encomendando-se um Sermão, protestou o não faria pelo mais crescido interesse por não haver aprendido a pregar impossíveis, pois se não moldava com tal acidente a santidade, o que sinceramente se pode entender da sua natural impossibilidade.

Maior censura, a mordacidade padeceu o Orador da primeira festa, pois com a nota de iliterado padeceu também a de Hipócrita, por um Melífluo Senhor, que não se recitou cláusula, que não contasse, levado só da sinistra fantasia, e presunção, que nas tripas lhe berrava; mas creram logo todos estar na ocasião pouco em ponto o mel do seu entendimento; querendo com estas outras loucuras desluzir a um sujeito, a quem é sobejo clarim para a fama, seus escritos, quem nunca tiveram melhor epíteto, e panegírica censura, que o imortal obelisco de seu nome.

Agora quisera derreter-me em vozes de louvor, se não temera a censura de suspeito, ainda que soubesse de usurpar indevidamente para exação de suas virtudes, e entendimento, o que para expressão das infernais penas cobiçava o Mantuano Poeta:

Non mihi si lingue centum, sintoraque centum, Torrea voz omnes mentis comprindore formas.

Mas baste para geroglífico de sua vasta literatura esta sincera pandeta de louvor, que se já para ser conhecida a serva de César bastava a escultura de seus imperiais estandartes para circunvagiar o orbe ileza, se lá para estremecerem o mundo os Soldados Macedônios era bastante o militare, e dizer-se que eram Soldados de Alexandre; cá não menos, pois para correrem seus escritos seguros da licenciosa censura, e crise popular, basta levar na frente esculpida a glória de seu nome, e para conhecer-se o valor deste famoso Campeão da Igreja, basta dizer-se que milita nas bandeiras, e estandartes de Francisco, com o que se faz entre todos os mais regulares sigular; pois se de Portugal o Rei entre todos os Monarcas do mundo pode blazonar amizade com Deus, e privança particular pelo chegado estandarte, de que se cobre; quanto mais poderá este (se é que alguma coisa digo) gloriar-se em uma Religião, que tem por vexilos ao mesmo Cristo.

Animados enfim a esta empresa como valor mais que de Sansão, cada qual com intrépida liberalidade, ou Alexandres na liberalidade, outros enfim Iroina prodigalidade, com o que se assentou em mesa em a sua mesma Igreja do Livramento em o primeiro de maio de 1745 a publicação da festa, despachando-se cartas por todas as Confrarias, e Irmandades desta Capitania, em que tinham mando os deste acidente, e não só a estes, mas também a todas as Religiões, e Templos, que benignamente condescenderam, por serem de um Santo tão portentoso os cultos, que novos, com prerrogativa de primeiros, no mundo se consagravam.

Convocados todos a esta Praça, ou Vila de Santo Antônio do Recife, deram princípio a esta ação em a seguinte noite em a referida Igreja por portas janelas, terreno, e torre, inumeráveis fogos de todas as invenções, que só então vi cumprimentada a impossibilidade do Peligno Poeta:

Terra feret stellas, celum findetur aratro, Unda dabit flambas, et dabit ignis aquas.

Donde parecia haver concorrido o Céu, pois seguramente se pode crer colocara na terra a nobilíssima República de seus luminosos meteoros.

Estes seguiam por ordem os mais Templos acompanhando, e respondendo aos repiques de sinos os bombos da artilharia por espaço de três dias em determinadas horas. As desentoadas vozes do Povo, e os marciais instrumentos de tal sorte suavizavam o escuro caos, que inculcavam do dia, e noite simbólica porfia. Em a segunda noite, além de várias tragicomédias, e esquipáticas folias, uma brilhante fragata de fogo corria as ruas todas com uma bem ajustada música dos mais sonoros Orfeus da terra.

Na terceira um majestoso plausto dentro, e fora com uma bem ajustada contradança de Talheres, que com todo o capricho, e asseio dirigiam inumeráveis Cupidos, aos quais seguia outra de Folias de Espanha, que faziam mais vistosa os custosos archeiros, e luzes várias, que a acompanhavam: seguia-se ultimamente uma dança de Langra com caprichoso concerto ordenada, obsequiando também esta ação a Cidade de Olinda pouco distante desta Vila.

Acordando-se finalmente no dia certo para tão rija festividade, se assentou em o de trinta de agosto, em que de unânimes concenso saíram aqueles, a quem incumbia esta ação, pelas ruas principais revestidos de riquíssimas opas, a quem procediam dois ternos de chamarelas, e boases (sic), com cuja harmonia, e suavidade se incitava a popular devoção, de que resultou uma numerosa quantia.

Na quarta-feira de 31 de agosto, quando já jurava a noite seus horrores com mútuos repiques de todos os Templos, e bélicos

instrumentos se noticiou ao povo dava princípio à Novena do dito Santo, elevando-se em oito mastros de verdes ramos revestidos, outras tantas bandeiras, que ondeando-se mansamente ao vento, novo recreio de Boreas, publicavam, cuja perspectiva fez mais plausível os imediatos ecos de Vulcano; esta ação condecorou a presença do Reverendo Padre Coadjutor; revestido de Pluvial de tela franjado de ouro, que a som de uma bem concertada melodia, e músicos instrumentos deu princípio à Novena com todo o asseio, e capricho, tanto de Cerimônias, como de Eclesiásticos paramentos, que por então não puderam ser mais custosos.

Às oito da noite horas se formoseou de tal sorte o terreno e circunferência da Igreja, e alto da torre, com luminárias, e fogueiras, que novo caos de resplendor, formado parecia haver a noite; isto imitaram todos os moradores do distrito, o que se observou por todos os dias da Novena com incrível dispêndio dos Irmãos deputados pela Mesa.

Aos oito do seguinte mês se patenteou a vulgar devoção à devotíssima Imagem do dito Santo, que pelo primor, e naturalidade da pintura oferecia aos olhos um vistoso enigma, em que a arte doce-mente enganava a natureza, causando as aparências opróbrios à realidade, exalando de si (depois dos quatro beatos dotes) uma formosura tal, com tal atrativo das potências, que seguramente se podia dizer dela o que da sua Lívia cantou o desterrado de Ponto:

**Ad te oculos, aures trahis, tua factanotamus,
Nec vox missa potest principis ore tegi
Alta mane, supraque tuos exurge dolores,
In fragilem que animum, quo potes usque tene
An melius per te virtutum exempla notamus,
Quem si Rimane principis edis opus.**

Depois desta não era menos para admirar na pintura o primor do delicado pincel de certo Apeles famoso, a quem a fama tem feito circular em todo o mundo, com pesar, e admiração dos mais célebres Zeuxis, e Timantes, que na verdade se vivera Apeles, muita mais distância andaria pelo conhecer, com mais fruto talvez, que por Protogenes; donde resultou dizerem alguns, aludindo a antiga hipóbole, que haviam dois Gonçalves Garcias, um filho da esclarecida Religião dos Menores, insuperável na virtude; outro deste autor inimitável de nenhum artificioso pincel; donde lembrando-me do Lírico Poeta, direi dele, o que, o que de si por edito disse Alexandre, que ninguém senão Lisipo e Apeles, este pintasse, aquele esculpisse a sua imagem.

**Profluit edictum nequis se preter Apelem
Pingeret, aut prepter Lisipum duceret era
Fortis Alexandri vultum simultania sacrum.**

Em dia da Natividade da Senhora se benzeu a Imagem, que se achava não sem mistério em o Convento dos Religiosos Franciscanos, berço propriíssimo, em que pela Eclesiástica bênção renasceu segunda vez para nossa segura devoção.

Colocado assim em lugar eminente, banhado de inumeráveis luzes, e preciosíssima Comunidade, com cera de arratel nas mãos, e Cruz alçada presidindo nesta o Reverendo Padre Mestre Frei Antônio de Santa Rita, então Guardião, revestido de Pluvial de tisso de ouro encarnado, acompanhado de Diácono, e Subdiácono com Dalmáticas do mesmo; e logo oito seculares Eclesiásticos, administrando o odorífero Sabeo, e fragrante aspersione, e mais cerimônias da Igreja.

Concluída a bênção, que se oficiou com a sua mesma música, entoaram a coros o Cântico: **Te Deum laudamus**, com tão sonora melodia estes humanos Serafins, que poderiam invejá-los inda as Celestiais Hierarquias: seguindo-se a isto a popular confusão de ósculos.

Concluída a bênção, saiu a Imagem em Procissão do Convento dos Religiosos Minoritas para a Igreja do Livramento, precedendo ao ato dois sonoros ternos de charamelas, e logo o Estandarte da nossa Redenção acompanhado de cerofetários tudo de prata; sucedendo logo por ordem os Irmãos do Livramento ornados de nevadas opas, e cera de dois arratéis em as mãos; da mesma sorte se seguiam por sua preferêcia as Religiões; que para este majestoso triunfo benignamente condescenderam.

Em meio de tão Santa Orbicularidade majestosamente ornado procedia o andor do glorioso Mártir, cujo ônus toleravam docemente o Juiz, e Escrivão da Senhora de Guadalupe, e com estes, os da Senhora do Livramento.

Seguia-se o Sacrossanto Lenho, em que se obrou o inefável mistério da humana redenção debaixo de um precioso pálio em mãos do Reverendo Guardião, revestido de riquíssima alva, estola, pluvial, supernumerário, tudo de inestimável valor, e preço, entre vários Sacerdotes também de ricas alvas, e dalmáticas revestidos, tudo de tela de ouro em campo branco:

Carregadas as varas do Pálio por seis Cavalheiros do hábito de Cristo.

Chegados ao Templo dos Irmãos Pardos, que se recebeu com grandeza, e estrondo, se solenizaram as Vésperas da Senhora do Bom Parto, cuja Missa entoou o Reverendo Vigário o Doutor Manoel Freire professo na Ordem de Cristo, servindo-lhe de Diácono, e Subdiácono, os Reverendos Coadjutor, e Sacristão, revestidos de ornamentos de tisso de ouro encarnado, e franjado do mesmo, presente

o Diviníssimo Sacramento em Trono, assistido de muitos Irmãos, que com capas, e muito acerto ministravam as Eclesiásticas cerimônias.

A um lado da Igreja se via um como teatro ornado de muitas sedas, e damascos com primorosa arquitetura, em que docemente convidavam aos mortais a desejos da Pátria celestial uma sonora música. Subiu a orar, que sem dúvida o fez como devia, e bem se esperava de sua vasta literatura, o Reverendo Padre Francisco de Buitrago, legítimo filho do Patriarca Santo Inácio, glorioso na produção de um filho tão virtuoso, como igualmente douto.

Todo este ato condecora o Pontifical dos Religiosos de São Bento, se se não seguira um não pequeno azar, que a todos pôs em grave desconsolação, e não sei se diga, que escândalo; a este se seguiu outro de igual sentimento pelo dispêndio, com que se haviam artificiado oito arrobas de fogo de nova, e graciosa invenção, que tudo se frustrou por razões, que irritam o ouvi-las.

Em o seguinte dia nove de setembro com os sucessivos repiques de todos os Templos, e estrondos da artilharia, saiu a Comunidade dos Religiosos Carmelitas Reformados com Cruz alçada, presidindo o Muito Reverendo Padre Provincial Frei Luís de São Jerônimo, revestido de preciosíssimos ornamentos, e capa de Asperges de tisso de ouro com bordadura do mesmo sobre-saída. Todos com cera de arrátel em as mãos, dirigiam os passos ao Templo do Livramento, e chegando a ele, saíram a recebê-los os Irmãos da Senhora da Soledade com Cruz alçada, presidindo-lhes o seu mesmo Capelão.

Entrados enfim em o Templo se sentaram em quase vinte cadeiras de veludo, e damasco; alcatifado todo o pavimento da Igreja, e revestidos todos de Pluvial de damasco. Enquanto se temperavam os instrumentos, e se acendiam as velas, se distribuíram por todos os Religiosos, e inumerável povo, que presente se achava, cera de arrátel: o que feito. Subiu ao altar o dito Padre Provincial, e se fez patente o celestial Maná à doce violência do Hino **Tantum ergo**, e finalizado, entoaram com muita suavidade, e ternura o Cântico **Te Deum Laudamus**, acabado este e encerrado o Senhor com aquela Eclesiástica perfeição, e asseio, que costumam os ditos Padres, se retiraram ao seu Convento com a mesma uniformidade.

No seguinte dia às oito horas repetiram a mesma ação, que só deferiu em trazerem Diácono, e Subdiácono com dalmáticas bordadas de ouro e sendo outra vez recebidos na forma referida, se assentaram nas mesmas cadeiras, acesas as luzes, expôs o Reverendo Padre Provincial o Sacramento, e logo a tom de órgão entoaram a hora de Tereia, a qual concluída, deram princípio à Missa da festa com toda a circumspecção e grandeza; e subindo ao Púlpito orou com

a costumada eloquência, e literatura o Padre Mestre Frei Manuel da Ascensão Melo, Religioso da mesma ordem e concluída a festa, se retiraram pela mesma ordem ao Mosteiro.

Na sexta-feira ao meio-dia, dez do dia do dito mês, com contínuos repiques, e repetidas cargas de artilharia se deu princípio à festa de Nossa Senhora do Livramento.

As três da tarde, como já dissemos, com capas brancas, tochas em as mãos, deram princípio às Vésperas, que capitulou o Reverendo Pároco assistido de toda a Cleresia Secular, revestidos de tela, e mais paramentos preciosos, incitando a uma interna devoção a melodia da música do Reverendo Padre Jerônimo de Sousa, Mestre da Capela desta Vila.

Concluída esta, se repetiram pelo decurso da noite a sonora confusão de sinos, ecos de Vulcano, e instrumentos de Marte; incendiando-se de tal sorte o terreno, janelas, e torre da Igreja, que dilatado parecia haver o dia no mais recôndito da noite seus luzimentos: saindo para maior realce de tanta grandeza, uma luzida encamisada, que ajudada da claridade da noite, e tranqüilidade dos ares, o sereno tempo, com a melodia artificiosa, que acompanhava a estrondosa consonância dos sinos, concertado do estrépito das danças, adorno, e formosura de suas figuras, e finalmente a ordem, que rara vez se acha na multidão, geralmente influída a todos um júbilo, de alegria tão suave, que me parece inexplicável, só por celestial comunicação, à natureza.

Montavam todos em número de trinta parelhas em soberbos cavalos bem ajaezados, que entre a confusão de cascavéis, clarins, trompas, chameias, e atabales, acompanhava a cada um dois pajens graciosamente ornados à mourisca, que com flamantes arqueiros, e fogaréus circuíram toda a Vila, levando após de si uma Balandra com todos os marítimos aprestos, acesos por alto, e baixo de fogos vários, com suspeito pasmo de um Vestúvio.

Em o dia seguinte com o Diviníssimo Sacramento em Trono de luzes colocado, se celebrou a Missa: pregou ao Evangelho o Reverendo Doutor João Luís Bravo, Sacerdote do hábito de São Pedro, com aquela eloquência nas mais vezes sempre costumada.

Aos doze de setembro, a três da tarde em plena Comunidade veio ao Templo do Livramento a Reverenda Irmandade do Príncipe dos Apóstolos; precedia a Cruz Pontifical acompanhada de Ceroferários; logo o numeroso Clero revestido de sobrepelizes; subseguiu-se a este a Mesa com seus oficiais todos com dalmáticas de damasco carmesim, e cera de dois arráteis em as mãos, presidindo o seu mesmo Provedor na sobredita forma, cuja presença deu maior lustre, e crédito à festividade.

Chegados ao Templo, foram recebidos da Irmandade do Livramento com aquela urbana polícia nas demais vezes praticada. Ordenaram-se as Vésperas, que capitulou o Reverendo Provedor a som de música; o que também se observou às oito da noite a horas de Matinas com tão angélica harmonia do Cântico *Te Deum*, que pela olorosa fragrância, que o Templo banhava se incitavam os ânimos, e potências, estas aos desejos da Pátria celestial, aqueles à devoção, e imitação de tão glorioso Santo.

No dia Domingo se celebrou a Missa com tão inexplicável capricho de cerimônias, e pródigo dispêndio, que só o pode bem asseverar o silêncio, quando é curta toda a eloquência a tão portentoso desenho. Aqui não é fácil explicar o concurso de povo, e nobreza de toda a Capitania, ao que tudo dava mais crédito, e esplendor a decoreza (sic) presença de todo o Eclesiástico, Regular, e Secular, que concorrido havia.

Subiu ao Púlpito a horas do Evangelho e Reverendo Padre Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão proporcionado assunto não para a minha, mas a sempre adorada pena da Águia Evangélica, I que diria, e faria este, por decendência, esclarecido Serafim, reservo à curiosidade, do Leitor na seguinte Oração Panegírica, donde poderá também ver o que da vida, e martírio do glorioso São Gonçalo Garcia possivelmente se pode noticiar.

Aqui não se pode dizer senão hiperbolicamente com verdade o crédito, e esplendor, que recebeu a esclarecida Religião dos Menores, nesta além das mais vezes, que me não atrevo a referi-las, pelo desejo, que tenho de singular nesta ocasião com assombro, e espanto universal de toda a América; e o que mais é inda da mesma fortuna, a quem tem sacrificado tolerar, com valor mais, que de Job, a pé quedo em o século da sua paciência os desarrazoados golpes da ventura; não sendo bastante causa esta, para que a grandeza, e frequência imarcescível de seus estudos deixem de publicar as relevantes prendas de sua sabedoria, e virtudes, fazendo soar em o ligeiro clarim da fama seu oprimido nome com a imortal conjectura de singular por todo o Império Americano. Concluída a festividade, se ordenou com universais repiques, e bombos da artilharia uma Procissão com igual aplauso e pública expectação, na forma seguinte:

FORMA DA ORDEM DA PROCISSÃO

Dois suavíssimos ternos de charamelas precediam toda esta luzida comitiva, que mais parecia celestial esquadrão de Anjos formado na terra, que humana, e fingida tragicomédia no teatro do mundo representada.

I — Seguia-se logo a Figura da Ásia a cavalo, que deu o Capitão Mariano de Almeida, ricamente vestida de mulher. Cingia-lhe a cabeça uma caraminhola de molde Francês agaloada, a quem circulavam quatro broches de diamantes, entre os quais sobressaiam vinte e quatro flores dos mesmos diamantes. Sobre estas uma coroa de flores fictícias: pendiam das orelhas dois brincos de diamantes de considerável valor: no pescoço gargantilha dos mesmos com rocicler pendente nela.

Vestia justilho de seda azul de ouro com manguitos de rendas do mesmo: por baixo deste outros de renda branca: cobriam-lhe os braços cordões de ouro os dedos ornados de várias, e preciosas jóias de diamantes: em o meio do peito sobressaía um peitilho de graciosa invenção, e adorno: continha dezoito broches, e seis jóias de diamantes.

Ornavam-se os baixos de três saíotes; o primeiro glacé de ouro encarnado com bordadura a duas ordens, a este circulavam quatro laços de fita com jóia cada um. O segundo de veludo azul com renda de ouro por baixo. O terceiro compartilha do mesmo.

Calçava meias de seda carmesim agaloadas; os sapatos de veludo encarnado, agaloados do mesmo, presos com fivelas de ouro.

Montava em cavalo russo rodado: a sela sobreanca, e bolsas de veludo azul bordado de ouro: atavam-lhe as crinas três laços de fita, cada um com jóia de diamantes no meio.

Sustentava na mão direita estandarte de damasco carmesim agaloado de ouro; nele se via pintado um altar, e um turiferário com a letra: **In holocaustis offeram tibi cum incenso aurum de Ophir.**

Na esquerda uma tarja com letras de ouro que diziam: **Et tu Asia concors in spem, et gloria persone ejus**, pendia-lhe das costas capilar de ló de ouro, que suspendiam sete laços de fita de ouro, e prata; cada um se rematava com jóia de diamantes.

II — À mão direita se via o Aplauso que deu a Irmã Antônia Nunes.

Representava esta um mancebo gentil de airosa estatura a cavalo. vestia à trágica; mas a cabeça, e peito à Alemoa: guarneciam-lhe a cabeça, vários cachos de flores de diamantes: na parte anterior dois broches de exímia grandeza; na posterior cocar branco: rematava esta jóia de diamantes sobre laços de cordões de ouro: das orelhas, e peito pendiam jóias do mesmo.

O peito formado em campo encarnado, guarnecido todo de várias peças de diamantes: fechavam-na em roda, gracioso invento de cordões de ouro. Vestia três saíotes, o primeiro de brocado azul com ramos de ouro, e prata guarnecidos de galões do mesmo. O segundo seda de carmesim. O terceiro da mesma azul, tudo de ouro, e prata guarnecido.

O capilar de ló verde, preso em laços de fita, e deles dois pendentos de cingaria de ouro.

Calçava meias carmesins bordadas do mesmo, os sapatos de damasco branco que atavam fivelas de prata. Vestia manguitos de cambraia transparente orlados de semelhantes rendas. Sustentava na mão direita uma cítara com as palavras do Profeta: **Laudate eum in cythara**. Na esquerda letra em tarja: **Psalite Deo, qui ascendit super caeli ad orientem**.

O cavalo murzelo ginete; tinha a mão direita, e todo o quarto esquerdo mosquedo de branco; a sela, e jaezes de veludo carmesim bordado a ouro; as crinas e cauda tecidas de fitaria de prata azul.

III — Seguia-se a Figura da Alegria a cavalo, que deu o Irmão Manoel Alves.

Vestia esta à Francesa: ornava-lhe (sic) a cabeça vários broches de diamantes, e dezessete cachos de pendentos de ouro: vestia preguiça de seda, guarnecida toda de pelhetão de ouro: nos braços manguitos de renda em vários folhados cobertos de cordões de ouro na mão esquerda adufe brincado em circuito de flocos azuis, e encarnados, com a letra: **Laudate eum in timpanos** (a) na direita, tarja com esta: **Laudate caeli, et exulta terra, cumulares est Dominus populum suum**: (b) calçava meias de seda azul, bordadas de prata, sapatos do mesmo.

O cavalo russo ginete: jaezes de veludo carmesim bordado de ouro, e prata: na frente tremulava um cocar, que pelo vário da cor não dava menor espetáculo à vista, que o demais ornato: as crinas, e cabo interfachados de vária fitaria com pontas perdidas até o chão.

IV — Seguia-se a Figura da Meditação, que deu o Irmão Antônio Pires de Andrade.

Vestia à trágica: portava sobre a cabeça uma pomba de cujo bico se lia esta letra: **Meditabor ut columba**, (c) firmava esta os pés em broche de exímia grandeza: por ambas as partes, anterior e posterior, jóia de diamantes saída de um tope de flores; cingia-lhe a cabeça por detrás um, que chamam dengue de veludo nacarado, trabalhado de ouro ao perfil da agulha, ornado de renda do mesmo, de que pendiam quatro canudos de galão torcido: rematava-lhe o cabelo renda de França com pontas perdidas abaixo.

Circulavam-lhe o pescoço três voltas de finíssimo aljofar, das quais pendia jóia de diamantes: o peito em campo encarnado com ramos a ouro de que saíam duas serpentes com tão natural artifício, que a não ser vagaroso o empenho da vista, redundaria em a vulgar ignorância, o receio de verdadeira; enlaçadas estas em variedades de flores de ouro, e prata.

Vestia cinco saiotos: o primeiro de brocado azul com ramos de ouro; o segundo de seda verde com matizes do mesmo; o terceiro de seda encarnada, guarnecida a duas ordens de bordadura de ouro, e prata; o quarto de seda amarela também ornada de ouro; o último verde, que rematava em barambazes, e franja de ouro.

Calçava meias azuis, e botins encarnados, orlados de galão de ouro: nos pés asas: o capilar de tisso azul de prata com uma cortina de várias cores penejada, pendente abaixo, que rematavam dois laços com borlas: no meio destas um de filigrana cravado de pedraria de diamantes, de que sobressaíam dois cocares com quatro borlas de fio de ouro, em que se rematava todo este ornato.

Vestia nos braços folhagem de renda tomada por regaço em dois broches de diamantes: nos pulsos cordões de ouro: sustentava na mão direita um livro com letras de ouro, que dizia: (a) *Lex tua meditatio mea est*. Na outra em vara de prata um estandarte de ló, e nele primorosamente esculpida uma tarje com a letra (a) *Meditario cordis mei in conspectu tuo semper*.

Coberta de Cruz de prata imediatamente se via a Irmandade do Patriarca São Pedro, conduzindo a um Reverendo Sacerdote revestido custosíssima alva, e capelo acompanhado de Seroferários revestidões do mesmo.

V — Depois disto, vinha a Figura do Zelo, data do Irmão José Duarte.

Vestia à Francesa com justilho e saia verde toda franjada de ouro: circulavão a cabeça vários broches matizados de muitos trementes de ouro, de cujo meio saía a Fenix abrasada com a letra aos pés, que dizia: *Zelus domus tue comedit me*. (b) Ornavam-lhe o peito três broches: cingia-lhe de larga fita carmesim enramada de ouro com pontas perdidas, das quais pendiam dois broches: na mão direita espadim: na esquerda tarje com douradas letras, que dizia: (c) *In igne zeli locutus sum de reliquis gentibus*.

VI — Figura da Pregação, que deu o Irmão Francisco Teles de Menezes.

Vestia com gentil, e rica proporção, saia de brocado cor-de-rosa, orlada, de galão de ouro: sustentava capilar de preciosa seda, a quem fechava um broche de não poucos diamantes no peito em campo azul oito luzentes broches de diamantes, e vários brincos de esmeraldas, uns, e outros nascendo de ramos de ouro sobressaídos: sustentava toda esta Oriental pedraria, um finíssimo franjão de ouro, que tudo acompanhava pelo interior, justilho de veludo carmesim bordado.

Ajudava roda esta galhardia rica folhagem de transparentes rendas em os braços presas por regasso em broches de diamantes: compunha-lhe os pulsos engaste de finíssimos aljofares: a cabeça ornava

variedades de fitas, e cascarilhas de prata e ouro, e delas saíam vários canudos, de galhardo, e louro cabelo, a quem prendiam trementes de diamantes, acompanhadas de especiosíssimas rendas: trespassava toda esta formosura de duas flamantes fitas, com letras, que dizia: (a) **In luce sagitarum tuarum ibunt.** Sustentava na sinistra mão humana, cujo teor era (b) **Dominus dabit verbum evangelit antibus** na destra vara de prata, em cuja eminência pendia ao vento tarja em ló com letra que dizia: (c) **Euntes in mundum proedicate:** calçava em cor de pérola as meias; sapatos de seda branca agaloados.

VII — Figura do Martírio, que deu o Irmão Felipe de Santiago Neto.

Vestia de armas brancas: capacete prateado, de que sobressaíam ramos de ouro, entre estes o ornavam em giro quatro broches; do último posterior se erigia um cocar de plumas nevadas, que prendia laço de fita de ouro encarnada com pendentes do mesmo em as pontas: no espaldar do capacete, cravada com cadeia de diamantes; se lia esta inscrição: **Non coronabitur, ni si qui legitime certaverit.**

No pescoço bucólica de rendas ao antigo, modo em gomos ordenada: compunha os braços preciosa folhagem de renda a maneira de concha.

Na destra um áureo acetro com esta elegante energia: (a) **Et potentia nemo vicitillum.** Na sinistra graciosa tarje pelos primores de Apeles em dourados caracteres, (b) assim dizia: **Fortitudo, et decor indumentum ejus.**

Posteriormente pendia dos ombros por pendentes de ouro um capilar encarnado de ramos do mesmo, e em cada um tope de fitas do mesmo ouro azul, em cujo interior se viam preciosas jóias de diamantes.

Vestia três fraldões de damasco carmesim guarnecidos de galão de ouro, e rendas brancas, que ao parecer representavam quinto fraldão. Calçava borzequins de camurça com bordadura de prata.

VIII — Figura do Merecimento, que deu Dona Serafina Bezerra.

Com esplendor não menos, que as mais, se via o Merecimento vestido à trágica; compunha-lhe a cabeça por aperto um trono em acento de prata, e conhas verdes guarnecidas de ouro; nos meios trementes de diamantes, e mais pedras preciosas, que o adornavam: na frente, e lados de dito formavam uma graciosa confusão de luzes, variedades de broches de ouro, e diamantes, e mais flores do mesmo, que com variedade nas cores, o ornavam de alto a baixo.

Também com portento se viam aos lados dois Serafins, em cujo meio se formava um círculo de cristal que continha doze menores

com várias relíquias Santas; servindo-lhes de teto o luminar maior, artificialmente feito, saindo de uma nuvem branca matizada de estrelas de ouro.

Das mãos dos Serafins saía uma fita carmesim, que formava um meio círculo, com este dourado lema: (a) *Tronus ejus sicut Sol*. Posterior a toda esta maravilha, e artificiosa importância se via uma jóia crava de esmeraldas, e diamantes presa em uma flor de fita de ouro com pontas perdidas; aí mesmo nascendo uma tremulante plumagem azul; e das orelhas dois pendentes de diamantes cravados em ouro. Cingia-lhe o pescoço gargantilha de ouro e diamantes, em meio um rosicler do mesmo.

Vestia justilho de veludo azul com ramos, e flores de ouro; no peito fabricado um coração em chamas abrasado, e no centro letras, que diziam: *Merecimento*. Dele nasciam por ambos os lados dois ramos, que iam findar sobre os ombros, compostos de flores de ouro, e prata, cravados de esmeraldas, e diamantes.

Superior ao coração por coroa, diadema de muitos diamantes, e pedras preciosas, com tanta naturalidade fingida, que deu motivos e suspeita, de ser esta figura pela riqueza do adorno, entre todas, singular, e vivo teatro de cobiça.

Do cinto para baixo vestia dois fraldões, o primeiro de tisso branco florido de ouro, o segundo de tela verde matizada de ouro, guarnecida em circuito de renda finíssima. Calçava de tela azul, meias carmesins com quadros de prata. No braço direito sustava escudo de várias cores em assento de prata, e nele letra, que dizia: *Pugnate cum antiquo serpente*. No sinistro tarja com estas: (a) *Obedimus legi Paltrum nostrorum*. Sustentava capilar de seda gemada, matizada de várias cores, preso por partes com várias jóias de diamantes, e ouro, que certamente a faziam deleitável, e gracioso objeto de vista.

IX — Figura do Prêmio, deu o Irmão Manuel Barreto. Tragicamente vestida seguia-se a figura do Prêmio, cuja cabeça compunha uma custosa caraminhola de galões de ouro acompanhada de uma coroa de pedraria de diamantes, e muitas preciosas, com luzimento tanto, que os mesmos raios do Sol parecia haver roubado: nela se via também em campo esmaltado de azul, um dourado epígrafe, desta forma: *Possuiste in capite ejus coronam*.

Afogavam-lhe o pescoço três voltas de cordão pendente nelas rosicler de diamantes: compunha-lhe o peito formosa rosa de diamantes, e mais jóias do mesmo, em cópia tanta, que laconicamente falando, exaurido ficaria todo o Calecud, (sic) e Oriente.

Sustentava nas costas capilar de tela de ouro em campo cor-de-rosa, que rematava laço de fitas, de ouro, e jóia. Vestia justilho

de tisso de ouro encarnado, manguitos de folhagem de renda volante, a quem serviam de fechos dois broches. Sustentava na destra palma de flores, de que era oriunda a letra assim: (a) **Fructus honoris**. No sinistro braço vistosa tarja pelos matizes de ouro, cujo meio continha a canção seguinte: (b) **Gloriam, et magnum decorent impones super eum**. Vestia três fraldões, o primeiro de brocado de ouro encarnado, o segundo de tisso de prata cor-de-rosa, o terceiro de galassé da mesma azul, todos guarnecidos de galão, e bordadura. Calçava meias de seda encarnada, bordada de prata: sapatos de veludo agaloados de ouro, que atacavam fivelas do mesmo.

X — Figura do Anjo da Religião Seráfica; deu o Irmão Francisco de Freitas Silva.

Também com igual adorno, e trágico asseio. Ia esta Religiosa figura coroada de flores de ouro, e diamantes, e inumeráveis trementes de ouro: o peito de branco, bordado de ouro: sobressaído, em que se divisavam não sem enleio da cobiça 21 broches de diamantes, de extraordinária grandeza. Vestia justilho de tela branca, manguitos de renda, que alavam laços, e broches.

Ornavam-lhe os baixos dois fraldões, o primeiro de brocado de prata ornado com franja do mesmo: o segundo de galão de ouro com bordadura. Sustentava capilar de tisso de ouro encarnado: calçava borzeguins de camurça branca, bordados de ouro.

Na destra mão sustentava vara de prata, e nela pendão de volante branco com as armas da Religião, e letra que dizia: **Religio victima**. No braço esquerdo tarja esmaltada, e nela as palavras do Profeta: **Filii tui de longe venient**. (a).

Todas estas figuras eram pelos lados cobertas de inumeráveis Irmãos, regidas por dois Sacerdotes Seculares, Ex-provedores do Patriarca São Pedro.

XI — O convencido Júpiter em figura tirando do Triunfal Carro da Gloriosa Mártir Santa Barbara, data do Irmão Manuel Alves Cardoso.

Com trágico asseio se seguia a figura desta mentida Deidade, sustentando na cabeça o **aerío pondus** de uma nuvem desfeita em relâmpagos, com o dourado motete que exprimia: **Illuxerunt coruscationes**. (b).

Uma bem ornada confusão de luzes lhe saía da garganta, causada de uma especiosa jóia, que dele pendia.

Do peito como não menor custo luzia infinita pedraria diamantina, nascida de doze gravíssimas jóias. Sustentava capilar de brocado de ouro ligado por jóia, e laço de ouro. Vestia três fraldões: o primeiro de tisso de ouro, guarnecido do mesmo: o segundo de seda

azul também do mesmo guarnecida: o último de brocado carmesim igualmente paramentado.

Do alto de uma vara de prata na destra vibrava (sic) três raios. Na sinistra pendia tarja com o seguinte verso: **Fulgura multiplicavit, et conturbavit eos.** (a).

Da mesma saía fita, que o carro arrastava, com a letra, que esta ação bem explicava **Benedicite fulgura Domino.** (b) Calçava borzequins encarnados, bordados de prata.

Forma do carro Triunfal, em que ia a Virgem Mártir Santa Bárbara, data dos Irmãos Inácio de Melo, Luís Pinto, Felix Vieira.

De nova, e graciosa invenção formado, em campo branco de algodão enramado de ouro, era o carro, que de anilada folhagem de renda, e cascarrolha, novos enleios ao gosto maquinava, nunca cansado pela continuada variedade.

Do centro desta nevada arquitetura em 9 palmos de alto, se erigia uma formosíssima torre, de cuja sacada se via aquela encarcerada, e virginal inocência que pelo primor e propriedade a celestial compaixão e mágoa os ânimos docemente convidava. Rodava de dois, e dela tirava um soberbo e cândido bruto; ricamente agaezado coberto com telim de damasco encarnado, franjado de ouro. Dentro com Angélico concerto docemente entoavam hinos, e louvores duas humanas, se bem que melhor dissera celestiais inocências ricamente vestidas. Em toda esta triunfal máquina de 18 palmos de comprimento e 9 de alto.

Logo, a posterior se seguia a dança de Langra, que capitaniava um suavíssimo terno de charamelas. Consta de 9 figuras: calçavam todas de branco: vestiam fraldões de seda, cobriam-se de chapéus agaloados: guiava-os um, com quem airoosamente se moviam vários, e diversos troledos.

Carroça de ombro, em que ia a Senhora do Terço, deu o Reverendo Padre Manuel Nunes dos Reis, e Luiza da Costa Macedo.

Continha inclusos os varais, 16 palmos de comprimento, e 5 de alto, com 4 de frente. Compunha-se de sedas, e veludos, formados em conchas sobressaídas, e ornadas de galões, que as faziam distintas da folhagem de renda. A poupa enlaminada, e guarnecida de canotilho de prata, e passamanes de ouro, com borlotas de fio do mesmo pendentes.

Do meio saía uma nuvem formada de volante branco alcatifada de flores, adornada de vários Serafins, que na eminência adoravam a Imperatriz do Céu e terra. Vestia esta, manto de veludo agaloado de ouro: diadema de prata. Portava palma de riquíssimas flores fictícias. Ornava-lhe o pescoço uma importante jóia de diamantes presa por meadas de ouro.

Em coxins de veludo, e forquilhas de prata tão celestial ônus toleravam quatro Irmãos revestidos de opas brancas, cobertos por um, e outro lado de toda a mais Irmandade.

XII — Figura do Amor perfeito, puxando o Carro da Senhora do Bom Parto, deu o Irmão Francisco Cardoso. Vestia à trágica: cobria-lhe a cabeça capacete ornado de pedraria preciosa, de cuja posterioridade pendia laço de fitas de ouro e jóia de que nascia tremulante plumagem: o peito (se o permite a lisonja) era uma pedreira de infinitos diamantes. Vestia saiotes de seda azul com bordadura de ouro sobressaída: do mesmo era o capilar, que sustentava. Calçava de encarnado, bordado a ouro: sapatos do mesmo. Sustentava no cinto aljava. Na destra mão fita e nela esta dulcíssima inscrição. **Mater**. Na sinistra, tarja com esta seqüência: **Pulchra dilectionis** além de um arco que com valentia empunhava.

CARRO TRIUNFAL

Da Senhora do Bom Parto, data do seu mesmo Juiz, Antônio Pinto de Mendonça, seu Escrivão Felix de Souza e mais Irmãos da Mesa.

De 22 palmos de longitude e 14 de altitude se formava por novidade em campo verde, esta prodigiosa máquina, toda de ramagem de lata, e florões sobressaídos. Dos tarjões da popa, e proa se formavam florões, dos quais saía um ramoso embaraço, que findava no trono da Imaculada Virgem, a cujos pés iam sentados dois sonoros Orfeus que com suave melodia cantavam os devidos louvores.

Vestiam ambos preguiças de seda verde de ramada de ouro: tocadas as cabeças com diamantes e muitos pendentes dos mesmos: aos peitos laços de seda, e jóia. Rodava de quatro. Levava na proa uma Águia, que da Senhora no bico recebia fita com douradas letras, docemente exprimiam: Maria. Tiravam desta arquitetura 8 oriundos de Guiné com asseio ornados, cuja dianteira preocupavam dois Anjos vestidos à trágica, capelas de flores nas cabeças: peitos em acento vermelho com ramagem de ouro: nos braços manguitos de finas randas. Sustentavam por capilar volante azul ramado de ouro, asas de penas, com laço, e jóia no meio. Vestiam saiotes de sedas de ouro; calçavam de azul bordado de prata, sapatos de veludo azul agaloado.

Logo se seguia a Cruz de prata de Santo Antônio da Matriz com a Charola do mesmo Santo custosamente ornada, pelos infinitos diamantes que continha. Carregavam-na quatro Irmãos cobertos do seu Capelão, e mais Irmandades revestidos de nevadas opas, e velas de arrátel nas mãos.

Logo também a dança, que vulgarmente chamam calhas-trazes continha oito figuras cobertas de chapéus agaloados, e diversa plumagem.

Vestiam camisotes de holanda, ornados pelos pescoços, e braços de cordões de ouro. Calçavam de veludo negro, meias brancas, sapatos de camurça, fivelas de prata, bandas de seda. Cobria-se toda esta peripatérica assembléia, por ambos os lados de muitos Irmãos. Seguia-se a Charola de Santa Luísa, e toda a sua Irmandade.

Era de entalha dourada e ricamente adornada. A santa deixo de referir pelo primor já em tantas partes ouvido, que certamente parece incrível, que em lugar de tão limitada opulência, se descobrisse tanta cópia de ouro, prata, diamantes e mais pedras preciosas. Seguiam-na o Juiz, e Capelão Eclesiasticamente revestidos.

Pouco depois se via a graciosa dança de caboclinhos, composta de nove rapazes Índios do País, ricamente ornados, e nus da cintura para cima ao modo pátrio. Cobriam-lhes as cabeças capacetes lavrados de cordões de ouro matizados de broches de diamantes com tremulante plumagem na parte posterior.

Vestiam saiotos de seda, e tisso de ouro agaloado com rendas, e franjas do mesmo.

Cingiam cintões de ouro em ramagem saída; os mesmos cingiam nos buchos dos braços com carrancas de ouro em várias formas. Portavam não poucos cascavéis nos pés, presos em suas fitas.

Guiavam-se de um seu semelhante, que só differia na cor, e custo que com diversidade dos mais vestia. Voava-lhe sobre a cabeça um papagaio artificialmente fingido, com naturalidade.

Vários giros e voltas entrecadentes, com passo uniforme, faziam todos pelo centro de uns arcos de cipó, ornados e pintados de várias cores e penas. Vários giros digo formavam, a som e compasso de um tamborim e gaita, que tangida de um Etíope (se bem que não ao nosso modo) não deixava por isso de atrair atenções, pelo índico modo, com que sabe esta nação portar-se nas ocasiões de suas maiores celebridades.

XIII — Figura do Temor de Deus, que puxava o carro da Senhora da Soledade, deu o Irmão Lino Pereira Façanha.

Também de trágico paramento se via esta figura, com cópia de ouro e diamantes, que deixo de especificar pelo que se tem já visto, e ouvido das outras antecedentes. Era o peito carmesim, e nele uma Águia, de que nasciam três broches de diamantes, e outras equipações com o ornamento de ouro em bandolim, que o faziam sem dúvida agradável à vista. Os manguitos de renda finíssima falhada, presos ambos com laço e broche. Os pulsos cingidos de cordão de ou-

ro: sustentava capilar de ló branco de ouro com pendentos perdidos do mesmo.

Vestia quatro fraldões, o primeiro, e segundo de galace de prata, o terceiro, de ouro, o último de seda amarela, franjada do mesmo.

Calçava meias azuis bordadas de prata, sapatos de veludo encarnado agalado. Na destra mão fita, que tirava de carro, com letra **Mater**. Na sinistra tarja com estoutra: **Et Timoris** (a).

Forma do carro, em que ia a Senhora da Soledade. Data do Juiz Marcelino de Sousa, e mais Irmãos da Mesa. Dezessete palmos de comprido, onze de alto, cinco de largo continha essa fábrica, guarnecida de ramagem de cera. Os ramos que embaraçavam uns, e outros florões, eram mavrada em campo encarnado, de quem saíam vários florões. Os ramos que embaraçavam uns, e outros florões, eram matizados de flores de várias cores. Na proa levava uma bem fingida Águia de matizes de ouro: mais abaixo estava um florão com quatro ao redor menores, correspondendo aos mais; todos estes viam embaraçados de brutesco da mesma cera.

No meio a Senhora sobre nuvem de ló de ouro azul acompanhada de muitos Serafins de cera. Acompanhavam-na dois sonoros, e pueris Orfeus ricamente ornados, cantando Angélicos louvores.

Rodava de quatro por quem tiravam oito homens negros vestidos de fraldões de damasco guarnecidos de rendas: camisas presas nos buchos dos braços: nas cabeças gorras encarnadas, e franjadas de ouro.

Seguia-se a Cruz de prata da Senhora do Rosário coberta de seus Irmãos ornados de opas brancas: a Senhora sobre uma Charola de prata, que descansava em forquilhas do mesmo.

Subseguia-se a esta a da Irmandade do Santíssimo, que cobria a figura do Amor Divino, e o carro triunfal, em que ia o mesmo Jesus.

XIV — Figura do Amor Divino tirando do carro do Menino Deus, data do Irmão Luís dos Santos Barreto.

Com galhardo aspecto, e não menor modéstia, representava esta um Mancebo vestido de branco em forma de Anjo. Ornava-lhe a cabeça uma bem fingida grinalda de flores. Afogavam-lhe o pescoço fios de aljófares, de que pendia rosicler de diamantes.

O peito em campo encarnado se via ramagem de prata, circulada de nove, e várias jóias de diamantes todas. Ornavam-lhe os baixos fraldins de renda, orlados de floco cor-de-rosa. Sustentava capilar de seda de ouro, de que prendia laço de fitas do mesmo, e jóia de diamantes no meio.

Vestia manguitos de renda: os braços cobertos de ouro: no esquerdo pendia tarja com esta dourada inscrição: **Laudate pueri Annum**: Na destra fita carmesim, que tirava do carro e nela outra, que dizia: **Sit nomen Anni benedictum**.

Forma do carro do Menino Deus, data dos Irmãos Antônio Cardoso, Manoel Gonçalves, Felix e Manuel do Nascimento.

De dezessete palmos de comprido, cinco de largo com ornato de várias cores, e sedas se oferecia aos olhos esta soberba máquina, que para loconizar o custoso ornato, e dispêndio, com que se mostrou liberal a devoção dos dantes, considera-se brevemente, um promontório de sedas, infinitos galões de ouro, e prata, e outras graciosas invenções que soube escrutinar a arte para lisonjas da natureza.

Portava dois inocentes orfeus, que em suas mesmas vozes por obséquio do Glorioso Mártir, louvores entoavam a Deus Menino. Vestiam-se com não menos custo, que já nas demais figuras temos dito. Era-lhes ornato, preguiças de sedas de ouro, toucadas de várias jóias, e pendentes de diamantes, que também se viam em muitas partes do corpo por adorno acompanhando este luzido caos, variedade de galões e rendas.

Não descrevemos as perfeições da Pucril Divindade, porque deixo na devoção prudente do Leitor, o crédito de seu valor, e custo; nem sei que sejam para referir primores feitos daquele, cujos naturais confessa a Igreja são dos mesmos Céus invejados, assim deixo na mudez do silêncio a expressão mais elegante.

Tiravam do sobredito carro quatro homens pretos com asseio vestidos. Cobriam-lhes as cabeças trunfas à mourisca com laços de fitas, e pontas perdidas na parte posterior. Cobria este carro a Irmandade do Santíssimo da Freguesia em número mais de quarenta, guiados da sua Cruz, ceroferários de prata, todos com velas de arrátel nas mãos: acompanhando também em guarda de carro dois Irmãos com capas brancas: logo depois o Presidente com vara de prata, acompanhado de seu Capelão revestido de pluvial de brocado.

Logo imediata a esta luzida assembléia, a som de um bélico instrumento dançava uma famosa Águia, panejada toda de Branco, cuja chorea incitava tocando um Mancebo vestido, e calçado de veludo mesclado. Calçava meias de escarlata, sapatos, e fivelas de prata. Cobria-lhe a cabeça, o chapéu agalado com bordadura de ouro, tremulando finíssima, e encarnada plumagem.

Pouco depois uma Hidra de sete cabeças, escamosa de negro em campo verde. Continha este Hércúleo monstro, que o Lérneu limitava, quatorze palmos de alto, de largo nove; acompanhava-o o seu vencedor Hércules, vestido de berne agalado de prata. Cobria-lhe a cabeça

uma carranca de tigre dourada, e dentada de prata: a língua flamante, de cuja posterioridade nascia fina plumagem com laços de fitas de ouro no tope; no meio jóia de diamantes.

Calçava borzequins encarnados enramados de prata.

Sustentava na esquerda luzida adarga; na direita florete de prata; donde com bélico arremedo dançavam mui certos a som de instrumentos, que lhes tangia um, vestido de veludo e chapéu agalado, e plumado, meias cor de nácar, e sapatos brancos.

XV — Figura do Conhecimento de Deus, que tirava do Navio a Senhora do Livramento, data do Irmão Antônio N.

Vestia à trágica a saber, justilho, saiotes, capilar de tisso de ouro encarnado à mourisca. Cobria-lhe a cabeça turbante, e nele cândida plumagem, no pé tope de galão de ouro com pontas abaixo, cujo meio ocupava uma jóia de finíssimas esmeraldas.

À maneira de conchas se formavam os saiotes em roda, guarnecidos de franjão de ouro em bambolins. Também em trágica forma vestia peito ornado de ouro, e vários broches de diamantes em campo cor-de-rosa: regassavam-se os fraldões de topes de ouro, e rendas finíssimas. Afogava-lhe o pescoço bucólica de rendas em forma de canudos. Do capilar pendia por adereço volante de ló branco guarnecido de franjão de ouro: tope do mesmo, de que saíam pendentos quatro pontas, e nelas borlotas de ouro.

Calçava botins à mourisca bordados de prata. Sustentava no braço esquerdo uma bem esculpida tarja com áurea letra, que assim dizia: *Et agitationis*. Na mão direita tirava de uma fita cor-de-rosa, e nela o doce, e dourado apelido: *Mater*.

Forma da Nau, ou Fragata em que ia a Senhora do Livramento, data dos Irmãos, o Capitão Antônio Rodrigues, José da Conceição, Francisco Xavier e João Soares Leonel.

Com 14 palmos de quilha, 5 de boca, rodante de 4 admirava a vista este novo, e gracioso invento: nele se viam todas as partes constitutivas de um Navio: jardim, câmara, e varandas; composto todo de cera lavrada em ramos com muitas carrancas nas obras mortas. Nas portas das correições saíam duas quartinhas de prata tão abundantes de flores, que pela variedade nelas despejado parecia ter Amaltéia os vencidos despojos do seu adorado Acheloo.

Uma marinha cantora do Egeu lhe ocupava a proa com primoroso adereço adornada, sustentando na cabeça um açafate de flores, verdadeiro compêndio de abril, e por deixarmos enfim prolixidades já tantas vezes referidas, de que com incrível, nunca visto dispêndio, se

louvaram os Pardos, tanto nesta, como em todas as ocasiões, diremos levemente o que continha, ou que carga portava esta Argônica maravilha.

Uma nuvem de celeste Parinfos (sic) sobre a câmara sustentavam a Senhora do Livramento, tão ricamente vestida, que por haver então perdido o ouro, e a prata, o luzimento à vista da mãe da formosura, deixo de miudamente ponderar o valor e custo de suas roupas; pois é certo, que quando as coisas excedem os limites da humana compreensão, mais elegante narrativa é o silencio. Dois fingidos Anjos (se bem que reais pela inocência) em aplauso de Gonçalo, louvores entoavam à Senhora com mui acorde e suave melodia. Vestiam estes à francesa, a saber, perguiças (sic) de seda, jóias de ouro e diamantes com admiração custosa. Em vara de prata pela parte posterior, tremulante ao vento, e mansamente ondeado, pendia o estandarte, em que se viam tarjadas com primor, as suas mesmas armas.

Tiravam deste carro, ou navio, 8 nacionais de Guiné vestidos de branco: nos braços laços de fitas encarnadas, que lhes pendiam das mangas em regaço.

Vestiam saiotos de renda: cobriam-lhes a cabeça mitrolas encarnadas, frisadas de ouro, e letras nelas, que diziam: Livramento Cobriam-se de seus mesmos Irmãos, e Capelão revestido de pluvial de damasco de ouro encarnado.

Seguia-se a célebre, e plausível dança chamada Quicumbiz.

De 13 figuras, que pouco depois se viam, constava esta jocosa peripaccessia: vestiam todos de veludo negro, posto se diversificavam nos saiotos; porque uns os tinham de seda, outros de boreado, outros de galacé, todos agaloados de ouro e prata. Não é possível, sem enfado, narrar a superabundância de ouro e prata, e diamantes, que para todo este célebre, ainda não visto dispêndio, se acharam: pois se para exagerar a copiosa abundância, com que a enamorada Sabá galanteava ao sábio Rei, diz a sagrada Página que exaurida a Arabia, outro tanto de aroma se não vira; não parece de espantar excessos tão pela superioridade, sobejos em sujeitos tão mal herdados; pois estes, sendo, não só baixos por acidente, como pobres por nascimento, senão (o que mais é) sujeitos de liberdade, se hajam, não só nesta, como em todas as ações, com ânimo alexandrino, que parece ficar escarmentada a fortuna na parca distribuição de seus bens pelo inimitável.

Vestiam cintos da largura de um couro, todos cobertos de botões de ouro, e ramagem de cordões do mesmo. Os pés, pescocoos, e braços se ornavam da mesma forma. Não menos luzidos eram os bonetes, ou marlotas pelo inúmero dos diamantes, como pelo candor dos martinetes, e plumas, que sobre as cabeças tremulavam.

Calçavam meias de seda negra, sapatos de pala, e saltos de marroquim, e outros de veludo atados com fivelas de ouro, e prata. Compunham-lhe as costas, riquíssimas capas de cauda de damasco carmesim franjado de ouro, sustentadas por borlas do mesmo.

A cada um destes rapazes na idade, e semelhantes na cor, acompanhavam outros tantos na ocupação de caudatários, ornados também com caprichoso asseio, e saber: saiotos de seda, e finas rendas. Enlaçavam-lhe os pescoços, cintas, e braços voltas de corais, e cordões de ouro, como também os pés de onde pendia uma harmoniosa confusão de cascavéis.

Destes se diversificava o Guia pela camisa, que além de ser de ló negro, era também matizada de jóias de diamantes, e flores, arrendada toda de ouro. Cobria-lhe a cabeça uma prateada carranca por divisa, adornada de muitos pendentes de ouro, e finíssimos diamantes. Posteriormente ornava-se de um tope de fitas, e soberba plumagem. Vestia 3 fraldões o primeiro de brocado de ouro carmesim, o segundo de seda encarnada de ouro, o último de finíssimas rendas. A som de violas e pandeiros, cantando, e dançando, ao modo Etiópico, louvores entoavam ao Santo Gonçalo, que certamente era este um dos espectadores mais célebres, e sonoros, que continha todo este festival triunfo; muito maior graça recebia por um gentilico instrumento chamado vulgarmente marimbas, que capitaneando tangia com notável acerto, um desmarcado negro ornado, e vestido de saiotos de renda, tendo enlaçado todo o corpo de cordões de ouro, e corais, a que para o desta nação é a entidade, que criou a natureza de mais valor.

Com suavíssima consonância, e recreio dos ouvidos pouco depois se viam três flautistas: vestiam camisas finas de renda, fraldões da mesma, e de damasco carmesim. Cobriam-lhes as cabeças mitrolas vermelhas.

XVI — Figura da Caridade, que puxava o triunfal carro em que ia o Glorioso Mártir: data da Irmã Antônio Quaresma.

De juvenil aspecto, e formosura representava a Caridade um gracioso mancebo vestido de preguiça de seda carmesim enramada de branco, matizada de prata, e guarnecida de ouro por baixo a duas ordens. Ornava-lhe a cabeça grande cópia de broches, flores, e trementes de ouro, e diamantes. Sobre toda esta diamantina máquina via-se um inflamado coração, e sobre ele um braço com gomil, como quem lhe lançava água, com a seguinte letra. *Aquae multe non poterunt extinguere Charitatem.*

Das orelhas, pescoço, prendiam também finíssimos diamantes. Ornava-lhe o peito até o ombro esquerdo uma florida ramagem de rosas de Alexandria, cujo pé ocupava um grande broche sobre laço de

galões. Vestia manguitos de renda finíssima, em cada um laço de floco cor de nácar, e broche de diamantes: tendo também os pulsos cobertos de cordões.

Portava na mão direita fita carmesim com letras de ouro que diziam: **Ordinavit in me Charitatem**. Calçava meias e sapatos de seda carmesim bordados de ouro e prata.

XVII — Figura da Fé: data da Irmã Maria Aranha, que também tirava do carro do Santo Mártir.

Com simbólico acordo vendaram a esta figura os olhos; pois sem dúvida imediata pertencer parece aos ouvidos mais, que aos olhos, a fé; como queria o Apóstolo na queixa do pouco que era acreditado; e isto mesmo beatifica o Redentor na repreensão do incrédulo Tomé: **Quia vidisti me Thoma crededisti: beati non viderunt, et crediderunt**.

Vestia roupa de brocado branco ramado de ouro guarnecido de bordura do mesmo por baixo. Preciosamente toucava-lhe a cabeça inúmeras cópias de diamantes, rendas finíssimas, e vários cachos de flores de ouro; e sobre isto um cálice de cujo pé tremulava a letra, que de ouro assim dizia: **Mysterium fidel**.

Das orelhas, e pescoço pendiam brincos de diamantes, e afogador de esmeraldas cravadas em ouro. No peito sobre laço de galões do mesmo sobressaía uma custosa jóia de diamantes.

Vestia manguitos de renda, em duplicada folhagem. Cingia os pulsos de cordões de ouro, e aljôfares. Sustentava na sinistra mão vistosa tarja esmaltada de cores várias com letras de ouro; que diziam: **Fides ex auditu**. Na destra fita que tirava do carro com outros do mesmo: **Oculi tui respiciunt fidem**. Calçava meias de seda cor de pérola, e sapatos de tela branca.

CARRO TRIUNFAL, EM QUE IA O GLORIOSO MÁRTIR

Impossível parecer à minha pena pela debilidade de seus vãos prorromper os encômios, ainda hiperbólicos, desta prodigiosa máquina, verdadeiro pasmo para os presentes, inveja dos pretéritos, e inimitável pragmática da posteridade, que só ficaria inteiramente satisfeita se caindo no seio do silêncio tomasse de muda o mais polido aparato, e de ignorante o mais discreto rasgo; porém como os princípios só se estimam felizes quando o cuidadoso desvelo organiza os meios para o logro de bons fins: descrédito fora dos princípios desta Triunfal Suma a final execução; motivos, que só me obrigaram a laconicamente dizer esta oitava Pernambucana maravilha alguma coisa.

De 28 palmos de comprido, 17 de alto, constava esta, contendo em adorno 533 cavalos de seda de ouro de várias cores feita em conchas, que toda o circulava em várias cintas, das quais a primeira se orlava de galão de ouro nimamente largo, que acompanhada de 6 quartões, e outros tantos florões se guarnecia todo assim, desde a proa até a popa, que além de serem orlados do mesmo galão de ouro formavam botões de galacé de prata.

Também se ornava todo o corpo do carro por bonda com 3 florões, e uma concha que lhe enchia os campos conforme a altura, e comprimento: a saber, de galacé de prata verde-mar com matizes de encarnado, de cujo meio sobressaía botão de seda amarela de ouro: no campo, que ia das rodas até as coxas da primeira cinta, formava uma grade de seda amarela de ouro, com outra dentro menor de veludo azul. Junto à proa formava outro florão de tisso de ouro todo crespo assentado em campo de seda do mesmo cor-de-rosa, de cujo meio saía botão de seda azul ramada de ouro. Na proa sobre as primeiras rodas se via outro florão de seda azul.

Compunha-lhe a proa sobre damasco amarelo uma concha de veludo azul guarnecida de galão, e franjas de ouro, de que pendiam duas pontas grandes de tisso do mesmo azul, arregaçados de ambos os lados, pendendo deles por boa ordem outro franjão de ouro, e borlas do mesmo. Ultimamente voltando sobre as primeiras rodas formava outro florão de seda verde de ouro com botão encarnado, matizado do mesmo Subindo a popa fazia uma alcachofra de veludo azul, cujo meio ocupava um cogolho de seda de ouro encarnada, orlado de galão do mesmo: o demais campo composto de sedas lisas até ao trono do Santo Mártir: daí por toda a volta da popa se viam vários florins de seda de ouro cujos meios, e lados ocupava seda lisa. Cobria a volta da popa veludo verde passadq de fio de ouro, até o fim do quartão sobre o qual formava tulipa de veludo azul bordado de ouro, de que nasciam umas pontas de galacé do mesmo pendente com borlas de fio de ouro.

Tiravam desta portentosa máquina dois cavalos russos, pombos cobertos de mantas de tafetá verde-mar bordadas de prata, orladas de galão da mesma a duas ordens, e em cada uma pendiam 6 bolotas de fio de ouro. Portavam sobreancas de veludo bordado em prata: as crias em fitas de várias cores bem trançadas, das quais formavam laços em os remates, e nos meios saíam 4 laços de fitas de ouro encarnadas: as cabeçadas de veludo carmesim com pregaria dourada, e nelas da parte de fora em cada cavalo topes de fitas com pontas perdidas.

Tremulavam nas frentes plumagens brancas, e pretas sobre laços de fitas de ouro azul, de cujo meio saíam dois broches de diamantes. Ornavam-lhes os pés, e mãos laços de fita encarnada.

Guiavam a estes dois homens pretos ornados à trágica; cobriam-lhes as cabeças dourados capacetes com plumas, e cocares brancos, que rematavam laços de fitas: vestiam camisas crespas: pendiam-lhes dos ombros laços de fitas, e bolotas de ouro: cingiam-se de bandas de seda, tendo os pescoços afogados do mesmo: vestiam 3 fraldões de seda; o primeiro encarnado, o segundo cor de ouro, o último branco: calçavam de camurça branca, meias finas, fivelas de prata.

Cobria esta oitava maravilha a Irmandade da casa por ambos os lados: logo a do Patriarca S. Pedro, que ordenavam Sacerdotes revestidos de sobrepelizes, com cera de dois arráteis em as mãos; e destas continuavam, os que iam de pluviais em número de 28, subseguiam-se logo 8, de dalmáticas, outros tantos revestidos do mesmo, a saber 4, de turíbulos, e 4, de navetas.

Carregavam as varas do pátio, que eram de prata, os Irmãos de São Pedro seculares, entre os quais ia alternada a Comunidade dos Reverendíssimos Franciscanos com cera de arrátel nas mãos.

Portava o Santíssimo Sacramento o Reverendo Provedor da dita Irmandade revestido de pluvial de tisso de ouro carmesim franjado do mesmo, super humerário de tisso de prata em campo branco, franjado, e bordado do mesmo.

Forma do altar, que deu o Irmão Manoel dos Santos, e Francisco Correia em que descansou o Santíssimo.

Constava de 3 faces, e 3 frontais de damasco carmesim se formava tribuna em degraus de bojo, ornados de papéis com todo o primor pintados, que ao parecer representavam a mais brilhante tela; sobre eles formava pavilhão de damasco amarelo, e nele colocado o Glorioso Mártir São Gonçalo Garcia. Ornavam os degraus da tribuna 25 fogos de arrátel em castiçais de prata: entre estes, preciosos ramalhetes, e muitos vasos de prata com flores de várias castas, que também pelo chão dispersas despendiam singular fragância.

Outro, que deu para o mesmo efeito o Irmão João Lobato e Caetano Alemão.

Foi este formado em uma parede, continha de alto 60 palmos, e de largo 50. A parede, que servia de espaldar toda forrada de damasco carmesim: a banca, que servia de altar tinha 25 palmos de comprido sobre ela formada tribuna de 5 degraus ornados de riquíssimos papéis. Ardiam 58 fogos de arrátel, em outros tantos castiçais de prata.

O frontal de tela branca franjada de ouro, cobertas as paredes por ambos os lados de colchas de damasco.

Trinta palmos fora do altar formava pavilhão de damasco carmesim franjado de ouro, no qual estava colocado o Glorioso Mártir

em nicho com cortinas de veludo carmesim franja do mesmo. Depois que passou a procissão orou com a costumada eloquência o Doutor João Luís Bravo.

FORMADA DA CAVALHADA

No dia segunda-feira 13 de setembro se fez a primeira cavallhada ordenada à custa da Irmandade da Senhora de Guadalupe da Cidade Olinda em o território do palácio suficiente lugar para tão ilustre, e custosa celebridade não pelo palácio dos Governadores do País; mas também pelo magnífico Convento dos Religiosos Franciscanos, de que está sociado. Neste, como digo se fabricaram duas custosas, e bem paramentadas barracas; em o lado direito da carreira se formou uma em altura de 5 degraus porque se subia ao sobrado, que tinha de frente 24 palmos, e de fundo 16.

Na frente formava sacada, e nela 5 arcos, de 3 na face, e 2, nos lados, com escadas por banda, que respondiam aos arcos dos lados, guarnecidas de primorosa pintura. Do fundo se elevavam duas vistosas torres ornadas com suas simalhas, tudo de vivíssima pintura com a maior naturalidade, que podia ser, o que tudo rematavam duas inquietas grimpas.

Pelo interior se via toda guarnecida de colchas de damasco carmesim, e amarelo, tanto pelos lados, e fundo, como pelo teto; compondo os arcos pela parte de dentro com cortinados de damasco, franjado de ouro, ao que correspondia. A tapeçaria riquíssima, que ornava o pavimento. No meio da sacada se via um bofete coberto de damasco carmesim, e sobre ele salvas de prata, em que estavam argolas da mesma, que se haviam de correr. Outra mesa ou bofete de semelhante adorno se via, e nele fruteiros de prata, em que estavam os prêmios para os vencedores, que eram inumeridade de fita de ouro, e prata, pastamanes, luvas, e meias de seda singularíssimas e outros muitos prêmios que aos vencedores se oblatavam a juízo de três julgadores, que em outras tantas cadeiras de espaldas, em circuito do bofete se sentavam para conferir os méritos de cada um.

Outra barraca na parte esquerda se formou não menos custosa, que a primeira, se bem, que na grandeza diferente; porque continha 22, palmos de frente, 18, de fundo e 5, arcos no meio desta, pelo interior estava uma riquíssima copa de prata; ao pé dela (parece prolixidade descrevê-lo) variedade de doces, frutas, e bebidas, que para recreio dos cavalheiros oferecia a pródiga liberalidade dos dantes, que quanto mais pobres, e limitados nas posses; então mais liberais para o Divino culto, e amor do Santo Mártir.

Aqui se achava também para laurel do vencedor a sonora e bem acorde música do mestre da capela da Sé com multiplicidade de ins-

trumentos, a cuja sonora melodia entoavam os melhores Orfeus da terra várias sonatas, e letras.

A estas mesmas horas da tarde, se ajuntaram na porta, ou pátio Governador os Juizadores, o Sargento Maior Afonso de Albuquerque, o Capitão João Pais, e o Capitão João Marinho Falcão, pessoas de distinção no País; do que atenciosos, como sempre, o General lhes ofertou a Infantaria, que no palácio se achava, o que com muita reverência, e submissão aceitaram; recolhidos a barraca da judicatura, mandaram alguns dos soldados em acomodação do vulgo, que sem moléstia não poderia numerá-lo alguém.

A estas mesmas horas da tarde, se ajuntaram na porta, ou pátio do Livramento 10 fortíssimos cavaleiros, vestidos de branco, canhões, e alamares pretos, que de casas, e abotoadura lhe servia: e cobriam-se de chapéus de tremulante encarnada plumagem, em cujo pé se via jóia com vezes de botão: eram as vestias, bandas, e calções de várias cores; botins de camurça branca. Armavam-se de hastas verdes, e vistosas adargas na pintura, em que se liam diversos epítetos.

Montavam nos melhores, e mais arrogantes cavalos do País, vários nas cores: celas, jinetas, caprazões brancos, chairéis encarnados guarnecidos de galão de prata a duas ordens, cabeçadas, e rédeas de tafeté carmesim, e amarelo, topes de fitas nas frentes, tomadas as crinas de fitaria de várias cores.

Puseram-se em marcha precedendo-os dois ternos de chamarelas, clarins, e mais instrumentos bélicos, com os quais precediam também as graciosas danças de Langra. Calhafastos, Columis, e Quicumbis. Acompanhava a cada um seu pajem, que levavam os brutos a destra. Continuavam uns, aos outros em parelha de dois até ao número de cinco, brincando em os brutos com tão singular compostura, e ordem que parecia dar-se em o irracional, o racional unido juntamente.

Chegados ao território do palácio, em que estava o Governador assistido dos Prelados das Religiões, e mais nobreza da terra, fizeram as costumadas vênias, segundo a ordem eqüestre: logo aos julgadores, o mais povo, que presente estava: apostaram os candeeiros.

Logo saiu da barraca dos julgadores um volantim com salva de prata, e nela cordão de várias cores, com que passados os candeeiros, lhe enfiaram guarra (sic) de prata, e deram princípio a igualdade das parelhas: depois veio o Volantim da salva de prata, e nela argola do mesmo; o que se continuou em todas as mais, que se puseram do mesmo feitio.

Armados como já dissemos, correu o primeiro cavaleiro com grande ar, e graça, e levou a argola, que ofereceu ao General Governador, o que fizeram todos das que tiravam em duas carreiras, que a

cada um coube; ofertando todos ao General, este as oferecia às pessoas de maior graduação: ação, que se praticou nos dois seguintes dias.

Tiradas as duas danças, foram todos à barraca dos julgadores, e postos em fileira, os foram estes a cada um louvando, e premiando, e com vantagem a Antônio Alvres, que entre todos ganhou o prêmio de barraqueiro, e mantinador: ai se foram aprear todos à barraca destinada para os aventureiros, donde sentados se brindaram mutuamente de tudo quanto com magnificência estava exposto, em cujo tempo não cessava a música.

Concluída esta ação, que não podia ser melhor, se montaram todos, e deram principio às justas com alcancias em galharda ordem: depois fizeram justa simples em ala cobertos de lança, e adarga: por último correram parelha, passando as lanças com muita destreza por cima da corda, tudo a som de clarins, e trompas, e mais bélicos instrumentos; e concluíram com as vênias, que montados com notável destreza fizeram ao General Governador, julgadores, e mais auditório; continuando todos em marcha, foram aposentar ao barraqueiro, e mantinador a sua casa.

No segundo dia às 3 da tarde se ajuntaram no mesmo pátio do Livramento, e continuando a marcha por ordem, procedendo como disse os instrumentos, vinha a todos posterior o barraqueiro, logo o padrinho, que lhe portava a lança, e na adarga escrito o partido para os aventureiros. Chegados ao curro, fizeram alto: foi o padrinho do mantinador pedir vênia ao General para se recolherem à barraca: saindo o mantinador se foi ao General, e julgadores, e feita a vênia não só de chapéu, mas ainda pelos maravilhosos arjos do formoso bruto, se recolheu, à barraca com universal aclamação do vulgo, que com desentoadas vozes o aplaudia.

Logo saiu ao curro um mui airoso cavaleiro, que indo-se ao General lhe fez saber, que ele se achava no campo aventureiro, e assim fosse Sua Excelência servido conceder-lhe o prosseguir os lances de ventura, o que benignamente concedido, se foi aos Juizes, os quais o enviaram ao mantinador, que prontamente aceitou o desafio, e montado em soberbo, e veloz cavalo, coberto de padrinho, mediu o curro, e na partida lhe deu o padrinho a lança, e beijando-a, partiu com todos os primores da arte, e pessoal compostura, levou a argola, o que também fêz na segunda partida com felicidade não vista, e vivas universais. Com não menor felicidade correu o aventureiro pelos Juizes, ficou o mantinador na antiga posse, recolhendo-se à tenda acompanhado de marciais instrumentos.

No mesmo partido correu o segundo aventureiro, e pelo primor da arte, com que tirou a lança se julgou merecer a barraca, na qual intruso, se banquetearam; alternada, e mutuamente, o que tudo acom-

panhava a música. Pouco depois se lhe fez saber, que se achava no campo outro aventureiro, e aceitando o desafio de uma lança, tirada esta, se ficou o mantinador na antiga posse, pela igual compostura, e primor, com que correu. Terceiro, e último cavaleiro se achou logo no campo aventureiro, do que fazendo-se parte ao mantinador, tiradas as lanças, ficou vencedor o aventureiro com o prêmio de barraqueiro.

Concluído o ato, à póstera lembrança uma perpétua continuação pelo desejo insaciável de que estavam os povos, entraram às justas das alcanzias e por último às escaramunças cobertos todos de lança, e adarga faziam passagens de outava, e por este tempo não cessavam os bélicos instrumentos, a cujo som se faziam as vênias ao Governador, que se recebia com muita urbanidade, e agrado, como também aos julgadores e mais povo.

Esta foi em suma a cavallhada, que pelo modo possível pude laconizar para perpétuo laurel dos homens Pardos, de que se não lembram os mais antigos haverem sucedido outras de mais custo, capricho e asseio; pois a argola, que por qualquer acidente caía, incumbia a sua posseção à rapaziada, que no curro se achava, de donde procedeu o caso, que para maior do Santo referiremos.

Sucedeu pois, que a tempo que corria veloz um cavaleiro atravessava um menino o curro, e tomando o cavalo entre as mãos, e pés, se supôs em pedaços? mas acudindo a ele alguns dos circunstantes com a dor, que por conclusão podia causar tão infausto successo, o acharam sem lesão alguma do que resultou duplicado contentamento ao povo, honra ao Santo, e glória a Deus, que nunca para os seus Santos perde ocasião de se ostentar admirável como conta a Igreja **Mirabilis Deus in Sonetis suis.**

Isto se observou com admiração insólita; porque concorrendo de todos os subúrbios desta Praça por mais de 20 léguas muitos homens, e mulheres, não consta, que nem à vinda, nem à ida acontecesse successo algum infausto, o que raras vezes se vê em povo tumultuado, favor, que só se atribuiu à Divina bondade, além de outros, que calamos acontecidos com os dias das festas do Santo Mártir.

Mas como o Inimigo da paz, e da concórdia não podia tolerar tanta consonância, não permitiu se concluíssem estas maravilhosas festas com sossego, ainda que não foi com fracasso memorável, como costuma mui de graça; ao menos pelo que a liberalidade dos ânimos com excesso estava despendido: todavia se fez sensível, por não chegarem a sair à luz as comédias, que para três dias com incrível primor, e dispêndio estavam determinadas em o Palácio do General Governador.

TÍTULOS DAS COMÉDIAS

La fianza satisfecha — No ay Reino como de Dios —
Ator, e Aquiles

Presente inumeroso povo, toda a nobreza da terra, e pessoas de maior categoria, aos quais todos scandalizou um inopinado excesso de zelo, que no Pernambuco País sem remédio se vê às portas do templo colocado em Religiosos, e Eclesiásticos paramentos de zeloso, quando na íntima realidade se vê em público trono exposto por cobiça, e avareza, em cujo circuito estão outros muito com singular familiaridade, e adólatra adoração abastados com excesso: como lamenta Ozeas: *Dives effectus sum, inveni idolum mihi; avaritia idolorum servitus.*

Esta foi curioso Leitor a festividade mais rija, que segundo a opinião mais ajustada há muito se viu em o Pernambuco País, de que serão eternas as memórias, como longos foram os impedimentos, e sem limite os dispêndios; fazendo-se pelo orbe todo decantadas, mais pelos voluntários excessos da liberalidade, que pelas calúnias padecidas; de que estão certos os Pardos resultará na posteridade (segundo o Poeta) inexplicável júbilo, e contentamento. *For sitan hoc olim nobis meminisse juvabit.*

Não expendo os sucessos com a individuação circunstante, que desempenhada vai na credibilidade de cada um os defeitos da minha lembrança, e rudeza; pois creio não irá tão ajustada com a verdade, não pelo interno desejo, que me preocupa o ânimo; mas porque me urge a brevidade do tempo os progressos desta humilde narrativa à luz; pois confesso, que a não compreendi para engrossar os meatos (sic) da fantasia indiscreta; mas sim para vingança do cordial afeto, e impaciência, com que via jazerem sepultadas em as cinzas do esquecimento, as ações mais decantadas, e os estudos mais plausíveis do Orador Penegírico Frei Antônio da Santa Maria Jaboatão; levando com enferma tolerância as queixas deste douto, e justificado Religioso, com razões iguais às do Paralítico, de que trata, e diz o Sagrado Evangelho, que todo o fundamento de sua enfermidade era a indigência pestífera de quem todos, como de peste arrenação, segundo Oveno.

Hanc tamen ut pestem plurima turba fugit.

Mas eu cuido, que da sobeja abundância, em que vive (isto é, partos para ser querido e lavado ao mais alto sólio, e dignidades da Igreja) nasce a pouca atenção, que dele têm os seus, além de outros circunstantes etc. andando sempre entre sujos dentes de êmula mur-

muração, sem razão alguma nauseado mal visto, e injustamente aborrecido, de quem parece propriamente falar o Pôntico Cisne na sua Matemorfose.

**Pallor in ore sedet, macies in corpore toto,
Nusquam recta acies, livent rubigine dentes,
Pectora felle virent, lingua est sufusa veneno.**

Vendo a muitos antepostos sem razão; devendo fazer em o esterquilino do esquecimento como em outro tempo profeticamente cantou Juvenal.

Dat veniam corvis, vexat censura columbas.

A primeira e última causa, que me fez pegar na pena, é a devida obrigação, e afeto, em que estou ao dito Santo Mártir por um particular favor por sua intercessão de Deus recebido, do que espero a continuação.

Alegrem-se pois os homens Pardos de verem já afeitoados seus piedosos desejos: alegrem-se, se é, que neste vale de lágrimas se dão alegrias, e rendam a Deus, e à Seráfica Religião as graças de lhes haver por um filho seu enxugado as lágrimas de tantos anos, que agora vem com incrível consolação salvos os seus suspiros, e prantos pelo ventre desta Sagrada Religião Minorita, como arca do dilúvio encailhada nas praias da felicidade já sossegados os abismos do passado dilúvio, do que tudo, parece falou ao ponto o desterrado de Ponto.

**Omnia pontuserat, de erant quoque littora ponto,
Occupat hic collem cymba sedet alter adunca,
Et ducit remos illic, ubi nuper errat.**

Que como arca secundíssima, em que recolheu Deus a preciosidade do perdido mundo para plantar em as novas, e frescas terras da Igreja produz para os trabalhadores da vinha do mundo uma variedade de frutas, em Santos de diversos accidentes; a saber, Brancos, Pretos, e Pardos, como parece estar ao vivo falando em continuação ao mesmo Poeta, posto que em diversa matéria.

**Nam lupus inter oves, fulvos vehit unda leones:
Que sitisque din terris, ubi sistere possit,
In mare lassatis volueris vogo dididit alis.**

Não há trabalho, nem moléstia, que à vista de uma bem lograda esperança não admita alívios. Trabalha a mulher nas incertas esperanças de um parto, e flutuando em as ondas de sua desconolação todo o alício fia do bom successo do parto, e quando já tem diante de

si a tenra prole, então esquecida das passadas amarguras, ao Autor da natureza louva com júbilos inexplicáveis.

Em os breves instantes de uma hora, de boa vontade perde o navegante a mercadoria de tantos anos com incrível trabalho grandeada; só porque aliviado o breado lenho, veja com fausto successo as praias, a que o encaminhou tanta cobiça, e respirando das pretéritas calamidades, o maior trabalho estima por sossego, a maior ânsia em suavidade, doçura. À vista pois destas, e outras semelhantes; alegrem-se os homens Pardos de ver bem negociada a mercadoria dos seus santos, e fervorosos desejos, que à custa de tantas lágrimas, e calunias com intrépido valor arriscaram. Pelo achado bem de um Santo da sua cor, e acidente podem dar por felizes os dispêndios, sempre incomparáveis às suas limitadas rendas com a imortal felicidade de primeiros na América, pelo que sejam a Deus, à Sua Santíssima Mãe, e à Seráfica Religião eternos louvores dados.

**FINIS LAUS DEO,
Virginique Matre.**

DESCRIÇÃO MÉTRICA

Da vida, e martírio do Glorioso Mártir São Gonçalo Garcia.

Pelo Chafariz, que no Pátio do Livramento, fabricaram o Capitão José Rebelo de Vasconcelos, e o Reverendo Padre Pedro da Silva Carneiro, e José Mateus. (Tem este pátio de comprido 410 palmos de largura 126).

Pasmos eternos, admirações profundas concebera Cleópatra se na formosa, e incomparável máquina, que enamora fez fabricar para o esforçado, e invencível Capitão Marco Antônio, e seus soldados, atenciosa ponderara, esta em Pernambuco não vista maravilha. Daquele diz Tito, que sendo sem limite nos dispêndios ordenara por ser a maior parte de sua arquitetura ouro, e prata, era na vista mudo suborno do juízo, continuada lisonja a dos sentidos, e uma inexplicável felicidade, que gratuitamente expendera o amor oferecendo com muita diversidade amparos à fome, remédios à maior segura.

Desta foi tão singular o dispêndio, caprichoso asseio, e perfeita a máquina, que na verdade arrojo se me representa sua descrição: porque segundo são relevantes as prendas de qualquer objeto, a mais peripatérica eloquência se avalia perigosa lisonja! Fiquem na conhecida, e pródiga liberdade dos Autores os créditos de sua perfeição, que no dia 10 de setembro se manifestou para indissolúvel enredo dos olhos mais perspicazes à soberba máquina deste Chafariz no pátio já referido.

Formava-se este em tablado de 32 palmos de frente, de fundo 18, sobre que formavam três arcos em frente cada um com 15 palmos de alto (e de largo 7 compunham-se estes de capitéis, de que nascia a cornija rematada nos ângulos e meios com pirâmides. Adornava-os um embrechado, ou embutido de louça oriental, uma em pedaços, outra inteira, de diversas cores de que se formavam conchas, e outras luzidas invenções, e matizes de continhas de várias cores, perfilado tudo de cordão de lata crespá, que mais realçava, e fazia o luzimento.

Além da altura continuava no espaldar para adorno do sítio frondoso arvoredo seguido por baixo de muitas pinturas e figuras significativas da vida, e morte do glorioso Mártir.

No meio do jardim, ou chafariz, se via um Leão lançando água por olhos, e boca: logo em reto andar uma praia, em cujas margens se contemplava com admiração a bem ornada Fortaleza de Baçaim ilustre Pátria do glorioso Mártir, armada, e fortificada com todas as militares circunstâncias. A um lado desta flutuava a Nau em que o Santo por Divino impulso para as terras Orientais do Japão se embarcara, desenganado já do mundo pelos trágicos sucessos de sua vida, que ainda que em quanto Mercador Secular foi sempre de vida imaculada; com tudo aspirava, clamava sempre a Deus por sua maior perfeição, pelos progressos e virtudes, que dos Franciscanos no Oriente ouvia.

Este Religioso proposto, e celestial desígnio de sorte lhe combatia o peito, com tão fortes, e quotidianos impulsos do que anelavam seus sensíveis gemidos, que muitas vezes clamava com o Poeta:

Phosfore redde diem quid gaudia nostra mor aris?

Donde tomou a resolução de embarcado negociar em terras Orientais do Japão, não pela cobiça do ouro, nem da prata universal contágio dos mortais, como cantou o Mantuano clarim.

..... **Quid mortalia plectora cogis,**
Auri sacra fames.....

Mas sim a do Reino dos Céus, pelo qual dava da mão a todos os bens temporais havidos, e por haver, que não eram poucos, pois era o nosso Santo um dos Mercadores de mais tráfego, e negócio, que naqueles séculos no Oriente haviam: e como sabia este bem-aventurado Mercador, que dos bens, e felicidades temporais Deus lhe havia ser infalível acreedor, cuidava só, não em duplicar negócios; mas sim, com o Psalmista, exorar sua clemência, e bondade, no ajuste de tão estreitas contas: **Non intres in iudicium cum servo tuo Domine: quia non justificabitur in conspectu tuo omnis vivens: O durum; 6**

**fatal reis, miseris que tribunal, Que Judez rígida tam gravis ore sedet!
Dicitur attonitis et terna luce supinis, Hunc oculis Agaton extimuisse
diem.**

**Utque sibi noxe Paulus non conscius esset.
Hoc tamen est veritus Iudice stare nocens.
Quid juvat his igitur tantum confidere rebus,
Si lethi imperio cuncta subacta jacent
Stat sua quique dies, properato tempore mortis
Serius, aut citius quemlibet urna vocat
Cogimur huc omnes huc summus et infimus ordo,
Ibimus, e menso tempore quisque suo.**

Pouco adiante se contemplava o passo, que representava ao Santo enquanto Mercador com loja armada, e nela variedade de fazendas com vara e covado nas mãos, de donde despendia muita água.

Sucessivamente se via o passo, que representava o Santo já Religioso entre dois verdugos, que atadas as mãos atrás, cruel, e barbaramente o apresentavam ao Tirano Imperador para ser dele justificado, este se achava assistido a latere dois validos, os quais todos lançavam pelas trunfas muita água, e o Imperador pelo cetro.

Vários motivos de admiração, descobria neste passo a vulgar curiosidade, já a Religiosa humildade, com que o Santo representava a tolerância de tantos opróbrios, e calúnias, já a arrogância dos verdugos, e Tirano Imperador, já a perfeição graciosa da arquitetura; mas o que mais era para admirar, o Santo que além da humildade, que representava, representava também chorar pelas lágrimas, que sutilmente dos olhos lhe corriam, com as quais molificava, e movia a compaixão ainda ao peito mais bárbaro e desumano.

Grande erro na verdade se descobre na corrente destas lágrimas, que o Glorioso Mártir chore por se ver preso, propriedade é dos que padecem, por serem muitas vezes as lágrimas, por natural privilégio, próprias para desafogo da maior angústia, e perturbação. São as lágrimas (inda que formosura da face) impróprias de qualquer sujeito, muito mais Religioso, razão porque mandavam os Licãoicos, que nenhum chorasse se não em hábito feminino, porque só a este verdadeiramente incumbiam as lágrimas: quando vemos, que tantos varões ilustres dignos de imortal lembrança incorreram nesta nota!

Pedia Jó para emprego, e contemplação da brevidade de seus dias pouco de tempo para chorar sua dor! **Nunquid non paucitas dierum meorum finietur brevi? dimitte ergo me ut plangam panlulum dolorem meum.**

A mesma brevidade de tempo exorava a Esposa da clemência de seu amado para desafogo de seus incendidos afetos, como cantou o Poeta:

**Pro lacrimis spatium, spatium pro plancetibus opto
Agemihî tantille, quam peto causa more est
Ite igitur magnis lacrimae, mea flumina, rivis,
Ite, ferite truces ora, sinumque manus.
Ite per os lacrimae, sae vite in pectora palmae;
Pars bona, dum statis, temporis ecce fugit.**

Com lágrimas talvez mais nativas do amor, que oriundas da caridade chorou Abraão a mortal ausência de sua amada Sara, fiando generoso da corrente de suas lágrimas o desempenho de sua maior saudade. A Jônatas pranteou Davi com lágrimas tão cordiais que por elas mereceram os inocentes montes de Gelhoé a perpétua maldição de sua esterilidade e secura: **Montes Gelhoe, enc ros, nec pluvia veniant super vos.**

Trinta dias com trinta noites prantearam os Israelistas a falta de Moisés, e Arm em os longos caminhos da terra da Promissão. Setenta costumavam os Egípcios lamentar aos seus defuntos. Com pranto inconsolável mandou Alexandre ao Macedônio Esquadrão sentir a morte de seu fidelíssimo e privado Amigo Anfisteão, e para mais condecorar tão fúnebre sentimento mandou que até os mesmos insensíveis expressassem sua dor, fazendo em distintas horas fúnebres sinais em os bélicos instrumentos.

Para sentir, e chorar de dia, e de noite a perda da mofina Cidade pedia Jeremias, que sua cabeça se fizesse um oceano de lágrimas: **Quis dabit capiti meo aquam et oculis meis Fontem lacrimarum, et plorabo die, ac nocte?** Ainda passando com certo Poeta mais avante o seu desejo dizia assim:

**Hos oculis voveam gravidis mihi currere nimbos,
Et caput hoc, totus fiat ut Oceanus.
Aut saltem ingeminos tabescere lumina rivos
Perpetuo ve meas amne natare genas,
Nec siccarî oculos, nise cum stupor obstitit illis,
Finiat ut lacrymes ultima gutta meas.**

Mas como assim pareceria acerto que o Santo vendo-se preso diante do Tirano Imperador chorasse? se por se ver preso, e caluniado, sentenciado à morte de Cruz? Beatificados são já neste mundo os que por Deus padecerem qualquer afronta: **Beati estis cum, male-dixerint vobis homines et persecuti vos fuerint, et dixerint omne malum adversum vos mentientes, propter me: gaudet, et exutate in illa die quoniam merces vestra copiosa est in Caelis.**

Que intenta logo o glorioso Santo nestas tão simbólicas lágrimas? O que intenta Davi por ele o diz em o Salmos 37. **Domine ante te omne desiderium meum;** e o muito que nestas mudas lágrimas vos quero significar: **Et gemitus meus a te non est absconditus:** Pois há lágrimas, que também falam, como cantou o Poeta:

Interdum lacrymae pondera vocis habent.

“Só vós Senhor sabeis (dizia o Santo Mártir) a causa destas lágrimas, só vós, e eu: assim só nós bastamos:

**Ille meos genitus, vota aut suspiria solus,
Ille, oculis etiam persecat ima suis.
Nemo meos gemitus, mea scit suspiria solus;
Nemo, duo nisi nós; et duo sufficimus.**

“Justo me fora na presente ocasião um breve contentamento para lenitivo de tantas angústias, e opróbrios: mais acertado me fora nesta ocasião o Canto, que as lágrimas; pois não há mágoa, que não admita seu alívio, como diz certo Poeta:

**Hoc est cur catet vinctas, quoque compede fossor
Dicitis hanc causam cur lassus navita cantet,
Sollicitat celeri cum sreta lenta manu
Quique gregem virides pascendum ducit in agros,
Non nisi, ne nimium sit mora longa, canit.
Et canit fallat fastidio longa, viator
Miees et ut canter, noxque labor que facit.**

“Mas como poderá cantar, quem tão longe da Pátria vive desterrado! Que canto formará um aflito peregrino longe do pátrio País, que não seja censurado? **Quo modo cantabimus canticum Domini in terra aliena?** Dizia o Profeta; e não com menos elegância o Poeta:

**Quid? vultis patria procul a tellure jacentem
Externos patrios orbe sonare modos?**

“Choro sim de me ver neste tão inoficioso desterro tão longe da Pátria para que nasci; e tanto mais duplicadas serão minhas saudosas lágrimas, quanto mais demorar meu feliz Martírio.

**Hei mihi cognatis cur exui ab arceor astris!
Nec sinor illa meo tangere regna pede?
Lux mea rupe moras, satis his habitavimus oris,
Aut quo non potui corpore, mente ferar.**

“E se permitir a vossa clemência, e bondade que feliz consiga a pátria tranqüilidade, a que me encaminha tão santa cobiça; então conhecerá o fundamento de minhas tão sensíveis lágrimas; então cantarei; então será meu contentamento pelo perene:

**Cum semel, ó sperata diu, tibi Patria reddar;
Tunc Ego voce canam: tune Ego ment canam”.**

Este o motivo, este o fundamento das lágrimas, que simbolicamente derramava o nosso Santo não por se ver preso, e caluniado; mas pelo amoroso desterro da celestial Pátria que anelavam seus desejos:

Heu mihi quia incolatus meus prolongatus est.

No meio de todo este aquoso promontório se via o Santo crucificado em uma Cruz: junto a ela dois verdugos com as lanças ao reto, lançando pelas aberturas das lanças muita água rubicunda à imitação do que na verdade sucedeu em o dia do seu glorioso martírio.

Todas as figuras, que no tablado se achavam lançavam copiosíssima água por diversas partes.

Além disto estava todo o pátio, e tablado cheio de fragrantas flores, e plantas de toda a qualidade. Na ínfima extremidade desta engenhosa arquitetura se formava balauste com duas bacias, sobre as quais lançava um arrogantíssimo leão muita água.

Neste sublime (se bem que honorífico Trono) exlatou a êmula paixão dos Japoneses ao Glorioso Mártir, ignorante, de que assim com maior realce se comprimentavam os desejos, que tinha, de que concluído seu penoso desterro, chegasse felizmente à Pátria, que tanto suspirava, como muitas vezes o significou pelo Rei dos Profetas: **Quando veniam, et apparebo ante faciem Dei.**

**O caelum? ó caelum? ó fulgentia lumina stelle!
Onisi sindereis, atria digna choris!
O volucres an mae, rutili Respublica Regini!
O chelys Angelicis associanda modis!
Illorum ante oculos mihi semper oberrat imago
Ante oculos, quamvis tangius absit, adest.**

Com misterioso acordo, e inexplicável felicidade deputedou a Divina Bondade a sacrossanta árvore da Cruz para que dela melhor pudesse o Santo descobrir, e ver a celestial Pátria.

Pregando andava de missão o Redentor do mundo pelos distritos, e subúrbios de Jericó, quando um celebrado Zaqueo desejoso ver sujeito de tão agigantada virtude, e memoráveis prendas, (porque

lho impediam as turbas) se subiu sobre um sicômoro, e dizem logo as sagradas letras, que a tão inopinado excesso o motivara a pequenez de sua estatura; mas este que em Zaqueo vemos inopinando excesso, se considera em o Glorioso Santo realidade preciosa: pois não só era baixo por naturais acidentes, mas ainda pelo laical estado, que da Seráfica família santamente abraçado havia.

É esta Sagrada Religião o mais fecundo Joel dos primores da divina graça, por conter em si não só sujeitos de eternos bronzes, e imortais obeliscos, com são Reis, e Imperadores, Duques, Condes, Marqueses, e outros muitos de igual prosápia; senão também muitos de inferior qualidade (se bem que de iustres progenitores) como foi o Glorioso Mártir, porque posto que era pela parte materna oriundo de uma mulher negra, como tudo era de uma mui ilustre família do Oriente, que pela parte paterna claro está, que sendo filho de um heróico Português não podia ser de baixa linhagem por serem estes em todo o mundo por suas invencíveis armas, e inimitáveis letras com rancor, eternamente aplaudidos: pois são estes os dois únicos pólos, que constituem o sangue mais ilustre, e o varão mais aplaudido.

Assim vendo-se o Santo entre as copiosas turbas da Seráfica família, composta de infinitos colossos de fidalguia, como são Imperadores, e Reis, e outros tantos Gigantes de Santidade, como são Antônios e Alcântaras, necessariamente para de entre estes poder ver sem obstáculos a Divina face, havia como outro Zaqueo subir-se em o melhor sicômoro da Cruz, e esta foi a razão mais adequada, que teve a Divina Onipotência para fazer que o Glorioso Santo, neste mais que em outro qualquer gênero de patíbulo visse a Pátria celestial, e gloriosamente acabasse seu penoso desterro com esta eloqüente, e Poética despedida:

**Ah! piget e terris Caeli convexa tueri,
 Jam super alta feror nubila, tarra, vale
 Jam cucte ex oculis, turresque, urbesque recedut
 Jam coit in minimam pendula terra pilam:
 Jam Lunae, Solisque, Jovisque superve hor orbes,
 Et septna premens sidera, calcopede:
 Jamque pavementum stellarum illus pyropis
 Sub pede despicitur, quo modo culmen erat.
 Astra valete; valete Poli; volucresque valete;
 Nil mihi vobiscum est et meus absit amor
 Jam video mihi quid Terraque, Polo petendum:
 Si meus absit amor, Terra, Polusque vale.**

ACADEMIA

Que se fez no Domingo 19 do mês com toda a grandeza, e tão científica; como engenhosa em uma casa na mesma rua do Livramento; coberta esta de sedas, e damascos, com assentos altos cobertos do mesmo destintos dos mais onde se puseram os mais Doutos Apollos da Cidade de Olinda, e vila de Santo Antônio do Recife, ao pé da Cadeira do Presidente se pôs um bofete guarnecido de seda, e adornado com salvas de prata, em que o Secretário recebia as Obras; a um Atar, em que se pôs o Glorioso São Gonçalo Garcia tão luzido, e odorífico, que parecia se via o abril com a gala de todas as flores; e do Céu os mais resplandescentes Astros, Louvavam ao Santo alternativamente vários coros de Música, e na porta tocavam com a melhor harmonia xaramelas, trompas, atabales, e trombetas, e para sossego do inumerável concurso de gente, que se ajuntou se puseram guardas de Infantaria, que só deixavam entrar as pessoas mais distintas, e os convidados, que traziam bilhete.

Sendo presidente o Muito Reverendo Doutor. — José Correia de Melo.

Sacerdote do Hábito de São Pedro, Mestre em Artes Pregador, e atual de Nossa Senhora do Livramento da mesma Vila do Recife.

ORAÇÃO

Academia

O mais Inclito Mártir, a quem guarda;
E festeja hoje a gente de cor parda
Em o Templo, ou Igreja do tal povo
Com zelo colocado Santo Novo:
É o objeto do aplauso tão decente
E a quem vênua toma o Presidente.

SONETO

Gonçalo, que por Santo esclarecido
Sois hoje (sem segundo venerado),
Se em Japão fostes tão martirizado,
Foi por seres na América aplaudido
Se a campo lá saistes destemido

Pela fé nessa Cruz sendo pregado,
 Dando a vossa cor parda o elevado,
 Valor da Santidade conhecido.
 Permitti que eu também com feliz [sorte.]
 Descreva em verso heróico a vossa vida,
 Que em prosa já se acha crespá, e forte.
 Para que quando a era enfurecida,
 Reduza a prosa em cinza, ou lhe dê morte,
 Em verso por mim seja renascida.
 Acadêmicos meus se os meus defeitos
 Forem tantos, que causem algum espanto,
 Rendido peço, e rogo ((já que feitos
 Estais a perdoar com valor tanto)
 Que repareis que aqui só os preceitos
 Me puderam trazer ao novo Santo;
 Ele queira, que o meu entendimento,
 Ache com'ele achou bom livramento.

O mais Inclito Mártir, a quem guarda,
 E festeja hoje a gente da cor parda,
 Em o Templo, ou Igreja do tal povo,
 Como zelo colocado Santo novo,
 É o objeto do aplauso tão decente,
 E a quem vênha tomou o Presidente,
 Para lhe deduzir de prosa em verso,
 A vida que me pôs a mim converso;

Em cujo desempenho, dessa Atenas
 Desejava as idéias mais amenas;
 Pois me vejo por força do destino;
 E por vossa eleição nesta Apenino
 Entre tão saída gente,
 De ouvinte passar a Presidente.
 Querendo sem temer alguns desmaios
 Como Águia examinar do Sol os raios;
 Intentando avultar Gigante inteiro,
 Quem sempre como Pato andou rasteiro,
 Nem ao menos cuidar no forte indício,
 De Ícaro, e Faetonte ao principício;
 Mas como o engenho defeituoso
 Nunca empresas temeu por receioso,
 Entro nesta de todo destemido,
 Em que saia de certo convencido.
 Foi Gonçalo Garcia,
 (Objeto principal da Academia)

Portugueses (sic) de nação, e natural
Da Índia, que se chama Oriental:
Que era justo que fosse do Oriente,
Quem subiu para o Céu resplandescente
O agudo lá foi, e ainda que morto
A desculpa me dá Frei Simão torto:
E assim vamos avante
Que ele melhor que eu era Estudante.
Nasceu este glorioso
Mártir mais que ditoso
Em Baçaim Cidade
Pequena para tanta Santidade.
Foi a mãe natural daquele estado,
E o pai Português mui afamado.
Dos seus primeiros anos, não sabe em suma
Nem disseram os AA. coisa alguma,
Que quando são os méritos sem conto,
Ao silêncio entregá-los vem a ponto:
E só dizem alguns que tenho sido
No Japão Mercador, e assistido,
Muitos anos com a sua mercancia,
A Manilha viera, e que acudia
Nas voltas de seus tratos ao Convento,
Que aí há de mui grave pavimento,
Dos descalços Religiosos, nesse Empório,
Da Província, que é de São Gregório,
Onde foi Deus servido com verdade,
Aquele hábito, e manto.
Tomasse com o ditame de ser Santo.
E eu dissera, que o Céu com a Manilha,
De codilho levou sem espadilha.
E para abrir a vista,
Com o Comissário Frei Pedro Batista,
Tornou para o Japão, e lá viveu,
As regras observando que lhe deu.
Em Filipinas foi na Caridade,
Solicito, e exemplar da Santidade,
Com os enfermos Japões sem mostrar minguia,
Para as Confissões era a melhor língua;
Sendo para Deus quando ardia em chamas.
A sua linguagem o amo, amas.
O Imperador lhe tinha com desvelo,
Feição particular, por conhecê-lo
Mercador muito rico, e haver deixado
Por amor de Deus todo o grangeado,
Podendo-se dizer que São Garcia

Soube comprar o Céu com mercancia.
Do mesmo Imperador foi tal respeito,
Que quanto ele podia era feito,
Mas quando a Santidade
Tudo não acabou com a Majestade?
Porém contra o Cristão, e o mesmo Cristo;
(O pecado, que nunca fora visto)
Rebelando-se ingrato
O mesmo Imperador, que lhe foi grato,
Por uns Ministros cruéis, e carniceiros,
A Gonçalo mandou, e aos Companheiros,
Crucificar Tirano,
Sem compaixão alguma, ou ser de humano.
Posto na sua Cruz assim pregava,
O Mártir, a quem Deus tanto animava.
Ó Japões enganados,
Com o só de nos veres já pregados
Pela Fé, e por Deus
Não vos converteis todos para os Céus!
Veja a vossa cegueira,
Que esta nossa Lei é a verdadeira.
E se a minha constância
Não basta a desfazer vossa inconstância,
Nem as nossas palavras, e conceitos
Sobram para abrandar tão duros peitos:
Sobeje o ver em nós com vista boa,
De Mártires a Palma, e a Coroa,
Trazida pelos Anjos
Desses Céus, ou por Coros dos Arcanjos;
E tu Imperador cruel, e forte,
pois nos quiseste dar tão Santa morte,
Para Deus te converte
Antes que irado mande soverter-te;
E repara que há inferno,
Juízo universal, e bem eterno.
Isto disse expirando
Aquele que do Império está gozando,
Morrendo pela Fé crucificado,
E também como Cristo lanceado,
Sendo todo, e em tudo com efeito
Imitador de Cristo mui perfeito,
E eu também finalizo já o transunto;
Fazendo-lhe por fim da vida pia
O Mote que é geral da Academia.

[S.I.A.]

MOTE

Foi Gonçalo de Jesus
Tão perfeito imitador,
Que acabou por seu amor
Também com morte de Cruz.
Mostrada, e deduzida
Por mim, da prosa em verso a sua vida:
Notem agora o como a cor honesta,
Na colocação sua lhe fez festa;
Imitando até nisto
O nosso Santo Mártir ao mesmo Cristo.
No primeiro de maio
Do seu aplauso foi o primeiro ensaio,
Dia oferecido, e dedicado
Àqueles dois Heróis do Apostolado,
Santiago, e Felipe
Que beberam da Astrífera Aganipe,
Ou da fonte do Apolo mais ciente,
Pregando o Evangelho à cega gente,
Que era justo, que em dia, que festeja
O Céu, e cá na terra a Santa Igreja.
Dois Varões, que morreram
Mártires, e que Santos floresceram,
Os seus Confrades dessem com abalo,
Princípio aos encômios de Gonçalo;
Vendo-se em noites várias
Diversas luminárias,
Nas casas, nos Conventos,
Mostrando-se estes todos avarentos
No modo de as dispor, e aqui não erra
Quem disser que igualou ao Céu a terra,
No número das Luzes, pois se viam,
Que umas, e mais outras não cediam.
Da Escritura nos conta o luzimento,
Daquela noite lá do nascimento,
Ou da Novidade
De Jesus em Belém, que a claridade
Dos Anjos tanta foi que ao deserto
Da terra fez ficar um Céu aberto.

Isto o Céu fez, e obrou quando nascia
 O Filho cá na terra de Maria,
 E aquilo fez a terra quando achado
 Foi Gonçalo por Santo, e colocado
 Neste suntuoso Templo
 De Maria, dos Pardos para exemplo
Gloria in Excelsis Deo com tom subido,
 Um Anjo lá cantou a Deus nascido,
 Cá em carro Triunfal, Anjos humanos,
 A Gonçalo entoaram soberanos,
 Sagrados, e Divinos
 Psalmos, e também Hinos;
 Porque assim queria
 Mostrar Deus que Gonçalo o competia.
 Nas tais noites até o romper d'Alva
 Ali sinos se ouviam, e aqui salva
 De estrondosas roqueiras,
 Com trompas, atabales, e Fogueiras:
 Lá também mil Pastores,
 Se ouviram tocar flautas superiores,
 Concorreu muito Povo,
 Lá a ver Jesus, cá ao Santo novo:
 Novena decantada
 Foi princípio de festa tão louvada,
 E em todo este tempo mui sobejos
 Fizeram-lhe os Devotos mil festejos:
 Com tão grande união as Confrarias,
 Desta Igreja, que as festas dos seus dias
 Assentaram mudá-las
 Para todos a um tempo festejá-las.
 Para que assim causasse mais abalo
 A festa do glorioso São Gonçalo.
 Sendo o último dia da novena,
 Se nisto não erra a minha pena,
 E os dias bem reparto
 A véspera da Senhora do Bom parto,
 E em que em procissão solene veio
 O nosso Santo Mártir com asseio
 Das Irmandades todas, se o notamos
 E ao entrar se cantou **Te Deum laudamus**.
 No dia seta-feira outra Irmandade,
 Festejou com grandeza a Soledade.
 Que quando função há de Cruz em dia
 De sexta-feira se há achar Maria,
 Não com outro título, preeminente

Da Soledade sim, que é o mais decente,
E nesta circunstância é bem tocasse,
Porque este requisito não faltasse,
Fazendo a esta noite mais ornada
Uma bela, e vistosa encamisada.
E no Sábado foi da Padroeira
A festa que se fez, sendo a primeira.
No lustre, que a Irmandade se abrasa,
Porque, enfim é Senhora, e Mãe da Casa.
As festas já tocadas,
Todas tiveram Vésperas cantadas,
E em todas se expôs por mais aumento
Em trono, o Divino Sacramento,
E nas noites, mui graves
Divertimentos todos mui suaves,
Mas na tarde, que foi véspera do Santo
Tudo houve com mui sobrado espanto,
Porque além das Vésperas divinas
De noite lhe cantaram umas Matinas,
E juro pela Cruz do Santo amado,
Que a festa inculcou ser de matinada;
Não notem como já me vou explicando,
Que a matinada aqui veio frisando,
No Domingo se viu seu dito encaixo
Deitar festa tão guapa tudo abaixo;
Pois para ser esta de substância,
Não lhe faltou nenhuma circunstância.
Até o Orador (porque pasme a gente)
Foi da América o Rio mais corrente;
O Japão falado, que de Prata
Em profundos conceitos se desata.
Um Rui Pregador, quem tal já viu!
O Padre Presidente aqui mentiu.
Dirá algum que não tem por coisa pouca,
Ter um Rio como este, língua, e boca,
Descalço Religioso,
Da mesma Religião do Glorioso
Mártir, que era justo, que as suas glórias
Lhe pregue quem tem parte nas vitórias.
Em procissão de tarde mui solene,
(Porque Lusbel no Inferno gema, e pene)
Saiu com o Estandarte
Da Cruz com que subiu o melhor Mártir
Triunfador para os Céus,
Mostrando que não morre quem é Deus:

Lá essa Majestade,
 E Imensa Divindade,
 Subiu com alegrias
 De quantas nesses Céus há Gerarquias,
 De Anjos, e Apostolados,
 Arcanjos, Principados,
 Mártires, Pregadores,
 Virgens, Inocentes, Confessores,
 Finalmente lá quanto o Empírio encerra
 A buscá-lo desceu do Céu à Terra;
 E cá tudo o que ela encerra, e cria
 Acompanhou ao Mártir São Garcia.
 Com a Cruz na paixão Cristo em pedaços,
 Correu (como se sabe) sete passos;
 E Gonçalo com ela singulares
 Em procissão correu vários altares
 Nela seis triunfantes
 Carros se viram ir muito brilhantes;
 Charolas, muitas danças, e figuras,
 Com brocados de ouro, e bordaduras,
 Que a faziam vistosa
 Rutilante, luzida, e mui pomposa,
 E as ruas correndo
 Com a grandeza, que aqui vos vou dizendo,
 Neste Templo, ou Altar foi colocado,
 Onde é, e será muito venerado.
 No chafariz não falo,
 Porque deu, e causou bastante abalo
 Ver o como em todo ele se meteu
 Quanto o Santo por Cristo padeceu.
 Segunda, terça e Quarta cavalhadas
 Se fizeram galantes, e afamadas,
 E festa que causou tanta alegria,
 Fecha o ato da douta Academia
 Com o mote geral, que hei aplicado
 E o que segunda vez é decantado.

Mui — M. O.

[S.I.A.]

MOTE GERAL

Foi Gonçalo de Jesus
 Tão perfeito imitador
 Que acabou por seu amor
 Também com morte de Cruz.

GLOSA

I

Com vínculo tão estreito
Une o amor aos amantes
Que ainda em extremos distantes
De dois forma um só sujeito.
Em Gonçalo tão perfeito
Amor com Deus se introduz
Que ambos este a um só reduz
De tal sorte, que em amá-lo
Sendo Jesus de Gonçalo
Foi Gonçalo de Jesus.

II

Foi de Jesus em tomar
Sobre si da Cruz o peso,
E no constante desprezo,
Com que ao mundo quis deixar.
Foi de Jesus em abraçar
Dos tormentos o rigor,
Os quais com tanto valor
Quis por Jesus padecer,
Para dele vir a ser
Tão perfeito imitador.

III

A fineza mais sabida,
Que obra o amor mais requintado,
É que o amante pelo amado
Chegue a dar a própria vida.
Desta fineza a medida
Tomou com todo o primor
Gonçalo, querendo expor
Por Jesus o peito à morte;
Porque o amava de tal sorte,
Que acabou por seu amor.

IV

A impulsos da tirania
Acabou da Cruz nos braços,
Como quem com breves passos

O curso ao Céu dirigia
 Quis também por esta via
 Em que o seu amor mais luz
 Imitar ao seu Jesus,
 Para nos dar a entender
 Que por ele quis morrer
 Também com morte de Cruz.

(a) **Do Muito Reverendo Doutor Inácio Ribeiro Noial.**

MOTE GERAL

Foi Gonçalo de Jesus
 Tão perfeito imitador
 Que acabou por seu amor
 Também com morte de Cruz.

GLOSA

I

Tanto a Jesus quis Gonçalo;
 De sorte e de tal modo,
 Que Jesus sempre foi todo
 Seu ai Jesus, e regalo:
 E para mais abrigá-lo,
 Depois de morrer na Cruz,
 Por destino de alta luz,
 Não quis, como se dizia,
 Ser mais Gonçalo Garcia,
 Foi Gonçalo de Jesus.

II

Tanto imitou a Jesus
 Na sua paixão, e morte,
 Que ambos da mesma sorte
 Acabaram em uma Cruz:
 E se lá do mundo a luz
 Sofreu da lança o rigor,
 Gonçalo por seu amor
 Lançadas sofre; por isto
 Não houve de Jesus Cristo
 Tão perfeito imitador.

III

E se Jesus por Gonçalo
 Descendo do Céu à terra
 Padeceu da morte a guerra
 Por seu amor, e regalo;
 Garcia por imitá-lo
 Como a mestre, e Redentor,
 Com ânsia, zelo, e fervor
 Tanto se viu desejar.
 Por seu Jesus acabar,
 Que acabou por amor.

IV

E por fim tanto se amaram
 Gonçalo, e Jesus Divino,
 Que por modo peregrino
 No amor se equivocavam;
 E tanto assim se entregaram
 No fogo, que o amor produz,
 Que por Gonçalo Jesus,
 Morre na Cruz por regalo;
 Por Jesus morre Gonçalo
 Também com morte de Cruz.

(a.) **Do Muito Reverendo Doutor Manuel Ribeiro.**

MOTE GERAL

Foi Gonçalo de Jesus
 Tão perfeito imitador
 Que acabou por seu amor
 Também com morte de Cruz.

GLOSA

I

Os Serafins, que subidos
 Viu Isaias no trono,
 Estão com todo o abono
 No contemplar mui detidos:
 Se contemplam mui luzidos
 A Jesus morto na Cruz
 Entre tormentos mais crus,

Não menos de exemplar
Subido no contemplar
Foi Gonçalo de Jesus.

II

Eles por contempladores
Tanto amantes se ostentavam,
Que nisto mesmo mostravam
Ser de Jesus imitadores:
Se no contemplar Doutores
Vos graduais com tal louvor,
Sabei que com mais fervor
Foi São Gonçalo Garcia
De Cristo com energia
Tão perfeito imitador.

III

Com duas asas cobriam
Os olhos para mostrar,
Que o seu gosto era acabar
Por Jesus, que morto viam;
O grande amor em que ardiam,
O morrer com tal rigor
Entre esse resplendor
Em vós é ser impossível
Em Gonçalo tão factível
Que acabou por seu amor.

IV

Entre Cruzes divididas
Os Serafins abrasados
Estavam crucificados
Com as asas estendidas:
O amor, que as faz subidas
Fez, que pelo seu Jesus
Cortasse os olhos à luz,
O nosso Santo Garcia
Morrendo à tirania
Também com morte de Cruz.

(a) Do Muito Reverendo Licenciado Manuel Félix
da Cruz.

MOTE GERAL

Foi Gonçalo de Jesus
 Tão perfeito imitador
 Que acabou por seu amor
 Também com morte de Cruz.

GLOSA

I

Com magnânimo desenho
 Por amante verdadeiro
 Buscou Gonçalo um madeiro
 Buscando Jesus um lenho
 Com este valente empenho
 (Que o amor firme introduz)
 Quando o vemos n'uma Cruz
 Figurado Redentor,
 Achamos, que imitador
 Foi Gonçalo de Jesus.

II

Jesus nessa Cruz pregado,
 Gonçalo nessa Cruz fixo,
 Este feito um Crucifixo
 Aquele crucificado;
 Um, e outro atormentado;
 Em ambos um mesmo amor,
 E se em ambos igual dor
 Causou igual padecer,
 Só Gonçalo pôde ser
 Tão perfeito imitador.

III

Em ambos foi relevante
 O amor por elevado
 Jesus quando amante amado,
 E ele quando amado amante:
 Por amor Jesus constante
 Morrendo fez-se acredor,
 Mas Gonçalo devedor
 Dessa obrigação devida
 Pagou tanto com a vida
 Que acabou por seu amor.

IV

Em tudo pôde imitá-lo,
 Porém tanto o imitou,
 Que o pincel, que o retratou;
 Não soube bem retratá-lo;
 Está Jesus feito um Gonçalo,
 Gonçalo feito um Jesus;
 E se esta Divina luz
 Com morte de Cruz findou,
 Gonçalo a vida acabou
 Também com morte de Cruz.

(a) Do Ajudante Francisco de Sousa Magalhães.

MOTE GERAL

Foi Gonçalo de Jesus
 Tão perfeito imitador
 Que acabou por seu amor
 Também com morte de Cruz.

GLOSA

I

Imitar um firme amante
 A Jesus no teor da vida,
 É virtude tão subida,
 Quanto tem de relevante:
 Isto a todos é constante
 Mas eu quando os olhos pus
 Em Gonçalo n'uma Cruz,
 Então vi, que com mais sorte,
 Imitante até na morte
 Foi Gonçalo de Jesus.

II

Na vida com inteireza
 A Jesus também seguiu;
 Jesus por ele vestiu
 O mortal da natureza,
 Gonçalo por tal fineza
 Vestindo de morte cor
 A mortalha de Menor.

Mostrou muito ao natural,
 Não ter seu original
 Tão perfeito imitador.

III

Foi pobre, e tão esmoler,
 Que não tendo já bens seus,
 Que dar pelo amor de Deus,
 Cruzado se quis fazer;
 Mas o fim foi a meu ver
 Pagar com igual primor
 O preço, que o Redentor
 Por ele pagou cruzado:
 Donde colho ao figurado
 Que acabou por seu amor.

IV

Acabou, mas não consente
 Como se ver vítima feito,
 Duas lanças para o peito
 Lá quis ter quando pendente,
 Oh quão parece coerente.
 Havendo se dar à luz
 Uma cópia de Jesus,
 Mostrar-se de peito aberto
 Quem imita ao passo certo
 Também com morte de Cruz.

(a) Do Reverendo Padre Felipe Néri da Trindade.

MOTE GERAL

Foi Gonçalo de Jesus
 Tão perfeito imitador
 Que acabou por seu amor
 Também com morte de Cruz.

GLOSA

I

Por singular primazia
 São Francisco recebeu
 Cinco Chagas em troféu
 De Jesus a quem seguia:

Buscou sua companhia
 Gonçalo, e com esta luz,
 Tanto em segui-lo se induz
 Que dando a tudo de mão
 De Francisco a imitação
 Foi Gonçalo de Jesus.

II

Com esta luz foi seguindo
 De Francisco os seus progressos,
 Mostrando, que nos excessos
 Ia de ponto subindo:
 Imitando, e competindo
 Com tal afeto, e primor
 Ao non plus ultra do amor
 Jesus Cristo, a quem seguiu,
 Que ainda o mesmo Céu não viu
 Tão perfeito imitador.

III

De Cristo todo o progresso
 Veio a parar em morrer,
 Que isto faz amor fazer,
 Quando amor é todo excesso:
 São Gonçalo no processo
 De sua vida, e fervor,
 A impulsos de seu amor,
 Também a vida exalou
 Por Cristo amar, e mostrou,
 Que acabou por amor.

IV

A seu jeito uma lançada
 Um soldado a Cristo deu,
 E São Gonçalo a sofreu
 No seu peito duplicada:
 Esta glória avantajada:
 Que em Gonçalo assim reduz,
 A tal máxima o conduz,
 Que para mais triunfar
 Quis por Cristo a vida dar
 Também com morte de Cruz.

(a) De Inácio Duarte.

MOTE GERAL

Foi Gonçalo de Jesus
Tão perfeito imitador
Que acabou por seu amor
Também com morte de Cruz.

GLOSA

I

Querendo o Pintor Divino
Copiar seu original
Fez de amor retrato igual
Em um Varão peregrino.
Achou ser sujeito digno,
E tirou a cópia à luz:
E se o desejo conduz
Saber quem com peito grato
Saibam, que o melhor retrato
Foi Gonçalo de Jesus.

II

Foi retrato tão perfeito
De Cristo, a dizer verdade,
Que o fogo da caridade
Lhe ardia em chamas no peito.
Só atendia ao respeito
Do caritativo amor;
Por seguir ao Redentor
Os perigos não temeu,
E nisso mostrou, ser seu
Tão perfeito imitador.

III

Quem ama, e sabe é amado
Da prenda amada, e querida,
Não teme perder a vida
Pelo objeto idolatrado.
Assim Gonçalo abrasado
Pareceu com seu Autor,
Pois como cópia melhor,
Foi naquele tempo visto
Parecer de sorte Cristo
Que acabou por seu amor.

IV

De puro amor acabou
 Cá na vida temporal
 Mas na Pátria Celestial
 Da mesma morte triunfou.
 Enfim, tanto se mostrou
 Retrato fiel de Jesus,
 Que não faltou lança a flux,
 Que seu peito traspasçasse,
 Porque alanceado acabasse
 Também com morte de Cruz.

(a) De Antônio Planger Aranha.

MOTE GERAL

Foi Gonçalo de Jesus,
 Tão perfeito imitador
 Que acabou por seu amor
 Também com morte de Cruz.

GLOSA

I

Muitos Santos têm havido
 Da cor branca, que estimados
 Foram por crucificados,
 De Deus, com amor subido,
 Mas da cor (está sabido)
 Que se chama a meia luz,
 E por parda se introduz:
 É sem questão de importunos,
 Que Solus, Totus, e Unus,
 Foi Gonçalo de Jesus.

II

De Pilatos na presença
 Foi Cristo sentenciado,
 São Gonçalo foi levado
 Da mesma sorte à sentença
 De morte ouvir sem detença
 À vista do Imperador,
 Cumpri-la foi o Senhor,

Também Gonçalo; e por isto
 Todo, e em tudo de Cristo
 Tam perfeito imitador.

III

Pelo homem o Messias
 Padeceu por seu regalo;
 E pelo Deus um Gonçalo
 Sofreu cruéis tiranias.
 Cristo ao lado com agonias
 Sentiu de uma lança a dor,
 Feriu no peito o rigor
 De outra lança ao Mártir Santo;
 Padecendo por Deus tanto
 Que acabou por seu amor.

IV

Cristo foi preso, ou atado
 Até o Monte Calvário
 Gonçalo ao Céu, c'o Sumário
 Foi seguro, ou maneteado,
 Enfim, foi crucificado
 Aquele amante Jesus,
 Que a isso o amor o conduz;
 Gonçalo pelo imitar
 Em tudo, veio a acabar
 Também com morte de Cruz.

(a) Do Capitão Francisco Soares e Silva.

MOTE GERAL

Foi Gonçalo de Jesus
 Tão perfeito imitador
 Que acabou por seu amor
 Também com morte de Cruz.

GLOSA

I

Todo aquele que quiser
 (Cristo enfim) acompanhar-me
 E nos passos imitar-me

A Cruz que eu tenho, há de ter.
 Deixou Gonçalo de ser
 Quem era tomando a Cruz:
 Logo daqui se deduz
 Com razão mui revelante
 Que imitador observante
 Foi Gonçalo de Jesus.

II

Na Cruz pôs o ódio insano
 A Cristo, e na Cruz também
 Morreu Gonçalo, por quem
 Por ele ostentou-se humano.
 A Cristo, o ferro tirano
 Da lança a impulso; e furor
 Tirou-lhe a vida, e esta dor
 Quis Gonçalo experimentar
 Só a fim de se ostentar
 Tão perfeito imitador.

III

Se por amar-me sofreu,
 (Diz Gonçalo) o ser pendente
 Numa Cruz quem certamente
 Por amar-me padeceu,
 Que muito é que sofra eu,
 Por amá-lo a mesma dor,
 O outro excesso maior,
 Na morte quero imitá-lo:
 No que, bem mostrou Gonçalo
 Que acabou por seu amor.

IV

Enfim Gonçalo, que deste
 Amor, tem conhecimento
 Senhor; deseja o tormento
 Que vós na Cruz padeceste,
 Bem sei a dor, que sofreste
 Foi como Sol a luz
 Mas tal graça lhe reluz,
 Que para vos imitar,
 Teve por sorte acabar
 Também com morte de Cruz.

Do Muito Reverendo Felipe Benício.

MOTE GERAL

Foi Gonçalo de Jesus,
Tão perfeito imitador
Que acabou por seu amor
Também com morte de Cruz.

GLOSA

I

Se pode com inteireza
Haver quem (com fé pura)
Seja de Cristo figura,
Quanto à humana natureza;
Nunca com maior grandeza
Do que ao presente reluz;
Pois tanto em morrer na Cruz,
Como na mesma no ativo,
Se viu, que retrato ao vivo
Foi Gonçalo de Jesus.

II

Pedro, pedra singular,
Por Cristo crucificado,
Vemos todo seu cuidado,
Fora em mandá-la virar,
Porém Garcia, observar
Tanto quis nesta ao Senhor,
Que por hemos supor,
Nenhum, que intente imitá-lo,
Há de ser, como Gonçalo,
Tão perfeito imitador.

III

O Amor, ninguém duvida,
Mais superlativo, e forte,
Foi causa total da morte
De quem é Autor da vida.
Desta fineza crescida,
Digna de eterno louvor,
Ninguém mais imitador
Que Gonçalo, pois por Cristo
Tanto se mostrou bem quisto,
Que acabou por seu amor.

IV

Mal se pode pois negar
 Que nesta figuração,
 Se deu uma imitação,
 Mui perfeita e singular;
 Pois por mais se assemelhar
 Em a morte ao Bom Jesus;
 Lá nesse Reino da Luz,
 Donde o martírio logrou,
 Vemos por fim que acabou
 Também com morte de Cruz.

Do Licenciado Antônio Boia Benavido.

MOTE GERAL

Foi Gonçalo de Jesus
 Tão perfeito imitador
 Que acabou por seu amor
 Também com morte de Cruz.

GLOSA

I

Do Padre Eterno sabemos
 Ser o Filho Imagem pura,
 E em Gonçalo uma figura
 Bem própria de Cristo temos,
 Porque se o Gonçalo vemos
 Como a Cristo n'uma Cruz
 Dar a vida; a toda a Luz,
 Bem se mostra em tal estado,
 Que uma figura, um traslado
 Foi Gonçalo de Jesus.

II

Figura foi singular
 Pela Cruz, em que acabou;
 E pela vida mostrou
 Ser de Cristo um exemplar;
 Pelo querer imitar
 Até quis ser Mercador
 E contratou por amor

Um tal prêmio, e tão crescido;
Qual havia merecido
Tão perfeito imitador.

III

Com Cristo se pareceu
Na morte, com que acabou
Pois tal na Cruz expirou
Qual na Cruz Cristo morreu
Tal dita bem mereceu
Como se deve supor
Um coração, que no ardor,
Em que amante se abrasava
Tanto, e tanto a Deus amava
Que acabou por seu amor.

IV

No amor de Deus embebido,
Nos êxtases elevado,
Com Cristo na Cruz pregado
Desejava ver-se unido:
Com ânsia, afeto, e gemido
Rogava a Cristo Jesus
Fosse a Guia, Norte, e Luz
Para tal favor obter
Por isso veio a morrer
Também com morte de Cruz.

Do Reverendo Padre Antônio Pereira.

ASSUNTO PARTICULAR

Mostrar em um assunto a eficácia, com que São Gonçalo Garcia da Cruz do seu martírio exortava aos mais companheiros a que dessem a vida por Cristo

SONETO

Com lente de Prima jubilado
Para ensinar, da Cruz sobe à Cadeira
Gonçalo; e sendo que era a vez primeira
Ficou logo por Mestre laureado.

Da Matéria de Fide era o Tratado
 E aos Japões a explanou de tal maneira,
 Que ensinando até a hora derradeira;
 Quis fazer para os Céus exame adgrado.
 Que morressem por quem ele morria
 Era o que Gonçalo postilava.
 E o mesmo que ditava, isso seguia
 E quem duvida que a lição, que dava
 A Cristãos mais rebeldes moveria,
 Se a doutrina c'o exemplo confirmava?

(a) **Do Muito Reverendo Doutor Inácio Ribeiro Noia.**
 Pii

ASSUNTO ACADÊMICO PARTICULAR

Qual dos dois Martírios foi maior para São Gonçalo,
 se o que padeceu, ou o desejo de padecer

OITAVAS

I

Dos enredos do mundo já apertado
 Garcia penitente com ventura,
 Num áspero burel amortalhado
 Só deseja os apertos da clausura;
 Para que suspirando o seu pecado
 Melhor tome as lições da sepultura:
 Oh lição feliz te decorara
 Que do Mundo os enredos desprezara.

II

Ali terno suspira aproveitando
 O tempo, que no século perdera:
 Ali chora magoado, desejando
 Os frutos, que no mundo não colhera:
 Quantas vezes diria soluçando:
 Se o que agora faço, então fizera;
 Não seria por mim tão desejado
 Fosse tempo presente o que é passado.

III

Alerta pois, Gonçalo, enquanto a morte
 Não corta o fraco fio dessa vida!
 Seja Cristo fiel, e doce norte,

Que a derrota dirija tão perdida;
 Eia pois não triunfe a triste sorte
 Desta Nau em pecado submergida,
 E aos pés de Jesus melhor Infante
 Penitente, assim chora, e fala amante.

IV

Já quisera Senhor, que a impiedade,
 Contra mim seu rigor executasse,
 E por vosso respeito a crueldade
 O fio desta vida já cortasse:
 Pois queria por amor dessa Deidade,
 Que o afeto maior, que pode haver
 É um amigo por outro padecer.

V

Mas não chegue, meu Deus esse dia,
 Que me veja por vós martirizado:
 Pois então não teria a regalia
 De sofrer mais por vós, o meu cuidado:
 Pois então com o golpe acabaria
 De sofrer mais por vós, Jesus amado;
 Pois tudo quanto o golpe suaviza
 O amor de sofrer mais martiriza.

VI

Os golpes, lanças, setas, e essa Cruz
 São por certo, Senhor, Grande tormento;
 Porém tudo a morrer, logo conduz
 Em um dia, uma hora, ou momento:
 Desejos de morrer por vós Jesus
 É martírio maior cento por cento;
 Que sempre no desejo de sofrer
 Está uma Alma morrendo, sem morrer.

VII

É Fênix, que renasce todo o dia
 O martírio tardio, e desejado
 E quanto à esperança é mais tardia,
 É o martírio maior por esperado;
 É chamas que consome, e não alumia,
 É Abutre, que rói sempre o cuidado:
 É enfim dos tormentos o tormento
 E martírio atroz do entendimento.

VIII

Neste martírio pois quero acabar;
 Por ser maior, que o outro meu Jesus;
 Porém, mais sofrerei por vos amar:
 Porque sois meu amor, e minha Luz,
 Se o Tormento maior é desejar.
 Este desejo seja a minha Cruz:
 E veja-se a minha Alma com estrago
 Em incêndios de Tróia, arder Cartago.

Do Muito Reverendo Padre Manuel Ribeiro.

ASSUNTO PARTICULAR

Mostrar a Glória, que o Santo Mártir goza no Céu

DÉCIMAS

I

Quem a Glória mostrará;
 Que o Mártir Garcia goza,
 Qual anacarada Rosa
 No jardim! Quem falará?
 Meu engenho que dirá!
 Se inda em matéria rasteira
 A razão de tal maneira
 Fica toda tão [confusa]
 Tratarei questão inteira!

II

São Paulo quis explicar
 Que sendo ele arrebatado
 A esse Céu esmaltado
 Viu o que é para calar.
 Se o Santo não quis falar
 Na Glória, que mui bem viu,
 E não menos no que ouviu;
 Desta Glória, que direi!
 Como falar poderei,
 Quando o Santo encobriu.

III

Nas escrituras fundado
 Alguma coisa direi;
 Nelas mesmas mostrarei

A Glória que tem logrado,
 E se a elas aplicado
 A Glória não explicar,
 A Paulo por exemplar,
 Da matéria tomarei:

IV

Naquele fogo flamante
 Andar um Anjo se via,
 Que a Nabuco parecia,
 Ser a Deus mui semelhante:
 Se este Anjo por amante
 E o martírio procurar,
 Veio a ter, e a lograr
 Um nome tão excelente,
 Não menos confesse a gente:
 Veio Gonçalo a gozar.

V

É Glória grande a meu ver
 Para qualquer fino amante
 O ser a Deus semelhante,
 Alcançar, e merecer:
 Se Gonçalo veio a ter
 Esta mesma semelhança,
 Que Glória não alcança
 Nesse Celestial Quartel,
 Quando acaba por fiel
 Na cruz como em balança?

VI

A Deus semelhante ser
 Quis Lúcifer presumir,
 E querendo assim subir
 Veio do Céu a descer:
 Lúcifer sem padecer
 Quer ter esta semelhança!
 Desengano não alcança
 Quem pretende assim subir;
 Porque há de vir a cair
 Com tão notável mudança.

VII

Só Gonçalo veio a dar
 Neste modo de subir,
 Pois na Cruz sem presumir

Quis primeiro ele acabar:
Oh que isso o fez exaltar!
Porque veio a merecer
Glória, que sem parecer
Se dá a quem cá na terra
Depois de vencida a guerra
A vitória vem a ter.

VIII

São Paulo deixou firmado
Que o nosso amante Jesus,
Depois da morte de Cruz
Foi por Deus Padre exaltado;
Se o merecer este estado
De uma Cruz lhe proveio;
Vede se por este meio
Tão grande Glória alcançou
Gonçalo, quando acabou
Com tão amoroso enleio.

IX

A Mulher que, já pediu
Com uma confiança tal
Lugar a Jesus igual
Para os filhos que pariu:
O Senhor lhe deferiu
Que esta sua petição,
De néscia tinha o senão;
Pois se não pode gozar
Lá no Céu este lugar
Sem o Cálix da Paixão

X

Combinai este dizer
Com o que Gonçalo sofreu
E vereis que padeceu
Até que veio a morrer:
Infiro agora a meu ver
Se só quem padece alcança
Nessa Bem-aventurança
Glória ao mesmo Cristo igual
Vede agora se esta tal
Tem Gonçalo sem mudança.

XI

Lograi meu Santo Garcia
 Já desse descanso Eterno,
 Para confusão do Inferno
 E dos Anjos alegria;
 E já que no presente dia
 Com tanto contentamento
 Chegamos; dê-nos memento;
 Para que a Deus amemos
 E a Glória alcancemos
 Com grande da graça aumento.

Do Muito Reverendo Beneficiado Manuel Félix da Cruz.

ASSUNTO ACADÊMICO PARTICULAR

**Mostrar-se o gosto, e contentamento, que teve São
 Gonçalo Garcia quando o Tirano o prendeu para
 o martirizar**

OITAVAS

I

Pega já desse Alfange, Algoz Tirano,
 Farta a ira, enche o ódio veemente,
 Que em teu peito, qual tenda de Vulcano
 Forjou em viva chama um Etna ardente,
 Oh não vês, que Gonçalo jaz ufano
 Contra os Deuses, que adoras reverente!
 Vai cortando, qual Parca enfurecida
 Com duro fio o fio dessa vida.

II

Mas não; suspende o golpe, porque infiro
 Que ainda queres tomar outras vinganças;
 Faze-o lançar a vida em um suspiro,
 Ultraja, prende, e emprende, o que alcanças,
 Suspendeu numa Cruz, e faz tiro,
 Mira o alvo, e despede as tuas lanças;
 Vê-los-ás entre favos de amargura
 Provar no fel da Cruz melhor doçura.

III

Não penses, que prisões o tiranizam,
 Pois já vem num cordão preso e atado;
 Nem que as dores da morte o penalizam,
 Porque em vida já vive amortalhado:
 Não penses tu enfim, que o martirizam
 Essas lanças, que atiras arrojado,
 Outras lanças padece amante fino,
 Que lançadas lhe vêm do amor Divino.

IV

Cuidarão os espinhos, que picando,
 Fica a Rosa, entre as flores deslustrada,
 É engano; porque quando a vão cercando,
 Brilha a Rosa de espinhos coroada:
 Gonçalo, que também vai observando
 Cada lança a um espinho comparada,
 Nessa árvore da Cruz, qual flor ditosa,
 Merecerá lugar Coroa de Rosa.

V

Repara que esse Sol lá do Oriente
 Quando nesse Zênite então mais arde,
 Com desmaios vai ter ao Ocidente
 Entre os pardos capuzes de uma tarde:
 Assim Garcia quando mais ardente
 Na luz da Graça, então qual Sol covarde,
 Quer findar suas luzes por alardo
 Nesse pardo capuz de um burel pardo

VI

Quando o Sol nesse tempo tenebroso
 Ultrajado se vê dos luzimentos,
 Promete renascer mais majestoso
 Triunfando de seus abatimentos;
 Assim Gonçalo em penas glorioso
 Achará sua glória nos tormentos;
 Renascerá feliz, e desta sorte
 Gozará feliz vida em uma morte.

VII

Ostente pois a ira tão flamante
 O furor dessa tua valentia;
 Pois quem pode sair mui triunfante,

Se não quer triunfar, é covardia:
 Arroja, Algoz cruel mais que arrogante,
 Os impulsos da tua Tirania,
 Verás logo um Gonçalo Sol luzido
 Quando o vires na Cruz Sol fenecido.

VIII

Quer Gonçalo na Cruz por sua traça
 Acabar essa vida transitória;
 Pois que defende a Lei de pura graça
 Só morrendo, é que conta da vitória:
 Não quer armas Gonçalo, nem abraça
 O adquerir com elas uma glória,
 Ainda que esse burel contra ti, perro,
 É saia de malha, ou gibão de ferro.

IX

Olha que nessa ação tão mal pensada
 Jogas de mano a mano com Gonçalo
 Armas-lhe um triunfo, pois em mão jogada
 Pertendes ter a dita de ganhá-lo:
 Gonçalo de mão; e se com mão forjada
 O ganhar esta mão é teu regalo,
 Verás sendo Gonçalo pé forçado
 Ter pé para lograr o melhor fado

X

Sai o triunfo de paus, então procura
 Com um só triunfo Gonçalo por o tento
 Pois na Cruz triunfante, com ventura
 Trunfara de dois paus jogando o tento;
 E se pensas, que tens vaza segura
 Sendo tu matador com fundamento,
 Adverte que também tem-se encartado
 Gonçalo de um Jesus Rei Coroado.

XI

Neste jogo do trunfo tão renido,
 Do qual ambos se ostentavam jogadores
 Nenhum sai vencedor, nenhum vencido,
 Mas ambos perdendo, ambos ganhadores:

Gonçalo, porque tem melhor partido,
 (Suposta a paciência aos teus rigores,)

Perdendo a vida, ganha bem eterno

Tu perdes esse bem, ganhando o inferno.

XII

Acabei o discurso, e mais diria,
 Se tivera os ditames de eloqüente

Com que nesta tão douta Academia

É louvado entre nós o Presidente:

Mas se não mostrei bem essa alegria,
 Que Gonçalo de alegre pôs patente

Cale a língua os louvores de um Gonçalo,
 Pois só pode o silêncio assaz louvá-lo.

Do Ajudante Francisco de Sousa Magalhães.

ASSUNTO PARTICULAR

**Mostrar a São Gonçalo Garcia deixando as riquezas,
 e delícias do mundo pela Religião**

SONETO

No mundo, o que ontem foi Cresso opulento,
 Hoje pode ser Iro medicante,
 Porque sempre a fortuna do inconstante
 Gira, e corre em diverso movimento.

As delícias, e os gostos como vento,
 Como sombra se vão a cada instante,
 Consistindo o seu ser por vacilante
 Na breve dependência de um momento:

Gonçalo, que isto alcança com prudência,
 Do mundo, só quis ter o ser mudável,
 Para a vida mudar em continente:

Buscando da Cláusula a subsistência
 Que no trato com Deus inseparável
 Lhe segura um bem sumo, e permanente

Do Muito Reverendo Padre Mestre Felipe Néri.

ASSUNTO PARTICULAR

Descrição da coroação, que fizeram os Anjos a São
Gonçalo Garcia pelo martírio, que recebeu

DÉCIMAS

I

De São Gonçalo Garcia
Tenho por obrigação
Descrever a Coroação,
Dos Anjos a Companhia;
Agora minha Talia,
Se me deres vosso Astilo
E me prestares estilo
Doce, grave, e excelente,
Vencerá minha torrente
As inundações do Nilo.

II

Para Cristo entrar no Céu
Se mandou aos Principais,
Que erguessem as portas mais
Por respeito do Troféu:
Isto pois que aconteceu
Na celeste Monarquia,
Sucedeu à Gerarquia,
Quando viu entrar na Glória
Com duplicada vitória
A São Gonçalo Garcia.

III

Ter glória avantajadas (sic)
Não se pode duvidar
Pois chegou a experimentar
No peito duas lançadas:
Se as chagas multiplicadas,
Com que Cristo apareceu,
Tanto abalo aos Anjos deu,
Como não daria abalo
Vendo os Anjos São Gonçalo
Entrar com as que recebeu.

IV

Formaram-se os Batalhões
Da celeste Gerarquia,
Que à sua vista perdia
O Sol as aclamações:
E com iguais proporções
E as quadras bem traçadas
Guarnecidas as entradas,
E feitas as continências
Com as suas preeminências
As salvas lhe foram dadas.

V

Anfião, Apolo, e Orfeu
Com todos da sua Escolha
Se ficaram cá de fora,
Por não entrarem no Céu:
Nenhum abalo isso deu,
Nem falta se experimentou
Porque logo se entooou
Nessa capela da Glória
Um Hino pela vitória
Que o nosso Santo alcançou

VI

Inventou então o Céu
Festas extraordinárias
E em lugar de luminárias
As Estrelas acendeu:
Parece que Apolo ardeu
No fulgor, com que luziu,
E chamas em que se viu,
De sorte que se admirou,
E se se não perturbou
O Inferno se confundiu.

VII

Eis que o choro rutilante
Das virtudes de Gonçalo
Ufanos vem a coroá-lo
Por firme, e na Fé constante:
Qualquer delas triunfante,
Por se acreditar mais bela
Da coroa quer ser estrela,

Em tão alta competência
A Divina inteligência
Satisfez esta querela.

VIII

Finalmente foi Grinalda
Composta de luzes belas,
Não de Sol, mas de Estrelas
Divinamente, esmaltada:
Tão linda, tão engraçada,
Quanto podia o primor,
E bem se pode supor,
(Sem ofensa da verdade)
Que alguma sacra deidade
Lhe debuxara o louvor.

IX

Este Corifeu divino,
Gigante da Santidade,
Serafim na caridade,
Santo mais que peregrino:
Com Diadema condigno
Foi pelos Anjos coroado,
E se não fora pecado
Dizer que há inveja no Céu
Só de Gonçalo o troféu
Podia ser invejado.

X

Finda pois a coroação,
De São Gonçalo Garcia,
Disparou a artilharia,
Deu cargas o Batalhão:
Foram-lhe beijar a mão
Da Corte os mais principais,
E seguindo-se os demais
O foram acompanhando
A Deus louvores cantando
Por fazer a Santos tais.

XI

A coroação descrevi
De São Gonçalo Garcia;
Não como ele merecia

Pois confesso que o ofendi;
 Nesta ignorância caí
 Por processo obediente
 Porque o Senhor Presidente
 É neste caso o culpado,
 Pois quis roa um bocado
 Que tem coelho o dente.

XII

Também da minha Talia
 Com razão posso queixar-me,
 Por prometer, e faltar-me
 Com a sua poesia:
 Suei suor de agonia
 C'o assunto, que se me deu
 Pobre e sem nada de meu
 Para uma ação tão notória,
 Que havia de dizer da Glória,
 Quem nunca subiu ao Céu.

De Ignácio Duarte.

É assunto para mostrar a São Gonçalo Garcia
 traspassado a lanças pró Cristo

SILVA

Ilustre Presidente
 Mais que Apolo, e Minerva eloquente,
 Por assunto uma silva me haveis dado,
 E nela me deixaste bem picado,
 Em silvados meteis hoje uma Aranha,
 Que só com Moscas tem astúcia, e manha?
 Porém vá de silvada,
 Em que a silva me custe muita unhada:
 Oh, desse Museu coro, Irmão das nove,
 Minha insuficiência agora prove,
 Que de ti ilustrado
 Sairei talvez menos arranhado,
 Dá-me desse Hipocrene,
 Uma ciência perene,
 Acudam-me neste dia
 Aglaia, Eufrosina, e Talia
 E dessas graças três

Consiga eu ter graça esta vez.
Mas errei o sentido,
Neste Norte, que sigo vou perdido,
Que estes Deuses, é engano,
E só podem servir para o profano.
Assim que hoje invocá-los, é indigno,
Sendo o assunto da história tão divino;
A vós invoco ó soberano Deus,
Que em esferas de luzes reinais nos Céus
Trino em Pessoas tais,
Que uno sendo em poder vos creio iguais,
Alumiai-me agora
Que antes que brilhe o Sol da Aurora.
O Assunto começo,
Se for grande o processo,
Paciência esta vez
Que isto não sucede cada mês,
São Gonçalo Garcia
Querem que em silva mostre neste dia,
Alcançar trespassado
Por Jesus Cristo, seu Divino amado.
E para eu o fazer
Por meio de retrato é que há de ser.
Se disserem que mostro ser pintor,
Não me injuriam, antes me dão louvor,
Porque o saber pintar
É arte entre as mais nobres singular.
Se hão de dizer que em versos sou ladrão,
Digam, que sigo a minha profissão,
Para princípio dar
Ao Quadro, é necessário aparelhar.
Já está aparelhado,
E nas primeiras linhas debuxado:
Perfilado de sombra está no escuro,
Os claros já meti, agora coluro. (sic)
Vai o painel saindo pouco a pouco.
Enquanto as vivas cores lhe retoco,
E se sair trigueiro,
Essa é de sua cor o verdadeiro.
Na formosa Cidade
Que Baciau deu nome à Antiguidade
Nasceu Gonçalo Santo,
Para ser de Infiéis assombro, e espanto.
De seus primeiros anos
Nada escreveram para desenganos,

Ou por esquecimento,
Ou por ser vão intento
Querer notícia dar
Do que a pena não pode relatar,
Mas encurtando a história
Trataremos do que a Deus dá honra e glória,
Tocado da Divina inspiração
Tomou o hábito, e foi para o Japão
Com outros companheiros
(De Cristo imitadores verdadeiros)
Donde na Caridade,
Dar pode confusão à nossa idade,
Cristo era o seu amor,
Cristo o seu valedor,
Por Cristo obrava extremos,
Que por sem número, hoje os calaremos.
Por amor obrigou Cristo de sorte,
Que por ele abraçara a mesma morte.
Mas um Tirano, qua antes se agradava
Eufurecido contra o sacrossanto
Nome de Cristo, (ó horror! ó espanto)
Manda-o crucificar,
O que ele estimou para mostrar,
Era tão fino amante,
Que a vida dava por amor constante,
E já posto na Cruz
Engrandecia o nome de Jesus,
Dizendo aos Japões
Que em Jesus empregassem os corações
E com serenidade,
Lhes pregava da fé toda a verdade,
Brando cisne cantando,
Como quem a seu fim ia chegando,
Com isto os dois Tiranos
Ferozes mais que as Feras inumanos,
Com lanças aguçadas
As entranhas lhe deixam traspassadas,
E Gonçalo que o toma por favor,
Recebe as lanças, quais setas de amor.
E tanto a Alma amor lhe penetrou,
Que todo se inflamou;
E sem mais movimentos
Constipados os seus vitais alentos,
Ardente Serafim
Do amor dia, lembrai-vos de mim.

E não falando mais alguma coisa,
 A sua Alma recebeu por esposa
 O amante das Almas,
 Que por dores, dá glória, por Cruzes palmas
 Tenho o assunto acabado,
 Se nele não agrado,
 O meu intento foi de que perfeito
 O Retrato saísse para aceito
 Mas se a obra por mim é mal tocada
 Não me ofendem se a deixam rejeitada.
 Porque o meter em silvas dera espanto
 Não sair arranhado tanto ou quanto.
 Que eu bem sei, que hoje em meus toscos borrões
 Catanadas terei como arranhões,
 Porém de silva baste
 E quem do seu tiver melhor, que o gaste.

De Antônio Splanger Aranha.

ASSUNTO ALTÍSSIMO PARTICULAR

MOTE

**Por Deus deixa a mercancia
 Gonçalo com fundamento
 Por ganhar cento por cento
 Nos negócios que fazia.**

DÉCIMAS

I

Há de ser o Mercador
 De peso, conta, e medida;
 Porque o mais é andar co' a vida
 Sem conta com acredor.
 Gonçalo, que este temor
 Muito na Alma trazia
 Entrar em contas temia
 Com Deus sendo comissário;
 E temendo este fumário
 Por Deus deixa a mercancia.

II

No livro da capa larga
Que é o da razão e razões,
Achou, que as carregações
Lhe faziam grande carga.
E como ficava amarga
Já para o seu pensamento,
Com a dor do arrependimento
Sem pena o livro borrou
E isto se viu, que obrou
Gonçalo com fundamento

III

Conheceu o quanto avança
Aquele fiel atroz
Que um fio de retroz
Faz perpende a balança.
Para o Inferno sem tardança
Onde vai fazer assento;
E tendo conhecimento
Deste mal em que ia sócio,
Entra com Deus em negócio
Por lucrar cento, por cento.

IV

Lá por certas polegadas
Largou a vara, e o quaderno (sic)
Mui certo, em que o Inferno
Lamber o havia às dedadas
Trocou estas em passadas
Para a clausura mais pia;
E por Deus, tudo, o que havia
Grangeado, veio a deixar
Por cento, a cento lucrar
O negócio que fazia.

Do Capitão Francisco de Sales e Silva.

LOUVORES AO PRESIDENTE

Ao Muito Reverendo Doutor José Correia de Melo
Tendo orado em verso em louvor de São Gonçalo
Garcia

EPIGRAMMA

**Non pauci arrecti mentes Josephe stupebunt,
Cum Gundisalvi carmine facta canas;
Ardua quippe nimis si res est sermo solutus,
Quid, bene perspectis, sermo ligatus erit!
Astego non miror, quod sistam carmine promptus;
Carmina nectuntur nomine numque tuo:
Vam si suppeditas verbis Correa liga men,
Ipsis dulcitonum das quoque Mello melos.**

[S.I.A.]

VERSEM EM SONETO

A muitos com razão não mal fundada
Vossa oração José, grata, e jocunda
Suspensão causará, não só por funda
Se não por ser em verso decantada;

Porque se a oração solta regulada
Pelos preceitos da Arte, que se funda,
Se faz dificultosa, por fecunda,
Quanto mais se fará, sendo ligada?

Mas a mim não me causa admiração,
Que tão pronto sejais na Poesia;
Pois com ela tem tanta conexão

O vosso nome, e é tal sua energia,
Que se estais por Correia a oração,
Como Melo lhe dais: a melodia.

Do Muito Reverendo Doutor Inácio Ribeiro Noia.

DÉCIMAS LAUDATÓRIAS AO PRESIDENTE DA ACADEMIA

O Reverendo Doutor José Correia de Melo
Na celebridade de São Gonçalo Garcia

I

Vosso engenho muito inteiro
Entre os mais é tão subido,
Que qualquer a bom partido
Lhe quisera ser rendeiro:
Mói tudo tão ligeiro,
Que a nenhum aqui se agacha;
Pois outro nenhum se acha,
Que cá sem tachar moesse
E só por único esse
É o que mói sem tacha.

II

Bem se parece José
Com o de vosso Avô o vosso;
Pois se dele dizer posso
Libera nos Domine;
Desse vosso bem se vê,
E também a entender venho,
Que moendo sem empenho,
Mostra a todos sem enleio
Não ser engenho do meio
Ser de Anjo o vosso engenho.

III

Tem açude tão perene,
Esse engenho meu Correia
Que lhe corre pela veia
A mesma fonte Hipocrene:
Por isso com voz solene,
Sem paga do meu conselho,
Digo sois vós o espelho
Dos engenhos deste povo;
Porque sendo engenho novo
Sois na fama engenho velho.

IV

O mel é tão grosso, e belo,
 De tão perfeita bondade
 Que já com propriedade,
 Lhe chamam engenho do Melo:
 Ter com ele paralelo
 Eu aqui a nenhum faço;
 Pois qualquer é tão escasso
 No seu modo de melar,
 Que se pode aproveitar
 Do vosso seco bagaço.

V

E agora a inferir venho
 Um famoso rendimento,
 Que terá com muito aumento
 Esse vosso grande engenho:
 E é que como com empenho
 Destes a sara deste ano
 A Gonçalo tão urbano
 Ele por retribuir
 Há de a Deus por vós pedir
 Como Frade Franciscano.

Do Reverendo Doutor Manuel Ribeiro.

Em louvor do Muito Reverendo Doutor José Correia de
 Melo, Presidente da Academia

Meu José, para vos louvar
 Suspeito sou, bem o sabeis
 Ainda que vós dizeis
 Que mereceis por bem orar:
 Digo por me não calar,
 Que a vossa douta oração
 Causou grande admiração
 A todos que a ouviram
 E dizem os que assistiram
 Que sois Poeta sem senão.

Do Reverendo Manuel Félix da Cruz.

Ao Muito Reverendo Doutor José Correia de Melo,
Presidente da Academia

Aplaudese o engenho

SONETO

Por canos de cristais corre um Ribeiro
Que lá desse Parnaso despenhado
Faz moer vosso engenho sublimado,
Pois sendo os mais de Bestas, é copeiro

Senhor de engenho sois; mas o primeiro
Que do caldo da cana destilado
Soube só fazer mel açucarado
Sem ajuda de algum mestre Banqueiro:

Este caco, que tendes, engenhoso,
São as talhas, em que mui bem se apura
Mel de engenho sem tacha precioso;

Pois a vossa Oração tem tal doçura
Que nesse metro mais, que saboroso,
Cada verso de Melo, é meia dura.

Josephi penna Martis superat mucronem.

EPIGRAMMA

**En Martis, mucro Josephi en pluma, quid inde?
Mucro bella movet, bellaque pluma parat
Invadit mucro pluman, pluma ingruit olli,
Ille manu fulget, fulget et ista manu
Haec levis, ille gravis, cui vero palma! Not andum est
Sola petit levitas aera, pondus humum
Haec volat, ille cadit datur hinc victoria plume;
Mucro dignus homo, dignaque pluma Polo est.**

[S.I.A.]

SONETO EM ESDRÚXULOS

(Aplauda-se a pena)

Esta vossa oração de estilo prático
 E metro em poesia tão magnífico
 É de vossa eloquência um jeroglífico
 Excedendo os assombros de enigmático.

Fica mais, que pasmado, o mundo estático,
 Vendendo nesse lugar mui honorífico
 Presidente entre os mais científicos,
 Quando neste Liceu melhor gramático.

Enfim vossa oração por alegórica
 Apesar de uma inveja assaz colérica
 vê-se ornada de luzes na retórica:

(Aplauda-se a oração)

Pasme já desse Sol a luz esférica
 Pois dais hoje à luz obra tão histórica
 Dando luz ao Brasil por toda a América.

Do Ajudante Francisco de Sousa Magalhães.

**Ao Muito Reverendo Doutor José Correia de Melo,
 Presidente da Academia**

SONETO

O que aqui presumir de mordaz caco,
 Na presente oração não meta bico,
 Se quiser escapar de algum salpico,
 Ou molho de moxinga no mataco:

O conselho envolverá assaz de fraco,
 Se a vista de Orador tão culto, e rico,
 O mesmo Deus Apolo feito nico
 Não se fora meter em um buraco.

Pelo que resolvendo o ponto toco,
 E concludo em dizer, que o que abre a boca
 Contra tanta oração, saiba que peca;

E se a dente chegar o seu descoco,
 Não lhe sinto mais troca, nem destroca,
 Que levar de Correia uma sapeca.

[S.I.A.]

Ao Muito Reverendo Doutor José Correia de Melo,
 Presidente, mostrando-se verdadeira Correia, ou
 (como lá dizem) homem de seu sobrenome na bem
 ligada, e Metrificada oração, que fez

EPIGRAMMA

Nector ego; fugit ore vigor, fugit ore toquella,
 Tentoque dum modulos nectere, nec tot ego.
 Vana ne alloquimur Corream consule, verba
 Si bene perpendas, nexile pondus habent
 Nexile pondus habent; avidas nam futa per aures
 Connetunt animos officiosa meos
 Nil scabrum, incompumque sonant, numeris ve coatis;
 Cuncta sed in summum, qua decet arte, ligant
 Oh decus immortale, ho donum nexite mentis!
 Quid non ad nodos cogis in orbe tuos?
 Hoc est et fluvios cantu, fontes que ligare,
 Hoc est acris necter saxa plagis.
 Hoc est et volucrum lapsos retinere volatus;
 Nomine cum verbis conviniente suis.

Do Muito Reverendo Padre Felipe Néri da Trindade.

Ao Muito Reverendo Doutor José Correia de Melo,
 Presidente da Academia

DÉCIMAS

I

Grande engenho na verdade,
 Melo, é o vosso no Brasil,
 Pois creio que tem dez mil
 Arrobas de habilidade:
 E se o mel da santidade
 É dos engenhos conforto,
 Deve o vosso andar absorto
 Pelas doçuras da graça
 Que engenho sem esta massa
 É todo de fogo morto.

II

Anda Apolo embasbacado,
 O Parnaso anda revolto,
 Parece que o Demo solto
 A tudo traz num cortado:
 Não dorme, ou come bocado,
 Todo bárbaro, e amarelo,
 E é todo seu desvelo,
 Considerando-se Apolo
 Ver que haja cá no Pólo
 Quem o meta num xixelo.

[S.I.A.]

V2

SONETO

Esta célebre, e fausta Academia,
 Segundo o julga, e dita minha fé,
 Quem mais lustrosa a faz, sois vós José
 Na fama, aumento, graça, e primazia:

Que sois mimoso filho de Talia
 Nos livros do Parnaso qualquer lê,
 E sendo vós de casa, já se vê
 Que de jure vos toca a Poesia:

Se o grande Homero vivo inda estivesse,
 Não de Alexandre os feitos escrevera.
 Só por querer, que ao Prelo os vossos desse:

E se Páris também vos conhecera,
 Inda que a Vênus agradar quisesse
 A vós só de Justiça o Pomo dera.

De Inácio Duarte

REDONDILHAS EM ECO

Ao Reverendo Doutor Presidente

Entre confuso, e admirado
 Me deixaste neste dia,
 Por ver quanto a Poesia
 Tendes o cuidado-dado,
 Ou por ver que o mesmo Marte

Para o vosso luzimento
 Hoje de próprio talento
 Convosco reparte-parte
 Deixaste por eloqüente
 Tantas idéias confusas,
 Que entendo que sois das Musas
 Algum excelentemente,
 Que deixando a doce festa
 Do Parnaso mais florente,
 Quiseste ser Presidente
 Em tão manifesta-festa.
 E assim mostrai-vos ciente
 Para que possam temer-vos;
 Pois livre está meter-vos
 Algum pretendente-dente;
 Nem eu, que colher aspiro
 Remalhetes tão perfeitos,
 Cujas flores por conceitos
 Cá neste retiro-tiro.
 Não vos pareça, que mente
 Quem tal diz, pois o invejoso,
 O ver-vos tão luminoso
 Porque não consente sente.
 Não chego a mais alta esfera,
 Porque me faltou o valor,
 Que se outro maior louvor
 Eu dar-vos pudera-dera.
 Isto pois meu Presidente
 Por causa mui certa digo
 Porque o peito de um amigo
 Nem já facilmente-mente;
 E o mais que por relevante
 No silêncio se derrama
 Pelo mundo a vossa fama
 Em doce descante-cante.

[S.I.A.]

Ao Muito Reverendo Doutor Presidente, José Correia de Melo

SONETO

Nessa heróica oração, que recitastes
 Nesses sábios ditames, que nos destes
 Mil lauréis de Minerva merecestes.
 E de Apolo mil palmas alcançastes:

Quem não dirá, que a Cícero igualastes,
E quem a Homero nega, que excedestes,
Vendo que na oração, que aqui fizestes
Lugar mais alto, que eles granjeastes:

Mestre pode chamar-vos da Oratória
Demóstenes famoso, e à boca cheia,
Podeis mandar vir à palmatória:

E se para Orador não tiver veia,
E a lição não tomar bem de memória,
As disciplinas tendes na Correia.

Do Muito Reverendo Padre Antônio Pereira

Ao Muito Reverendo Doutor

SONETO

Se o nome de José, é o mesmo aumento
Quem duvida que hoje teve tanto
Essa vossa oração do novo Santo
Que subiu como ele ao firmamento.

E porque vos não tenha abatimento
E sempre nesse grau sirva de encanto,
Com a vossa Correia que é de espanto
Lhe dai sendo ligado um nó de invento.

No conceito foi doce, e tão seleta
Que com o Néctar dos Deuses ser tão belo
Correu na semelhança, linha reta:

Ficando deste modo (hei-de dizê-lo)
Oração de tão sábio, e douto Poeta
Com aumento, fortidão, e mel de Melo.

Capitão Francisco de Sales e Silva

DÉCIMAS

I

Desse-vos já a Capela
De flores, que mereceis,
Pois se vós fazer sabeis

Oração douda, e tão bela,
 Não cuideis que isto é balela,
 Ou que são prêmios falados;
 Hão de ser executados,
 Que é razão de muito empenho
 Que um para Senhor de engenho
 Tenha bens encapelados.

II

Quis mostrar a este povo
 O Santo, que é aqui novato
 Que haverá ter neste ato
 Também Presidente novo
 Se com isto não vos louvo
 Digo de novo esforçado
 Que como o Santo laureado
 Foi por Mártir em Japão,
 Quis também ter na oração
 Presidente coroadado.

III

Se ainda não disse nada
 No louvor, que vos aludo
 Foi porque dissestes tudo
 Nessa oração decantada
 E assim fique a voz calada
 A língua emudeça perra
 Dizendo por fim (e não erra).
 Que vinha a ser indecência,
 Não teres Divina ciência
 Sendo vós Cristo da terra.

Do Capitão Francisco de Sales e Silva

RESPOSTA, QUE DÁ O PRESIDENTE

Aos Acadêmicos

SONETO

Senhores Acadêmicos, querer-vos
 Já por de alguma sorte imitar-vos
 Engrandecer, louvar, fora agradar-vos
 Ou de certo, infalível ofender-vos.

Porque eu que louvor posso fazer-vos
Ou que tal elogio posso dar-vos,
Que chegue cabalmente a exagerar-vos,
Ou ao menos em parte engrandecer-vos?

Nenhum outro, senão dizer que o Santo
Asas vos queira por nessas Camenas
Para que vossas obras voem tanto;

Que em tudo excedendo as dessa Atenas,
Confessem elas mesmas com espanto
Que de Águia os vôos são de vossas penas.

[José Correia de Melo]

POR FIM DE TODAS AS OBRAS

DÉCIMA

Por fim desta tão pia
Tenho aqui de deprecar
Um favor, que hei-de alcançar
Por vós meu Mártir Garcia:
E é que aos que a Academia
Vos fizeram sem vanglória,
Os dons dos Céus por vitória
Tenham; para que os troféus
Alcancem de ir ver a Deus
Convosco lá nessa Glória.

Do Muito Reverendo Doutor Presidente da Academia.

[José Correia de Melo]

FIM

8. **AUREO TRONO EPISCOPAL, COLOCADO NAS MINAS DO OURO, OU NOTÍCIA BREVE DA CRIAÇÃO DO NOVO BISPADO MARIANENSE, [...], [Dado à luz por Francisco Ribeiro da Silva], 1749. (Ed. 1749).**

AUREO TRONO EPISCOPAL,

colocado nas minas de ouro,

ou

Notícia breve da Criação do novo Bispado Marianense, da sua felicíssima posse, e pomposa entrada do seu meritíssimo, primeiro Bispo, e da jornada, que fez do Maranhão, o Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Manuel da Cruz, com a Coleção de algumas obras Acadêmicas, e outras, que se fizeram na dita função, Autor Anônimo, dedicado ao Ilustríssimo Patriarca São Bernardo, e dado à luz por Francisco Ribeiro da Silva, Clérigo Presbítero, e Cônego da nova Sé Marianense.

Lisboa,

Na Oficina de Miguel Manescal da Costa, Impressor do Santo

Ofício. Ano 1749.

Com todas as licenças necessárias.

DEDICATÓRIA

PRECLARÍSSIMO, E GLORIOSÍSSIMO SENHOR
SÃO BERNARDO.

“Esta humilde vítima do meu afeto, que ponho a vossos pés, não posso deixar de esperar que seja a coroa da vossa cabeça: sagrada ambição, e gloriosa usura se descobre na minha esperança, pois se promete ser lauro, que coroe a vossa elevada fronte, este pequeno tributo da minha veneração, que ainda não é digno de consagrar-se às vossas excelsas plantas. Mas esta é a fortuna das obras de argumento heróico, as quais merecem pelo Herói, de que tratam, o que não alcançam pelo Autor, que as escreve; e o que desagradam pela forma, recomendam na matéria. Toda a deste pequeno volume é o glorioso progresso daquele vosso amado, e especialíssimo filho o Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Manuel da Cruz, que da Sede Episcopal do Maranhão foi elevado ao novo Pontifical trono de Mariana. As virtudes deste grande Herói, em tudo filho de vosso espírito, do vosso exemplo, e da vossa exímia santidade, lhe deram o ascenso para o sólio, em que o venera este novo Bispado, como retrato da vossa ternura, da vossa suavidade, da vossa prudência, da vossa justiça, e da vossa compaixão. E se os filhos (diz o Espírito Santo) são a glória, e a coroa de seus pais, principalmente aqueles filhos, que dos pais santos buscam a semelhança da alma, e não a do corpo, como não havia de ser este vosso filho a coroa de vossa glória? Este é o novo diadema, que Vos ofereço por esmalte aos vossos imortais resplandores, e Vos peço que recebais em accidental aumento da vossa beata felicidade. E para que a mesma bem-aventurança no mundo se comunique a esta nova Diocese, conservai o espírito, dilatai a vida, felicitai a saúde com o vosso patrocínio ao nosso Excelentíssimo, e Reverendíssimo Prelado, para que criando aos seus novos filhos, e súditos com aquele suave néctar da graça, e celestial pão da doutrina, com que Vós o criastes a ele, lhe demos a ele tanta glória, como ele Vos dá a Vós; e assim como Vós sois o seu antigo radiante esplendor, seja o novo, inveterado, luzido ornamento deste Bispado, que, como criatura sua, também o respeita, e venera amoroso pai.”

Vosso humildíssimo devoto

Francisco Ribeiro da Silva.

LICENÇAS DO SANTO OFÍCIO

Aprovação do Muito Reverendo Padre Mestre Frei Francisco de Santiago, Ex-leitor Jubilado, Consultor do Santo Ofício, e da Bula da Cruzada

Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor.

São os livros os tesouros, em que se depositam as mais preciosas memórias para a posteridade; e o que hoje se escreve em papel, gravaram os antigos para memória de futuro em lâminas de metal. Em lâminas de fino ouro se devia esculpir o que contém este livro, que Vossa Eminência é servido mandar-me ver, para que à posteridade conste a criação do novo Bispado de Mariana, e a plausível, e pomposa entrada de seu meritíssimo, primeiro Bispo, que assim devia melhor o título do livro com a matéria, de que trata. Toda ela li, e vi, e nela não achei coisa contra a nossa Santa Fé, e bons costumes. Este o meu parecer, Vossa Eminência mandará o que for servido. Lisboa, 18 de julho de 1749.

Frei Francisco de Santiago.

Vista a informação, pode imprimir-se o livro intitulado: **Áureo Trono Episcopal**, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença, que corra, sem a qual não correrá. Lisboa, 10 de julho de 1749.

Frei R. de Lancastre. Silva. Abreu.

Amaral. Almeida. Trigoso.

DO ORDINÁRIO

Aprovação do Muito Reverendo Padre Mestre Frei José da Madre de Deus, Lente Jubilado, Examinador Sinodal do Patriarcado, e das Três Ordens Militares, e Ministro Consultor da Bula da Santa Cruzada.

EXCELENTÍSSIMO E REVERENDÍSSIMO SENHOR.

Vi por mandado de Vossa Excelência o livro intitulado: **Áureo Throno Episcopal**, colocado nas Minas do ouro; consta esta Obra de uma agradável notícia, da pomposa entrada, que fez no Bispado de

Mariana o seu digníssimo primeiro Bispo, e de uma Relação das Poesias, solenidades, e mais demonstrações de júbilo, e prazer, com que os moradores daquele Bispado obsequiaram ao dito Senhor, concorrendo com primorosa, e discreta emulação, para fazerem agradável, plausível, e vistoso o ato da posse, que tomou daquele seu Bispado. Assim nas obras, que neste livro se acham escritas em prosa, como nas que nele se contêm em verso, mostraram os seus Autores a agudeza dos seus engenhos, sutileza de seus conceitos, e elegância de seus discursos, porque compôs cada um deles uma harmoniosa música de diversas figuras retóricas, e fabricaram todos juntos um delicioso favo de erudição tão deliciosa, que ministra com doçura uma grande afluência de sublimes idéias: **Cuius a lingua melle dulcior fluebat oratio.** (Hom., in *Illiad.*) Por estas razões, e especialmente, porque neste livro não achei coisa alguma repugnante à nossa Santa Fé Católica, e bons costumes, me parece digno de se imprimir. Vossa Excelência mandará o que servido. Convento de Nossa Senhora de Jesus, 4 de agosto de 1749.

Frei José da Madre de Deus.

Pode-se imprimir o papel, de que trata, e depois torne para se dar licença para correr. Lisboa, 5 de agosto de 1749.

Dom José Arceb.

DO PAÇO

Aprovação do Muito Reverendo Padre Mestre
Pedro Correia.

SENHOR

Por mandado de Vossa Majestade vi a Relação da entrada, e posse, que tomou o novo Prelado da sua também nova Cadeira Episcopal da Cidade Mariana, a qual foi assunto; e não achei nesta tão exata narração coisa alguma, que se oponha às regalias, ou Decretos de Vossa Majestade, antes entendo será muito conforme ao seu Real agrado, que estes leais vassallos manifestem por este modo a estimação, que fizeram de uma tão Católica, tão pia, e tão zelosa resolução, qual a com que o seu generoso Monarca quis levantar esta Metrópole para bem dos povos, para melhor expedição de governos Eclesiásticos, e para melhor distribuição do pasto de tantas ovelhas, tanto mais famintas, quanto mais viviam afastadas do seu Pastor. Não é esta só Cathedral a que Vossa Majestade tem erigido no seu feliz reinado; mas não me consta que nenhuma outra se desentranhasse em tão expressivas demonstrações de aplauso, e de alegria. A ação da solenidade por este relatório bem mostra ser a mais solene, a mais

luzida, e aparatosa; e o Autor a descreve, e a representa com tão miúdas circunstâncias, com tais expressões de palavras, com tanta clareza de discurso, com tanta propriedade de vocábulos, que a está pondo à vista, e fazendo presente aos que por estarem distantes não tiveram a fortuna de se acharem em tão luzida função. A prosa, com que se explica o Autor, está elegante, grave, e desembaraçada. Os versos têm cadência, argúcia, e conceitos próprios dos assuntos, e do objeto. Em cada um do metro, de que se fez escolha, se acham praticadas as regras da Arte, e preceitos da Poesia; e sendo tudo tão digno do público, e comum aplauso, entendo se deve conceder a licença, que pede para este efeito Miguel Manescal da Costa. É o meu parecer, Vossa Majestade ordenará o que for servido. Lisboa, e Congregação do Oratório, 21 de agosto de 1749.

Pedro Correia

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Ofício, e Ordinário, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença, para que corra, que sem ela não correrá. Lisboa, 23 de setembro de 1749.

Almeida. Castro. D. Quint.

O país das Minas, que é o mais útil à Lusitânia entre os vastos domínios da sua Coroa, não só se acha falto das utilidades temporais, que convidavam aos Portugueses a sofrer um desterro voluntário naqueles sertões, mas não tinha ainda toda a cultura espiritual necessária para a salvação das almas. A causa principal deste defeito era a extensão do Bispado do Rio de Janeiro, ao qual desde a sua criação pertencia àquele áureo, e dilatado Empório. Fica este em grande distância da Capital do mesmo antigo Bispado, e por isso chegava às Minas com menos vigor do que era necessário à disciplina Eclesiástica.

Ocorreu ao incômodo, que padecia o rebanho de Cristo naquelas terras, o grande zelo, e piedade Católica do Sereníssimo, e Augusto Rei de Portugal o Senhor Dom João V tão incansável no aumento da verdadeira Fé, e Religião, como singular na fundação, e providência de Igrejas Episcopais nos seus Estados. Para conseguir esta empresa, agradável a Deus, e útil aos homens, determinou o mesmo Soberano pedir ao supremo Pastor da Cristandade a divisão da referida Diocese, criando nela mais duas Catedrais, uma na Capitania de São Paulo, e outra na das Minas.

Mas deixando ao silêncio os progressos daquele novo Bispado, enquanto a pluma de algum seu Cronista não se incorpora nas asas da fama, para levar ao mundo a notícia da sua felicidade, prossigamos o que pertence ao nosso argumento, que é o Bispado das Minas, novíssimo entre todos os da dominação Lusitana.

Em 23 de abril de 1745 fez o mesmo Augusto Monarca subir às Minas o primeiro degrau para a grandeza, a que as destinava; pois no dito dia por Decreto firmado de sua Real mão criou nova Cidade a antiga Vila do Carmo da mesma Capitania. Foi mercê especial de Sua Majestade aquela nova criação, porque nas meras graças só influi o ânimo Régio dos Príncipes que dá todo o mérito aos que querem exaltar. Porém sobre este privilégio não faltava à dita Vila merecimento para conferir-se-lhe por justiça o que só lhe deu por graça.

Ela é a mais antiga povoação daquela Província, por isso devia ser a primeira para o aumento. Ela foi o refúgio do Excelentíssimo Dom Pedro de Almeida, então Conde do Assumar, depois Marquês do Castelo-Novo, e hoje Marquês de Alorna, o qual na sublevação daqueles povos no ano de 1720 sendo Capitão General das mesmas Minas, achou na lealdade Carmelitana a segurança, que não tinha nas outras Vilas do seu governo; e esta fidelidade para com o Príncipe secular habilitava o Carmo para merecer o trono do Eclesiástico, como mereceu com o nome de Cidade Mariana. Fica esta no meio, ou no coração daquele novo Bispado, e por isso mais cômoda para se participar a todo o seu âmbito com igualdade o vital alento da graça com a doutrina do seu sagrado, venerando Pastor.

Para este honorífico, Apostólico emprego se requeria um varão tão santo, virtuoso, prudente, e experimentado, como devia ser, para lançar a pedra fundamental na espiritual edificação daquela nova Diocese, pois a seu exemplo se havia de criar as novas ovelhas do desmembrado aprisco. E porque no Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Manuel da Cruz, Monje da preclaríssima Ordem de São Bernardo, e quarto Bispo, que no tempo da divisão referida era do Maranhão, se desempenhava a perfeita idéia de um Prelado completo para a nova criação da Catedral e Bispado Marianense, lhe deu Sua Majestade a nominata de primeiro Bispo de Mariana.

Entende-se que ao tempo, em que o mesmo pio Monarca propôs à Sé Apostólica a divisão do território do Rio de Janeiro, supplicou também a confirmação do Prelado, que elegera para a Diocese Marianense; porque sendo declarado o intento desta divisão em 23 de abril de 1745 pelo Decreto Régio, que fica dito, aos 15 de dezembro do mesmo ano se expediram em Roma as Bulas, pelas quais Sua Santidade confirmava a eleição, que aquele Augusto Rei tinha feito na pessoa do Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Manuel da Cruz para Bispo do referido novo Bispado. E também porque chegando no dito ano a Frota do Maranhão ao porto da Cidade de São Luís, capital daquele Estado, nela foi ordem del-Rei ao Excelentíssimo e Reverendíssimo Prelado, para que se passasse logo à nova Diocese, a que fora promovido.

Com santa resignação aceitou Sua Excelência Reverendíssima o preceito, e especial favor Régio, como ânimo pronto de pôr logo em execução a partida; mas por mais que a obediência queria cumprir a ordem, os embaraços impediam o efeito. A estação do ano, em que chegou a dita Frota, já não dava lugar a fazer a perigosa jornada, que pela travessia do sertão determinou Sua Excelência Reverendíssima seguir para a Capitania das Minas Gerais, para o que nem todo o tempo é conveniente. A equipagem e provisão necessárias para tão larga derrota também não se podiam aprontar com facilidade. E à vista destes e outros semelhantes obstáculos respondeu o Excelentíssimo Prelado a El-Rei, que só no ano de 1746 podia pôr-se a caminho.

Bem se persuadia o novo Bispo Marianense, que no tempo assinalado poderia cumprir o seu desejo; não porque ele o tivesse de viajar com tanto incômodo, e perigo, como prometia a futura jornada, pois o trabalho antecedente de visitar pessoalmente toda a Diocese do Maranhão, e a incansável vigilância, com que regia as suas ovelhas, só pediam a sua quietação, e descanso naquela terra, e de nenhum modo convidavam a nova fadiga por caminhos tão distantes, como desertos, por tão remotos, e ardentes climas, como são aqueles sertões, mas por concorrer com a piedade católica daquele Monarca, que se mostrava desvelado, e impaciente na criação do novo Bispado de Mariana, para aumento do louvor de Deus, e melhor direção espiritual dos seus súditos.

Porém Deus, que com altíssimos, e incompreensíveis fins dilata até os pios desejos dos homens, permitiu que não se pudesse conseguir o premeditado intento; porque no ano de 1746 não foi a Frota ao Maranhão, sem a qual não se podiam prover os víveres necessários para a digressão de caminho tão largo. Isto se remediou na Frota, que em 1747 chegou àquele porto, na qual, havida a provisão oportuna, logo Sua Excelência Reverendíssima determinou partir; e apressando-se com a brevidade possível, partiu com efeito, e principiou felizmente a sua jornada em 3 de agosto do dito ano de 47.

Neste trânsito cercaram a Sua Excelência ponderosos cuidados, não só pela consideração de seguir forçosamente uma derrota tão laboriosa, e arriscada, mas por deixar os antigos súditos, que amava como filhos. Não eram menos extremosos da parte destes os afetos, quando em todas as partes daquele Bispado não se ouviam mais que lágrimas, e suspiros, com que lamentavam a eterna ausência do Excelentíssimo Prelado, que os tratava como pai, suave na correção, inflexível na justiça, compassivo na caridade. Antes da partida, despediu o Prelado do seu digníssimo sucessor, e do Governador daquela Capitania, também se despediu do Reverendo Cabido, e de cada um dos Ministros da Cathedral, dos Religiosos dos Conventos, e dos Ministros Régios daquela Cidade, e a esta urbanidade corresponderam todos

com excessivos prantos, sinal da saudade, e dor, que sentiam inconsoláveis pela sua falta.

Ao partir no dia referido 3 de agosto, acompanharam ao Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Bispo até à praia, seu sucessor o Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Francisco de Santiago, o Governador do Estado, todo o Clero, as Comunidades de Religiosos, os novos Ministros seculares, que tinham chegado da Corte na sobredita monção, os velhos, que na Frota se haviam de recolher ao Reino, os Cabos da mesma, toda a Nobreza, e povo da Cidade, queixando-se este com público, extremoso sentimento da breve duração daquele Prelado na sua terra, onde sempre o desejavam para ser seu pai, como o tinham experimentado no decurso de oito anos, um mês, e dezessete dias, que o possuíram gostosos, pois tinha entrado naquela Cidade a 15 de junho de 1739.

Embarcou Sua Excelência Reverendíssimo numa grande, e bem equipada barca, lançou a todos a santa bênção; e atravessando a Baía do porto Marananiense, passou à outra banda a pernoitar num Hospício do Senhor do Bonfim, sujeito aos Religiosos Carmelitanos, até ao qual em muitos batéis, e outras embarcações acompanharam ao despedido Prelado todos os Ministros Régios, muitos Religiosos, numerosa Cleresia, os Capitães da Frota, e muitas pessoas principais da terra.

Ao primeiro movimento de bater os remos, e largar as velas, se repicaram os sinos da Sé, e das mais igrejas da Cidade: deram salva as fortalezas, e todos os navios, que estavam surtos naquele porto; e ouvindo-se entre este confuso estrondo um grande rumor de lágrimas, e alaridos daqueles, que ficavam na praia, dando emboras, e vivas ao navegante Prelado, resultava deste desordenado alvoroço uma suave harmonia do aplauso, do amor, da saudade, e da veneração. Concluiu Sua Excelência enfim no referido Hospício dos Carmelitas a sua primeira jornada, como se neste lugar estivesse o favorável auspício, de que a sua derrota havia de ter bom fim na Cidade do Carmo, que é a Mariana, Capital da Diocese, a que se dirigia.

Ao amanhecer o dia seguinte, que era a 4 de agosto, tornou Sua Excelência a tomar a sua barca, e nela seguiu viagem de vinte dias pelo rio Itapicuru até às Aldeias Altas. Foi esta navegação feliz pelo sucesso, mas cheia de sustos pelas muitas cachoeiras, que tem o dito rio, e molesta pelos inumeráveis mosquitos, de que abunda a paragem. Nas Aldeias Altas se demorou Sua Excelência quinze dias, esperando pela cavalaria para a sua condução; mas chegada no fim do dito tempo, se aprestou tudo com brevidade, e se continuou a jornada até o Piauí, onde se deteve sete meses, tanto para descansarem os cavalos, como para deixar passar o inverno, em cujo tempo não se podia seguir a marcha por aquele clima sem evi-

dente risco na vida, e na saúde. Assistiu o Excelentíssimo Prelado todo aquele intervalo da sua derrota na Canavieira, sítio, e casa do Capitão-Mor Antônio Gonçalves Jorge, homem honrado, e abundante, como mostrou no agasalho, com que mereceu o agrado de Sua Excelência, e a obrigação da sua família.

Era o princípio de outubro, quando principiou aquela honrosa hospedagem; e como esta necessariamente havia de ser diuturna, porque a estação do ano não permitia viajar pelo sertão, para que não se experimentasse o dano, que costuma ocasionar o ócio, determinou Sua Excelência à sua família horas certas, em que se applicasse ao estudo das letras. No oratório, que tinha a casa, e estava rica, e primorosamente ornado, por ordem do mesmo Senhor se cantava todas as noites a Ladainha de Nossa Senhora, e se faziam outros exercícios espirituais com muito fervor, e devoção, sendo o primeiro, e indispensável entre todos o da oração mental.

No mesmo facelo se oficiaram também decentemente muitas funções Eclesiásticas, principalmente a do Nascimento de Cristo, as da Quaresma, da Páscoa, e outras festas, que ocorreram no dito tempo, e a elas concorriam muitas famílias inteiras de grandes, e não consideráveis distâncias. Por esta causa naquela, e nas mais partes, por onde passava, e se detinha Sua Excelência, era não só admirável a edificação dos fiéis, mas ficavam todos aqueles moradores tão sentidos, como saudosos na sua ausência, desejando cada um deles ter o merecimento, e a consolação de ir na comitiva deste santo Prelado, para gozar daquelas celestiais delícias, e santos exercícios, em que se ocupava com os seus familiares.

Na estância do Piauí, que ainda é do Bispado do Maranhão, visitaram a Sua Excelência Reverendíssima os Ministros Eclesiásticos, os seculares, e as pessoas principais daquela Capitania repetidamente, sendo maior o concurso, e desvelo de todos, quando o dito Senhor aí se sangrou por ocasião de moléstia, que padeceu, da qual, ainda que logo principiou a conhecer melhora, não se restabeleceu inteiramente, senão no fim de dois meses. Foi esta felicidade aplaudida com júbilo de todos, pois a todos custava ansiosos cuidados e cuidadosa perturbação a sua queixa.

Neste tempo, e na mesma Canavieira recebeu o Excelentíssimo Bispo Marianense cartas de algumas pessoas do seu novo Bispado, conduzidas por Alexandre Ribeiro do Couto, Clérigo Minorista. Informado Sua Excelência do estado daquela Diocese, resolveu remeter o mesmo portador: escreveu por ele, e mandou tomar posse do seu Bispado, para o que fez eleição do Muito Reverendo Doutor Lourenço José de Queirós Coimbra, vigário colado da freguesia de Vila-Real do Sabará, e em sua ausência do Muito Reverendo Doutor Manuel da Rosa Coutinho, Vigário da Vara do Rio das Mortes, mandando para o dito fim os poderes necessários.

Mas para referirmos os efeitos desta mensagem, deixemos a Sua Excelência no descanso e quietação, de que necessitava, tanto para convalescer da sua queixa, como para se refazer do trabalho do caminho, e prossigamos com o dito Minorista a narração da sua jornada, da qual podia dizer com mais pasmo, que o outro, que dizia: **Vim, vi e venci**, porque excede quase a fé humana o maravilhoso deste sucesso.

Partiu Alexandre Ribeiro da Canaveira em 7 de dezembro de 1747, em direitura à Vila-Real do Sabará nas Minas, onde era a residência do primeiro Ministro nomeado para a posse, e governo da nova Diocese. E sendo a jornada comum da dita distância quatro meses, ou mais tempo, em estação temperada, e conveniente, o dito portador na idade mais ardente do ano, qual é o dezembro, e o janeiro naquele clima, onde se fazem intratáveis os caminhos, venceu em menos de dois meses a derrota, pois chegou àquela Vila em 2 de fevereiro de 1748. Divulgou-se a notícia da novidade não esperada naquele tempo, e aplaudiu-se com luminárias e outras demonstrações públicas do gosto, e estimação daqueles moradores, que a festejaram estrondosamente, distinguindo-se entre os mais súditos com duplicados motivos: um pela felicidade geral do Bispado na posse do próprio Pastor; outro pela glória particular de ser o seu Pároco devidamente eleito para ministério tão honorífico, merecido pelas suas qualidades, das quais se dará em seu lugar mais individual conhecimento.

Logo que o novo Reverendíssimo Governador recebeu os poderes, expediu os avisos necessários à Capital do Bispado, onde chegou a notícia em 4 de fevereiro referido, e foi recebida com alvoroço e inexplicável contentamento de todos. Também partiu para o Rio de Janeiro um próprio com cartas ao Excelentíssimo Gomes Freire de Andrade, General desta, e daquela Capitania, o qual se achava então na mesma Cidade da Marinha, para que mandasse as Bulas necessárias para se tomar a posse, entendendo-se que Sua Majestade lhas tinha enviado, para as entregar ao novo Bispo, quando ele chegasse ou as pedisse.

A grande invernada, que houve naquele tempo, fez demorar a resposta mais do que permitia o grande desejo, com que se esperava. Chegou enfim, mas sem as letras Apostólicas, que se pediam, por não estarem em poder do dito Excelentíssimo General, e não as querer dar o Excelentíssimo, e Reverendíssimo Bispo do Rio de Janeiro, onde paravam, com o fundamento, de que da Secretaria de Estado lhe foram enviadas com ordem de que as não entregasse, senão ao novo Prelado Marianense. Conturbou-se o gosto das Minas, que era excessivo, vendo-se baldada a sua esperança com a falta do testemunho Pontifício, necessário para a ação, que se pretendia.

Mas considerado, e consultado com a prudência, e madureza necessária este importante negócio, resolveu o Reverendíssimo Gover-

nador tomar a posse, para a qual não faziam falta as letras Apostólicas, nem se achava repugnância em Direito Canônico; porque não só se sabia pela asserção do Excelentíssimo Prelado do Rio, que estavam em seu poder as Bulas para o bispo marianense, mas appareceu uma carta firmada do Real punho, na qual atestava Sua Magestade, que tinha nomeado ao Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Manuel da Cruz, bispo do Maranhão, para bispo de Mariana, e que Sua Santidade confirmara esta eleição, e tinha o mesmo Soberano todas as Bulas necessárias para o seu provido tomar posse; e na mesma carta ordenava ao dito Excelentíssimo General, que lhe desse ajuda, e o conservasse, sendo necessário; e esta atestação Régia não só tirava toda a dúvida, mas induzia uma certeza indubitável, de que havia as letras Apostólicas necessárias de Direito para a possessão pretendida.

Com esta madura, e jurisprudente deliberação, em 25 do dito mês de fevereiro saiu o Reverendíssimo Governador de sua casa acompanhado do Doutor Ouvidor Geral do Rio das Velhas do Sabará com numeroso Clero, e a gente mais nobre, e luzida da mesma Comarca, que vestida de gala em vistosa tropa o acompanhou até à Cidade Mariana. Pernoitou aquele dia no arraial do Rio das Pedras, no seguinte em Vila Rica, donde mandou à dita Cidade as ordens para o receberem no dia futuro, que eram 27 do mesmo mês, pois nele havia de fazer a sua entrada pública, para o que estava a terra preparada com o maior alvoroço.

Amanheceu o dia alegre, como núncio do prazer, que todos esperavam alvoroçados: armaram-se as ruas da entrada com muitas sedas, e outras tapeçarias, que permite o país, com tão boa ordem, e tanta riqueza, que este vário prospecto de opulência, e primor infundia novo prazer nos ânimos. Vestiram custosas galas os Ministros de Sua Magestade, os Senadores, as pessoas principais da Cidade, e do termo, montados todos em generosos e bem ajaezados brutos, e a horas competentes saiu a Clerezia com o seu ministro, e todo o mais concurso a esperar o novo Governador, ficando-se pondo em ordem as companhias da Ordenança para lhe fazerem obsequiosos, militares cortejos.

Avistou-se de longe a flamante comitiva, que trazia o Governador, e tão numerosa, que parece não se podia contar, porque vinha todo o acompanhamento, com que saíra do Sabará, os Ministros Régios, os Eclesiásticos, os Párocos, e Sacerdotes com as pessoas de maior distinção de Vila Rica; o que junto com os da Cidade fazia uma tropa tão avultada, que não cabia no caminho, e era igual à multidão o lustre dos cavaleiros. O luzimento ainda não se viu maior, o número parece incomparável em semelhantes funções: há quem diga que os cavaleiros passavam de mil. Se bem que tudo teve grande diminuição com uma grossa pancada de água, que repentinamente

choveu, a qual suposto danificou o ornato das ruas, e o esplendor da tropa, senti-me menos a custosa perda dos vestidos, jazes, e tapeçarias, do que o deslustre accidental, que ocasionou a inconstância, e variedade do tempo.

Com o gosto aguçado entrou toda a comitiva na Cidade da uma para as duas horas depois do meio-dia. Estavam formadas com boa ordem as companhias, que sofreram a chuva a pé quedo, por não faltarem à honra militar, que era obsequioso tributo dos seus afetos àquele honrado hóspede: encaminhou-se a tropa dos cavaleiros para as casas, que o Reverendíssimo Governador mandara preparar à sua custa; e deixando-o nelas, cada um se recolheu às suas; e os de fora, onde se lhes ofereceu comodidade.

Tornou o dia à serenidade, com que amanhecera: refloresceu o gosto, que em parte se murchara com o passado desar do inopinado chuveiro. Vestiram-se todos de novas galas; e sendo pelas quatro horas da tarde, buscaram a pousada do Governador, que saiu acompanhado deste lustroso concurso, dirigido à Igreja Matriz da Cidade, onde se havia de fazer a função Cinquenta passos, ou mais, antes de chegar à dita Igreja, o estava esperando o corpo do Senado da Câmara, e o acompanhou até à mesma.

É aquele Templo grande, e majestoso; mas ficou muito pequeno para a multidão do concurso, que foi o maior, que até então tinha visto em si. Estava rica, e primorosamente ornado; à entrada da parte da Epístola se via prevenido o lugar, em que havia de paramentar-se o novo Governador, o qual foi recebido com toda a honra Eclesiástica, que o Cerimonial manda.

Tomou a cadeira, que lhe estava preparada sobre um estrado com seu espaldar de damasco carmezim, e a cadeira era de veludo da mesma cor. Mandou ler a Procuração de Sua Excelência Reverendíssima; e assinado o termo da posse, que escreveu um Notário Apostólico, se revestiu o Governador com Amito, Alva, Cingulo, Estola, e capa Pluvial: recebeu a Mitra, e Bago Episcopal pelo seu Excelentíssimo Constituinte: entoou-se, e prosseguiu-se a cantar o Hino: *Te Deum laudamus*; e soando o júbilo da música entre as lágrimas de alegria, se patenteou um contentamento público, e sem igual.

Recebido debaixo do Pálio, cujas varas levavam os Cidadãos, continuou a Procissão até à Capela-Mor, onde, absolvida a ação de graças, subiu o Reverendíssimo Governador ao trono Pretalício, e nele recebeu a devida reverência, e sujeição de todos os súditos, que da nova Diocese gostosos se achavam presentes, sendo em tudo seus Assistentes, desde que se paramentou, o Muito Reverendo Antônio Pereira da Cunha, e o Muito Reverendo Manoel de Pinho Cardido, ambos Cônegos, e o segundo Magistral da Sé do Rio de Janeiro.

Acabada esta função, e depostos os paramentos, se recolheu o Reverendíssimo Governador à sua casa com o mesmo acompanhamento luzido.

Anoiteceu; mas as luminárias, que arderam, deram a entender que tinha renascido o dia, quando principiava a noite; nesta, e nas quatro seguintes mostraram em vistosos outeiros as áureas Musas daqueles montes, que também Apolo presidia no Carmo, e que o Ribeirão nascia corrente de Aganipe. Nos ares mostrou o fogo com agradável artifício o afeto flamante, que não se podia conter nos corações, porque tudo eram públicas demonstrações de alegria, sinais manifestos de ingente júbilo.

E para mostrarem os venturosos súditos que sabiam gratificar particularmente a Deus este benefício, quando o reconheciam da sua poderosa mão, lhe deram as graças numa soleníssima festa, qual, porque o vinte e oito do dito mês era ocupado com a função Eclesiástica da Cinza, se oficiou com o Santíssimo Sacramento exposto, grande pompa, e concurso no dia seguinte, que era a vinte e nove de fevereiro. Nesta função orou o Muito Reverendo Doutor José de Andrade e Moraes com tanta energia, e novidade, como tem feito conhecer ao público nos Sermões, que já deu à luz.

Concluídos estes obséquios, e os cortejos devidos ao Reverendíssimo Governador, principiou, e continuou este o seu governo com tanta moderação, prudência, e acerto, que satisfez a todos em geral, e mereceu particular aprovação, e eximiu louvor de Sua Excelência Reverendíssima. Tinha o dito Senhor recomendado, que no mês de maio de 1748, tempo, em que projetava prosseguir a sua derrota, saindo da Canaveira, se fizessem Preces públicas na nova Catedral de Mariana com uma novena a Nossa Senhora, para que o dirigisse em paz, e o guiasse felizmente ao último termo daquela jornada. Cumpriu-se o dito preceito não só com grande culto, e devoção nas Preces Novenárias, mas com uma soleníssima Missa, na qual esteve o Santíssimo patente, e pregou com erudição, e facúndia, em tudo filha do seu especioso talento, o Muito Reverendo Doutor Geraldo José de Abranches.

Todo o Bispado teve santa estimulação das rogativas da sua Capital, por se querer interessar no desejado fim daquela deprecação. Era o Excelentíssimo Bispo o mais desejado pela fama das suas virtudes: é inexplicável a insofrível expectação, que todos tinham da sua vinda. Não havia pessoa de todos os estados, e condição, (ainda servil) que não desejasse ver o novo Prelado no seu trono, e por isso em todas as Paróquias da recém-criada Diocese se fizeram Novenas; e em algumas com tanto estrondo, que as concluíram com Tríduo de Missas cantadas, Senhor exposto, e Sermões, como se fez no Sabará, que sempre soube distinguir-se em todas as ações res-

pectivas à felicidade do Bispado, e do seu primeiro Bispo, com o qual continuaremos agora a jornada na certeza do feliz sucesso, que lhe asseguravam tão devotas, como multiplicadas intercessões.

Restituído já Sua Excelência à sua antiga saúde, passado o inverno, e pronta toda a equipagem, se pôs em marcha a vinte e dois de maio de 1748, deixando cheios de saudade os que o trataram benigno naquele intervalo preciso da derrota, que seguia. Tomou o caminho da povoação do Paranaguá, última freguesia do Bispado, que deixava. Acompanhou-o o Doutor Ouvidor Geral da Comarca do Piauí com outras pessoas de distinção, e alistaram-se as necessárias para a defesa do Gentio Guegué, que infestava bárbara, e atrevidamente as estradas daquele sertão perigoso até pelo acoметimento quase inevitável do referido inimigo; pois para o evitarem as viandantes ordinários, esperam que se ajuntem muitas tropas de gente para passarem unidos, e mais defensáveis aquela travessia. Com rigoroso trabalho, e não pouco sentimento se venceu a jornada até o Paranaguá, porque adoeceram gravemente quase todos os familiares de Sua Excelência, moços, e escravos, dos primeiros morreram dois, e um dos últimos.

Demorou-se ali o Excelentíssimo Bispo alguns dias, ainda que poucos, para tomarem os enfermos alguns remédios, de que necessitavam. Pouca foi a melhoria, que tiveram os doentes; mas por aproveitar o tempo oportuno para a jornada, se puseram a caminho, pois Sua Excelência continuava a derrota. Despedido do Doutor Ouvidor, saiu daquela povoação, duas léguas fora dela o acompanhou o mesmo Ministro Régio com o melhor dos habitantes daquele país, os quais estenderiam mais esta demonstração do seu obséquio, se o dito Senhor lho permitira; mas por não dar incômodo a quem o cortejava, e por evitar mais embaraços à digressão, que fazia, se despediu afável, e agradecido de todos, e prosseguiu com os seus o caminho. Nele por quatro, ou cinco dias serviu de guia principal o Reverendo Vigário da última referida povoação, e chegou até o Brejo do Lucas, bem conhecido na América pelo nome, e pelo sítio, pois fica junto a um grande serra chamada a Boa Vista, que divide os Bispados do Maranhão, e Pernambuco.

Subiu Sua Excelência à eminência daquela serra; e descobrindo do alto dela muitas terras do Maranhão, lhe lançou a santa bênção, deixando-o para sempre tão saudoso, que serão eternas naquele continente as suas memórias. Continuou a derrota até a barra do Rio Preto, lugar chamado a Manga do Rio Grande, e distante trinta léguas da sua barra. Ali, porque Sua Excelência, e a sua família vinham já muito molestadas, e a sua tropa tão destroçada com a magreza, e feridas dos cavalos, que já não podiam com as cargas, se embarcou o mesmo Senhor com parte dos seus familiares na

dita barra do Rio Preto num dia pelas onze horas da manhã; e navegando por ele com felicidade, tomou porto pelas sete horas da noite do dia seguinte na povoação da barra do mesmo Rio Grande, que a faz ali no rio de São Francisco.

Nesta povoação, (pertencente ao Bispado de Pernambuco) que é mais de cem vizinhos, e muito capaz de ser uma nobre Vila, foi Sua Excelência recebido com afetuoso júbilo, e estrondoso aplauso dos seus moradores. Fizeram estes todas as demonstrações da veneration, e obséquio a um Príncipe de tão grande, e respeitoso nome, como é o Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Manoel da Cruz, ao qual já esperavam antecedentemente com ânsia, e alvo-roço, nascido da fama de suas incomparáveis virtudes.

Na entrada daquela povoação não só receberam ao peregrino Prelado com as honras do Cerimonial em semelhantes funções, mas singularizaram o seu afeto aqueles habitadores da barra do Rio Grande com festejos públicos: iluminou-se toda a terra de noite com tanto lustre, que bem podia a demonstração deste cortejo apostar vantagens com as funções mais solenes de algumas cidades da América. Também houve curiosos, que, por aliviarem a Sua Excelência da moléstia de tão prolongado caminho, intentaram alguns obséquios cômicos. E até com ficar a Aganipe tão remota do Rio de São Francisco, nele não faltaram Musas, que em bem concertados metros festejaram a vinda deste Prelado às suas praias, cujas obras, ainda que muito merecedoras da luz pública, se não estampam, por não fazer mais extensa esta breve relação.

Com todos estes afetos, e outros efeitos da sua alegria quiseram aqueles moradores não só aplaudir, mas também obrigar ao Excelentíssimo Prelado a que os fizesse mais tempo mimosos da sua desejada presença; mas não pode condescender com este desejo, por mais que com instâncias corteses, e devotas súplicas lhe rogaram, que se demorasse ali mais alguns dias, pois na precisão de continuada derrota, que trazia, qualquer pequena, e desnecessária demora podia fazer perder a estação do tempo oportuna para a marcha. Com este desengano trocou-se o gosto em pesar; e em gratificação dos obséquios recebidos, nos poucos dias, que aí esteve, fez Sua Excelência àqueles moradores a graça de os crismar, para o que foi rogado por carta do Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Bispo daquele Bispado, que lhe cometeu todas as suas vezes, e poderes.

Partiu Sua Excelência daquele lugar, e foi o seu apartamento tão sentido, que todo o povo de um, e outro sexo, saudoso, e cheio de lágrimas, o acompanhou até a praia do Rio de São Francisco, no qual o dito Senhor se embarcou com a sua família na barra do dito rio: navegou por ele acima até a barra do Rio das Velhas, última freguesia do Arcebispado Baiense por aquela parte.

Nesta, e em todas as mais Paróquias, e Capelas da referida Metrópole, que estavam à beira do mesmo rio, ou apartadas dele no caminho, que fazia, crismou Sua Excelência mais de seis mil almas, para o que também o rogou o Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Arcebispo da Bahia, e a maior parte das ditas pessoas vinham em distância de cinqüenta léguas, e mais, só para serem confirmados na Fé com o santo crisma, e por verem naqueles desertos um Prelado Sagrado, pois não tinham memória de que outro algum se expusesse às asperezas do mesmo sertão.

Foi sem dúvida feliz a viagem, que Sua Excelência fez desde o Rio de São Francisco até a barra do Rio das Velhas, pois sem embargo das demoras, e falhas de quinze dias, que lhe ocasionara a administração da crisma, e outros accidentes, que sempre se oferecem em semelhantes derrotas, venceu em quarenta e cinco dias mais de duzentas léguas de distância, navegando contra a corrente do rio: circunstâncias, que fazem persuadir a todos, que sem milagre, ou ao menos sem especial concurso de Deus, não se podia com aquela brevidade de tempo vencer tão larga distância. E fora a navegação ainda mais próspera, se antes de chegar a São Romão (última freguesia do sertão de Pernambuco, e a mais dilatada da América, pois se estende a mais de duzentas léguas o seu continente) não houvera os dois seguintes sucessos.

O primeiro foi este. A 19 de agosto, véspera de São Bernardo, quase às Ave Marias, estando o tempo sereno, principiaram a armar-se duas trovoadas, uma da parte do Sul, e outra do Norte, a tempo, que não se podia evitar o perigo, porque as barcas seguiam um canal pelo meio do rio, e dos lados ficavam dois bancos de areia, que impediam buscar a terra para dar fundo. Com grande susto venceu Sua Excelência o dito canal, e tomou porto duas léguas abaixo da Carunhanha; mas ficou embarcado na sua barca, e a sua família em outra.

Estando surtos, cresceu a tempestade, e com ela o perigo, o qual seria maior no dito canal, onde era inevitável o naufrágio. Enfureceu-se o vento, impeliu as ondas com tanta fúria, que sendo as barcas bastante levantadas, lhes metia a água por bordo. Na barca da família se rezava devotissimamente a Ladaina de Nossa Senhora; e ao tempo, em que se repetia: **Pater de Caelis Deus**, se ouviu uma voz, que dizia: **Acudam à barca do Senhor Bispo, que se sossobra**. Acudiram todos com a maior pressa, e vestidos, e calçados se meteram na água: entraram na embarcação de Sua Excelência, donde o tirou às costas o Reverendo Padre Antônio Soares Freire, e o pôs seguro em terra. Ali coberto com capotes, e chapéus de sol sofreu o dito Senhor a força da trovoada, que durou pouco mais de uma hora, sem se poder averiguar depois de quem era a voz,

que avisou do perigo, e encheu a todos de susto, e confusão incomparável.

O segundo caso foi, que antes de chegar à sobredita Paróquia de São Romão, adoeceu Sua Excelência tão gravemente, que a moléstia o obrigou a sangrar-se quatro vezes dentro na mesma embarcação, na qual prosseguiu a viagem, e continuou o remédio, porque a queixa também continuava, e por esta causa não crismou na dita freguesia de São Romão, com tanto sentimento dos seus moradores, por não receberem aquele benefício, que esperavam, como do dito Senhor, por não vir em estado de poder-lho fazer.

Chegou Sua Excelência à barra do Rio das Velhas com melhoria na saúde, mas não tão firme, que não necessitasse de descansar alguns dias, para refazer-se da debilidade, em que o pusera a queixa e curar uma inflamação, que lhe ocasionou a sangria com tanta gravidade, que lhe não consentia calçar-se, pelo qual motivo não podia crismar naquela povoação. Porém o muito povo, que em São Romão, de distância de cinquenta léguas, esperava ao Excelentíssimo Bispo na praia do Rio São Francisco com Pálio, e as mais honras devidas (as quais se lhe fizeram em todas as partes, por onde passava) com uma descupável emulação de os mais moradores haverem conseguido o benefício, que eles não puderam alcançar pela indisposição do dito Senhor, o seguiu à barra do Rio das Velhas, e numa manhã lhe cercaram a casa, em que residia, com tão humildes, e repetidas súplicas para os crismar, que ainda que Sua Excelência antecedentemente estava resolvido a não lhes deferir, como queriam, por não se achar convalescido de todo, o moveu à compaixão a mandar-lhes dizer, que crismaria, se se fizesse uma casa suficiente com oratório perto daquela, em que estava, visto que esta não tinha a comodidade necessária para aquela ação, e o dito Senhor não tinha forças para poder ir mais longe; e este oferecimento foi agradecido de todos em altas, e repetidas vozes com muitos vivas.

De tamanha alegria se encheu todo aquele povo, que mancomunando-se todos para o preciso aparato, e ajudando-se uns aos outros, no mesmo dia fizeram uma grande barraca com um rico, e bem ornado Altar, muito suficiente para a função da crisma, que houve logo na noite do mesmo dia, e para ela foi Sua Excelência vestido em hábito Episcopal, mas encostado a uma bengala, por não poder firmar-se no pé inflamado. Crismou muitas almas na mesma noite, e no dia seguinte acudiu tanta gente, que para os não desconsolar, lhe foi preciso continuar a mesma graça em mais dois dias.

Recebido por todos os que o necessitavam, e eram capazes dele, o Sacramento da Confirmação, o Excelentíssimo Bispo já melhorado, e pronta a nova equipagem, que naquele lugar era necessária para se concluir a derrota, ordenou Sua Excelência, que as muitas pessoas

Eclesiásticas, e seculares, que do novo Bispado das Minas Gerais o foram buscar ao do Maranhão, e outros, que o encontraram até aquele lugar da barra, se adiantassem, retrocedendo na marcha, que tinham feito, pois o amontoar gente a sua comitiva era impossibilitar os cômodos necessários para todos, e o país não era abundante de comodidades.

Com esta prevenção continuou o dito Senhor com a sua família a jornada a vinte de setembro em direitura à Cidade Mariana; e como se poupava ao trabalho, veio crismando por todas as Capelas, por onde passava, como até ali fizera. Por cuja razão todos aqueles habitadores do sertão com mimos, e regalos dos mais deliciosos frutos, que produz aquela terra, demonstravam o afeto, que se devia à sua benignidade, e a obrigação, em que os deixava a graça, que lhes fizera, fazendo-se mais distintos, que todos, na profusão destes presentes, e no estrondo de caixas, clarins, e salvas militares, com que o aplaudiam, quando o avistaram das suas fazendas, que têm à margem do rio de São Francisco, os moradores de uma, e outra parte do mesmo rio.

Entrou Sua Excelência no próprio Território, e logo o encontrou um próprio com cartas do Doutor Ouvidor Geral, Juizes Ordinários, e mais Officiais da Câmara de Vila Real do Sabará, os quais lhe rogavam com urbanas súplicas, e instantes rogos quisesse honrar aquela Vila, fazendo por ela caminho, e descansando nela de algum trabalho da jornada, já que ali não podia repousar de todo. Não assentiu o dito Senhor aquelas rogativas, por evitar as muitas despesas, que haviam de fazer os moradores da dita Vila com o fasto, que preparavam para a sua entrada, e assim respondeu às cartas, escusando-se politicamente daquela jornada.

Desde que chegou ao seu Bispado, o acompanharam os soldados de cavalo, que por ordem do Excelentíssimo General daquela Capitania já o esperavam, e recebeu carta do Ajudante de Tenente Bernardo da Silva Ferrão, que por ausência do mesmo General tinha o governo, na qual lhe dizia ter comissão do seu Superior para pôr tudo pronto na sua entrada, e que para melhor execução das ordens, que tinha, lhe pedia o fizesse certo do dia, em que a poderia fazer.

Respondeu que de mais perto faria o aviso; mas foi com o designio oculto de não o avisar, senão da véspera da sua chegada, para não dar lugar aos excessivos gastos da pompa, e lustre, com que os habitadores daquele dourado Empório da América costumam ostentarse em semelhantes funções, sem embargo de ser tanta a decadência do mesmo país, que por acaso se acha nele quem possa com o dispêndio necessário para a conservação da sua pessoa, e fábricas.

Não teve por então efeito aquela resolução de Sua Excelência, fazendo a sua entrada pública em ato viatório, porque antes de chegar à freguesia da Itaúira padeceu moléstia grave, procedida do trabalho

e incomodidade do caminho, e da imperfeita convalescença da enfermidade, que padeceu no rio de São Francisco.

Por esta causa se demorou três dias na sobredita freguesia, aflito com a demora, e ocasião dela; e animado com o pequeno alívio de alguma melhora, se pôs o dito Senhor ao caminho, sendo conduzido numa cadeira de mãos até o Passa dez, sítio distante de Vila Rica um quarto de légua, ao qual chegou em quatorze de outubro de 1748 e aí o visitaram logo todas as pessoas de distinção da dita Vila, que também tinham saído a esperá-lo fora do dito sítio, e outras da mesma hierarquia, que vieram da Cidade a cumprimentar o dito Senhor.

No dia quinze do dito mês saíu Sua Excelência do Passa-dez às nove horas da manhã na dita cadeira de mãos, acompanhado de um numeroso, nobre, e luzido concurso, e seguido de regimento de cavalaria da repartição de Vila Rica.

Diante de Sua Excelência, imediatos à cadeira, iam o Reverendíssimo Doutor Lourenço José de Queirós Coimbra, Fidalgo da Casa de Sua Majestade, Vigário colado da freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Vila do Sabará, e (como já se disse) Governador deste Bispado por nomeação, e poderes, que o mesmo Senhor, ainda do caminho, dignamente lhe tinha cometido, o Doutor José Antônio de Oliveira Machado, Ouvidor de Vila Rica, o Doutor Luís Cardoso Metelo Côrte-Real e Cunha, Provedor da Fazenda Real das Minas, o Doutor Francisco Ângelo Leitão, Juiz de fora da Cidade Mariana, o Doutor Domingos Pinheiro, Intendente da Fazenda Real da mesma Cidade, e sua Comarca, Antônio de Sousa Machado, Secretário do Estado, e do Governo, além dos mais Ministros Elesiásticos, e pessoas dos primeiros empregos da República, e da Câmara da mesma Vila Rica.

Entrou Sua Excelência na dita Vila; e suposto que por alguma indisposição e moléstia da jornada, tinha determinado passar muito particularmente, contudo à instância dos Ministros permitiu que todo aquele povo satisfizesse o desejo de o ver, mandando muitas vezes parar a cadeira, para comunicar ao mesmo tempo tantas graças com a sua santa bênção, como júbilos com a sua agradável presença.

Achava-se formada a Ordenança na Praça desta Vila, e ao passar Sua Excelência lhe fêz as continências militares, a que se seguiram três descargas de mosquetaria, cujos ecos suavemente se confundiam com os dos clarins, tambores, e vivas, que em todo o povo se ouvira, com um desusado, ou nunca visto prazer.

No sítio, onde se dividem os termos de Vila Rica, e o da Cidade Mariana, aí a Câmara da dita Vila se despediu de Sua Excelência, e no mesmo lugar foi recebido pela da Cidade. Pouco distante largou a Cavalaria a retaguarda à da repartição da Cidade, que em bem

formada, e luzida fileira estava disposta para suceder naquela ação, como fez.

De uma para as duas horas depois do meio-dia entrou Sua Excelência na Cidade, cujos moradores se felicitavam uns aos outros com mútuos parabéns de verem completas as suas esperanças com a venturosa posse do seu Excelentíssimo Prelado. Estavam as ruas vistosamente armadas, e na praça se achava formado um regimento de Infantaria, que cortejou a Sua Excelência com as suas costumadas políticas militares.

Recolheu-se Sua Excelência ao seu Palácio, que por ordem sua se lhe tinha preparado custosamente; e como necessitasse de usar de alguns remédios pela moléstia, que lhe causara a jornada, justamente se escusou de receber visitas públicas.

Ordenou o Senado da Câmara, que nas três noites sucessivas houvesse luminárias por toda a Cidade, o que se executou com lustrosa grandeza, especializando-se uma notável iluminação, que se admirava por toda a circunferência da Igreja da Sé, e guarnição das suas torres. Via-se na primeira noite no alto do frontispício uma grande estrela formada dos mesmos lumes, e por baixo dela uma letra com igual arte, a qual cercando as três faces do edifício sagrado, dizia: **Nouum sydus emicat.**

Na segunda noite se observou exaltada sobre outra estrela uma Cruz, e nos lados uma Mitra, e um Bago Episcopal, rodeando a distância da Igreja o nome de Sua Excelência, tudo por arquitetura luminosa. Na terceira se divisava em outro semelhante luzeiro uma coroa Imperial com esta letra: **Data est illi corona.**

Certamente que no compêndio de tantos resplendores se viu nestas ocasiões estender-se a esfera das luzes sobre o dilatado domínio das sombras, brilhando igualmente em toda esta engenhosa produção a idéia do Muito Reverendo Domingos José Coelho de S. Paio, Cura encomendado da mesma Sé, executada a mesma ação profusamente a efeitos do liberal dispêndio da sua grandeza: esta aplicou do mesmo modo para o ornato interior do Templo com a gravidade, e decência competente à solenidade, que nele se havia de celebrar.

Isto continuou variamente alegre, e luzido espetáculo em agrado dos olhos; e em lisonja dos ouvidos se oferecia ao mesmo tempo a contenciosa harmonia dos sinos, e concertos de música, que publicamente pelas ruas, e casas competiam com as métricas vozes dos Poetas, os quais, principalmente debaixo das janelas, e junto ao Palácio de Sua Excelência, explicavam em discretos metros o elevado motivo de tanto júbilo.

Em breves dias principiou Sua Excelência a experimentar melhorias na sua indisposição; e quando já se achava inteiramente restituído

a uma saúde perfeita, determinou fazer a sua entrada pública no dia vinte e quatro do mês de novembro, para o que se aprestaram logo com rigorosa diligência os preparos, que já se preveniam.

Pelo decurso de oito dias sucessivos, e precedentes ao da solemnidade, saíam de tarde pela Cidade toda várias máscaras, diferentes nos trajes, e na jocosidade dos gestos, os quais em graciosos bandos, e poesias, que espalhavam ao povo, avisavam por célebre estilo a futura festividade.

Esta notícia se divulgou por toda a Capitania das Minas; e como ao seu alvoroço acrescia a fama de um aparato de figuras, e carros triunfantes, que (a empenhos dos seculares, os mais briosos da Cidade) havia de exornar o acompanhamento na dita entrada de Sua Excelência, deu maior ocasião, para que no dia prefixo se ajuntasse, como ajuntou, um numeroso concurso de gente, tanto da principal, como da plebe de todas as Comarcas.

Havia Sua Excelência de paramentar-se na Capela de São Gonçalo, a qual se acha situada no princípio da Cidade, e para a dita ação tomou à sua conta a armação da dita Capela Francisco Gomes da Cruz, Vereador da Câmara no mesmo ano, e verdadeiramente no primor, e asseio do ornato bem desempenhou o zelo da empresa, passando a ser tão eficaz a sua demonstração, que num largo immediato à Capela, e casas, onde é morador, fez ilustrar a noite da véspera com um artificioso fogo do ar, concorrendo no mesmo tempo com um estupendo carro triunfante, que à sua custa mandou preparar para a função, e dele se dará em seu lugar muito individual notícia.

Amanheceu o dia vinte e quatro de novembro com desengano total de se não fazer nele a função destinada, por causa de uma grande, e continuada chuva, que houve, ficando desta sorte frustradas as diligências dos Cidadãos, e os desejos do povo, que na maior parte dele tinha concorrido de fora, e no mesmo dia se retirou com desgosto geral de não lograrem o prevenido aparato.

Via-se na entrada da rua principal da Cidade um primoroso jardim de bela arquitetura, levantado da rua em pavimento de cinco palmos, com oitenta de comprimento, e cinquenta de largura. Guarneciam-se as partes posteriores, e laterais de frondosas árvores silvestres, e de entre elas saíam no circuito de todo o jardim vinte e duas Ninfas de comum estatura, recortadas em madeira, e levantadas em pintura de várias, e alegres cores, e nas diversas ações, em que se ofereciam à vista, mostraram serem umas alunas de Belona, e outras assistentes de Flora.

Enchia-se o campo de um bem delineado lavor de murtas, matizadas de fragrantas flores, as quais também ornavam um alegrete

mais levantado, que cercava o mesmo jardim. Estava no meio dele um alto, e formoso chafariz, ao qual servia de remate uma estátua de Netuno, e a toda esta máquina comunicou a pintura tanta naturalidade, que elevada a vista nos acidentes dos artificios, facilmente se deixava persuadir a que era fabricada aquela estrutura da melhor pedraria.

Lançava o chafariz quatro bicas de água, que levantada por um repuxo, caía depois num lago com suavíssimo murmúrio. Mal se pode lograr o recreio deste artefato com a chuva daquele dia; e suposto esta lhe fizesse alguma destruição, com efeito se renovou para o dia da solenidade, causando não menos geral admiração, e agrado esta reforma, que o primeiro prospecto.

Era a estação do tempo fiadora de certas, e continuadas águas no país, e por isso não se podia assinar dia certo para a desejada função, antes era preciso aproveitar-se aquele, que melhor favorecesse o intento. Apareceram no dia vinte e sete do dito mês de novembro menos nublados os ares, e no mesmo dia se resolveu, que no seguinte, que eram vinte e oito, se efetuasse a celebridade. Divulgou-se esta notícia, e o seu rumor fez com que tornasse a concorrer infinita gente das povoações de fora, donde a distância dava oportunidade à concorrência.

Amanheceu o dia pouco seguro; mas postos todos os sustos de parte, e a sorte do acerto nas mãos de Deus, foi ele servido de serenar a manhã, em que se pode fazer, e fez a função com aquele asseio, que todos desejavam.

Por ordem do Senado da Câmara se prepararam as ruas de todo o necessário: armaram-se nobremente as janelas de ricas tapeçarias, e cobriram-se as ruas de areia, espadana, e flores. Bordavam as mesmas ruas as companhias Infantes das Ordenanças, as quais serviam não só de ornato, e obséquio, mas também de reprimir as desordens do povo.

Disposto todo o referido em boa ordem, saiu Sua Excelência do seu Palácio das nove para as dez da manhã numa liteira, e foi para a Capela de São Gonçalo, onde o recebeu toda a nobreza Eclesiástica, e secular, que o esperava. A porta da dita Capela o Reverendíssimo Doutor Governador, revestido de capa pluvial, lhe administrou a Cruz, a qual Sua Excelência de joelhos sobre uma almofada recebeu, e osculou reverentemente; e conduzido ao Altar-Mor, aí orou, passando depois a assentar-se debaixo do docel, que estava armado no Prebistério.

Logo o Mestre de Cerimônias com vários Capelães de sobrelizes presentou os paramentos ao Reverendíssimo Doutor Governador, que servindo de Presbítero assistente, os ministrou a Sua Excelência, o

qual se revestiu de Sobrepeliz, Amito, Alva, Cíngulo, Cruz peitoral, Estola, Capa, Pluvial, Anel e Mitra. A este ato assistiram obsequiosamente os Muitos Reverendos Antônio Pereira da Cunha e Manoel de Pinho Cardido, Cônegos da Catedral do Rio de Janeiro, e então assistentes nestas Minas, e o Muito Reverendo Doutor Francisco Fernandes Simões, Cônego Penitenciário da mesma Catedral, que por ocasião de ter vindo visitar a Sua Excelência em nome do Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Bispo daquela cidade, se achava nesta de Mariana ao tempo da função, o Muito Reverendo Doutor Geraldo José de Abranches, Arcipreste da Sé de São Paulo, e assim mais os Muitos Reverendos Manoel Ribeiro Soares e Vicente Gonçalves Jorge de Almeida, Cônegos da Sé do Maranhão.

Desceu Sua Excelência do trono, e lhe tomou a cauda o Doutor José Antônio de Oliveira Machado, Ouvidor desta Comarca, até chegar à porta da dita Capela, onde estava preparado um formoso cavalo branco, coberto todo de damasco branco, guarnecido de galão, franja, e borlas de ouro. Sustentava o estribo da parte direita o Doutor Luís Cardoso Metelo Côrte-Real e Cunha, Provedor da Fazenda Real de Vila Rica, e da outra parte o Doutor Domingos Pinheiro, Intendente da Real Fazenda desta cidade. Governavam os dois fiadores Antônio de Sousa Machado, Secretário do Estado, e o Coronel Caetano Álvares Rodrigues, Cavaleiro professo na Ordem de Cristo, todos de conhecida nobreza, além dos empregos, que os fazem distintos.

Posto Sua Excelência a cavalo, se encaminhou debaixo do Pálio, em cujas varas pegavam seis Cidadãos, que tinham servido de Vereadores da Câmara desta cidade, e eram o Guarda-mor Maximiliano de Oliveira Leite, Cavaleiro professo na Ordem de Cristo, o Doutor João Dias Ladeira, o Capitão Antônio Gonçalves Tôrres, o Capitão Bento Lopes de Araújo, João Pinto Álvares de Carvalho, e o Licenciado Bernardo da Costa.

Precedido Sua Excelência por forma processional (cuja ordem se descreverá em título separado, por não perverter a série desta notícia) das figuras, carros triunfantes, Confrarias, Nobreza e Clero, chegando ao lugar, pouco afastado da dita Capela, onde estava o Senado num grandioso teatro, armado de damasco carmezim, o Vereador mais velho falou a Sua Excelência em nome da cidade numa breve e discreta oração, a que o mesmo Senhor correspondeu com a sua bênção e outras demonstrações de grande urbanidade; e saindo o mesmo Senado daquele lugar, se foi incorporar no que lhe é destinado em semelhantes funções.

Acompanhado de extraordinários aplausos, chegou Sua Excelência à Sé, a cuja entrada da parte exterior estavam em duas alas as figuras de cavalo e as duas carroças triunfais, e na importante

riqueza, de que se compunha tão vistoso concurso; já pelas muitas jóias de diamantes, e mais pedras preciosas, que ornavam as figuras; já nas melhores sedas de ouro, prata, e matizes, que preciosamente trajavam; já nos vários toucados de plumagens, e outras galantarias, em que o enfeite se esmerou; já nos briosos cavalos, cobertos de preciosos jaezes, tendo cada figura dois pajens às estribeiras, vestidos com alegres, e diferentes eleições; já na admirável, e soberba arquitetura dos carros; e já finalmente na suave melodia da música, que de um, e outro se ouvia, ficavam os sentidos em tanto pasmo, que na gostosa atração, em que se elevavam, só rendiam admirações à magnificência, e esplendor de tão glorioso objeto.

Apeou-se Sua Excelência à porta da Sé, servido da mesma forma, que quando montou, sustentando-lhe a cauda o Doutor Ouidor. Logo o Reverendíssimo Doutor Governador lhe administrou o Aspersório, e depois a Navícula, e o incensou três vezes; e cantando-se o *Te Deum*, foi acompanhado debaixo do Pálio à Capela do Sacramento, e desta ao Altar-Mor, onde, estando no genuflexório, se lhe entoaram as costumadas Antífonas, e versículos do Pontifical Romano. Subiu ao trono, e nele recebeu geralmente a obediência de todo o estado, assim Eclesiástico, como secular; e rezando Sua Excelência as orações na parte da Epístola, tomou a Mitra, e Bago, e no meio do Altar deu a bênção Pontifical ao povo, e se publicaram pelo Reverendíssimo Doutor Governador, Presbítero assistente, as costumadas Indulgências.

Enquanto Sua Excelência se restituiu ao trono, onde se despiu dos paramentos, e tomou a capa magna, e barrete, as Ordenanças, que estavam formadas no largo da Sé, deram três salvas reais de mosquetaria, mostrando na boa ordem e disciplina deste, e dos mais mandamentos a grande política, e direção, com que o Sargento-Mor desta Cidade José da Silva Soares Brandão dispôs acertadamente as ações militares daquele dia.

Sáfu Sua Excelência acompanhado de toda a Nobreza, e povo; e entrando no seu Palácio, na primeira antecâmara deu as graças, e a bênção a todos.

No resto do dia continuaram as muitas, e festivas demonstrações de alegria, tanto nas várias farsas dos máscaras, e bailes pelas ruas, como nos concertos de música, e instrumentos públicos, e particulares.

No mesmo dia principiou logo Sua Excelência a receber geralmente as visitas de toda a Cidade, e de fora dela, cortejando a todos com notável agrado, e urbanidade. À noite se repetiram universais luminárias com repiques, outeiros, e outros muitos sinais de contentamento, com que todos se empenhavam em aplaudir solenidade de tanto gosto.

No dia seguinte, em que se contavam vinte e nove do mês de novembro, se celebrou com grande pompa na mesma Sé uma ação de graças, a que assistiu Sua Excelência debaixo do seu docel, o Senado, e toda a Nobreza da Cidade, e povo. Oficiou a Missa o Reverendíssimo Doutor Governador, à qual deu princípio Sua Excelência, e fez todas as mais solenidades, segundo o Cerimonial, e concurso da sua assistência. Era a solfa da música da melhor composição, e executada pelos mais particulares cantores de todas estas Minas. Acreditou o primor da ação o Muito Reverendo Domingos José Coelho de S. Paio, que num alto Sermão Panegírico desempenhou elegantemente o assunto da festa.

Na noite deste dia se recitou no Palácio de Sua Excelência uma grande obra Poética, composta pelo Reverendo Padre Manoel da Cruz e Melo, e dirigida em obséquio de Sua Excelência, do merecimento, e dignidade do seu caráter, do acerto da nomeação, e de várias circunstâncias bem combinadas, tocantes à criação deste novo Bispado. Explicavam a idéia do Autor Apolo, as nove Musas, e Mercúrio, competindo todos em vários metros, conforme as cadências do particular influxo de cada um, qual engrandecia mais dignamente os cultos, que se deviam à Excelência do objeto. Estavam estas figuras vestidas à trágica de riquíssimas roupas, sentadas em lugar alto, e com maior superioridade Apolo, como Presidente, que sempre julgava com louvor o argumento, que qualquer das Musas fazia da sua empresa, mediando entre umas, e outras um coro de música, com que o ato se inculcava mais alegre, e suave.

Na seguinte noite, e no mesmo Palácio se representou um ato cômico, dedicado ao feliz nome de Sua Excelência na alegoria da exaltação da Cruz de Cristo, a que se dirigiam as heróicas ações, e lances da obra. Numa, e outra noite esteve o mesmo Senhor público na entrada da primeira antecâmara, recebendo benignamente as assistências, que lhe faziam os Ministros, e principais pessoas da Cidade.

Tinha Sua Excelência cuidado maduramente na nomeação dos Cônegos para a sua Santa Sé, e logo no dia trinta do mesmo mês de novembro do dito ano mandou publicar na sua Secretaria a eleição, que justamente fizera do Muito Reverendo Doutor Geraldo José de Abranches para primeira Dignidade de Arcediago, por ter mostrado na cadeira de Arcipreste da Cathedral de São Paulo o raro talento, e exemplares virtudes, de que é dotado.

Para segunda dignidade de Arcipreste constituiu o Muito Reverendo Doutor José de Andrade e Moraes, cujas relevantes virtudes, e prendas há muito o tem feito distinto nestas Minas, e em outras partes, onde se tem divulgado a sua fama pelo elevado estilo da prédica, e pelas doudas consultas da jurisprudência.

Nomeou para terceira Dignidade de Chantre o Muito Reverendo Doutor Alexandre Nunes Cardoso, em que se vê germanada a justiça do merecimento com as qualidades do emprego.

Proveu para quarta Dignidade de Tesoureiro-Mor o Muito Reverendo Doutor João de Campos Lopes Torres, varão conhecidamente benemérito.

Nas duas cadeiras Doutoral, e Magistral ocupou os Muitos Reverendos Doutores João Martins Cabrita, e João Rodrigues Cordeiro, ambos perfeitamente sábios, e prudentes.

Nas duas de Mestres em Artes promoveu os Muitos Reverendos Manoel Ribeiro Soares, e Vicente Gonçalves George de Almeida, que na Sé do Maranhão deram claras provas das suas capacidades, para serem segunda vez criaturas da atenção de Sua Excelência.

Para Cônego Penitenciário elegeu o Muito Reverendo Simão Caetano de Moraes Barreto com propriedade correspondente aos predicados da sua ciência.

Para os mais Canonicatos chamou os Muitos Reverendos Antônio Freire da Paz, Francisco Xavier da Silva, Francisco Gomes de Sousa, e Domingos Fernandes de Barros, todos de conhecidas letras, virtudes, e louváveis procedimentos; e sendo os méritos destes a coroa dos primeiros, constituem todos uma Cathedral tão distinta, que talvez nas Cidades mais abundantes de Eclesiásticos beneméritos não se acham sujeitos tão merecedores da Dignidade Canonical, como os Prebendados da nova Sé Marianense.

Nomeou mais Sua Excelência doze Capelães, a saber:

O Reverendo Padre Caetano José juntamente Mestre das Cerimônias do mesmo Senhor.

O Reverendo Padre Francisco Cardoso de Faria também com o emprego de Mestre de Cerimônias do Reverendíssimo Cabido.

O Reverendo Padre Floriano de Toledo Piza Sochantre.

O Reverendo Padre Gregório dos Reis Melo com o Mestrado da Capela.

O Reverendo Padre Manoel da Costa Dantas Organista.

O Reverendo Padre Simão Peixoto de Faria.

O Reverendo Padre João Coelho Gato de Amorim.

O Reverendo Padre Antônio Neto da Costa.

O Reverendo Padre Rodrigo de Faria Peixoto.

O Reverendo Padre José da Cunha Nogueira.

O Reverendo Padre Antônio de Faria Mendes Carneiro.

O Reverendo Padre Domingos Martins Xavier.

Dois Sacristães, um maior, outro menor.

Quatro meninos do Coro.

Um porteiro da maça.

No dia seis do dito mês de dezembro foram os Reverendos Cônegos a Palácio, e publicamente na casa do docel os colou Sua Excelência em seus Benefícios, e no seguinte dia de manhã foram à Sé tomar posse, e de tarde tornaram juntamente com Sua Excelência, que depois de orar subiu ao trono, e com uma prática gratulatória, doutrinal, e elegante exortou ao nobre Cabido o quanto era para honra, e glória de Deus a exaltação daquela Sé, dando juntamente os parabéns ao Senado da Câmara, que estava presente, pela alta mercê, que Sua Majestade fez a esta terra, de a elevar de Vila do Carmo à Cidade Mariana.

No dia oito em que o Senado da Câmara festejava o Mistério da Puríssima Conceição da Virgem Maria Nossa Senhora, como Padroeira do Reino, e especialmente da Matriz desta Cidade, antes de ser nomeada para Catedral, quis Sua Excelência dedicar também naquele dia a sua Sé à mesma Senhora com o título da Assunção, num tríduo continuado, com o Santíssimo Sacramento exposto, o que assim se executou com todo o primor, e asseio, pontificando Sua Excelência no primeiro dia, em que pregou o Muito Reverendo Domingos José Coelho de S. Paio, combinando com o seu costumado engenho as distintas circunstâncias, que ocorriam naquela ação.

No segundo dia do tríduo cantou a Missa com assistência de Sua Excelência o Muito Reverendo Arcediago o Doutor Geraldo José de Abranches, e fez a oração Panegírida o Muito Reverendo Arcipreste o Doutor José de Andrade e Moraes com o desempenho, que se poderá ver no seu singular discurso, que vai impresso no fim desta Relação.

No terceiro dia, em que também esteve presente Sua Excelência, e o Senado em todos os três dias, disse a Missa o Muito Reverendo Doutor Arcipreste, e orou o Muito Reverendo Doutor Arcediago, sendo com grande mistério o último Panegirista, porque soube com o seu sutil engenho preparar a melhor coroa para remate de tantas glórias.

Ainda não satisfeitos os ânimos com as sucessivas demonstrações de afeto, que geralmente tributavam a Sua Excelência, se convocaram novamente empenhados na primeira noite do tríduo com um oiteiro debaixo das janelas de Palácio, e certamente que a alta dignidade do objeto inspirava cada vez mais novas influências para o louvor. Glosaram-se muitos motes, e repetiram-se algumas elegantes obras num, e outro idioma, fazendo-se entre todos distinguir o Muito Re-

verendo Doutor José de Andrade e Moraes, que depois de glosar sem imitação, repetiu com alusão própria aos dois Bispados de Sua Excelência o sucesso de Jacó no seguinte Soneto Acróstico, e glosa a ele na forma, que se segue.

TEXTO

Ditoso Peregrino abençoado

Foi Jacó procurar duas esposas,

Mui diferentes são em ser formosas,

Ambas porém merecem seu cuidado.

Na fé de Lia colhe o fruto amado,

O belo de Raquel lhe oferece as rosas,

Ele rende a Raquel ações mimosas,

Lia sente em Jacó menor agrado.

Decorosa Raquel na tua sorte

Ao consorte cativas docemente,

Conservando-o amante além da morte.

Reina pois de Jacó no peito ardente,

Uiva estátua do amor, constante, e forte,

Zelos causando a Lia mal contente.

[José de Andrade e Moraes]

GLOSA

A Origem sempre amada, o pátrio berço
Deixais, Dom Frei Manoel da Cruz, Ilustre;
Mas em quem nasceu Sol do Universo,
Não deixar o Oriente era deslustre.
Febeu resplendor, em luz disperso,
Girais dois mundos com flamante lustre,
Estrangeiro na terra, astro exaltado,
Ditoso Peregrino abençoado.

II

Luminoso Pastor o Sol se aclama,
 Quando o aprisco de Admeto guarda Apolo;
 Vós sois Sol dos Pastores, que derrama
 Luz de doutrina em um, e outro pólo.
 O Maranhão, e as Minas sacra rama
 Vos tributam com ouro do Pactolo,
 Como àquele, que por ações famosas
 Foi Jacó procurar duas Esposas.

III

Representa a Esposa a Igreja Santa,
 Jacó a um Prelado cuidadoso,
 Até na pedra, que em Haran levanta,
 Com o crisma o consagra glorioso.
 Duas Dioceses pois com glória tanta
 Venturosas em vós acham Esposo,
 Se bem que desiguais estas Esposas,
 Mui diferentes são em ser formosas.

IV

Foram Lia, e Raquel as doces prendas,
 Que o querido Pastor amou constante,
 O Maranhão, e as Minas em contendias
 Este sacro Pastor buscam amante.
 Tributário de amor, da alma em of'rendas,
 Ambas o encontram Argos vigilante,
 Ambas não têm em si o mesmo agrado,
 Ambas porém merecem seu cuidado.

V

O Maranhão é a Lia sempre inculta,
 Sem alinhô, e primor, do tédio agouro;
 Raquel, que em ser gentil Vênus se avulta,
 É a Mariana linda, como um ouro.
 Mas não como no Ida o pomo oculta
 O Pastor à mais feia com desdouro;
 Pois cultivando a fé Jacó sagrado,
 Na fé de Lia colhe o fruto amado.

VI

Esta primeira Esposa já fecunda
 Deixa o Mitrado Páris, sábio, arguto,
 Por colher em Raquel, como segunda,

Em sólidas doutrinas, de ouro o fruto.
Sem tão santo Pastor era infecunda
De virtudes Raquel, da culpa em luto;
Mais no exemplo de ações mais gloriosas
O belo de Raquel lhe oferece as rosas.

VII

Foi a cândida rosa flor da graça,
Esta nos traz Manoel no lenho isento,
Porque outro paraíso sem desgraça
Cultive a Mariana em santo intento.
Destas rosas Raquel tece com traça
Ao seu Pastor coroas cento a cento;
Obras ela a Jacó dá virtuosas,
Ele rende a Raquel ações mimosas.

VIII

Em mimos paternais o Pastor puro
Sem espinhos a rosa em nós cultiva,
O Maranhão se pica em zelo duro,
E os espinhos lhe deixam mágoa viva;
Porque vê que o Pastor flores seguro
A Mariana dá, quando o cativa;
E sendo esta a Raquel, que o tem mudado,
Lia sente em Jacó menor agrado.

IX

Ceda Lia a Raquel esta vitória,
O Maranhão a palma a Mariana;
Mariana, és a Raquel, do amor glória;
Maranhão, és a Lia, triste, insana.
Essa Lia não fique na memória,
Esta Raquel se immortalize ufana:
Desconsolada Lia em teu mal forte!
Decorosa Raquel na tua sorte!

X

Veste a gala em virtudes, que te ensina
Do teu santo Pastor o vulto amado,
Em seus olhos modéstia, e paz benigna
Te dá em rasgos de luz o teu Prelado.
Nova Esposa te inculcas peregrina,
Se te ornar a virtude ao seu agrado;
Se assim for, Mariana, certamente
Ao consorte cativas docemente.

XI

Esse Adônis do Céu, que o Céu te inveja,
 É um Sagrado Leandro para amar-te;
 Pois porque a sua Hero em ti só veja,
 Por longas terras, e água amante parte.
 Também morto em caminho o finge a inveja,
 Mas foi do seu amor isto só arte,
 Porque morto de amor venha em tal porte,
 Conservando o amante além da morte.

XII

Vivo está o bom Pastor, e te dá a alma,
 Porque morre de amor por te dar vida;
 E se morto o choraste em triste calma,
 Serás no prazer Fênix renascida.
 Troca os ramos da pira em vital palma,
 Pois ao vivo Pastor vives unida:
 Vive pois de Manuel na excelsa mente,
 Reina pois de Jacó no peito ardente.

XIII

O peito, que na Cruz se viu ferido,
 Em Dom Frei Manuel da Cruz contemplo,
 Traspassado das setas de Cupido
 Aquele coração de Amor no Templo.
 É pelicano amante, enternecido,
 Os filhinhos criando em santo exemplo,
 Porque fino se ostente desta sorte,
 Viva estátua do amor, constante, e forte.

XIV

E tu, Maranaense Esposa, triste
 Paga à tua saudade a dor forçosa;
 Pois o Esposo, que em braços teus já viste,
 Ao peito o vês da Marianense Esposa.
 E se do mal no exemplo o alívio assiste,
 Olha, como ao Pastor já Raquel goza,
 Do amor ídolo, ao colo o traz pendente,
 Zelos causando a Lia mal contente.

[José de Andrade e Morais]

Entre outros, que merecedores da estampa não se imprimem, por não avultar o volume, repetiu o Reverendo Padre Gregório dos Reis e Melo este Canto Heróico, fundado no Cântico de Simeão: *Nunc dimittis seruum tuum Domine*, etc.

I

Agora deixareis nesta ventura
Em paz os vossos servos, porque creram,
E a possessão seus olhos tão segura
Ver depois claramente mereceram.
Do vosso povo a glória mais se apura,
Porque o lume da Fé viva tiveram,
A origem sendo da imortal bonança
O venturoso termo da esperança.

II

Não pois implore de Aganipe o metro,
Influências de Apolo desestime,
Que se lá no Parnaso empunha o cetro,
O assunto se remonta por sublime.
Porque não se exalta o humano plectro,
Sem que sacro furor o peito intime;
Para de excelsa causa ilustre efeito
Só seja humilde a voz, alto o conceito.

III

O conceito só quer sabedorias,
Sem ser de fabulosa Divindade,
Que em contínuas suaves melodias
Se anime o canto pela Majestade.
Quer a voz em sonoras harmonias
Mais alto influxo ter na suavidade,
Que alentados os lângüidos assentos
Conceito pasmos dá, a voz por tentos.

IV

O vosso auxílio implora mais subido
Prelado, Pai, e Príncipe Sagrado,
Clara expressão alente o percebido,
Alta impressão anime o imaginado.
Seja o plectro, Senhor, compreendido,

Tendo tão grave impulso antecipado,
 Para que clara a voz, subido o canto,
 Por vós ecos retumbe, ao mundo espanto.

V

Só se termina a fé, quando começa
 A ver-se, o que antes de se ver se cria,
 Porque não tem já mais para onde cresça
 O bem, que amando, e crendo apetecia.
 Hoje pois nossa fé é bem conheça,
 Que por vista melhor em vão porfia,
 Pois nesta, e no amor do emprego amado
 Vive o desejo ao prêmio vinculado.

VI

Quando ao desejo a posse já se segue,
 É de uma alma a feliz glória excessiva,
 Quem o bem, que anelou, feliz consegue,
 Uma vitória alcança sucessiva.
 Na vontade às delícias já entregue,
 A posse da esperança mais se aviva,
 Pois onde a glória ao bem todo prefere,
 Não tem quem a possui mais, que espere.

VII

Sempre certo o temor, dúbia a esperança,
 Sem que do fim consiga o complemento,
 Era no coração cada tardança
 Um verdugo cruel do sofrimento.
 Duvida o entendimento esta mudança,
 A vontade não dá consentimento,
 Dando-lhe da firmeza a valentia,
 A glória de alto bem, que apetecia.

VIII

Quando a amar a vontade mais se inclina,
 E ao mesmo tempo os meios dificulta,
 Já no amoroso afeto se termina
 O primitivo excesso, com que avulta.
 Se o discurso lhe falta para fina,
 Acerto no esperar não lhe resulta,
 Porque só poderá na Divindade
 Ser mesmo o entendimento, que a vontade.

IX

Só quem sabe, mais ama, e firme espera,
Pois do conhecimento só procede,
Que a vontade na sublimada esfera
Dobrado impulso para amar concede.
Na distinção do ser do que antes era
A memória total lhe não precede;
Mas dando-lhe, qual luz, conhecimento,
Toda a glória se deve ao entendimento.

X

De ditames tão vários, que disseram,
De tantas variedades, que ditaram,
Entre tantos, que tanto discorreram,
Quais melhor à verdade se ajustaram?
Só com entendimento os que expuseram,
Melhor as razões justas conformaram,
Pois viam do inferior, que o sumo extremo
Ao ínfimo se iguala do supremo.

XI

Deus um raio de luz proporcionado
Aos homens dá na Fé, com que os sublima,
De que o discurso débil animado,
Depois de crer a investigar se anima,
As razões funda logo iluminado,
O mistério, que alcança, mais se estima
Pelo esplendor da Fé, que senhoreia,
Que ao discurso não haja coisa alheia.

XII

Viam pois dada já da mão Divina
Segura a salvação, das almas norte,
Regra infalível, que ao discurso ensina
Emprego não haver, que tanto importe.
Faltar Prelado tal era ruína,
Pois nele consistia a nossa sorte,
E não seria do discurso acerto
O que causava tanto desconcerto.

XIII

Para o Céu fabricar um novo Templo,
Às almas pasto dar o mais fecundo,
Já dos Prelados ser um vivo exemplo,

Na doutrina, e ciência o mais profundo.
 Ficando a terra todo um Céu, contemplo,
 Causando inveja grande a todo o mundo,
 Da mente a interna luz tudo regista,
 Patenteando-se à corpórea vista.

XIV

Quis porém a Divina providência,
 Que tudo preveniu alto, e profundo,
 Conhecêssemos já para advertência,
 Que nada é sem mistério neste mundo.
 Pois na sua infinita inteligência
 O governo se cifra mais fecundo,
 Por quem todos os bens se distribuem,
 E a quem obras criadas se atribuem.

XV

Do espiritual bem da nossa vida
 Na falta vendo da irremediável queda,
 Em um Manoel Divino prevenida
 Dispôs que a Redenção chegasse leda.
 Para a segunda queda, ou recaída,
 Outro Manoel dispõe, que lhe suceda,
 Que se não é Divino por essência,
 Para humano lhe sobra a excelência.

XVI

Noé restaurador da humana gente
 No vago lenho foi, que a Cruz retrata;
 Mas esta nova Cruz mostra evidente,
 Que a nossa Redenção segunda trata.
 Dos montes para aquela no eminente,
 Quando ao mundo o dilúvio desbarata,
 Esta (em outro dilúvio o mundo absorto)
 Já no monte do Carmo toma porto.

XVII

Fez Moisés na serpente, que exaltada
 Contra o fatal mortífero veneno
 Se visse a Cruz no monte figurada
 Com assombro do mundo não pequeno.
 De Cristo foi figura, que admirada
 Da tempestade pôs o mar sereno,
 Tirando da vitória conhecida
 Remédio d'alma, redenção da vida.

XVIII

Outro Cristo em figura decifrado
 No monte exalta a Cruz, sendo o primeiro,
 Por mais clara expressão do figurado,
 Que foi da serpe exemplo verdadeiro.
 Nela o remédio mostra vinculado
 Com assombro também do mundo inteiro;
 E se as glórias vão já de monte a monte,
 As palmas cante já, e os triunfos conte.

XIX

Quando de abrir o mar tomou o emprego
 Na vara, que ostentou tão elevada,
 Que era a Cruz, não dirá, só quem for cego,
 Que a Igreja para os bons pôs sossegada.
 A nova Cruz também traz o sossego
 Para a Igreja no mar representada,
 Que dando aos Faraós fatal castigo,
 É do povo fiel seguro abrigo.

XX

Melquisedeque supremo Sacerdote,
 E também Rei da paz se intitulava,
 E da justiça junto tinha o dote,
 Justo pois nas virtudes só reinava.
 Por que o discurso a semelhança note
 Da mortal guerra, em que o Bispado estava,
 Um Prelado na Paz, que o mal desterra,
 Contra os vícios se vê já fazer guerra.

XXI

Ao Filho de Davi tão desejado
 Promete, e jura Deus, quando contemplo,
 Da Escritura, o oráculo sagrado,
 Descanso achar também no novo Templo.
 E porque Salomão acomodado
 De assombros se vê já um vivo exemplo,
 Só pode Manoel esclarecido
 Ser o tão desejado prometido.

XXII

Enfim a nossa Fé por mais discreta
 Expôs estes Mistérios tanto à vista,
 Que o sucesso ao profético interpreta,

Sem que haja oposição, que lhe resista.
 Esta glória, que há tanto o Céu decreta
 Com ânsias, e temores já prevista,
 Nos mostra nesta vista soberana,
 Que a Fé Divina é luz, que desengana.

XXIII

Na Catedral feliz, que senhoreia
 Já gozamos da paz no sacrificio
 De tão alta ventura, estando alheia,
 Ameaçando terrível precipício.
 Já quanto a terra inunda, e o Céu rodeia,
 Os parabéns nos dê deste edificio,
 Que torna Deus, porque o poder confirme,
 O duvidoso certo, o vário firme.

XXIV

Tivemos na esperança permanência,
 Por mais que quem espera não descansa,
 Pois a glória nos deu sem resistência,
 Triunfo do desejo, que não cansa.
 Venturoso é já com evidência,
 Quem quanto mais anhela, mais alcança,
 Porque em Deus esperando permanente
 Do fim vive seguro eternamente.

XXV

Ao rigor de uma guerra vinculado
 Se imaginava já o bem perdido;
 Porque um bem, que se perde imaginado,
 É pena rigorosa do sentido.
 Porém hoje no gosto duplicado
 O sossego nos traz o mais crescido
 Tanta vista, que a dúvida desata
 Na pessoal distinção, que só relata.

XXVI

Já todo o nosso bem em ver consiste,
 De contrários discursos sem dispêndio,
 Pois mostra o objeto, que presente existe,
 Ser de todas as glórias um compêndio.
 Com ventura hoje o nosso amor assiste

No sumo estado de seu vivo incêndio,
 Porque às ações o ser da glória unindo
 Está do amor na vista subsistindo.

XXVII

Sendo pois tudo bem-aventurança
 Amor, poder, império, e majestade,
 Tudo posse feliz, nada esperança,
 Justiça, retidão, benignidade.
 Conseguindo na sorte sem mudança
 Um império, um domínio, uma vontade,
 Luz sem receio, vida sem mais pena,
 Bem firme, glória certa, paz serena.

XXVIII

Misteriosa Cidade, que adornada
 Aqueloutra imitais do Céu descendo!
 Se aquela foi de Deus trono aclamada,
 Vós de Maria o sois, se está dizendo.
 De luzes já não mais necessitada,
 Que um novo Sol em vós estamos vendo.
 Pois circunvalando-vos de alto muro,
 Vos comunica todo o bem seguro.

XXIX

Agora cante sup'rior virtude
 Este nascido Sol, que resplandece,
 Que o Divino favor nunca se mude,
 Pois tudo com tal luz mais se engrandece.
 Mas trazendo-nos já tanta saúde,
 Quem duvida no ardor, com que aparece,
 Que será incansável na porfia,
 Iluminando-nos de noite, e dia?

XXX

Formado o grande luminar primeiro,
 O Monarca das luzes sem segundo,
 Desde o primeiro sólio ao derradeiro
 Logo tratou de enriquecer o mundo.
 Tudo abundâncias no domínio inteiro
 Por toda a terra produziu fecundo,
 Sendo-lhe a esfera toda destinada
 De distância em distância dilatada.

XXXI

Assim o novo Sol também abrindo
 Os tesouros Celestes, que em si encerra,
 O seu governo toma, e vem seguindo,
 Enriquecendo sempre toda a terra.
 As nuvens de embaraço resistindo,
 Graças induz, e sombras vãs desterra,
 Tendo o mesmo poder na esfera toda,
 Pois com distâncias todas se acomoda.

XXXII

É o Sol Rei das luzes o mais digno,
 Porque em perpétuo giro ao mundo serve,
 O nosso Sol, imagem do Divino,
 De único a glória superior conserve.
 Pois distâncias medindo amante fino,
 Anda sem que descanso algum reserve,
 Se o Sol é, por benigno, Astro brilhante,
 Já outro em tanto bem tem semelhante.

XXXIII

Pródigo empresta o resplendor Divino,
 Tendo por glória unida ao nascimento,
 Desde o sólio da Lua ao de Saturno,
 Dar a todos os Astros luzimento.
 É dos mais Astros o esplendor noturno,
 Pois do nosso Sol tomam documento,
 Para ser nessa luz, e ser, que informa,
 Dos Prelados, e Bispos, regra e norma.

XXXIV

O Sol nascido, diligente trata
 De descer pelo rumo do Ocidente,
 A luz sepulta em túmulos de prata,
 Até que ressuscita em novo Oriente.
 Morreu o nosso Sol na ausência ingrata,
 Porém ressuscitou resplandecente,
 Que se no Maranhão luzes sepulta,
 Com nova luz na Mariana avulta.

XXXV

Brilhante Sol, Senhor, já vos contemplo
 Entre os faróis da Igreja sup'riores,
 Pois na luz alcançais com vivo exemplo

Alta reputação entre os melhores.
 A vossa fama no sagrado Templo
 Aspira a cultos de imortais louvores,
 Que sendo tanto o que de vós se explica,
 É muito mais o que em silêncio fica.

XXXVI

Apolinares vejam de Ravena,
 Pasmem de Cantuária os Edmundos,
 Dos Paulinos também de Nola a pena,
 Os Clementes de Ancira os mais profundos.
 Fiel traslado sois, e cópia antiga
 Destes originais os mais facundos,
 Os Marcelinos Doutorais de Ancona,
 E os Narcisos vos louvem de Girona.

XXXVII

A fama de Epifânios gloriosa,
 Compêndio de virtudes sem limitê,
 Dos mesmos Exupérios de Tolosa
 Acharam já em vós quem os imite.
 A glória dos Tomases portentosa
Vossa exemplar virtude hoje acredite,
 Dos Martinhos também da Panônia,
 E dos Cirilos lá de Alexandria.

XXXVIII

Mas que pondero eu tanto portento,
 Se vos venero do discurso encanto?
 Confusa a luz do meu entendimento,
 Desmaia à vista de prodígio tanto.
 Graças tribute humilde o pensamento,
 Que só poder, assombro, amor, espanto
 Nos comunica a dádiva subida,
 Efeito da grandeza esclarecida.

XXXIX

No trono excelso, com real presença,
 Todo o povo feliz ver-vos alcança,
 Sendo a glória infinita, sendo imensa,
 Pois o novo Bispado em paz descansa.
 Sendo a dita, que goza, a recompensa

De tanta viva fé, tanta esperança,
Resplandecendo sempre o vivo lume,
Que hoje nos revelou o imortal Nume.

XL

Ao volúvel do largo tempo exceda
Vosso nome, Senhor, por excelência
Perene manancial, de que proceda
De graças sucessivas a afluência.
Pois para que infinitas as conceda,
Tem com o imenso o eterno alta coerência,
Para incremento do Bispado novo,
Para glória imortal do vosso povo.

Com semelhante obséquio se encheu a segunda noite do Tríduo.

Na terceira noite dentro do Palácio se fez uma nobre Academia, na qual foi presidente, e Orador o Muito Reverendo Doutor Arcipreste José de Andrade e Moraes; e sem dúvida que no acerto, com que eruditamente discorreu, conseguiu o aplauso da primazia. Recitaram-se várias obras poéticas, assim Latinas, como vulgares, nas quais se viram excedidos os engenhos mais graves, e profundos, como atestam algumas das ditas obras, que também vão impressas com a Oração Acadêmica depois desta notícia.

A este tempo ainda o Reverendíssimo Doutor Lourenço José de Queirós Coimbra exercitava os mesmos poderes de Provisor, e Vigário Geral deste Bispado, depois da chegada de Sua Excelência. Precitava este Ministro de recolher-se à sua Igreja, e para o fazer pediu faculdade a Sua Excelência, que lhe concedeu com o caráter de Vigário Geral da grande Comarca da Vila Real do Sabará, e das Vilas do Caité, Pitangui, e seus distritos.

Saiu desta Cidade no dia dezessete de dezembro, tendo-se despedido geralmente de todos os moradores dela, mostrando na bizarría deste seu cortejo a candidez, e urbanidade do seu agradável gênio. A todos deixou saudosos a sua ausência, mas igualmente contentes, e satisfeitos o exemplaríssimo governo que exerceu pelo tempo de nove meses, e dezenove dias.

Era excessiva a bondade do seu tratamento, sem faltar ao decoro da autoridade, benigno sem deixar escrupulosa a retidão da justiça, e prudente sem o defeito da frouxidão. Mas que muito, se na ilustre distinção da sua qualidade, e famoso conhecimento das heróicas virtudes, que o exornavam, tem eficaz estímulo para distinguir as suas ações com o realce da perfeição? E por isso foi mais misteriosa, do que casual a eleição, que Sua Excelência fez deste insigne varão; se bem que a fama do seu merecimento, transcen-

dendo as remotas distâncias, em que Sua Excelência se achava, sem dúvida teria já proposto no conceito do mesmo Senhor as singulares circunstâncias, que o abonavam para o desempenho de tão importante nomeação.

Finalmente foi cumprimentado este Ministro por muitos Eclesiásticos, e seculares, que o acompanharam muito fora da Cidade; mas o Doutor Juiz de fora, e o Doutor Intendente o conduziram até Vila Rica, e no dia seguinte com outro concurso de particulares o levaram até o Passa-Dez, onde seguiu a sua jornada para o Sabará.

Tinha Sua Excelência provido os lugares do seu Auditório para quando vagassem por ausência daquele Ministro, e logo no mesmo dia entrou a servir de Provisor, e Juiz das Justificações de genere o Muito Reverendo Arcipreste o Doutor José de Andrade e Moraes. De Vigário Geral do Bispado, Juiz dos Casamentos, e Resíduos o Muito Reverendo Arceidiago o Doutor Geraldo José de Abranches. De Promotor, Procurador da Mitra, e Examinador Sidental o Muito Reverendo Cônego Doutor João Martins Cabrita, sendo também nomeado para o mesmo ministério de Examinador o Muito Reverendo Cônego Penitenciário Simão Caetano de Moraes Barreto.

Para Escrivão da Câmara nomeou Sua Excelência o Muito Reverendo Cônego Mestre em Artes Vicente Gonçalves George de Almeida.

Criou mais um Escrivão do Auditório do Geral, e Resíduos, e um Meirinho Geral.

Todos os súditos de Sua Excelência incessantemente rogam a Deus, que Ihes conserve tão Santo Prelado, pois no acerto, prudência, e virtude das suas ações promete um felicíssimo governo a este Bispado. É muito particular o agrado, com que trata a todos, e por isso universalmente se tem feito amável com tanto extremo, que até os próprios pretos em sinal do seu sincero reconhecimento, e obediência se tem convocado com galantaria a virem dos Arraiais de fora, e de partes distantes, repartidos pelos dias Santos, a trazer cada um seu esteio de lenha.

E é para admirar o concurso, que se ajunta de cada repartição, entrando pela Cidade formados em duas alas, com bandeiras, tambores, e instrumentos, e cantos a seu modo, e se encaminham ao Palácio de Sua Excelência, e num pátio largam a lenha, que em grande quantidade tem conduzido. É inexplicável o contentamento, que recebem, em Sua Excelência Ihes aparecer, a cuja vista se põem todos de joelho debaixo das janelas, e com as mãos levantadas ao Céu pedem com grandes vivas, e alegrias a bênção, que Sua Excelência Ihes dá, mandando também repartir por todos muitas verônicas de Santos, que eles aceitam com grande devoção.

Ordem da procissão

Davam princípio a esta dois guiões de Irmandade. Logo em sua distância seguia-se uma dança de doze figuras mascaradas uniformemente, as quais em bem compassados tripúdios lisonjeavam a vista com a variedade de mudanças.

Seguia-se um carro triunfante do comprimento de vinte e sete palmos, e na popa dez de largo, e com altura na mesma de quinze. Era levantado em fina pintura de bem metidas cores de azul, e branco, recortado com bela airosidade em sereias, delfins, e outros relevos de primoroso engenho, entre os quais se viam vários Anjos, uns pegando em tarjas, que serviam de troféu ao louvor pelas letras, inscrições, e epigramas, que nelas se liam, e outros ocupados com Mitra, Chapéu, e Bago. Era forrado de seda encarnada, perfilando o recorte vários tofos da mesma seda, das quais nasciam muitos ramos de diversas flores naturais, que ao movimento do carro tremulavam com mimoso garbo, e fragrância.

Mostrava a efeitos da pintura sair de uma concha, e esta de uma nuvem, que tocava o chão. Conduzia-se por quatro rodas, a que dava movimento um artifício oculto. Levava no alto da popa um Sol mitrado, exaltado sobre uma glória de Anjos, e Serafins, e da mesma entre resplendores saíam o Bago, e Cruz Episcopal. Dentro do dito carro iam doze figuras, que compunham um coro de vozes, e instrumentos: vestiam todos à trágica com igualdade, assim nas preciosas sedas, como nas cores, que não passavam de azul, e branco, cuja eleição muito acreditou o bom gosto, e idéia de seu Autor pela alegria, que causava tão vistosa perspectiva: coroavam-se de louro, e ornavam os peitos uma tarjas em forma de justilhos, pintadas de prata, e azul, e no meio delas se viam os emblemas, e letras seguintes:

Uma mão pintada, pegando numa pena com esta letra: **Aulae splendor.**

Uma Mitra com a letra: **Optime certante.**

Uma Cruz Episcopal: **Salus Reipublicae.**

Uma Mitra, Bago, e Chapéu: **Virtutis praemia.**

Uma Cadeira debaixo de um docel: **Ubique Primus.**

Uma Mitra ilustrada por um Sol: **Lustrans universa in circuitu.**

Uma Catedral: **Legum Cura.**

Uma nau, e uma mão saindo de uma nuvem com as armas de Mercúrio: **Imago Principis.**

Uma Árvore com ramos, e pomos pendentes: **Annorum pondere.**

Uma Mitra sobre uma almofada: **Collatus honore.**

Na popa, e proa iam duas figuras separadas das mais, trajadas porém à mesma imitação, diferenciando-se só nas asas, que levavam. A da proa representava a Fama com uma trombeta na mão esquerda, de que pendia um Estandarte de seda encarnada, guarnecido de franções de ouro com a letra seguinte:

A fama deste Bispo já se aclama
Muitas vezes maior, que a mesma fama.

Com a outra mão ia lançando flores, anunciando neste hieroglífico os suavíssimos frutos, que a esperança nos prometia pela fama das justificadíssimas virtudes de Sua Excelência. Na tarja, que no peito levava esta figura, se via por emblema uma Igreja pintada, e sobre ela um Sol com esta letra: **Oritur sicuť Sol.**

A figura da popa (sentada em lugar mais baixo a empresa do Sol mitrado) levava pintada no peito uma palma com a letra: **Victoria.**

Alternativamente ao Coro comum competiam estas duas figuras num dueto músico, cujas letras são as seguintes:

Maranhão de prata,
Que outra Clifeia bela
Segues por Estrela
A teu Sol em flor.

Mariana de ouro,
Que do Sol presente
És de Lira ardente
Orfeu com primor.

Ambas.

Nesta perda, e posse
Dá-lhe peregrinas
Consonâncias finas
Lágrimas de amor.

Também uma das figuras do dito Coro cantava às vezes o solo seguinte:

Mariana esclarecida,
Vive, triunfa, impera, e reina,
Pois feliz Astro te exalta
No cruzeiro das Estrelas.

As Estrelas já no Carmo
Te davam glória suprema;
Mas a Cruz, que hoje em ti brilha,
Te dá um Sol por empresa.

No âmbito de todo o carro se liam os seguintes elegantes versos feitos pelo Muito Reverendo Cônego Francisco Xavier da Silva, como exposição do emblema do Sol Mitra, cuja propriedade, e empresa se deve ao mesmo Autor da Poesia, que se segue:

SONETO

O Persa, que no Sol a Divindade
Com o nome de Mitra reconhece;
O Egípcio, que no globo a Cruz lhe tece,
Sustendo-lhe no Bago a longa idade.

Deixe a do Bago anual solenidade,
E o símbolo da Cruz, que resplandece:
Deixe a Mitra de luz, que lhe amanhece
No rutilante oriente da Deidade.

Entre pelo Ocidente de Mariana,
E verá que do seu ruinoso estrago
Se levanta outra luz mais soberana.

Pois no Sol de Manuel, Planeta vago,
Está com ela Deus, donde lhe mana
A Divindade, a Cruz, a Mitra, o Bago.

OITAVAS

I

É sentença Platônica Divina,
E discrição do Sêneca sincera,
Que a obra, que em grandeza se termina,
Tem sempre o exemplo na brilhante esfera.
Desta arte a divisão dos Bispos trina
Semelhança fiel se considera
Do Celeste Bispado tripartido,
Pelo Sol, Lua, Estrelas dividido.

II

Na ordem das Estrelas retratada
Observou o de São Paulo a boa dita,
(Que é Estrela o Apóstolo Sagrada
No conceito do grande Sinaita)
O rio pois do mar admite entrada,

No governo da Lua se acredita;
 E Mariana, que gera o metal louro,
 O Bispado é do Sol, Planeta de ouro.

III

Se no Sol dignamente se figura,
 (Por ser filho da luz, Pastor galhardo)
 Do cândido Prelado a formosura,
 Como prole da luz de São Bernardo.
 Porque o **Ber** significa fonte pura,
 Que se inflama no amor do ardente **Nardo**,
 Fonte Celeste, onde o Persa arbitra,
 Que desce o fogo eterno do Deus Mitra.

IV

Este Sol nas virtudes, e na ciência,
 Como Esposo do tálamo saía,
 Para correr gigante de Excelência
 A dilatada, a perigosa via.
 E ficando Solistício de prudência,
 Glorioso, mas pesado o coche fia
 De Lourenço mais claro, que Hipocrene,
 Mais ilustre, que o filho de Climene.

V

Com a Mitra Lourenço se entregava,
 Do carro então de resplendor vazio,
 Que Faetonte infeliz precipitava
 Na rápida corrente do seu rio.
 Nem o Nume, que já se apropinquava,
 Da mão lhe tira o grato senhoril,
 Porque intenta que a fama o cante, e conte
 Filho do Sol, legítimo Faetonte.

VI

Mas já dos quatro brutos com decoro
 O Sol se estriba no animal primeiro,
 Mais brilhante, que o fácil Brilhadoro,
 E mais alvo, que o Pégaso ligeiro.
 Se não é o de neve, que sonoro
 Sacrificava o Persa ao seu luzeiro,
 Daqueles, que tirou (diz Jeremias)
 Do Templo do Senhor El-Rei Josias.

VII

Eis aqui o quadrúpede Celeste,
 Branco na cor, na índole benigno,
 Que o novo Sol conduz, sem que o moleste
 Pelo signo de Leão de Virgo ao Signo.
 De tanta luz Mariana se reveste,
 De tanta exaltação o Sol é digno,
 Que ambos têm o retrato sem eclipse,
 Ela, no Céu, ele no Apocalípse.

VIII

Pelo orbe de Mariana, Céu flamante,
 Pontífice entra o Sol, que o Sol desdoura,
 Da alva o reveste a Aurora rutilante,
 Forma-lhe a capa a nuvem, que ele doura.
 A coroa é a Mitra mais brilhante,
 Arco a Cruz, que mil graças entesoura,
 Entra enfim vencedor, como saíra,
 Digno do Epitalâmio, que ele inspira.

IX

Vencedor, quando teve a bela Rodas
 Na ínsula feliz Maranoniense,
 Onde as vontades sujeitando todas
 Estátua lhe levantam Colossense.
 Rodes, que Rosa nas primeiras bodas
 O tálamo lhe forma fluminense,
 Rosa, que do seu Sol já Clície canta
 As saudades em flor, a ausência em planta.

X

Tudo enfim por Mariana deixa Apolo,
 Lá vencendo com choro, aqui com riso,
 Para ser no seu rio (outro Pactolo)
 Bispo do Ribeirão, Pastor de Anfriso.
 Venha pois a ilustrar o novo Pólo
 Com tão celeste ardor, com tal aviso,
 Que os raios do Sol Mitra sejam aios
 Da Mitra do seu Sol, e dos seus raios.

SONETO ACRÓSTICO

Dominando a Sagrada Hierarquia
 Freire de Cruz o Sol Inteligente,
 Move o bruto gentil, que dignamente
 A branca neve de candor vestia,

No domicílio seu, no de Maria
 O trono vai tomar mais eminente;
 E reclinado ali, com glória ingente
 Lustra em nova de luzes Monarquia.

Delfos seja Mariana, seja agora,
 As irmãs convocando, a quem ampara,
 Camena do Parnaso, que melhora,

Retumbe do seu Sol na fértil Ara,
 Único o cante em voz alta, e sonora,
 Zagal de Mitra, Bispo de Tiara.

Parecia exteriormente que puxavam o dito carro sete figuras mascaradas por outros tantos listões de fitas encarnadas, que se prendiam à proa; e ao tempo, que aquele parava, se ocupavam as tais figuras em várias danças, e cantos compostos ao modo dos pretos, que tais representavam nas feições, e cor das máscaras: vestiam-se de branco, e azul com saiotos do mesmo, e bandas brancas guarnecidas de rendas aneladas. A mais passava a destreza dos ditos máscaras; porque em outras ocasiões formavam gravemente entre si um Coro de música, que a solos, e a cheios respondiam, e acompanhavam o Coro superior.

No primor, e dispêndio de todo este aparato se conheceu o grande zelo de seu Autor Francisco Gomes da Cruz, um dos mais empenhados na ostentação, e triunfo desta solenidade.

Seguia-se o luzido acompanhamento das figuras a cavalo. Vinha a primeira vestida à trágica de seda vermelha, e ouro com três ordens de marambazes, e capa do mesmo, tudo guarnecido de bordadura de

prata, e vários alamares de prata enlaçados com peças de diamantes; o peito era de ramos levantados em canotilho de prata, fazendo em cima um florão por remate de folhagem, onde estava um broche de grande valor; o fundo todo era coberto de peças de diamantes, e topázios, unidas com igualdade, e correspondência: ornava-lhe a cabeça uma cabeleira de fios de ouro, com que mais realçava a gravidade do gentil parecer desta figura: cingia um laurel, saindo das folhas muitos diamantes, e topázios com um broche na frente, e outro na parte posterior, do qual nascia um penacho de penas finas cor de pérola; das mangas saíam uns ricos punhos de rendas finíssimas, os pulsos cingidos com braceletes de pedras preciosas: calçava borzequins de marroquim com ramos soltos de ouro, e prata.

Levava esta figura na mão direita um Sol, saindo dos raios a letra seguinte: **Ortus est.**

No braço esquerdo uma tarja com esta letra: **Congregati sumus in splendore suo. Reg. I, cap. 8, Eccles. 6.**

Montava num cavalo castanho, malhado de branco, as crinas eram guarnecidas de fitas vermelhas, matizadas de branco com duas ordens de cada parte, rematando no fim das tranças uma alcachofra das mesmas fitas, que lhe caía nos peitos; todos os mais laços eram das mesmas fitas com topázios no meio; os arreios de marroquim, ferragem, estribos, e bocado dourado, a sela forrada de veludo verde, xairel, e bolsas do mesmo, bordadas de ouro, levava o cocar de flores sobre um chuveiro de lata em fio.

Acompanhavam às estribeiras dois pagens vestidos à Mourisca com suas véstias de seda encarnada, fraldão do mesmo, guarnecido tudo de galões de prata, turbantes, e laços de fitas caídos, calçados com meias vermelhas, e sapatos de marroquim com fivelas de pedraria.

Procedia a segunda figura com o mesmo traje, vestia três fraldões, e capilar; era este de seda branca com ramos de prata, e matiz cor de rosa, e goivo, guarnecido de franjões de prata crespas, e palhetão, todo salpicado de fitas de tela de várias cores com jóias de diamantes, e no ombro esquerdo rematava com um rico broche, preso em laço de fita de tela de prata em campo azul, dois dos ditos fraldões eram irmãos da seda do capilar, e o do meio de brocado de ouro em campo cor de pérola, todos guarnecidos de franjas de ouro com borlas do mesmo nos seus remates: levava manguitos de fina cambraia, e ricas rendas de França com pulseiras de diamantes, que correspondiam ao afogador.

O peito guarnecia-se de diamantes, rubis, e topázios, levantado com boa idéia em relevo de canotilho de prata em campo azul, servindo-lhe de remate, que mais o fazia sobressair, uma das mais importantes jóias de diamante, que apareceu no ato.

Enfeitava-se a cabeça de pedraria fina, levantada em relevo de canotilho de prata, em campo de melania de prata, cor nácar, e por cima cingia um cocar redondo de plumas brancas, fechando na parte posterior com plumas mais elevadas, e no seu nascimento prendia um espicioso broche de diamantes em laço de fita de tela azul, e ouro; o pescoço lhe ornava um rico afogador de diamantes cravados em ouro, que prendia com um laço de fita de tela de prata, e cor-de-rosa, em que assentava uma rica jóia.

Calçava uns borzeguins de vivo marroquim guarnecidos de renda de ouro, e prata, em que entremetiam laços de fita de tela azul, que prendiam várias jóias de diamantes.

Levava esta figura na mão direita três girassóis, de que saía esta letra: **Obsequium praestant.**

No braço esquerdo uma tarja com a inscrição seguinte: **Faciem tuam semper requiram. Salm., 26.**

Montava sobre um cavalo ruço pombo, especial na mansidão, e formosura; a sela era de veludo carmezim com passamanes de prata, xairel, e bolsas do mesmo, bordadas de ouro, os arreios de marroquim com toda a ferragem de prata, as crinas de rendas de prata, e ouro sobre chamalote nácar, e pendiam nas pontas com borlas de ouro; das orelhas até o arção da sela formavam segundas crinas de flores de seda, e canotilho de prata com laços de fitas lisas de várias cores; na testeira levava um broche preso em laço de fita de tela de prata, e azul: via-se elevado um martinete formado de flores de canotilho de prata, e penas finas de várias cores; ultimamente levava os cascos das mãos, e pés prateados.

Acompanhavam esta figura dois mulatinhos iguais na estatura, que lhe serviam de pagens à estribeira: levavam na cabeça barretes brancos com meia Lua azul, e clara, em que assentavam laços de fita de tela de prata cor-de-rosa com jóias de diamantes, e avultados topázios: iam guarnecidos de rendas de prata com cocares de plumas brancas, azuis, e encarnados, que prendiam no seu nascimento com laços de fita de tela de ouro, e azul: vestiam justilhos de holanda com alamares de prata, com manguilhos de fina cambraia e renda, dois fraldões brancos bordados de retrós, e matiz guarnecidos de franja de prata: calçavam de branco com sapatos prateados, e saltos dourados, nas fivelas topes de fita azul com várias pedrarias cravadas em prata, dragonas nos ombros, e bastões nas mãos.

Seguia-se a terceira figura, cujo toucado da cabeça se compunha de uma peruca loira com várias flores de diamantes, laço no pescoço, de que pendia um rico afogador; o capilar era de seda amarela com ramos de prata, e matiz, guarnecido em roda com rendas de prata; o peito em campo verde, guarnecido em boa ordem

de ricos diamantes, e topázios, cercado em roda com rendas de prata crespa: vestia dois fraldões, um irmão do capilar, e outro de brocado de prata, e cor-de-rosa, ambos perfilados de bordadura de prata, manguitos de finas rendas, e com pulseiras de diamantes: calçava borzeguins de chamalote nácar, guarnecidos de rendas de prata com laços de fita de tela de ouro.

Na mão direita levava uma meia Lua rodeada de Estrelas com a letra seguinte: **Ut praesset.**

No braço esquerdo uma tarja, em que se lia: **Sic ille effulsit in Templo Dei. Eccles., c. 50.**

O cavalo, em que montava, era de boa figura, de cor murzelo, a sela de veludo azul, xairel, e bolsas da mesma cor, bordado tudo de ouro, os arreios de marroquim com ferragem dourada, entrançado com fitas azuis, e amarelas: levava na testeira um rico broche assentado num laço de fita de tela cor-de-rosa, e ouro, rematava na cabeça um martinete de plumas brancas.

Acompanhavam dois pagens com turbantes à Mourisca, em que entremetiam cordões de ouro: vestiam justilhos, e fraldões encarnanos, guarnecidos de galão de prata, meias da mesma cor, e servilhas de marroquim, e nas mãos com seus bastões.

A quarta figura era um mancebo de gentil presença; o seu asseio muito especial, porque toda ia de branco correspondendo à propriedade do emblema: vestia-se de melania de prata, guarnecida de franjões do mesmo, os fraldões de ló branco salpicado de Estrelas, que se viam brilhar entre muitas flores vermelhas, e azuis, e ramos de ouro; servia de capilar outro ló da mesma qualidade, cujas flores, e o mesmo ló pareciam fugir com o vento, a não estar preso com três broches sobre os ombros, e com outras prisões de diamantes, que em suas distâncias faziam sair, e recolher as ondas da capa, que tomada no braço esquerdo com uma volta, saía por cima dele a finalizar quase junto do chão com uma borla de ouro pendente na ponta, e tudo franjado de ouro.

O peito tinha por campo melania branca de prata, sobre que se levantavam vários ramos, e relevos de aljôfares, embrechados com diamantes com tal proporção na riqueza, e arte, que ficava duvidoso à vista, e compreensão, se a obra vencia à matéria, ou a matéria excedia à obra; mas ficou sem controvérsia, que entre todos se ostentava único no feitio, pois se deixava lograr todo cheio de diamantes, e outras pedras preciosas, com igual largura do peito até à cintura, acabando retalhado em sete línguas com outras tantas rosas de ouro, ou rosicleres, a que serviam de espinhos de diamantes, e de folhagem as franjas de ouro, que tinham em guarnição.

Calçava botinhas formadas de rendas de prata, no revizilho duas ordens de cordões de ouro, que apertavam no meio outra de diamantes; os quadrados, e ponteados dos sapatos eram de cordões de ouro, só os saltos diferencavam em serem de prata batida, em que encaixavam umas esporas de prata; a volta dos canhões vinha rodeada de rosiclères de ouro, e prata, e diamantes, perfilada nas extremidades com cordões de ouro.

Levava cabeleira branca com grande proporção, e ar do rosto: cingia a frente uma coroa de louro, cujas folhas feitas de nobreza verde deixavam equívoca a natureza; entre as esmeraldas das folhas saíam como frutos topázios, que davam maior graça, e lustre ao círculo: fechava na testa com uma jóia de diamantes, que se esmaltava com uma coroa de ouro, e pedras preciosas: rematava a parte posterior um broche da mesma pedraria, que apertava um cocar de plumas brancas.

Do braço da rédea pendia um escudo de prata maciça, e lavrada com todo o primor, sendo de fosco nas conchas, e ramos; o peito dela tão liso, como cristal, que servindo de espelho aos olhos, metia invejas ao Sol, pelo que lhe furtava em raios, sem que a muita luz eclipsasse as letras, que de fosco se deixavam ler no meio: **Dabo tibi stellam. Apoc., cap. I.**

Na mão direita uma Estrela de prata batida de esfera de palmo e meio, tão brilhante, que com os reflexos do buril cegava; da mesma mão saía para fora lançada ao vento uma fita da mesma prata da largura de quatro dedos, retorcida nas pontas, e ondeada no meio com esta letra: **Ad dirigendum.**

Finalmente sustentava esta rica figura um cavalo pombo, altivo, fogoso, e soberbo; a sela era de veludo verde bem lavrada, e guarnecida, os chairéis de veludo azul primorosamente bordados de prata, os estribos, e toda a ferragem de prata, e os arreios forrados de fitas azuis, freio, e cascos do cavalo prateados; sobre a cabeça se levantava um martinete de plumas brancas por entre chuva de lata; na testeira um grande laço de fita de matizes de ouro com duas pontas caídas, e franjadas de ouro, e no meio dela um formoso rubi, que feria fogo; junto dos olhos tinha outras duas pedras iguais no meio de duas rosas de fitas brancas, e azuis, junto ao bocado outras duas com topázios; das mesmas fitas se ornavam a cauda, e crinas, as quais cobria uma donosa cachaceira de seda vermelha guarnecida de azul, cheia toda de belas rendas de prata crespas, que caía com muito ar até quase os pés do cavalo com dois laços, e borlas nas pontas.

Acompanhavam esta figura dois pajens de pé, vestidos igualmente de branco, os sapatos brancos com fivelas de pedras, calções, e véstias brancas finas, os saíotes de cassa lavrada em ramos, nos

ombros dragonas de fitas brancas, e azuis tomadas num laço, que prendia uma peça de ouro: cobriam-se com uns barretes de Holanda branca levantados ao alto, sobre-excedendo-lhes um cocar branco preso atrás com broche de diamantes, e com seus bastões.

Por se não fazer fastidiosa esta notícia com a larga descrição das figuras, se expõe por resumo, que as mais, que se seguiam, na riqueza, e primor dos adornos tinham igualdade, e imitação; suposto que mutuamente se venciam umas às outras nos esquisitos das sedas, quantidade, e valor das jóias, e várias galantarias de gostosa eleição, e arte.

Diferençavam-se porém nas empresas, que levavam, significativas do emprego Pastoral de Sua Excelência.

Era a empresa da quinta figura um ramo, ou pequena árvore, e no alto dela uma ave branca, a que os Naturais chamam **Ave luzida**, e do corpo da mesma saíam umas penas douradas: cercava o dito ramo um letreiro, que dizia o seguinte: **In Iucent Gentium.**

No braço esquerdo um escudo com esta letra: **Emitte lucem tuam. Salm., 24.**

A sexta figura levava na mão direita um bem imitado Pelicano feito de cera, coberto com penas naturais, e asas abertas, rasgando o peito, e com três passarinhos vivos picando nele, armado tudo num ninho de flores, e de várias penas, do qual pendia o letreiro seguinte: **Reficiam uos.**

No braço esquerdo levava uma tarja com a seguinte letra: **Animam dat pro ouibus suis. Ioann., 10.**

A sétima figura levava na mão direita um coração, saindo dele vários fios de canotilho de prata com esta letra: **Virtus exhibit.**

Na tarja do braço esquerdo era a letra: **Poste te curremus. Cant. I, cap. 3.**

A oitava figura levava uma pequena árvore com frutos pendentes, e com a letra: **Praeuenio in maturitate.**

No braço esquerdo a tarja com a seguinte: **Salus, ubi multa consilia. Prov., cap. II.**

A nona figura levava uma trombeta, de que pendia um estandarte com esta letra: **In spiritu lenitatis.**

E no escudo a seguinte: **Spiritu labiorum suorum interficiet impium. Isai., cap. II.**

A décima figura levava uma coluna, e no alto dela uma Mitra com o seguinte letreiro: **Firmabitur, et non flectetur.**

No braço esquerdo um escudo com outra letra: **Ad ostendendam uiam in columna. Exod., cap. 13.**

A undécima figura levava uma Mitra exaltada sobre uma nuvem, e no alto da dita Mitra uma Estrela, cuja letra era a seguinte: **Contulit ei splendorem.**

E no braço esquerdo uma tarja com a seguinte: **Splendor eius, ut lux, erit. Habac., cap. 3.**

Seguia-se às sobreditas figuras uma dança de Carijós, ou gentio da terra. Era esta ajustada de onze mulatinhos de idade juvenil, nus da cintura para cima, a qual cingiam várias plumas cinzentas caídas até os joelhos, formando saio: rodeavam as cabeças penachos das mesmas plumas, e outros fingidos de papel pintado, e latas crespas; nos braços, e pernas tinham várias prisões de fitas, maravalhas, e guizos; na variedade das mudanças usavam de uns arcos, com que formavam diversos enleios, cantando ao mesmo tempo célebres toadas ao som de tamboril, flautas, e pífaros *pastoris*, tocados por outros Carijós mais adultos, que na grosseria natural dos gestos excitavam motivo de grande jocosidade.

Seguia-se por admirável extremo deste triunfante aparato uma imperial carroça, em que ia em lugar eminente debaixo de um nobre, e bem levantado pavilhão de damasco carmesim, guarnecido de franja, e borlas de ouro, a Igreja, cuja figura fazia um mancebo de grave, e gentil semblante, vestia-se de capa Pontifical, de rica tela branca de ouro, Tiara bordada de importantes, e preciosas peças de diamantes, e de outras pedrarias finas de inestimável valor; levava na mão direita uma Cruz dourada do comprimento de oito palmos, e na esquerda, encostada sobre um livro, um Cálice, e duas chaves douradas penduradas por cordões de ouro; iam dentro seis Anjos, que na riqueza do ornato tinham competência com as mais figuras: assentavam-se dois aos lados do trono, espalhando flores, e os quatro em lugar mais inferior compunham um Coro de música acompanhado de vários instrumentos, que do Coro interior, e debaixo do pavimento do trono se ouviam; levavam os ditos Anjos nos braços da parte de fora suas tarjas, em que se liam a seguinte letras:

1. **Egrediatur sponsus de cubiti suo, et sponsa de thalamo suo. Joel, cap. 2.**
2. **Veni, et ostendam tibi sponsam. Ap., 21, 9.**
3. **Sponsus processit, et amici eius cum tympanis, et musicis. I Macab. 9, 39.**
4. **Tenuisti manum dexteram meam, et in uoluntate tua deduxisti me. Salm., 72.**
5. **Quaesiui sponsam mihi assumere, et amator factus sum formae illius. Sapient, 8, 2.**
6. **Nunquid possunt filii sponsi lugere, quandiu cum illis est sponsus? Math. 9, 15.**

Era a construção da obra de primoroso engenho, tanto nas propriedades, e preceitos da arquitetura, que lhe dera a forma, quanto nos vivos acidentes da pintura, que lhe comunicara a alma; na parte posterior da popa se elevava um formoso escudo com as armas de Sua Excelência, as quais sustentavam dois Anjos, pegando juntamente num chapéu Episcopal com cordões, e borlas de ouro, que cobria o dito escudo.

Tinha este carro de comprimento trinta palmos, e na popa quinze de altura, sobre o qual se elevava o pavilhão com dez palmos de alto: estendia-se a mesma popa em doze palmos de largo, tanto na altura, como em largura, se declinava em proporcionado declívio, e airoso recorte em relevos, florões, e outros desenhos, que realçava a idéia, e primor do artifício, em seis palmos de altura na proa, e cinco de largo na mesma.

Acompanhavam seis pajens por banda, vestidos de branco, e saíotes de seda encarnada, laços no pescoço, e barretes vermelhos, meias brancas, e sapatos de marroquim com mascarilhas nas caras, e seus bastões.

Movia-se por quatro rodas a benefício de um tiro de seis cavalos, que o puxavam governados por um sota, e um cocheiro, assentado em lugar delineado para o mesmo intento: vestiam estas duas figuras à trágica de roupas de seda de matizes: cobriam-se as guias, ou fiadores de fitas encarnadas, com as mesmas se guarneciam em muitas ordens as crinas dos cavalos; os martinetes se formavam de rosas, e laços de fitas com chuveiros de lata em altura de dois palmos; iam cobertos de gualdrapas, recortados em marambazes, e debuxados de matizada pintura.

Foi especial acerto do empenho ajustaram-se seis cavalos de igual formosura, briosos, e soberbos, todos castanhos, silvados, e quatralvos, sendo não menos para admirar a invenção da uniformidade, sossego, e boa ordem, com que conduziram aquela portentosa máquina, sem mais exercício do que aquele, que puderam ter com o ensino de oito dias, para em tudo ser maravilhosa uma fábrica nunca vista neste País, executada a impulsos da grandeza, e generosidade do Doutor Manoel Ribeiro de Carvalho, hoje Cavaleiro professo na Ordem de Cristo.

Seguiam-se todas as Irmandades, e Confrarias da Sé

Procedia o estandarte da Câmara acompanhado de muita Nobreza, em que se admiravam custosas galas. Ilustrava-se este corpo com o concurso do Senado, a que presidia o Doutor Francisco Ângelo Leitão, Juiz de fora atual da Cidade, e Cavaleiro professo da Ordem de Cristo. Vestiam-se os Senadores de Corte com as bandas das

capas, canhões das casacas, e vestes de diferentes, e ricos galacés de ouro, distinguindo-se entre todos aquele Ministro pela opulência, e gravidade da gala, com que apareceu naquele dia, em pública demonstração do seu empenho, como origem principal do aplauso, e triunfo, com que os moradores dela gostosamente receberam a Sua Excelência. No que teve igual parte o Doutor Intendente Domingos Pinheiro, que revestido de sua atividade, eficácia, e respeito, cooperou com o Doutor Juiz de fora, sendo ambos instrumento inseparável de tão nobre triunfo.

Seguiam-se debaixo de uma Cruz vários Religiosos, que se achavam nestas Minas; o numeroso Clero de todo o Bispado, assim de Capelães das Capelas, Vigários encomendados, e colados, como os das varas do mesmo Bispado, o Reverendo Cura da Sé, e os Muitos Reverendos Cônegos da Sé do Maranhão, e do Rio de Janeiro, já nomeados neste manifesto.

Pelo meio desta Comunidade Eclesiástica ia immediato à Cruz um Coro de música, cantando a Antífona: **Ecce Sacerdos magnus**. Seguiam-se Luís de Mendonça Cabral, Tesoureiro da Real Intendência desta Cidade, o qual numa salva de prata levava o barrete de Sua Excelência, José Caetano Rodrigues de Horta, Cavaleiro da Ordem de Cristo, e filho do Coronel Caetano Álvares Rodrigues, o chapéu Episcopal, e o Doutor Manoel Ribeiro de Carvalho a capa magna, todos de distinta nobreza, e qualidade.

Seguiam-se duas preciosas Mitras, que levavam dois Capelães de sobrepelizes, e véus.

Logo o Muito Reverendo Doutor Geraldo José de Abranches, Arcipreste da Sé de São Paulo, revestido com capa de Asperges, com o Bago de Sua Excelência, e o Reverendíssimo Doutor Governador Lourenço José de Queirós Coimbra, Presbítero assistente, e revestido da mesma forma. Todo este aparato dirigia o Muito Reverendo Doutor José de Andrade e Moraes, que, como Promotor que era do Bispado, e Procurador da Mitra, levava a vara de Vigário Geral por impedimento deste Ministro, que era o Reverendíssimo Governador, e o Meirinho Geral, e seu Escrivão compunham a Procissão nos lugares, em que lhes tocava.

Procedia Sua Excelência debaixo do Pálio na forma, que já fica exposto, a que se seguia o Doutor Ouvidor da Comarca, montado nobremente num brioso cavalo, e depois uma companhia de soldados Infantes, que do sítio da Capela de São Gonçalo vinham fazendo a retaguarda, unindo-se à mesma as mais milícias, que ao tempo, em que Sua Excelência ia passando pelas ruas, desfilavam das alas, e marchavam em boa forma, até o mesmo Senhor recolher-se para a sua Santa Sé.

Assim se celebrou a solene entrada de Sua Excelência; e no desvelo daquele glorioso triunfo, para que privativamente concorreram os moradores seculares desta povoação, se veio no conhecimento da Cristandade, e veneração, com que eles costumam receber os Prelados da Igreja, desvanecendo o diverso, e injusto conceito, que em outro tempo os pretendeu desluzir.

FIM DA RELAÇÃO

ORAÇÃO ACADÊMICA, E CONGRATULATÓRIA

à felicíssima, e desejada entrada do Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Manuel da Cruz, Primeiro Bispo do Bispado de Mariana, feita pública, e solenissimamente na sua Capital a 28 de novembro de 1748.

Foi Presidente da Academia, e recitou a mesma Oração, como remate de todos os aplausos, que se fizeram a Sua Excelência Reverendíssima, o Muito Reverendo Doutor José de Andrade e Moraes, **novamente criado Arcipreste da Catedral do dito Bispado.**

Esta função Acadêmica se fez a 10 de dezembro do dito ano, e assistiram a ela o dito Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor com toda a Nobreza da mesma Cidade.

EXCELENTÍSSIMO E REVERENDÍSSIMO

Senhor. Ilustres, e literatíssimos Magistrados: uns ornamento sagrado da Igreja; outros brilhante coroa da República. Preclaros, humaníssimos Hóspedes. Nobre, sapientíssimo Congresso

Feliz Mariana,
Amante, triunfante
Na glória, que tem,
Festiva, e ufana,
Em plectros, e metros
Se dá o parabém.

Esta breve letra, que em cadentes harmonias, e numerosas cadências de Apolo, e Orfeu repetiu com suave modulação o Coro Músico, é a grande alma, que anima a decantada empresa deste gratulatório obséquio. Esta felicíssima Cidade, a nossa Mariana, mil vezes ventu-

rosa, e mais afortunada que as urbanas povoações Marianenses, famigeradas na História, como são: a Marien cabeça de Bispado na Ilha da Córsega, a Mariemberg de Alemanha na Saxônia alta, a Mariemberg dos Países Baixos nos confins de Hainaut, e Luxemburgo, a Mariemberg do Reino de Polônia, cabeça da Prússia Real, a Mariemberg de Irlanda, e a Mariana numa das Ilhas da Ásia; à nossa Mariana (digo) mais feliz, que todas essas Cidades Marianenses, se dão hoje os parabéns da excelsa ventura, que goza com a posse pública, e luzida entrada do sempre Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Manuel da Cruz, primeiro meritíssimo Bispo deste novo Bispado.

Este júbilo, que depois de redundar nos corações acordes, e concordes na causa, e nos efeitos de tanta alegria, tem tocado cordas mais afinadas, que as da cítara de Arion, e as da lira de Cadmo, para explicar em harmonias o alto conceito de seus prazeres; este alvoroço, que não cabendo na esfera do peito, chegou a abrir as portas da eloquência, publicado, mais que em voluntários períodos da prosa, em numerosos, e medidos preceitos da Poética, cujos sublimes Autores, se não excedem, igualam nos seus Ritmos aos Menandros Atenienses, e aos Píndaros Tebanos; este alvoroço pois, este júbilo é o jocudo estímulo, o alegre instrumento, que agora apara as plumas de Cícero, e Demóstenes, para que voe nas asas da centilingie, e tubicinante Deusa por benefício da Oratória a fama do excessivo, justo contentamento de Mariana.

Alegra-te sim, ó Mariana ilustre: Congratula-te, ó Cidade famosa: dá-te os parabéns a ti mesmo, ó nobilíssimo Povo; pois na desejada possessão, na suspirada companhia do teu sagrado, excelso Príncipe, só tu conheces a completa felicidade, que te resulta da sua honorífica assistência. O teu Excelentíssimo, e amabilíssimo Prelado, ó Mariana, é justo sem os excessos da justiça, é pio sem as frouxidões da piedade, é urbano com inteireza do respeito, é respeitoso com agasalho de afabilidade, é desejado, e temido, é amável, e majestoso, magnífico sem afetação, munífico sem jactância. É santo, sábio, sóbrio, prudente, ornado, casto, caritativo. Doutor, abstinente, brando, modesto, pacífico, desinteressado, e perfeito pai de famílias Evangélico.

Assim queria São Paulo que fosse o seu Bispo Timóteo, e assim logras tu a fortuna de ter, ó Mariana, o teu Preclaríssimo primeiro Bispo o Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Manuel da Cruz, que Deus prospere. E na invejada posse de tão glorioso Príncipe, na intuitiva notícia de suas heróicas virtudes, como não hás de exultar, e jocundar-te, ó Mariana feliz? Mas, oh! que a nossa Cidade em públicas, e festivais demonstrações mostrou triunfante a sua alegria tão superior, como a causa dela.

Não vistes, Senhores, o soleníssimo triunfo, com que esta Cidade recebeu em 28 do mês passado ao seu sumo Sacerdote? Pois por certo que não viu Jerusalém nos seus triunfadores Tito, e Vespasiano tanta glória. Não viu a antiga Roma entre os triunfos de Tarquínio, que foi o primeiro, que logrou este vistoso aparato; o de Paulo Emílio, que foi de todos o mais solene, e magnífico, e entre os outros cento e vinte, que diz Paulo Orósio, que se celebraram naquela Cidade desde a sua fundação até o tempo do mesmo Autor. Não viu (digo) tanta majestade, como ostentou a nova Mariana naquele fausto dia, em que levantou vivas, e preciosíssimas estátuas, as quais deram a ler a presente, e futura, perene felicidade, com que se coroa o seu júbilo neste triunfo. Nos triunfos Romanos precediam os instrumentos bélicos: seguiam-se a estes diferentes carros com os despojos dos vencidos; e era só um o carro triunfal, tirado por quatro cavalos brancos emparelhados, e nele ia o vencedor triunfante. No pomposo espetáculo Marianense teve o triunfal aparato outra ordem, para se diferenciar dos triunfos militares o da Igreja.

No vistoso triunfo de Mariana precediam três engraçadas chorréias, as quais, compassando alegrias ao som de harmônicos instrumentos, mostravam que o gosto de receber ao seu Príncipe sagrado fazia saltar toda a terra de contente. Eram três os harmoniosos bailes, porque é o número ternário o mais perfeito, por isso não deviam ser menos os tripúdios, para se inculcarem os da maior perfeição. Fizeram airosas voltas, para que formando rodas o contentamento, girasse o gosto em moto contínuo até se fazer o prazer perpétuo.

A estas alegres danças seguia-se o primeiro carro triunfante tão cheio de primor, e lustre, que o seu Autor empenhado, fazendo-o andar pelos ares entre nuvens de diáfanas safiras, parece que quis despojar a quarta esfera do carro de Apolo. E não me engano; porque aquele andante, ou movido sólio sustentava a Mitra do Sol, ou o Sol Mitren, como glorioso hieroglífico do Preclaro Pontífice Marianense. Luzido retrato para tanta glória! Prodigiosa Metamorfose de luz para os auspicados, brilhantes progressos da nossa Mariana! Tinha esta Cidade no Carmo o timbre das Estrelas para luzir, agora aumenta-se-lhe o esplendor; porque um Sol mitrado é o que ilustra, e coroa a sua grandeza. Sim, que é todo Sol nos luzimentos, e na claridade das virtudes o Excelentíssimo Prelado, o sagrado Pastor, que a ilumina.

Seguia-se à soberania deste luminoso espetáculo outro alegre, pueril tripúdio. Era de meninos o baile, para ser o amor a guia do festejo; pois para se fazer gigante do prazer, nunca passou Cupido da infantil estatura, nem pode deixar o amor de ser sempre menino para se perpetuar o seu gosto. Se já não é que por isso os meninos

dançam neste aplauso; porque como Sua Excelência Reverendíssima é quem anima este alvoroço público, significam os pueris dançadores, que nunca há de envelhecer o gosto, antes será perene a alegria com a assistência de tão ilustre Príncipe. Antecedia, e seguia reproduzido o júbilo nas choréias ao brilhante emblema do nosso Excelentíssimo, e Reverendíssimo Prelado; porque a alegria é a precursora das suas virtudes amáveis, e as suas heróicas luzidas prendas levam, e arrastam (mas sem violência) após si os jubilantes corações. Não se mudava este afeto nas voltas do baile, antes as mudanças do tripúdio indicavam a firmeza do contentamento.

Ao saltante Coro da referida aprazível farsa se seguiam onze majestosas figuras, as quais subjugavam a outros tantos generosos brutos. Se se pudesse ver o Céu a cavalo, ver-se-iam as suas onze esferas, que admitem alguns Filósofos, montadas na terra nas onze figuras, que ilustraram o nosso triunfo. Tudo nelas era celeste; o ouro, e a prata, entretecido nas primorosas sedas, que vestiam, ou competiam co ma Via Láctea no brilhante, ou com os reflexos do Sol no refulgente. Os diamantes, os rubis, e outras pedras preciosas, de que se ornavam, eram emulação das Estrelas, com que se adorna o Firmamento. Toda esta luzida tropa ostentava em finíssimas tarjas de prata, e de outras matérias, em que se esmerou a arte, onze profundos, e sutis emblemas Episcopais, os quais vaticinam as inumeráveis felicidades, que terá esta Diocese com a inestimável posse de Prelado tão excelso, como é o Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Manuel da Cruz. Por isso foram onze os faustos, augurantes enigmas do triunfo.

De doze foi o número da primeira idéia para este alegre espetáculo: faltou uma figura, mas cresceu o mistério do algarismo nesta falta daquele primeiro destinado número; e número duodenário, como consideram muitos Teólogos, é universal, e explica um tudo, ou um todo perfeito; eram hieroglíficos das heróicas virtudes do nosso Marianense Pontífice, e das completas felicidades, que com ele gozamos aqueles Pontifícios emblemas. Pois não cheguem a doze, que é número completo, e universal, sejam somente onze, que é número incompleto, e diminuto, para explicar um todo, ou um tudo; pois para significar o tudo de perfeições, que tem o nosso ínclito Prelado, e o todo das venturas, que neles (sic) temos, não há algarismos, que cheguem, é defeituoso todo o número.

Se bem que neste defeito de números descubro eu o excesso do mesmo algarismo com perfeição, se é que pode caber a perfeição no excesso. Eram onze as vaticinantes Semi-deusas nos enigmas do Marianense, Episcopal aparato; e se foram só dez as Sibilas, que auguraram futuras felicidades ao mundo, como afirma Varrão, cresceu na presente ventura nossa o número das fortunas, porque excedem a

todas as prosperidades pretéritas as que se auspiciam à Mariana com o seu Príncipe sagrado. O certo é que delineou a mão de Astréia este aparato obséquio; e o braço da justiça não havia de mover diminutos aplausos a um digníssimo Prelado, a quem de justiça se devem completos todos os louvores.

Atrás desta enigmática, e brilhadora cavalcata rodava suntuoso, e rico o segundo carro triunfal, tão magnífico, e majestoso, como o ânimo de quem o aprontou. Era ele o remate de tão glorioso aparato; não podia ter outro lugar para ser, como foi, a excelsa coroa de tão vistosa magnificência. Neste, pois, trono portátil se via muito de assento a majestade da Igreja, a qual, para parecer coisa do Céu, se já não era triunfante, ia triunfadora, e triunfando Igreja Mariana, por conseguir a venturosa companhia do seu novo, e amado Esposo espiritual. Ah! E quanto excedeu a todos os antigos este novíssimo ovante triunfo! Naqueles era só um o carro do triunfador, neste foram dois os carros triunfais, para que num só se vissem muitos triunfos.

Competiam-se os dois carros no primor do asseio, e no custoso da máquina; mas deixando indeciso o arbítrio para avaliar a maioria, ambos têm uma grande singularidade para ostentação deste júbilo, e vem a ser; que triunfando igualmente o Excelentíssimo sagrado Príncipe, e a sua nova Igreja de Mariana, não são iguais os emblemas do triunfo: o da Igreja é figura viva; o do Príncipe, enigmática. Parece que devia ser pelo contrário. O Príncipe havia de representar-se em figura viva, porque é vivente; a Igreja num, ou muitos emblemas, porque é um corpo místico, e não natural. Mas, oh! que não seriam adequadas as figuras para o intento, se a da Igreja Mariana não fosse viva, e a do seu Príncipe sagrado emblemática. A figura da Igreja é viva, porque tem nova vida, e espera novos vitais alentos da graça com tão ilustre Príncipe, como é o seu novo, e Excelentíssimo Prelado. A do Prelado é enigmática; porque a tão santo, e virtuoso Príncipe, como é o Senhor Dom Frei Manuel da Cruz, não pode haver, nem há, quem o represente ao vivo.

Vive pois gloriosa, ó Mariana ilustre: recebe os vivas no aplauso dos teus, e na inveja dos estranhos. Parabém, parabém te seja, ó Cidade excelsa: seja-vos parabém, ó nobilíssimos Cidadãos Marianos, pois no vosso eminente primeiro Prelado tendes quem faz a primeira das Cidades a nossa Mariana. Mas quem não dirá que é paradoxo o vaticínio de tanta ventura? O Senhor Dom Frei Manuel da Cruz, ainda que é o primeiro Bispo de Mariana, contudo na hierarquia de Prelado já é segundo, pois primeiro que de Mariana foi Bispo do Maranhão. Na ordem dos Bispados também o Maranhão foi primeira sede do nosso Príncipe Eclesiástico, e esta de Mariana é segunda. Pois se a Igreja, e o Prelado são segundos, como podem ser primeiros? Por isso mesmo: são primeiros, porque são segundos.

Eu bem podia satisfazer à dificuldade deste fausto agouro, se dissesse, que o Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Manuel da Cruz, ainda que agora se acha em segundo lugar de Bispo, sempre tem o primeiro lugar entre os Prelados mais beneméritos, porque entre todos é primeiro sem segundo; e por isso mesmo, porque merece segundo Bispado, e Bispado, que é primeiro pela sua nova criação, e por não ser ainda ocupado de outro Bispo depois da sua divisão, é segundo sem primeiro. Porém tenho melhor satisfação, que dar, senhores, à vossa crítica; e digo, que por essa mesma razão, por que Sua Excelência Reverendíssima ocupa duas Cadeiras Pontificais, é a segunda primeira, e mais nobre que a primeira; e fica em primeiro lugar, que todos, o seu preclaríssimo Bispo. Toda esta felicidade tem a sua idéia no primeiro Bispo, que conheceu o mundo Católico.

Quis eu averiguar quem foi o primeiro Príncipe da Igreja, que teve o nome de Bispo, e achei que foi o primeiro de todos, que é São Pedro. Pedro instituiu Bispos a todos os Apóstolos, depois que Cristo lhe deu o poder das chaves; mas ao receber as chaves, e o poder, foi Pedro criado, e ordenado Bispo pelo mesmo Cristo. Assim o dizem Turcremata, Belarmino, e outros Autores Eclesiásticos. Teve este primeiro Bispo duas Cadeiras, ou duas Igrejas, para mostrar que quem merece duas Sedes Episcopais, é só quem se faz primeiro pelo merecimento entre todos os Bispos. A primeira Cadeira de Pedro foi Antióquia, e ali teve sete anos a sua Sede Pontifícia, como afirma o Padre Ribadeneira; a segunda foi Roma. Mas sendo Roma a segunda, se levantou com o Principado, e Primazia de toda a Igreja. Este é, ó Mariana, a tua sorte feliz; para que sendo segunda esposa do teu Excelentíssimo Bispo, te faças primeira com o teu ínclito primeiro Prelado. Primeiro foi Sua Excelência Reverendíssima Bispo do Maranhão, e também teve naquele Bispado a Cadeira Pontifical sete anos, como o Príncipe dos Apóstolos em Antioquia. Sim, sete anos foram cabais os do seu Pontificado na Diocese Marananiense; pois sendo consagrado Bispo nos fins do ano de 1738 e partindo de Lisboa a 27 de abril do ano de 1739 a exercer os poderes Preláticos no seu primeiro Bispado, ao qual chegou em 15 de junho da última era referida, foi absoluto do vínculo espiritual daquela Igreja em 15 de dezembro de 1745 dia, em que o Oráculo Vaticano lhe pôs o **Fiat** na Bula de Bispo Marianense. E vindo o teu Bispo depois de sete anos do governo Episcopal de outra Igreja a criar-te, ó Mariana, serás como Roma a segunda na criação; mas és na realidade a primeira pela primazia, e principado, como outra Roma.

Oh! Vive, e triunfa tão durável nesta tua regalia, como te asseguram nos escudos do teu novo Pontífice os timbres da sua grandeza, que são verdadeiro prognóstico, de que se ele não é imortal para amparar-te, viverá (ao menos) os anos de Nestor para te felicitar.

Que querem dizer no escudo bipartido das suas armas, numa parte aquelas duas serpentes, merecido brasão dos Ilustríssimos Freires, e em outra as flores de Liz, insígnias, que da antiga Real Casa de Borgonha tomou São Bernardo, soberano Patriarca do nosso Excelentíssimo Bispo? No avesso de muitas medalhas dos antigos Imperadores (refere Piério Valeriano) se via a efígie de uma Deusa, tendo na mão uma flor de Lis com este mote: **Esperança pública**. Esta se anima para toda a nossa felicidade no Senhor Dom Frei Manuel da Cruz, a quem o grande Patriarca Bernardo deu as flores de Lis para empresa de tão bem fundada esperança; mas a nossa esperança não murchará em flor, como as Lises de Borgonha, porque lhe asseguram a perpetuidade as emblemáticas serpentes no brasão dos Freires.

Bem sei que não faltará quem diga, que para dar luz ao vaticínio de tantas venturas, seria a constelação Serpentário mais própria, que as serpentes efigiadas no escudo de Sua Excelência Reverendíssima, porque enfim sempre influíram para os faustos sucessos do mundo os astros do Céu, e não os répteis da terra; porém para o prognóstico presente, que faço, é mais simbólica a serpente, que o Serpentário. O Serpentário, ainda que é um monte de luzes, pois consta de setecentas e trinta e sete Estrelas, todas são da natureza de Saturno, e Vênus, e por consequência de nocivos influxos; e astro tão maligno não pode servir ao horóscopo de um Planeta, que todo é de influências benéficas, como o nosso Excelentíssimo, Sagrado Príncipe. No joelho da mesma constelação no ano de 1604 apareceu uma nova Estrela, a qual, depois de luzir por espaço de dois anos, desapareceu; e um fulgor, que se desvanece, não pode ser emblema para o lustre perpétuo de Mariana com o seu Preclaríssimo, primeiro Prelado. As serpentes sim, porque têm algumas qualidades ocultas para o feliz presságio da nossa (como indefectível) expectação.

Serpentes há tão domésticas, e tratáveis em África, que vêm às horas do jantar a comer o que lhes deitam debaixo da mesa, e depois se vão sem fazer mal a ninguém, como diz Razilly; e Bluteau afirma, que em Malta, Cândia, Irlanda, e outras terras as serpentes não mordem, nem têm veneno. Destas são as serpentes, que formam o escudo de Sua Excelência Reverendíssima, aquele Príncipe urbano, tratável, amoroso, suave, cândido, sincero; e tanto, que sendo uma pomba sem fel, tem nas serpentes o hieroglífico da sua incomparável prudência; pois para serem prudentes, e singelos, mandou o Divino Mestre aos primeiros Bispos, que fossem serpentes, e pombas. Oh! Logra eternamente de tanto bem, Mariana feliz. Mas sim lograrás, porque a serpente com a cauda na boca também forma um círculo, que é símbolo da eternidade, para fazer um emblema da perpetuidade da tua fortuna com a assistência do teu Príncipe Sagrado.

Por isso tu, Sagrada Mariana, suspiravas tanto pelo teu espiritual Esposo o Senhor Dom Frei Manuel da Cruz. Ainda o não conhecias, e já te custava suspiros a sua falta; ainda o não tratavas, e já te devia lágrimas a sua memória. Que chore Constantinopla o desterro do seu Crisóstomo, e a ausência do seu Nazianzeno? Que lamente Alexandria os trabalhos do seu Atanásio, e Cesaréia os incômodos do seu Basílio? Vá embora; porque enfim eram Prelados já conhecidos, como pais da pobreza, destruidores da culpa, edificadores da graça, exemplares da virtude. Porém tu, Mariana, que razão tinhas para chorar pelo teu Excelentíssimo Pastor, a quem ainda não conhecias? Mas, oh! que a saudade de Mariana foi agoureira do bem, que esperava no Senhor Dom Frei Manuel da Cruz.

Bastava-lhe saber o auspicioso nome do seu desejado Pontífice, para suspirar justamente por ele. Manuel quer dizer: **Deus conosco**; e como em Deus está todo o bem, e todo o bem vem de Deus, Deus nos deu todo o bem, e tudo bom com o Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Manuel da Cruz, no qual temos um espelho das virtudes, e das felicidades, que comunicaram aos seus Bispos os Basílios, os Atanásios, os Nazianzenos, os Crisóstomos, e outros muitos Bispos Santos. Nem querem insinuar-te, ó Mariana, outro fim menos glorioso os acasos, com que o Céu te certificou esta ventura.

A 10 de agosto de 1747 te chegou à mão a primeira carta de Sua Excelência: naquele dia fazia a Gentilidade Romana sacrificios a Ceres, Deusa da abundância, como vaticínio da profusão de todos os bens, que Deus te havia de dar, e dá com efeito no Sagrado Príncipe, a quem sacrificavas a tua saudade. No mesmo dia triunfa a Igreja com a coroa, ou laurel de Lourenço, como prognóstico de que outro Lourenço ilustre te havia de fazer triunfante, pondo-te a coroa, e o lauro de Diocese, que talvez não faltava quem te quisesse tirar da cabeça.

Em 4 de fevereiro deste ano te chegou a suspirada notícia, de que o teu amável Pastor te buscava para te possuir, como a sua amada Esposa: dedica a Igreja naquele dia gloriosas memórias a Santo André Corsino, Bispo de Fesula, para te fazer lembrada de que mandava tomar posse de ti um Bispo santo.

Viste enfim entrar o teu santo Bispo neste Palácio a 15 de outubro. Não há dia mais fatídico, que este para a tua fortuna. Ao dia 15 de outubro chamaram fausto, e feliz Macróbio, e Bungio. Não o podias receber mais propriamente em outro dia, para se te imprimir um caráter indelével da tua ventura; porque não há bem-aventurança, nem felicidade, como teres por teu Preclaríssimo Bispo o Senhor Dom Frei Manuel da Cruz, que Deus guarde para teu amparo.

Ah! Como estás ufana, ó Cidade triunfante, com tão nobres motivos do parabém, que nos dás, e te damos! O lustre, que trajas,

é sinal da alegria, que tens; mas tens ainda mais lustre, do que inculca o teu vistoso traje. No carro do teu triunfo já eu te vi vestida de gala, ostentando luzimento, e festa no vestido. Trajavas uma roupa branca, recamada de flores de ouro. Neste resplandecente metal mostravas o teu esplendor, na cor da seda o teu júbilo; mas em tanta festa eu te retratara melhor no quadro do Céu para demonstração da tua glória.

Es aquela Matrona do Apocalípse, a quem fazem luzida os resplendores de todos os astros, como símbolo da boa Estrela, que tens com o teu Sagrado Príncipe . Doze Estrelas te formam a coroa; não há no Zodíaco mais Signos, em que se estampem as fortunas do mundo, nem no mundo há mais fortuna, que esta, que tens, ó Mariana, no Excelentíssimo Prelado, que te coroa de luminosas felicidades. Dos raios do Sol é a gala, que vestes, porque um Sol benigno te faz clara, e preclara em todo o Orbe. Até a Lua com ser astro defeituoso serve de trono à tua grandeza; porque como exemplo das virtudes do teu amabilíssimo Prelado, não haverá defeito, que não metas debaixo dos pés. Oh! Seja-te parabém tamanha felicidade, a qual, por mais que se retrate em luzes, não pode mostrar-se uma sombra de tua ventura.

Confesso que não sei dar vivas cores a esta lâmina; mas se a pintura se realça nas sombras, vêde, Senhores, na sombra de Mariana o realce da imagem das suas ditas. A sombra de Mariana é o Maranhão, no seu nome Latino, que é **Maranania**, está a Mariana com anagrama perfeito. Maranania com as letras transpostas quer dizer **A Mariana**. Sombra, ou tipo da alegria de Mariana foi sempre o Maranhão, agora da luz de Mariana é a ela a Maranania uma triste, e escura sombra. A sombra segue ao corpo, que caminha, buscando a luz; à luz de Mariana se avizinhou Sua Excelência Reverendíssima. A Maranania, como sombra, o seguia chorosa, porque neste Prelado se ausentava a luz dos seus olhos; e esta privação da luz bem sabem os Filósofos, que é o que se chama sombra.

E se assim é, Senhores, olhai como esta sombra está triste, quero dizer, olhai para o Maranhão. Olhai que a distância não impede a potência aos olhos da alma. Vedes já? Sim. Lá se divisa o Maranhão encerrado numa alameda de fúnebres ciprestes, coroado de murtas, como usavam os Gregos nos seus epicédios, cantando saudades ao cadente som de suas lágrimas, gemendo a pena, que lhe causa a ausência do Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Manuel da Cruz, para dar glória a Mariana com a sua assistência tão fausta, como desejada, este Príncipe.

Mas ao querer prosseguir esta figura da tristíssima, e saudosa Maranania, não sei que novo pasmo me embarga os alentos. Sufoca-se a voz balbuciante na garganta: não acerto a pronúncia das palavras, trêmulas nos lábios: palpita o coração na sua esfera, e a ação

não se anima vigorosa para continuar o paralelo da pena, e da glória do Maranhão, e de Mariana. Que será este letargo, em que me vejo? Que há de ser? É profundo respeito, é medo reverente a um superior Nume; pois furibundo Apolo me manda calar, por não poder o indouto Geômetra do meu discurso tomar a medida ao júbilo de Mariana, e à saudade do Maranhão, quando esta sublime matéria é digno assunto da nossa Academia.

Eu reconheço o meu arrojo, e já o sacrificio nas aras de Delfos à Deidade, que me reprende: seja agora no silêncio holocausto da obediência o que foi temeridade do afeto no elogio. Cesso pois, para que a doçura do plectro Acadêmico suavize o insulso desta prosa. Sim, ó Carmelitanas Camenas, ó Nereidas Marianenses, Sacras Musas deste novo Parnaso, descrevei em elegantes Poesias as glórias de Mariana com as penas, ou dores do Maranhão, enquanto eu em nome de toda esta feliz Diocese descanso à sombra daquela excelsa Árvore a Excelentíssima Cruz, que ao nosso sempre Ilustre e Sacro Manuel dá o renome; aquela Árvore, (digo) de cujas altivas ramas pendem para saciar-se o nosso gosto, para sustentar-se a nossa fortuna, uns frutos tão doces, suaves, e sazoados, como da raiz de Bernardo brotam neste seu preclaro Ramo, e Filho; aquela Árvore, a quem depois de beijar a planta a sua nova Esposa, dobrando o joelho em sinal da mais reverente veneração, lhe escreve ao pé numa tarja de ouro, como epítome do seu venturoso, e alegre epitalâmio, esta letra, que caiu da boca a outra Esposa tão feliz, como ela: **Sub umbra illius, quem desideraueram, sedi, et fructus eius dulcis gutturi meo.**

Disse.

**In laudem Reuerendissimi, ac Sapientissimi
Praesidis.**

DÉCIMA

Primum locum sapientiae
Iure scandis occupatum,
Habeas cum principatum
Omnis penitus scientiae:
Tuae radiis prudentiae
Phaebaeas dantis delicias,
Quae ueras promunt diuitias,
Impletur omnis recessus;
Quales, dic, erunt processus,
Si tales donas primitias?

**Do Reverendo Cônego Doutor Francisco
Xavier da Silva**

SONETO

Tu pluma, que elevada em alto buelo,
 Tu discreción propone a los oídos,
 Cuya dulçura en ecos esparcidos
 De tu ingenio es autentico modelo.

Buele sublime hasta el Empireo Cielo,
 Docta discorra en todos los sentidos,
 Cante sonora, aunque en agenos nidos
 Subtil invente lo que admira el suelo.

Pues que en Parnaso tienes domicilio
 (Positiva lisonja del Dios Genio)
 Admite emulaciones de Virgilio.

No desprecieis Terencio, ni Parthenio,
 Dele a Propércio, y a Menandro auxilio.
 Tu pluma, discreción, dulçura, ingenio.

Do mesmo Reverendo Autor.

SONETO JOCO-SÉRIO

Este louvor, por último remate,
 Vos faço, Doutor Andrade, em fonfonete,
 Que houvera de ser feito em minuete,
 Se pudera esforçar-me de gasnate.

E podeis entender, sem que me jacte,
 Que sei repinicar nos Signos sete;
 Mas não vos louvarei nunca em falsete,
 Porque é do peito meu fino o quilate.

E se houver todavia quem me escute,
 Subirei com a voz em tal limite,
 Onde voar não possa um tagarote.

E para que este aplauso se execute,
 Nos doze Signos, sem que alguém mo quite,
 Um repique darei, e um repicote.

Do mesmo Reverendo Autor.

SONETO

Con principio feliz dorada llave
 Los tesouros abriu de las sciencias:
 Ó prodigio fatal em eloquencias,
 Y primor mas subtil del arte suave!

Tu lengua llave fué, que dulce, y grave
 De la mente soltó las affluencias,
 Donde se acquire vivas influencias
 Todo el docto Museu, todo el conclave.

Pero si en corta esfera te contemplo,
 Quedando a nuestra fé nuestra memoria
 Arquetypo, y farol, norte, y ejemplo.

Después te copiará con larga historia
 La fama heroica en su pomposo templo,
 Por milagro, y trofeu, por timbre, y gloria.

**Do Reverendo Doutor José Felipe de
 Gusmão e Silva.**

SONETO

Aquella, que al de Delfos fué tormento
 Esquiva Ninfa, transformada en rama,
 Y usurpa el laurel de quien no ama,
 Y la corona os pone en ese asiento.

Aquella, que remonta al Firmamento
 Inclytos Herois, pregonera fama,
 Es la misma, que vuestro honor derrama,
 Vivo a la memoria, al olvido esento.

Eya eterno vivid, Andrade, solo,
 Aguila singular, que desde el suelo
 La pluma remontais al quarto Polo.

Que no es mucho tam alto sea el buelo,
 Pues vuestras prendas dizen, sois Apolo,
 Que oy del Parnaso buela al quarto Cielo.

**De João Coelho Gato de Amorim, Capelão
 da Catedral de Mariana.**

Foi assunto da Academia a pena, e saudade do Maranhão na ausência do Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Manuel da Cruz, Bispo que foi daquela Diocese, é a glória de Mariana na posse do mesmo Excelentíssimo Senhor, seu primeiro digníssimo Bispo.

Ao assunto fizeram-se as obras seguintes

EPIGRAMMA

Soluitur in querulos Tellus Maranonia fletus,
Dum te Pastorem tristis abire uidet.

Flet, dolet, atque gemit singultibus aethera coplens,
Pauperiem diues quod tua dextra leuet.

Gaudet, et exultat, plaudit secus Aurea Tellus,
Dum uidet ad munus te subiisse tuum.

Quis, Pater, in toto, quis te felicior orbe,
Te notum quando dextera sola facit?

Ferrea nunc noscit Tellus Maranonia saecula,
Aurea nunc fatis Aurea terra uidet.

De Antônio Dias Cordeiro.

EPIGRAMMA

Anxia, quid teneros ducis, Maranonia, fletus?
Corde quid in tacito flebilis angor inest?

Quid, Mariana tuum pertentant gaudia pectus?
Quidue tuo splendor laetus in ore sedet?

Duplicis effectus est una, uiator, origo;
Fundit amor fletus, gaudia fundit amor.

Do Sochantre Floriano de Toledo e Piza

ALIUD

Tristia Romulidis Aio Deus omina quondam
 Dixerat, hinc illi plebs pia thura dabat.
 Hoc Mariana colit, pariter Maranonia numen;
 Quod sibi signa canit tristia, laeta simul.
 Conuenit ambabus, si nomen scinditur Aio,
 Ominibus certis Ai, et Io resonans.
 Ai, sibi pro tanto sumit Maranonia casu,
 Et Mariana hilari carmine cantat Io.

Do mesmo Autor

EPIGRAMMA

Heu fuge, Dilectus, clamat Marananus amaenus;
 Euge ueni, Sponsus, cum Mariana canit.
 Haec risit flente illo, semper amore triumphas;
 Ipse dolet, si exis, si petis, ipsa canit.

**Do Reverendo Doutor
 José Felipe de Gusmão e Silva**

ELEGIA

Iam nouus Auriferas Sol suspiratur ad oras
 Illuxit tandem, lux noua iamque patet.
 Optimus ecce petit dilectum Pastor ouile,
 Emmanuel Praesul maximus ecce uenit.
 Iamque benignus adest. O semper terra beata!
 Qua lauro exornat tanta corona caput!
 Non iactet famosos Roma superba triumphos,
 Antiqua at sileat gloria, fama, decus
 Urbs noua consurgit tanto sub Praesule maior:
 Alta trophaea patent, gloria summa subit.
 At mea Calliope iubet hinc describere plausus,
 Illinc Melpomene scribere triste docet.
 Huc festos resonare choros plausibile cerno,
 Cum lachrymis illuc uox gemebunda sonat.
 Sed quae causa datur? Cur sors diuersa repugnat?
 Una dat effectus (credite) causa duos.
 Praesidet hic sacer, Urbe Marananiense relicta,
 Maximus Emmanuel, comprimit iste dolor.

Hic uenerandus adest Antitestes: iure triumphat,
 Extollitque ingens Urbs Mariana caput.
 Nec mirum: Liam Urbs namque illa relicta figurat,
 Rachel dilectam se Mariana facit.
 Se Emmanuel Iacob: (Pastor quis amantior illo?)
 Ergo quid fiet? Sors sua cuique uenit.
 Lugeat illa Marananiensis, at ista triumphet,
 Sponsoque exultet condecorata nouo.
 Noster et Emmanuel tantum qui ostentat amore,
 Pro merito accipiat praemia digna sibi.
 Rachel fungatur, felices uiuat in annos,
 Auspiciisque bonis semper ouile regat.
 Sic Marianensis felix Ecclesia surget,
 Sic nobis semper gloria, semper honos.

**De João Coelho Gato de Amorim, Clérigo
 em menores, Capelão da Catedral de Mariana.**

SONETO DIACRÓSTICO

Do seu pranto nas ondas su	Bmergido
Flutua o Maranhão em tr	Iste estado;
Manuel pois o seu Bispo mai	Samado
Ausente em Mariana tem	Perdido.
Nos seus mesmos cristais já c	Onvertido
O tem na urna a dor	Depositado:
E à saudade tributa em cru	El fado
Líquido argento e	M pérolas nascido.
Deste pois luto atroz a atr	Amemória
A Mariana da gala t	Raz o agouro:
Croa as perlas lhe dão de alt	Iva glória:
Rútilo faz da prat	Ao trono de ouro;
Uê na urna o obelisco à sua va	Nglória (sic)
Zênite do seu Prel	Ado, e seu tesouro.

[Do Reverendo Doutor Presidente.]
 [José de Andrade e Moraes]

SONETO

Si quando nace el Sol, la misma Aurora
 Llorá, y rie en tiempo intercadente,
 Rie en el Cielo, parpado luciente,
 De aljofar paramo, en la tierra llora.

No es mucho la Titanea brilladora
 En dos climas remotos se presente,
 En Mariana, riendo alegremente,
 En Marañon, llorando a cada hora.

Manoel del Marañon Sol claro fale,
 Para Mariana fale con desvelo,
 Porque una Aurora entre ambos solo iguale.

Una llora sus penas sin consuelo,
 Otra cantando glorias sobresale,
 Una Aurora en la tierra, otra en el Cielo.

Do mesmo Reverendo Autor.

SONETO

Ancioso, triste, e aflito se lamenta
 O Maranhão Diocese dilatada;
 A Mariana Diocese mais prezada
 Toda alegre, e festiva já se ostenta.

De uma pois, ó que sorte assim violenta!
 Também doutra, ó que sorte desejada!
 Qual porém a razão, se é procurada,
 É disso? Qual a causa, em que isso assenta?

A causa é, se se observa atentamente,
 O Pastor, que a uma deixa mui saudosa,
 O Pastor, que à outra assiste mui contente.

E assim uma infeliz, outra ditosa:
 Aquela em si demonstra o mal, que sente;
 Esta publica em si o bem, que goza.

Do Reverendo Cônego Manoel de Pinho Cardido.

SONETO

Maranhão, e Mariana são dois mares,
 Que por mar cada um deles principia:
 Mariana mar de gosto, de alegria;
 Maranhão mar de dores, de pezares.

De uma, e outra paixão, como exemplares,
 Cada qual no seu nome traz a guia;
 Ele a Mara passando, ela a Maria,
 No amargor, na doçura singulares.

A inteireza do I figura é clara
 Do insigne Bago do Pastor de Jetro,
 Quando assiste em Mariana, e deixa a Mara.

E sem Bago, ou com ele soa o metro,
 No Maranhão de pena Lira amara,
 Em Mariana de glória doce plectro.

**Do Reverendo Cônego Francisco
 Xavier da Silva.**

SONETO

Infausto Maranhão, feliz Mariana,
 Da Ave Fênix emblema prodigioso,
 Já no excesso da pena doloroso,
 Já no realce da glória soberana.

Se o teu Planeta a pira te profana
 Na ausência do teu tálamo oloroso,
 Se o teu Sol no teu berço luminoso
 Os raios de ouro pródigo dimana.

Dilata a duração, renova a cena,
 Eternizando amante na memória
 A mágoa triste, a alegria amena.

Ave do Sol serás de nova história,
 Imortal no simbólico da pena,
 Rediviva na lâmina da glória.

**Do mesmo Reverendo Autor
 [Francisco Xavier da Silva]**

SONETO

Um Agostinho excelso na ciência,
 Um Ambrósio no zelo, em que se apura,
 Um Francisco de Sales na doçura,
 Lourenço Justiniano na prudência.

Um Crisóstomo no áureo da eloquência,
 Um Nicolau na profusão mais pura,
 Crisólogo no amor, e na ternura,
 E Tomás da constância na eminência.

Este espelho de Heróis, pasmo do mundo,
 É das Minas o Antístite primeiro,
 Nas virtudes, nas prendas sem segundo.

Chore pois mudo o Maranhão ligeiro,
 E cante o Ribeirão sempre fecundo,
 Quando um perde, outro ganha este luzeiro.

**Do Reverendo Doutor José Felipe de
 Gusmão e Silva.**

SONETO

Sepulta-se no mar com mar de pranto
 O Maranhão soberbo, agora pobre;
 Transforma o Ribeirão do Carmo nobre
 Em riso a espuma, o sussurro em canto.

Um, porque lhe faltou tesouro tanto,
 Quer que o seu cabedal já se sossobre;
 Outro, porque das ruínas se recobre,
 Fênix dos rios ressuscita em tanto.

Porém se nos afetos extremosos
 Se viram sempre efeitos diferentes,
 Mudem de estilo os rios cuidadosos.

Cante o Maranhão gostos ausentes,
 E chore o Ribeirão alegre os gozos,
 Se um dá, outro recebe à glória as gentes.

**Do mesmo Reverendo Autor
 [José Felipe de Gusmão e Silva]**

SONETO

Quando a Arca feliz do Testamento
Do deserto chegou à Palestina,
A Onipotência se ostentou Divina
Em o mais singular novo portento.

Saltam os montes de contentamento,
Divide-se o Jordão com graça digna,
Retrocede uma parte, e sobe fina,
Outra morre no mar com louco intento.

O mesmo assombro admiro decantado
Na jornada de um Bispo, ao qual adora
Por arquivo de Deus da terra obrado.

Morre no mar o Maranhão, que chora,
Suspenso o Ribeirão sobe elevado,
Saltam os montes das Minas nesta hora.

Do mesmo Reverendo Autor
[José Felipe de Gusmão e Silva]

Invocatória a Sua Excelência Reverendíssima.

SONETO

Bispo primeiro, que em Carmelo Monte,
Qual Moisés, como Sol, no Sina ardente,
A Mitra cinge, como Presidente,
Cheia de raios na brilhante fronte.

Fazei que hoje meu verso se remonte
No louvor vosso tanto, que altamente,
Nunca passando as leis de reverente,
Por atrever-se a um Sol morra Faetonte.

Para que vos respeitem as Monarquias
Do mundo tanto, que as estátuas nossas
Em três montes coloquem vossas vias.

Pois sendo um só, enchem as graças vossas,
Como Apolo, Moisés, e como Elias,
De luz, raios, e fogo, a três carroças.

[S. I. A.]

Invocatória ao Sapientíssimo Presidente.

SONETO

E Vós Vice de Apolo, excelso Nume,
 Deste Coro de Musas Presul grave,
 Inspirai em meu plectro um som suave,
 Com que harmônico chegue à quarta Cume.

Porque sem vós, meu verso, que presume
 Subir à esfera da região mais grave,
 Ao ir fazendo o vôo será Ave,
 A quem derreta a cera oitavo lume.

E se eu hei de morrer Ícaro leve,
 Por querer transcender as Musas nove,
 Fazendo em voz tão grave obra tão breve;

É melhor implorar, quando ela sobe,
 Vosso auxílio, Senhor, pois quem se atreve
 A subir sem Apolo, abrasa Jove.

[S. I. A.]

Ao Assunto.

SONETO

Saiu de Mara o Bispo de Maria
 Irmão, dela buscando a fiel ventura;
 Mas ficou Mara ali, mar de amargura,
 Pois Maria viu ser mar de alegria.

De contente a Irmã saltava, e ria,
 De Moisés na presente conjectura:
 E Mara cada vez mais triste, e escura
 Chora do Bispo a luz, que lhe fugia.

Porém Mara querendo haver vitória,
 Da glória de Maria em tal violência,
 Que lhe faz a saudade na memória;

Lhe diz: Ó Moisés sacro, alta Excelência!
 Em Maria é mui grande a sua glória,
 Mas mais amarga em Mara a vossa ausência.

[S. I. A.]

GLOSA

I

Saiu do Maranhão o Bispo augusto
De Mariana a buscar Carmelo Templo;
Mas ao contá-lo a língua tem tal susto,
Que o dedo de Harpócrates lhe é exemplo.
Pois como se um Moisés fosse vetusto
Tanto mistério no êxtase contemplo,
Que balbuciante só dizer podia:
Saiu de Mara o Bispo de Maria.

II

Mas que ardor me perturba? A voz, que espera,
Que a Dom Manoel da Cruz já não pregoa?
Pois a Irmã de Moisés cópia não era
Da Virgem, que Maria o nome soa?
Moisés de Cristo imagem não é vera,
Manoel também a Cristo não entoa?
Pois venha Manoel, da graça pura
Irmão, dela buscando a fiel ventura.

III

Maranhão, e já Mara não se chame,
Ou seja Maranhão, já Mara embora;
Pois quem perdeu tal Bispo, águas derrame,
Assim como a Moisés Mara ainda chora.
Quando Moisés lhe dava alto ditame,
Era Mara o pênsl belo de Flora,
Retirou-se Moisés de sua cultura,
Mas ficou Mara ali mar de amargura.

IV

Viu Mariana a Manoel, e fez Mariana
O que Maria a seu Irmão fizera:
Pegou na doce flauta, órgão de cana,
Sem que ouvidos Moisés faça de cera.
Nunca já tão risonha, e tão ufana
A Maria ele viu, como hoje era,
E creio que a Irmã muito amaria,
Pois Maria viu ser mar de alegria.

V

Nunca cuidou Maria que escapasse
 Seu caro Irmão às iras da ímpia gente,
 Nunca já presumiu que ele chegasse
 A calcular triunfante a Líbia ardente.
 E por isso era força que mostrasse
 O quanto estava já de o ver contente,
 Pois pelo ver passar tal travessia,
 De contente a Irmã saltava, e ria.

VI

Muitos motivos teve a Soror bela
 Para cantar do Irmão a nova vinda,
 Assim como risonha o faz aquela,
 Que o Sol saúda, quando infante ainda.
 Entre muitos o gosto, que a desvela,
 É ver ter a jornada quase finda,
 Pois não há maior bem, maior ventura
 De Moisés na presente conjectura.

VII

E não só festejar o Irmão intenta
 Com ligeiros tripúdios, belas danças;
 Mas mais o aplauso inda lhe acrescenta
 De mil choréias, destras nas mudanças.
 Ali o que maior gosto lhe aumenta,
 É ver tais bens, depois de tais tardanças,
 De sorte, que Maria é glória pura,
 E Mara cada vez mais triste, e escura.

VIII

De saudade triste os olhos fontes
 Contam chorando a causa de seus males,
 Dando suspiros mesticos aos montes,
 E defluentes lágrimas aos vales.
 São sombras de tristezas os horizontes,
 Que nuvens choram já, de prantos cales;
 Assim a triste Mara de hoje em dia
 Chora do Bispo a luz, que lhe fugia.

IX

Uma, e outra contendem, quais primeiras
 Devem sentir, gozar tais alegrias;
 E rasgando dos olhos as bandeiras,

Dão de lágrimas ambas baterias.
 Maria deixa as suas prisioneiras,
 Pois lágrimas não quer, que amor faz frias,
 E a entre ambas influi a pena, e glória,
 Porém Mara pretende haver vitória.

X

E diz Maria pela parte sua,
 (Pois tem de gostos já belos ensaios)
 Alegre nasce o Sol, e triste a Lua,
 Porém no Sol só vejo chorar raios.
 Latona como triste sim flutua,
 Porém não morre de fatais desmaios;
 Pois quem se atreve a tirar a essência
 Da glória de Maria em tal violência?

XI

Eu não choro, e mais morro de contente,
 Tu choras, e mais vives, terna amante:
 Morro, porque só alma o gosto sente;
 Vives, por quanto a dor passa inda adiante.
 Vê tu qual é mais fina, e mais urgente,
 Se Maria, a quem mata um só instante,
 Ou se Mara, que pode co'a vitória,
 Que lhe faz a saudade na memória.

XII

Queria Mara pela sua parte
 Expor já de sua mágoa a dor difusa;
 Mas o destro clarim, trompa de Marte
 Toca a calar, a recolher a Musa.
 Mara sem modo já, tino, e sem arte,
 Assombrada, medrosa, hirta, confusa,
 Querendo-a atalhar, co'a impaciência
 Lhe diz: Ó Moisés sacro, alta Excelência!

XIII

Vós, quando exponho o que amante sinto,
 Mandais gemer da tuba alto contento;
 Pois de minha saudade sois requinto,
 De meu prazo sereis alto instrumento.
 Maria só protesto, e só consinto
 Do que calo, que leve o vencimento,
 Pois neste dia por razão honória
 Em Maria é mui grande a sua glória.

XIV

Porém, Senhor, eu morro de sofrida,
 Seja já de Maria embora a palma:
 Vós podeis no dizer tirar-me a vida,
 Porém não no sentir conter-me a alma.
 A obediência seja a homicida,
 Que o desabafo meu sepulte em calma:
 Maria terá suma complacência,
 Mas mais amarga em Mara é vossa ausência.

Do Reverendo Padre Diogo Alvares da Silva

CANTO HERÓICO

I

Catástrofe fatal do Sol luzido,
 Já para o Sul fazendo o giro eterno,
 Hoje o Maranhão chora oprimido,
 Pois nas sombras ficou do negro Averno.
 Que o dia luminoso repetido
 Perdeu em seu benéfico governo,
 Vendo mudada a glória em triste pranto,
 Da vista assombro, do cuidado espanto.

II

Tem ao rigor das sombras vinculado
 O da imaginação do bem perdido,
 (Sempre o bem, que se perde imaginado,
 Foi pena rigorosa do sentido.)
 Na memória o queixume duplicado
 Lhe faz inda o tormento mais crescido,
 Sendo-lhe o mal maior, a dor mais fera,
 De que outrem logre o que infeliz perdera.

III

Pois vendo a Mariana clara, e bela
 Com tal Sol entre imensos resplandores,
 De que é menos que um raio cada Estrela
 Dessas, que vestem luzes superiores.
 Quando da luz perdida se querela
 De uma ausência cruel entre os horrores,
 O bem, que há de gozar, lhe certifica,
 E com sentida voz assim se explica.

IV

Acaba o bem no mal forte adversário,
 O mal no bem, porque é mudar forçoso:
 Variou para mim o ser contrário
 O tranqüilo voltando a proceloso.
 Para ti, Mariana, o tempo vário
 No mesmo ser se fez mui venturoso;
 Pois sendo a glória, e a pena transitória,
 Minha pena te deu princípio à glória.

V

Tua luz me atormenta esclarecida,
 E juntamente a minha escura sorte;
 Esta tirana foi minha homicida,
 Aquela me ordenou o duro corte.
 Esse, que logras, bem me tira a vida;
 Este, que sinto, mal me ordena a morte,
 Julgando em tanta dor, que me condena,
 Ter o mesmo valor a glória, e a pena.

VI

Não permitiu a eterna Providência
 Pudesse gozar mais de claridade;
 Porque parar tal Sol era violência
 Contra os livres impérios da vontade.
 Pois verás dessa luz, dessa influência
 Tanto bem, tanto amor, tanta bondade,
 Fazendo, quando ao Carmo se remonte,
 De imensas luzes elevado monte.

VII

Já o Setentrião perde a Coroa,
 Constelação, que triste o Arcturo segue;
 Onde o Cisne celestial entoa,
 Maior dita em morrer hoje consegue.
 Sem troféus imortal fama pregoa,
 Que a Perseu a vitória já se negue,
 Pois o rico de Andrômeda tesouro
 Fecha o Boreal sem luz, sem chave d'ouro.

VIII

Porque na parte Austral se vêem distintos
 Com maior luz luzir a corpos tantos,
 Diferentes no ser, mas indistintos,

Mais vizinhos ao Sol, mostrando encantos.
De imensos resplandores labirintos,
E raros Prometeus do mundo espantos,
Brilhando com fulgor tão verdadeiro
O governo do Sul esse Cruzeiro.

IX

Tua esfera se ostenta alegre toda
De luzes refulgentes guarnecida,
Que tão Divino Sol, cercanda-a em roda,
Gala será do Céu, da terra vida.
Ao sossego essa luz não se acomoda,
A glória lhe provém de tanta lida;
Pois no Régio exercício não descansa,
O que mais dignamente o cetro alcança.

X

No Zodíaco círculo fulgente
Ostenta o Sol Real benignidade,
Mostrando aos Signos doze inteiramente
O império universal da claridade.
Pois desse melhor Sol o fogo ardente
As almas luz dará com piedade,
Girando do Bispado a estância toda,
A quem com seus influxos acomoda.

XI

No Ariete, no pasto de Záfiro,
Onde o Equinócio assombra, e luz reparte,
Quando costuma o Sol fazer seu giro,
Ao belo dia as nuvens põe de parte.
Pois esse Sol porá sempre em retiro
A nuvem da discórdia em toda a parte,
Tanta na alta grandeza por abono,
Na paz edificar excelso trono.

XII

O Aries deixando o Tauro senhoreia
Luzes mostrando em abundante cópia,
A quem o pasto dá bela Amaltea
Na suave, e florida cornucópia.
A culpa desfazendo, que a alma enleia,
Também esse do Céu mais bela cópia
Fará com tantas luzes se apascente,
Quando em Divino pasto se alimente.

XIII

Vibrando mais ardentes resplandores,
 Quando busca a de Gêminis morada,
 No Céu brilhante símbolo de amores
 Faz a gêmeina luz de outra abraçada.
 Aos súditos porá com seus ardores
 Desse Pastor a luz mais sublimada,
 Em um composto tão recopilados,
 Em único Indivíduo vinculados.

XIV

Mas entrando no Cancro o Solestício
 Os aumentos das luzes desfazendo,
 As violências lhe sofre, que por vício
 Costuma caminhar retrocedendo.
 Pois da inveja cruel contra o exercício
 Esse Sol claras luzes dispendendo,
 Será nas perfeições inacessíveis
 Sobre imaginações, sobre impossíveis.

XV

No Leão solicita o desagravo
 O augusto Luminar, que impera o dia;
 Voraz o não consente fero, e bravo,
 Quando em campo também o desafia.
 No débil esse Sol não vinga o agravo,
 Emprega na fereza a valentia,
 Pois o perdão merece em Régio assento
 Mais constante o humilde, que o violento.

XVI

No alto sólio de Astréia virgem bela
 Faz que os bravos incêndios não prossiga
 O Sol, movendo-o a cândida Donzela
 Do furioso ceder, que tanto obriga.
 Esse brilhante Sol o casto anhela,
 Que ardores sensuais sempre mitiga,
 Pois com virtude do benigno rogo
 Transforma santo tão violento fogo.

XVII

De Astréia, que o mais justo só cobiça,
 O Sol retrocedeu para a Balança,
 Atenta a que a igualdade é só justiça,

Igual império noite, e dia alcança.
 Não permite esse Sol a injustiça,
 Porque da retidão não faz mudança,
 Que bem o tem mostrado em toda a esfera,
 O equilíbrio ostentando, em que nascera.

XVIII

Deixa de Libra a luminosa Praça,
 Seguindo aonde Escópio predomina,
 Que a Ceres, e a Pomona despedaça,
 Sempre inclinado à fatal ruína.
 Quando aos perversos esse Sol abraça,
 O mal habituado ao bem se inclina;
 O que era contumaz por natureza,
 Mui brando o torna da cruel fereza.

XIX

Vai o Sol procurando o tempo vário
 Quase propínquo à derradeira meta,
 Quando entra no Signo Sagitário,
 Que a esfera põe de luzes inquieta.
 Quem a Igreja perturba temerários,
 Desse Sol da censura sente a seta;
 Porque ter compaixão da tirania
 É piedade cruel, clemência ímpia.

XX

Já Capricórnio com velocidade
 Por montanhas de luzes dando saltos,
 Aumenta com soberba, e iniquidade
 Da estação congelada os sobressaltos.
 Pois a luz desse Sol na humildade
 Aos soberbos porá de razão faltos,
 Patenteando na vaidade acerba,
 Que gera muitos males a soberba.

XXI

Outra vez para o aumento caminhando
 Pelo Signo de Aquário o Sol rodeia,
 Em pélagos o mundo naufragando,
 Sem que turbe benigna a luz Febéia.
 Esse Sol tantas culpas devastando,
 Que as almas mais naufraguem não receia,
 Pois se verão com repetida frágoa
 Dos Sacramentos os dilúvios de água.

XXII

No Círculo brilhante mais se emprega,
 Quando seguir ao áureo Peixe trata,
 Que ao líquido tesouro não se nega,
 Fazendo o sossegado mar de prata.
 Sempre os corações esse Sol sossega,
 Nas lágrimas contritos os resgata,
 Conhecendo por bem fundado emprego
 Ser de todas as almas o sossego.

XXIII

Assim em cada Signo o Sol entrando
 Raios Mitiga, ou embravece ardores,
 De todos por igual participando,
 Ou das benignidades, ou rigores.
 Esse Sol com os benignos se põe brando,
 Com os cruéis cruel arde em furores,
 A todos repartindo as influências,
 Ou das serenidades, ou violências.

XXIV

Este é o bem, que eterno aplauso aclama,
 Quanto mais se consegue, mais se estima,
 Hoje o teu coração a posse inflama
 Imortal prêmio, que ao desejo anima.
 E se no conseguir tiveste a chama,
 O termo da esperança o bem sublima,
 Que feliz possuidor amante fino
 Só pode ser quem tem um Sol Divino.

XXV

Pois eu, que fui o trono tão luzido
 Desse Sol no Zênite brilhando augusto,
 O bem melhor direi como entendido
 Do governo, que fez tão santo, e justo,
 No luzimento assombro esclarecido,
 Sem que jamais tivesse eclipse injusto;
 E de um ser inefável, d'alma encanto,
 Só quem o viu terá que dizer tanto.

XXVI

Mas goza, ó Mariana, essa ventura
 De encômios sempre digna mais que humanos,
 Para o que levantei esta figura,
 Que o fado oculta tinha em seus arcanos.
 Retrato singular, imagem pura
 Do Sol, que influxos dá tão soberanos.
 Será esse imortal farol da Igreja,
 Da idade suspensão, do mundo inveja.

XXVII

Eu era grande mar nos seus altares,
 Com quem os teus Atlantes não confrontes;
 Porém fiquei chorando os meus azares,
 Quando esta sorte fez, que sortes contes.
 Eu nas sombras terei penas a mares,
 Tu nas luzes terás glórias a montes,
 Eu sempre serei mar na saudade,
 Tu Colosso do Sol na eternidade.

**De Gregório dos Reis de Melo, Mestre
 da Capela da Catedral de Mariana.**

SILVA JOCO-SÉRIA

Disseram-me outro dia,
 Meus Senhores, que a nossa Academia
 De um assunto agro-doce só consiste,
 Como **uerbi gratia** a ausência triste
 Do nosso Protetor esclarecido
 Lá desse Maranhão sempre sentido,
 E a sua feliz chegada
 A esta leal Cidade celebrada.

Se o caso é verdadeiro,
 Botemos limonada no tinteiro,
 Que escrever alegrias, e tristezas,
 É guisar de agro-dulce as tais finezas.
 Estes claros, e escuros com efeito
 Entre lo verde, y roxo tem seu jeito,
 No roxo pinto a ausência,
 No verde da esperança a excelência.

Mas entre riso, e pranto
 Temperar estas gaitas temo, ó quanto!
 Só se fizer compasso a bela Aurora,
 Que quando nos Céus ri, nos campos chora.
 Enfim na Cantimplona deste empenho
 Mil finezas direi por desempenho;
 Contudo irei servindo,
 Por um olho chorando, e outro rindo.

E para mais ajuda
 Duas Musas invoco, uma sisuda,
 Que nunca do seu pranto mais afroxé,
 Outra, que sempre ri a troxe moxe.
 Esta será Tália dançadeira,
 A outra Euterpe triste, e carpideira;
 Ou chamo os dois Barbados,
 Sempre em rir, e chorar tão decantados.

Mas vá fora de graça,
 No assunto hei de falar, por mais que faça;
 Isto não tem remédio, eu bem queria
 Ir-me esgueirando agora da folia.
 Não cuidem que isto em mim são caramunhas,
 Roí no espaço imaginário as unhas,
 E gastei de tabaco
 Mais de um jacá, ou mais de um saco.

O caso contarei:
 Valha sem sê-lo a história a toda a lei.
 Sentado em um tripó
 Às margens de um bofete estava eu só;
 Era tempo, em que Apolo no Nadir
 Candeias às avessas quer luzir,
 Quando eis que um velhacão
 Fez-me c'um papirote ir logo ao chão.

Este velho cansado
 Todo o vivente tinha então prostrado;
 Morfeu lhe chama o Cavalino tono,
 Mas em bom Português chama-se sono.
 De repente me vi em outra esfera,
 Onde tudo de veras é quimera.
 Ouçam o Apocalipse,
 Perdoem, se disser muita tolice.

Na raiz de um oiteiro,
Que visagens ao mar faz sobranceiro,
E as ondas empoladas, e escumando,
Mordem-lhe o pé, e areias vão tragando.
Recostado estava eu na fresca relva,
Que serve de tapis à verde selva,
Quando eis que a vista pasma,
Salvo tal lugar, é uma fantasma.

Um gigante tremendo,
E mais tremendo eu só de o estar vendo,
Cara de Carijó, na cor adusto;
Mas eu não lhe perdôo tão grande susto.
Costas largas, um forte Briareio,
Porque mais de cem braços tem de seu,
De espadanas coroado,
Barbas de junto, se de musgo ornado.

Senta-se mui trombudo,
E cabeceando muitas vezes mudo,
Com um suspiro fez recuar os mares,
Abrir a boca a terra para os ares.
De medo recolheram-se as Estrelas,
E assustando-se o Sol chega às janelas:
Trovão de qualidade,
Que deu dilúvios de água na verdade.

Pois foi tal o seu pranto,
Que fez crescer o mar um tanto, ou quanto,
Dos olhos saem dois rios caudalosos,
E mil fontes em suores copiosos.
Mas ao fogo voraz das suas mágoas
Não podem dar alívio tantas águas;
Donde, se bem suspeito,
Ainda é maior a causa, que o efeito.

Quis eu medroso então
Perguntar dos extremos a razão;
Mas vejo lá descendo pelo ar
Um moço tão gentil, que isso é pasmar.
A ser mais pequenino um nada, um til,
Seria o Deus do amor com graças mil;
O pelo de ouro tem,
Que sobre ombros de prata cai-lhe bem.

A bom tempo chegou,
 Pois as fúrias ao velho lhe quebrou,
 Que nos termos o vi de se enforçar,
 Ou ao menos de se ir lançar ao mar.
 Como tão boa companhia achei,
 Cobrei ânimo logo, e me cheguei,
 E do moço inquiri,
 Quem era, e a que vinha então ali.

Respondeu majestoso:
 Sou das Minas o rio mais ditoso;
 Pois além de encobrir areias de ouro,
 Possuo agora o mais rico tesouro,
 Que ao velho, que vês ali chorando,
 Se tirou por decreto venerando;
 Razão por que aqui venho
 A consolá-lo agora com empenho.

Caí então na história,
 E vi logo por coisa bem notória,
 Que o velho era o Maranhão sentido
 Na ausência de um Prelado o mais querido.
 E o moço o Ribeirão, que em glória ufana
 Lava os pés à Cidade Mariana;
 Fiquei então irado
 Para comer o velho de um bocado.

Vou-me a êle com ira,
 E grito-lhe: Que tem? De que suspira?
 Ora não tem vergonha, tamanhão?
 Chorando como criança um barbadão?
 Olhe o ranhoso. Folgue, cante, e dance,
 Ninguém lhe tira a glória, vá, descanse;
 Pois deu às ricas Minas
 Tesouro de riquezas as mais finas.

Abriu enfim os olhos
 O velho, que a paixão lhe pôs antolhos,
 E eu também abrindo os meus, admiro,
 Que sendo sonho a farsa do retiro,
 Andou o Deus Morfeu mui verdadeiro,
 Pois se cumpriu o assunto todo inteiro,
 Se co'a Academia
 Andam sonhando os Poetas noite, e dia.

De Sancho Pança de Apolo.

MOTE

Um homem d'além do mar,
 Outro cá do nosso Ofir,
 Vê-los ambos competir,
 Um faz rir, outro chorar.

GLOSA

I

Senhor, que enigma em espelho
 Traz hoje aqui a Heráclito,
 Pois melancólico, e aflito
 Vem chorando como velho?
 E por mais que o aconselho,
 Queira o pranto aliviar,
 Jamais o posso abrandar
 Do tormento, em que se vê;
 E perguntado diz que é
 Um homem d'além do mar.

II

Outro há, que não descansa
 De rir, Demócrito é o nome;
 Ou se alivie, ou se assome,
 Sempre ri, como criança.
 Indo a dizer-lhe o que alcança,
 Quem o chega a advertir,
 Sempre está firme a bom rir;
 E perguntado também
 Quem é, diz: Eu sou d'aquém,
 Outro cá do nosso Ofir.

III

De sorte, que ambos estão
 Chorando, e rindo à porfia,
 De Mariana a alegria,
 E pena do Maranhão.
 Um diz, que é justa razão
 Ao nosso Bispo aplaudir;
 Outro, que custa a sentir
 De Maranhão se ausentar;
 E é gosto a rir, e a chorar
 Vê-los ambos competir.

IV

Mas com que mais desadora (sic)
Heráclito, é que o farol
De Manoel dê riso ao Sol,
Lágrimas à sua aurora.
Esta pena, esta ânsia agora,
Com que um está a gozar,
Outro a sentir, e a penar,
É o verdadeiro assunto,
Que a ambos num tempo junto
Um faz rir, outro chorar.

Do Reverendo Padre Diogo Álvares da Silva.

O MESMO MOTE

Um homem d'além do mar,
Outro cá do nosso Ofir,
Um sempre está posto a rir,
O outro sempre a chorar.

GLOSA

I

Dois vários de condição
Entre si andam rem, rem,
Um cara de inverno tem,
Outro cara de verão:
Um quer pregar a Paixão,
Outro a Páscoa quer pregar.
Mas quem poderá casar
Dois gênios de tal feitio?
Um homem d'aquém do rio,
Um homem d'além do mar.

II

D'aquém, e d'além diviso
 Estarem ambos opostos;
 Mas olhar-lhes para os rostros
 Isso é lástima, isso é riso;
 E se por força é preciso,
 Onde moram, referir,
 Direi nisso o meu sentir,
 Sem que à mão alguém me vá:
 Um é de junto ao Pará,
 Outro cá do nosso Ofir.

III

Ri-se um do que o outro chora;
 Mas são coisas desta vida,
 Que a luz, que um chora perdida,
 O outro consegue agora.
 Zombe da fragata embora
 Quem assim sabe luzir,
 E quem só cuida em carpir:
 Vá-se já daqui surrando,
 Pois não faz bom papel, quando
 Um sempre está posto a rir.

IV

Na marinha sem maranha
 O Maranhão chora ausente,
 Mas cá de riba contente
 Canta o Ribeirão sem manha.
 Se a diferença é tamanha,
 Ninguém se deve admirar
 De tal estúrdia encontrar:
 Teimem por final sentença
 Um a rir, pois tem licença,
 O outro sempre a chorar

Do Sancho Pança de Apolo.

FIM DA ACADEMIA.

SERMÃO NO SEGUNDO DIA DO TRÍDUO,

com que se celebrou a Criação, e Dedicção da nova Catedral de Mariana com quatro dignidades, Arcediago, Arcipreste, Chantre, Tesoureiro-Mor, e dez Cônegos, mudado pelo Sumo Pontífice o título da Conceição, que tinha a Igreja Paroquial antiga, no da Assunção da Virgem Santíssima, que deu à nova Sé.

Foi este Sermão a 9 de dezembro de 1748 e esteve exposto o Santíssimo Sacramento, pregou-o o Muito Reverendo Doutor José de Andrade e Moraes, Arcipreste da mesma Catedral, e Provisor do seu Bispado.

Jacob autem genuit Iudam, et fratres eius. Matt. I, 2.

É a Glória celeste o fim da graça santificante; por isso a sublime graça, que hoje celebrávamos, veio a parar na maior glória, que hoje aplaudimos. (Amoroso Senhor Sacramentado.) É a Glória celeste o fim da graça santificante; por isso a sublime graça, que hoje celebrávamos, veio a parar na maior glória, que hoje aplaudimos. Aplaudimos hoje aquela imensa glória, com que Maria Sereníssima no Mistério de sua gloriosa Assunção se elevou triunfante ao Empírio. Celebrávamos hoje aquela sublime graça, com que a Mãe de Deus, preservada dos estragos da culpa original, se concebeu pura, immaculada, e santa no primeiro instante do seu ser. Logo tínhamos de antes aplaudida hoje a maior graça, qual foi a da Conceição Mariana: e temos hoje que celebrar a maior glória, qual é a da Assunção da mesma Senhora; porque entre as puras criaturas não houve, não há, nem há de haver glória, e graça igual à que Deus comunicou, e comunica à sua Mãe Santíssima. Assim o dizem comumente os Santos Padres.

Sim. Mas se a graça, e glória de Maria têm seus tempos determinados; a graça o da Conceição, que é agora; a glória o da Assunção, que foi a 15 de agosto, como se pode mudar a graça deste dia da Conceição na glória da Assunção da Senhora? Por duas razões, uma natural, e outra alegórica. Atendei.

A razão natural é esta. Entre as divisões da graça, que fazem os Teólogos, é uma, a que chamam antecedente, concomitante, e subsequente: esta foi a graça da Conceição Mariana. Antecedente; porque antes de operar a natureza para a sua geração, estava a graça esperando antecipada para a preservar da culpa. Concomitante; porque a graça acompanhou a natureza na animação da Senhora de sorte, que a natureza não lhe deu o ser racional, sem que a graça lhe desse a forma santificante. Subsequente; porque em toda a sua vida

puríssima se seguiu nas ações da Mãe de Deus aquela graça, com que se concebeu imaculada, em tal maneira, que afirmam muitos, e graves Doutores, que em Maria Santíssima esteve extinto o fomes do pecado.

Esta graça muda-se em glória depois da morte; e como a Virgem Sereníssima já triunfa no Empírio com glória igual à sua graça, por isso a graça da sua Conceição imaculada se muda hoje em glória da sua Assunção triunfante. Mas deixemos o literal dos mistérios, e vamos à sua alegoria, pois já é tempo de darmos a segunda razão.

Dividiu o Papa Benedito XIV o Bispado do Rio de Janeiro em três partes, numa conservou o Bispado antigo, em outra erigiu o de São Paulo, e em outra a nossa Diocese Marianense, fazendo sua Capital esta Cidade. Na Cidade era Orago desta Igreja o Mistério da Conceição puríssima da Senhora: criou o mesmo Pontífice a Paroquial em Sé com quatro Dignidades, e dez Cônegos, que por todos fazem quatorze Prebendados, e mudou-lhe o título da Graça em Glória, isto é, o da Conceição em Assunção. Assim o diz o **Motu proprio** de Sua Santidade, expedido a 15 de dezembro de 1745 nestas palavras: **Relicta denominatione huiusmodi** (fala da invocação antiga desta Igreja) **in Cathedralem pariter Ecclesiam, sub inuocatione eiusdem Assumptionis Sanctissimae Virginis, pro altero Episcopatu Marianensis respectiue nuncupandis**. Logo a graça deste dia toda se muda, e redundando em glória. Isto é o que afirma o Oráculo do Vaticano na sobredita cláusula da Bula da criação desta Cathedral, e isto é o que fez Sua Excelência Reverendíssima agora, que a criou.

Sim. Criou o nosso Excelentíssimo Prelado esta Igreja Cathedral, e dedicou-a como Sé a Maria Santíssima em dia da Conceição da mesma Virgem, dia sem dúvida próprio para esta criação, por ser dia de graça. Fez Sua Excelência uma, e mil graças aos quatorze dignamente eleitos para as Prebendas; e que havia de resultar de tanta graça, senão muita glória? Glória para os novos eleitos, porque se acham condecorados com a dignidade, que não tinham; glória para Sua Excelência Reverendíssima, porque os fez criaturas suas com mais regalia, do que deu Jacó a Judas, e aos mais filhos, que gerou: **Jacob autem genuit Iudam, et fratres eius**; e glória para a Virgem Mãe, porque vê parar em honra, e louvor seu, e de seu preciosíssimo Filho a graça da sua Conceição gloriosa. Mas, oh! que não seria graça da Mãe de Deus, se não se convertesse nesta glória, que celebramos. O meu tema é um epítome deste sucesso misterioso; mas antes que o explique na minha empresa, deixai-me ver (por não faltar à obrigação precisa de germanar o Evangelho do dia com as circunstâncias da festa) deixai-me ver, se descubro a alegoria, que sigo, no Evangelho, que se cantou.

Trata o Evangelho de Maria Santíssima: **Virum Mariae**, e em Maria temos a Igreja de Mariana, como nova Catedral, e cabeça de Bispado; porque a Senhora metaforicamente não só é Igreja, como lhe chamou Alano: **Maria est Ecclesia**, mas Igreja Catedral, ou Sé com seu Bispo: **Sedes sapientiae**; e sabedoria encarnada é o Bispo, e o Pastor da Catedral Mariana: **Pastorem, et Episcopum**, diz meu Padre São Pedro. Ocupou aquele Santíssimo Prelado da Sé de Maria a Catedral da Conceição Mariana; pois tendo a Igreja Mariana a graça da Conceição por título, a graça da Conceição se repetiu na Encarnação do Verbo Divino: **Aue gratia plena**; e a Encarnação foi o mistério, em que o sacrossanto Bispo Manuel, que é Cristo, tomou posse da Catedral Mariana: **Maria est Ecclesia, sedes sapientiae: Gratia plena . . . habebis in utero Filium Dei, Pastorem, et Episcopum**.

De sorte, que é o Evangelho tão fértil para as circunstâncias, em que estamos, que só em duas palavras do seu Texto temos o sucesso todo da nova Sé de Mariana, e o seu Bispo com a posse, e muito de assento na Catedral. A Sé em Maria: **Maria est Ecclesia, Sedes sapientiae**; e Sé tão nova, que de novo (diz Jeremias) a criou Deus: **Creavit Dominus nouum super terram**. O Bispo em Cristo: **Pastorem, et Episcopum**; a posse na graça da Conceição da Senhora, repetida na Encarnação do Verbo humanado seu Filho: **Gratia plena . . . habebis in utero Filium Dei**, e tudo recopilado nas breves cláusulas, com que São Mateus no Evangelho chama, e publica Mãe de Jesus a Maria: **Mariae, de qua natus est Iesus, qui uocatur Christus**.

Temos decifrado no Texto Evangélico a nova Catedral de Mariana com o seu Bispo no trono. Mas os Cônegos onde estarão? Enquanto à qualidade, eu os mostrarei logo no meu tema; a quantidade, ou o número, profetizou-o o Evangelho em três partes. Tece o Sagrado Cronista a genealogia de Cristo Senhor Nosso, e divide-a em três partes, cada uma delas de quatorze gerações: a primeira é desde Abraão até Davi, e nela se contam quatorze progenitores; a segunda de Davi até à transmigração de Babilônia com outros quatorze ascendentes; a terceira com outros quatorze Avós desde a transmigração de Babilônia até Cristo. Pois se o Evangelista quer fazer três partes, ou tesseradécadas (sic), e que todas contenham quarenta e duas gerações, por que não compõe uma parte de treze, outra de quatorze, e outra de quinze, ou de outros números desiguais, que constituam aquele todo? Por força há de ser de quatorze cada parte? Não há de ter nem mais, nem menos de quatorze cada tesseradécada (sic)? Não, Senhores. E por que? Porque não são nem menos, nem mais de quatorze os Cônegos, com que se cria esta Santa Catedral; e para que se visse que na dedicação desta Sé não havia circunstância, que o Evangelho não tivesse prevenido, por isso não menos que em

três partes por todo o Evangelho se ajusta o número quaterdenário, para simbolizar o número dos Prebendados de Mariana.

Mais difficil me parecia a mim achar no Texto Evangélico a Conceição mudada em Assunção; porém depois de o ler atentamente, vi que isso no Evangelho era o mais fácil. Fui eu a reparar, em que contando São Mateus no presente Evangelho os Progenitores de Maria descendo, São Lucas os refere subindo: o primeiro descendo, porque desce de Abraão até Jacó, filho de Matan; o segundo subindo, porque sobe de Heli, filho de Melqui, até Deus. E qual será o mistério de tão notável diferença? É o querer demonstrar o Evangelista a glória da Assunção de Maria na graça da Conceição da mesma Senhora, ou que a graça da sua Conceição imaculada se muda em glória da sua Assunção triunfante.

Olhai. A Conceição é descer, por isso a geração, ou conceição de um filho se chama descendência de seu pai; a Assunção é subir, por isso a Igreja diz, que a Senhora subiu aos Céus na sua Assunção: **Maria Virgo Caelos ascendit**. Suba pois um, e desça outro Evangelista: desça um desde o Céu, ou desde o seio de Abraão até Jacó, figurando a graça, com que Maria se concebeu, porque a graça da sua Conceição toda veio da glória de Deus: suba outro desde Heli até Deus, para significar que a glória, a que subiu Maria na Assunção, lhe proveio da graça, com que Deus a preservou da culpa. Sejam os mesmos os degraus, por que se sobe, e se desce nesta escada, ou árvore da sua geração, para que se veja que nos mesmos graus da descendência, e ascendência da Senhora estava figurada a glória, com que no dia da sua graça se lhe dedica esta Cathedral. Esta é a glória, que resulta à mesma Senhora da sua graça: esta é a graça de Maria convertida na sua glória; e esta será a empresa do meu discurso, no qual mostrarei que só se faz patente, manifesta, e palpável a graça da Conceição Mariana, quando no dia de sua imaculada Conceição se lhe consagra esta Cathedral Marianense à invocação da sua glória. O norte do discurso será a glória de Jacó na geração de Judas, e seus irmãos: **Jacob autem genuit Iudam, et fratres eius**; mas a luz, e guia para o desempenho, só pode ser aquela Estrela de Jacó, que nasceu tão pura, como luzida, para emblema da graça da Conceição da Senhora: **Orietur stella ex Iacob**.

Aue Maria.

Iacob autem genuit Iudam, et fratres eius. Matth., supra.

Entre os Progenitores de Cristo, dos quais também descende Maria Sereníssima, por ser Mãe do mesmo Senhor, Jacó gerou a Judas, e a seus irmãos: **Iacob autem genuit Iudam, et fratres eius**. Isto é o que diz São Mateus no presente Evangelho, como epítome

do glorioso objeto, que hoje celebramos. As palavras são breves, mas compendiosas; porque não temos circunstância neste plausível, e soleníssimo Tríduo, que não esteja resumida na brevidade do tema. Consagramos aplausos à pureza da Conceição de Maria, este é o primeiro motivo dos cultos deste grande dia; e assim devemos principiar o discurso pela imaculada Conceição da Senhora. Senhores, quereis conhecer, como a Conceição de Maria foi pura? Pois olhai para a geração de Jacó.

Jacó gerou doze filhos, que foram Judas, e seus irmãos: **Iacob autem genuit Iudam, et fratres eius**; mas sendo terrenos os pais, que geraram, e os filhos gerados, tanto os filhos, como os pais, parecem coisa celeste. O pai é um Sol; porque assim como o Sol é o maior astro, e a todos comunica lustres, assim Jacó foi o maior Príncipe entre seus filhos, e os encheu de lustre a todos. As mães destes filhos são como a Lua; porque assim como a Lua, sendo criada da mesma matéria lúcida, que o Sol, a respeito do Sol é a Lua menor Planeta: **Luminare minus**, assim as esposas de Jacó, ainda que procriadas do mesmo tronco, na razão de mulheres são menos que ele: **Caput mulieris uir**. Não há semelhança, como a deste astro, para as duas esposas de Jacó; e uma delas até no nome se equivoca com a Lua, porque se chamava Lia. Isto eram os pais; e os filhos que seriam? Que haviam de ser, senão Estrelas, os filhos da Lua, e do Sol?

Eram Estrelas luzidas os filhos de Jacó, porque lhes comunicava seu pai o esplendor, para serem tão ilustres, e luzidos, como as Estrelas, nas quais se representavam todos: **Vidi per somnium quasi Solem, et Lunam, et stellas undecim adorare me**. Assim o dizia um dos filhos de Jacó a seu pai, falando de seus pais, e irmãos. Então pareceu sonho aquela brilhante elevação da família de Jacó, hoje conhece-se que foi verdade profética aquele sonho. Sim. Jacó é um Sol, que espalhou imensos raios de luz na sua inumerável, lustrosa descendência; Lia é uma Lua minguante na beleza; Raquel outra Lua cheia de formosura; os filhos são umas Estrelas de incomparável grandeza, e luzimento; porque nas Estrelas, na Lua, e no Sol tudo são luzes sem sombra, resplandores sem mancha, candores sem mácula. Esta foi a geração de Jacó: **Quasi solem, Lunam, et stellas**; e esta é a pureza da Conceição de Maria.

Maria na sua Conceição foi candor sem mácula, resplendor sem mancha, luz sem sombra, ainda que gerada entre as sombras, ou quando ocupavam o mundo todo as trevas da culpa original. Foi aquele primeiro luzeiro, que viu o mundo brilhar entre as trevas do seu princípio, como entendeu São Vicente Ferrer: **Fiat luz, ecce** (diz o Apóstolo de Valença) **ecce Conceptio Virginis Mariae**. Grande símbolo da graça da sempre Virgem na sua Conceição!

Naquele confuso embrião, de que se formaram os Orbes, quando nele ainda não se distinguiam partes, e o seu todo era o nada:

**Unus erat toto naturae uultus in orbe,
Quem dixeret chaos**

neste caos escuro, e informe, quando só as sombras cobriam a face do abismo: **Tenebrae erant super faciem abyssi**, então criou Deus a luz. E nota o Sagrado Cronista, que a luz fora feita: **Dixitque Deus: Fiat lux. Et facta est lux.** Por certo que parecia escusada esta advertência do Sagrado Texto, enquanto diz que a luz fora feita, depois de dizer Deus, que se fizesse a luz: **Dixitque Deus: Fiat lux. Et facta est.** Para Deus fazer tudo, basta que ele diga, que se faça: a regra, que nós temos, para conhecer que Deus fez alguma coisa, é saber-mos que ele disse, que se fizesse; porque tudo o que vemos feito, é porque ele o disse, e o mandou fazer; porque o disse, é que se fez tudo: **Quia ipse dixit, et facta sunt**, diz o Salmógrafo. Pois se se faz indefetivelmente o que Deus disse, qual será a razão, por que depois de referir Moisés, que Deus disse, que se fizesse a luz: **Dixitque Deus: Fiat lux**, advirta que a luz foi feita: **Et facta est lux?** A razão é; porque o que Deus fez na luz, ou no modo, com que a luz se viu criada, não se acredita, se o Espírito Santo não dissera, que se fez assim.

A luz é tão oposta à sombra, que não podem existir ao mesmo tempo, e no mesmo lugar a sombra, e a luz. Assim o mostrou Deus, quando dividiu a luz da sombra, dando à sombra o domínio da noite, entregando à luz o império do dia: **Divisit lucem a tenebris. Appellavitque lucem diem, et tenebras noctem.** Mas antes desta divisão fez Deus um prodígio grande na luz, e que foi, que existisse a luz com a sombra algum tempo. Entre o tempo, em que Deus criou a luz, e a dividiu da sombra, houve outro espaço médio, em que a luz esteve misturada, e confundida com a sombra, sem que ofendesse a sombra à luz; e este é o portento, com que se diz, que a luz estava feita antes de dividida: **Et facta est lux;** ou que a luz existiu, e subsistiu antes de separada da sombra: **Et fuit lux:** lê a versão Caldáica.

A sombra é privação da luz; porém esta luz, que Deus faz, está brilhando entre a sombra: **Et lux in tenebris lucet.** A sombra ainda parece que tem o império do tempo, porque não está separada a jurisdição da luz no dia; porém a luz já se vê resplandecer entre o horror das trevas: **In tenebris lucet.** As trevas representam a malícia, e o mal; porém entre toda a maldade, que cobrem as sombras, já Deus está vendo uma bondade, e pureza tão inata naquela primeira, luzente criatura, que a não podem ocultar as sombras com toda a sua dominação: **Vidit Deus lucem, quod esset bona.** Vedes

aqui, Senhores, o que estava feito na luz, confundida com as sombras, e o porquê se diz, que estava feita, e existia antes de se dividir das trevas: **Et fuit lux, et diuisit lucem.**

Sim. Esta é a luz prodigiosa na sua criação, está é a primeira produção maravilhosa de Deus. **Dixitque Deus: Fiat lux;** esta é a primeira criatura da Onipotência criadora; esta é a criatura, que saiu pura, e imaculada nos seus luzidos candores: **Facta est lux;** esta é a que nos seus resplandores até ao mesmo Deus mostrava a sua bondade: **Vidit Deus lucem, quod esset bona.** Não há dúvida que o princípio da luz foi a sombra, porque das trevas nasceu a luz: também é certo que a sombra pretendia escurecer à luz a claridade; porque a malícia, que se representa na sombra, sempre presume ofuscar a bondade figurada na luz; porém a regalia daquele primeiro candor esteve em que se visse o contrário no tempo, em que Deus a fez, e a deixou estar feita, sem a separar das trevas: **Fuit lux, et uidit Deus lucem, et diuisit lucem a tenebris.**

E esta brilhante, inocente, cândida criatura é o mais natural emblema da graça da Conceição Mariana. Pelo privilégio da preservação foi Maria a primeira criatura, que saiu da boca de Deus: **Ego ex ore Altissimi prodiui primogenita ante omnem creaturam;** porque antes de previsto o pecado primeiro, que cobriu o mundo racional com a triste sombra da culpa, foi predestinada a Senhora no estado da graça para Mãe do Verbo humanado. É verdade que quando a Senhora se concebeu com efeito, tudo no microcosmo eram mortais assombros do tenebroso horror, do confuso caos do delicto original: **In tenebris, et in umbra mortis sedent;** e que os mesmos pais, de quem se concebeu, viviam nas trevas confusas do pecado de Adão; mas esse mesmo era o prodígio, esse era o privilégio, que das trevas nascesse o candor, que entre as sombras brilhasse a luz, para ser pura, e inocente na sua Conceição a Virgem Maria, como a luz primeira: **Fiat lux, ecce Conceptio Virginis Mariae, lux in tenebris lucet, et uidit Deus lucem, quod esset bona.** Pois se assim é, seja a geração luminosa, e resplandecente de Jacó o espelho da graça para a Conceição de Maria: **Fiat lux, ecce Conceptio: Vidi per somnium quasi Solem, Lunam, et stellas,** para que se patenteie a pureza da Senhora ao ver-se o luzimento da geração de Jacó: **Iacob autem genuit Iudam, et fratres eius.**

E agora entendo eu o mistério, com que o Evangelho numera todos os filhos de Jacó, como progenitores da Mãe de Deus, que agora celebramos concebida em graça. Dos mais progenitores de Maria só entram no catálogo da sua geração os que concorreram para ela, e não os irmãos, que teve o mesmo progenitor. Abraão gerou dois filhos, que foram Isaac, e Ismael; mas como só o primeiro foi ascendente da Senhora, por isso ele só entra na sua genealogia:

Abraham genuit Isaac. Isaac também teve dois filhos Isaú, e Jacó; mas por este se tece a árvore da geração de Maria, porque aquele não concorreu para a sua geração: **Isaac autem genuit Iacob.** Jacó, ainda que teve doze filhos, só deu um para a geração de Maria, o qual foi Judas, pai de Fares: **Judas autem genuit Phares.** Pois se Judas continua somente a genealogia, como entram nela todos os seus irmãos? É, porque todos são filhos de Jacó, e como filhos de Jacó todos são luz, e resplendor: **Quasi Solem, Lunam, et stellas.** E para que se veja que a graça da Conceição de Maria é tão clara, e perceptível, como a mesma luz, e que a todas as luzes se deve publicar imaculada a sua Conceição, por isso se descrevem todos os filhos de Jacó no livro deste mistério: **Iacob autem genuit Iudam, et fratres eius.**

Mas qual será o dia, em que se faz público, qual será o tempo, em que se faz patente este prodígio da graça, nunca percebido pela ordem da natureza? Digo que é agora: agora se revela claramente este segredo da Onipotência, agora se divulga este arcano da graça, agora se publica a altura da sua glória. Agora? E por que agora, e não antes? Porque só agora se cria esta nova Igreja Catedral Marianense, da qual para os prodígios, que celebramos, e suas circunstâncias, não há figura tão viva, como a geração de Jacó: **Iacob autem genuit.** Ora ouvi; e se eu for mais difuso, do que devera nesta demonstração, releve-me da censura de moroso a novidade da matéria, pois no comum prometo não demorar-me.

Tudo na geração de Jacó é misterioso para o nosso caso; mas um dos maiores mistérios é o seguinte. Serviu Jacó a Labão sete anos, para merecer por esposa a Raquel; e ao passo, que esperava em Raquel o prêmio das suas finezas, lhe deram por consorte a Lia. Sentiu Jacó a troca, e a dispêndio de novos serviços mereceu depois com Raquel a mesma sorte. Desposado com ambas o grande Patriarca, e amando mais a segunda, que a primeira, tiveram elas entre si grande dissensão sobre umas mandrágoras, ervas de pouco valor, que Rubem, filho de Lia, tinha trazido do campo. Ajustaram-se por fim amigavelmente as duas irmãs, cedendo Raquel o comum esposo a Lia por uma noite para o tálamo nupcial; e assim que Lia aceitou o partido, que desejava, saiu fervorosa de casa, esperou a Jacó, que andava no campo, contou-lhe o sucesso, e recolheram-se ambos: **Re-deuntique ad uesperam Iacob de agro, egressae est occursum Lia, et ait: Ad me, inquit, intrabis, quia mercede conduxisti te pro mandragoris filii mei.** Admirável, e misterioso caso!

Na verdade que pode assombrar este successo aos juízos de maior prudência. Pois Lia, aquela matrona tão modesta, e prudente, que tem ânimo para sofrer o repúdio de Jacó; e por mais que o desprezo conjugal lhe penetre o coração, não lhe chega aos lábios para

o publicar queixosa; aquela Heroína, que tem valor para tolerar os ciúmes de Raquel, os quais, ainda que lhe ferem a alma, não se atreve a dizê-los a língua; esta mulher tão senhora de si, como das suas paixões, forte, varonil, e constante, agora perde o pejo, sai de casa, vem à rua, espera o esposo, e recolhe-se publicamente com ele? Parece desar da sua pudicícia esta ação; porém o mistério do caso livra a Lia da nota de menos honesta. Alegorizemos a figura.

Jacó significa a um Bispo eleito para governar uma Igreja, ou um Bispado, para o qual o mesmo Bispo se elege; porque não se faz o Bispado por causa do Bispo, mas cria-se o Bispo por amor do Bispado: **Episcopos proter Ecclesiam sit**. Lia significa a Igreja, para a qual é canonicamente eleito o Prelado. Mais claro. Jacó significa um Bispo; Lia representa a uma Igreja Catedral, visto que é Igreja com Prelado; porque da Cadeira Pontifical é que se chamam Catedrais, ou Sés as Igrejas, em que residem os Bispos. Agora se entende bem a razão, que desculpa a Lia do que parecia desenvoltura no caso referido. Era Lia figura da Igreja, Jacó retrato do Bispo; na vinda do Bispo tem a sua Igreja obrigação de sair a esperá-lo para o receber, por isso Lia saiu de casa a esperar, e obsequiar a Jacó: **Lia egreditur in occursum Iacob, quando Ecclesia canonicè Praela tum eligit**. Tudo comentou o Cardeal Hugo. Mas ainda não é este todo o mistério do caso, que referimos: ouvi, que ainda prossegue a sua alegoria.

Depois desta desejada vinda do Prelado (continua o mesmo Purpurado Intérprete) segue-se outra eleição Canônica, para que cada um execute com diligência o que pertence ao seu officio: **Ex quo praecessit Canonica electio, debet sequi sedula officii executio**. Esta segunda eleição Canônica bem a podemos entender da eleição dos Cônegos, e da criação de uma nova Catedral sem violência do comento, que seguimos; já porque é posterior à vinda, e recebimento do Prelado; e já porque é Canônica, ou conforme aos Sagrados Cânones; pois, porque devem viver na forma destes, se chamam Canônicos em Latim, e em Castelhana Canonigos, o que nós em Português dizemos Cônegos, como se declarou no Capítulo IX do Concílio Moguntino: **Canonici Clerici canonicè uiuant**.

Isto suposto, perguntar-me-eis agora, quantos são os Cônegos eleitos por aquele Bispo alegorizado, e quais são os que elege para esta dignidade Eclesiástica? Os que cria, ou institui na dignidade Canonical, já se sabe que são os filhos do mesmo Jacó; pois na sua geração, que propõe o Evangelho: **Iacob autem genuit Iudam, et fratres eius**, temos o emblema de uma Sé. Agora o número dos Cônegos tem mais dificuldade em acertar-se; mas digo que são quatorze. Quatorze? Que digo? Se os Cônegos se figuram nos filhos, ou na geração de Jacó: **Iacob autem genuit Iudam, et fratres eius**,

e os filhos de Jacó são doze somente, como podem ser quatorze os Cônegos? A razão há de vos parecer muito difícil, mas é muito fácil: e vem a ser; porque Jacó não teve só doze, teve quatorze filhos. Esta novidade há de vos parecer maior, que as mais, que tenho dito, quando a não julgueis apócrifa, por parecer contra a verdade do Sagrado Texto, mas é muito conforme a ele.

É verdade que Jacó não teve mais que doze filhos naturais, e legítimos; mas teve mais dois filhos adotivos, e com estes fez o número de quatorze. Os doze legítimos e naturais foram Rubem, Simeão, Levi, Judas, Dan, Neftali, Gad, Aser, Isachar, Zabulon, José, e Benjamim. Os adotivos são Manassés e Efrain, os quais eram filhos de José, e netos de Jacó; mas Jacó tomou para si, e como seus, estes dois filhos de seu filho, e deixou-lhe para ele os outros, que o mesmo José tinha gerado: **Duo ergo filii tui . . . mei erunt, Ephraim, et Manasses**, dizia Jacó a José. Notável maravilha! De maneira, que representando Jacó a um Bispo, criando quatorze Cônegos para a sua Igreja Catedral: **Iacob autem genuit: Ex quo praecessit canonica electio**, porque aquele Patriarca não tinha mais que doze filhos, tomou dois netos, e adotou-os por filhos seus, para ajustar o número dos quatorze, que haviam de ser eleitos canonicamente, ou para a dignidade Canonical: **Duo ergo filii tui mei erunt: Canonica electio**.

E que faria Jacó com estes quatorze homens tão dignos, como filhos seus, e partos da sua eleição? Ouvi-o com assombro, porque não se pode referir sem pasmo. Apareceu Deus a Jacó em Haran, e mostrou-lhe numa visão intelectual estes filhos: viu o Patriarca este portento da sua descendência, em agradecimento de tanto benefício dedicou a Deus um Templo, e consagrou-lhe uma Igreja; isto quer dizer aquela pedra, que Jacó levantou, como padrão, ou título da sua gratificação: **Tulit lapidem, et erexit in titulum, fundens oleum de super**. E para que não houvesse dúvida na invocação daquele Templo figurado, Jacó o dispôs de tal maneira, que, para que fosse a Igreja da Glória, lhe chamou Casa de Deus, e disse que estava ali a porta do Céu: **Non est hic aliud, nisi domus Dei, et porta Caeli**. Assim o dizia Jacó admirado, quando viu espiritualmente gerados em Haran aqueles filhos, que depois gerou naturalmente em Mesopotâmia: **Iacob autem genuit Iudam, et fratres eius**; e assim o repete a Igreja, louvando a Deus na dedicação de algum Templo: **In dedicatione Templi decantabat populus laudem. Non est hic aliud, nisi domus Dei, et porta Caeli**.

Mas, oh! Valha-me o Céu em tanto abismo de mistérios, que por mais que quero registrar o Pólo, e observar o horizonte, não sei em que terra estou. Cuidava eu que estava ou em Haran, absorto na contemplação da misteriosa, futura geração de Jacó: **Iacob autem**

genuit; ou em Mesopotâmia, vendo, e admirando gerados os filhos daquele grande Patriarca: **Genuit iudam, et fratres eius**; porém engei-me, porque estas espécies, que se representam tanto ao longe à memória, são o prodígio, que se oferece hoje aos olhos em Mariana. Ali naquele coro estão os filhos do excelso Pastor, ali naquele trono vemos também a Jacó seu pai; Jacó não já como Bispo em figura, mas o mesmo Bispo em sua própria pessoa, e mais glorioso que Jacó.

Jacó representou a Cristo: **Seruiuit igitur Iacob pro Rachel, id est, Christus pro Ecclesia**; mas o nome de Cristo não o desempenhou Jacó, Patriarca de Israel, desempenhou-o o Peregrino, Sagrado Pastor, Príncipe desta Igreja. Cristo teve o nome de Manuel: **Emmanuel uocabitur nomen eius**; deu-lhe o renome a Cruz, porque ela o fez Príncipe ilustre: **Factus est principatus super humerum eius**; e o nosso Sagrado, Excelentíssimo Príncipe também se chama Dom Frei Manuel da Cruz. Este místico Jacó, este Pastor prudente, e vigilante também serviu sete anos, para merecer no Bispado do Maranhão a sua querida Raquel nesta Igreja Marianense: sete anos serviu, sim; porque sendo consagrado Bispo em dezembro de 1738 foi absoluto daquele vínculo em 15 de dezembro de 1945 pois então o criou Sua Santidade Bispo desta Diocese.

Também o nosso Pastor soberano teve duas esposas, como o antigo Jacó; a Lia foi São Luís do Maranhão, a Raquel é esta Mariana. O Maranhão com este meritíssimo Prelado foi o Ludovico Floro, sétimo entre os Luíses de França: deu-lhe esta, ou com o nome do primeiro Bispado, que foi o mencionado de São Luís, ou com as armas de Bernardo, seu Preclaríssimo Patriarca, as flores de Liz, as quais escondem o ouro entre as suas folhas; para que principiando este grande Prelado a florescer espiritualmente naquela sua primeira Diocese, viesse depois colher em Mariana os frutos de ouro mais sazonados em virtude, e maduros na observância dos dez Divinos preceitos, que aqueles dourados dez frutos, com que o Pastor Melibeu presenteava ao seu Amintas:

.....**Ex arbore lecta**

Aurea mala decem misi: cras altera mittam...

Chegou enfim o novo Peregrino, e desejado Jacó ao tálamo espiritual, ao trono de Mariana: saiu esta Igreja tão formosa, como rica, com tanto fausto, como prazer, para receber, como recebeu, o seu Excelentíssimo Prelado: **Egreditur in occursum Iacob**. Logo que entrou, começou a criar a Catedral com tanta ventura, e nobreza, como aquela, com que Jacó gerou a seus filhos: **Iacob autem genuit iudam, et fratres eius**. É verdade que entre geração, e geração houve grande diferença; a de Jacó foi corporal, e espiritual a do nosso

Prelado, porque criou, e instituiu aos Reverendos Capitulares com palavras; mas a virtude das suas palavras não foi menos eficaz, que a generativa de Jacó, para que a geração deste se possa também verificar na criação daquele, a exemplo daquele Verbo infinito, que só com a virtude das suas palavras nos gerou a todos nós: **Genuit nos uerbo uirtutis suae**. Sim; porque nos quatorze Prebendados presentes reluz simbolicamente a geração dos quatorze filhos naturais, e adotivos de Jacó.

O Reverendo Arcediago é o Rubem bem visto, como primogênito no merecimento, e o mais digno de todos: **Rubem, id est, uidete filium** (1). Não há símbolo desta primeira Dignidade da nossa Sé tão natural, como Rubem; pois se este filho pertence aos olhos: **Videte filium**, os olhos do Prelado são os Arcediagos, como diz o Concílio Tridentino: **Archidiaconi, qui oculi dicuntur Episcopi**. E principalmente este, que pelos seus relevantes méritos não só é o alvo dos olhos de todos, mas é digno de que todos o estimem, como as meninas dos seus olhos. O Arcipreste é Simeão, toda a sorte deste consistiu em ouvir Deus: **Simeon, idem est, quod auditio, uel exauditio, id est, exaudiuit Deus**, diz o A. Lapide; e este Arcipreste (2) não quer outra maior felicidade, senão que as orações, e louvores, que cantar a Deus naquele Coro, sejam com tal pureza do coração, com tal afeto, e piedade, que sejam aceitáveis, e ouvidas pelo mesmo Senhor.

O Reverendo Chantre (3) é naturalmente o Levi, terceiro filho de Jacó. Levi foi o pai, ou o Príncipe de todos os Levitas, que no Templo cantavam louvores a Deus: **Leui, id est parens omnium Leuitarum**, diz o mesmo Autor; e o Chantre para guiar a todos os Levitas, e mais Clero no Coro, é o Cantor Mor; esta propriedade desempenha o nosso Chantre, e a sua primazia nos primores do canto o faz de outros cantos digno.

O Reverendo Tesoureiro Mor merece (4) o louvor todo, que inclui o nome do quarto filho de Jacó: **Iuda, te laudent fratres tui. Iudas, idem est, quod laus**. O nome deste Patriarca parece que convinha à quarta dignidade da nossa Sé, porque outro do mesmo nome foi o Tesoureiro do Colégio Apostólico, mas não convém à pessoa do nosso Tesoureiro Mor; pois para não cair na infelicidade do Apóstolo desgraçado, tem muitos sinais da sua fortaleza na denominação daquele antigo Patriarca: **Commendat tribum Iuda a for-**

(1) Este é o Doutor Geraldo José de Abranches.

(2) É o Autor deste Sermão.

(3) É o Doutor Alexandre Nunes Cardoso.

(4) É o Doutor João de Campos Lopes Torres.

titudine; e para ostentação desta virtude, nos campos da sua ingênua fidelidade tem a nossa quarta Dignidade no próprio cognome fortes, e altas torres para se defender.

Dan, que significa juízo, ou demanda: **Dan, id est, iudicium, siue lis,** é o quinto filho de Jacó, e nele está o caráter do primeiro Cônego o Reverendo Doutral; (5) o qual para dirimir as contendas judiciais, e promover as ações da justiça, tem, como Dan, o dom da especiosa literatura, e exímia jurisprudência, que Deus lhe deu, com o auspício do seu nome: **Dan, id est, iudicium.** Foi Neftali o sexto filho de Jacó, e significa o artifício, com que se aformoseiam as palavras: **Nephtali interpretatur artificiosum, Nephtali dans eloquia pulchritudinis.** Esta propriedade convém ao segundo na ordem dos Cônegos o Reverendo Magistral, (6) ao qual (ainda na singeleza de cordeiro, como se ostenta pelo cognome) não lhe falta a ciência, e arte para as funções do seu magistério.

Gad é o sétimo filho daquele Patriarca, e é o mesmo que se disséramos, cingido, felicidade, e fortuna: **Gad, accinctus, Gad, id est, fortuna fortunate, feliciter.** Este muitas vezes feliz é o terceiro Cônego o Reverendo Soares, (7) que tendo já a primeira investidura Canonical na Sé do Maranhão, quis dar à de Mariana a ventura de o contar entre os seus Capitulares, para que (muitas vezes afortunado) fizesse soar a fama das suas virtudes de um Pólo a outro Pólo.

O oitavo filho de Jacó é Aser, e significa bem-aventurança: **Aser, id est, beatus;** esta pertence ao Reverendo Cônego, (8) quarto na ordem deles; mas tão bem-aventurado, que depois de ter a primeira Cadeira na Catedral do Maranhão, busca nova glória com o mesmo caráter no Céu desta Igreja. Saú Vicente no nome, por isso fica duplicadamente triunfante, e glorioso: **Exiuit uincens, ut uinceret.** Para este segundo triunfo tomou por apelido o nome de Jorge, para que numa só pessoa se acumulasse à sua pátria mais dobrada felicidade, do que teve Lívia, mulher de César Augusto, por ser mãe de Druso, e de Tibério César.

Tot bona per partus, quae dedit illa duos.

Isachar foi o nono filho de Jacó, e se interpreta paga, ou prêmio: **Isachar, id est, merces.** Este foi o enigma do Reverendo Cônego Penitenciário (9), que tendo no cognome de Barreto o auspício do

-
- (5) É o Doutor João Martins Cabrita, que também foi provido em Promotor da justiça do Bispado.
 (6) É o Doutor João Rodrigues Cordeiro.
 (7) É Manuel Ribeiro Soares, Mestre em artes.
 (8) É o Mestre em artes Vicente Gonçalves Jorge de Almeida.
 (9) É o Reverendo Simão Caetano Barreto de Moraes.

barrete, com que se ornou na colação deste Benefício, tinha na honra da Penitenciária o prêmio da ciência Teológico-Moral, de que pende o seu cargo, e em que tanto o distingue a veneração, e a fama. Em décimo lugar gerou Jacó a Zabulom, e este quer dizer habitador, ou habitação: **Zabulon idem est, quod habitaculum**. Misterioso emblema para o Reverendo Cônego, (10) que entra em sexto lugar para habitar com os mais! Vem este deixando fechado o Templo de Jano, como Cavaleiro, ou Freire da paz, com tanta glória entre os seus acordes companheiros, que por manso, e pacífico se fará senhor não só de toda a terra, mas dos corações de todos: **Beati mites, quoniam ipsi possidebunt terram**.

O undécimo filho de Jacó foi José, que significa ir crescendo: **Filius accrescens Ioseph**; esta sorte coube naturalmente ao sétimo Cônego o Reverendo Xavier, que sendo suave planta da melhor silva, já pela gravidade do ornato, já pela modéstia da compostura, e já (11) pelos frutos da virtude, pois em tudo é singular:

**Silva talem nulla profert
Fronde, flore, germine,**

não lhe falta a fragrância da boa opinião, na qual indo crescendo, terá sempre para o aumento segura a bênção de José: **Ioseph... augmentum non dubites interpretari**. O filho décimo-segundo de Jacó foi Benjamim, que é o mesmo que dizer: O filho da mão direita: **Benjamin, id est, filius dexteræ**. Misterioso acerto! Pois esta sorte só podia ser com propriedade do Reverendo Cônego, oitavo no número, (12) e hierarquia deles, mas o primeiro que todos no afeto, e mimo para com o excelso Pai, a quem veneram. Daquele caudaloso, e rico Ribeiro falo, que despenhado, e desempenhado na comodidade, e tratamento do Peregrino Jacó, deixou correr o dispêndio com tanta profusão, como Benjamim, a quem a liberalidade pertence por bênção, e herança profética de seu pai: **Vespere diuidet eseas**; mas por isso o mais amado de Jacó, o filho, e morgado do amor daquele excelso Príncipe; enfim o Benjamim das suas ternuras, e afetos, e isto pela singeleza, pela boa índole, pela verdade, pela docilidade e desteridade do mesmo filho amado: **Benjamin filius dexteræ**.

O décimo-terceiro filho na ordem, com que se devem contar pelo nosso cômputo, e o primeiro dos adotivos de Jacó, foi Manasses, que significa o que faz esquecer: **Manasses, id est, obliuisci faciens**.

(10) É o Reverendo Antônio Freire da Paz.

(11) É o Reverendo Francisco Xavier da Silva.

(12) É o Reverendo Francisco Ribeiro da Silva.

Nesté se representa o nono Cônego (13) o Reverendo Sousa, que esquecido de si, e dos seus, deixando como Abraão a comodidade de sua casa, e o mimo de seus pais, e lembrado só de Deus, para o servir nesta Catedral, tem tais virtudes, que fez esquecer as grandes prendas dos seus companheiros, quando das suas se mostrou tão lembrado o generoso Jacó, que o chamou para o abençoar.

O segundo adotado de Jacó, e décimo-quarto na série de seus filhos é Efraim, o qual teve por bênção o incremento, e domínio de José, seu pai, ainda que era o mais moço a respeito de seu irmão Manasses: **Ephraim, id est, frutificans, crescens.** Este é o Reverendo Cônego Barros, último de todos na sorte, para ser a coroa de todos no aumento, e dominação; pois com o auspício deste senhoril tem no seu nome (14) de Domingos a denominação de senhor, e de primeiro, (ainda que último) como Efraim: **Frater eius minor, maior erit.** Aqui pois neste ilustre Cabido está a mística, e simbólica geração de Jacó: **Iacob autem genuit Iudam, et fratres eius, ex quo praecessit canonica electio.** Mas para que estão aqui estes Capitulares? Para que se criam estes Cônegos? Para quê? Para que consagrando-se esta Igreja a Deus, como Catedral, nesta mesma dedicação se manifeste a pureza, a graça, a santidade, em que se concebeu Maria Sereníssima. Ora' ouvi o que talvez não esperais.

É muito de notar, que depois de Sua Excelência Reverendíssima instituir, e colar a maior parte destes Reverendos Cônegos no dia cinco do presente mês, e os mais no dia seis que mandando-lhes tomar posse, como tomaram todos, no dia sete de manhã, e vindo com eles à Sé no mesmo dia de tarde a cantarem o **Te Deum laudamus** em ação de graças pelo benefício recebido, só no dia oito de manhã principiaram o santo exercício do Coro. E por que neste dia, e não antes? Porque o dia oito é o da puríssima Conceição de Maria; e para mostrarem que esta Catedral só se criava, para que se conhecesse a pureza da Conceição da Mãe de Deus, por isso o louvor de Deus naquele Coro principiou, e devia principiar no dia da Conceição.

Naquele dia muito cedo vieram para o Coro, oraram, e depois pediram a Deus, que lhes abrisse a boca para o saberem louvar: **Domine, labia mea aperies, et os meum annuntiabit laudem tuam.** Invocaram o Divino auxílio, para que Deus os ajudasse naquele santo exercício: **Deus in adiutorium meum intende: Domine ad adiuuandum me festina.** Deram glória à Santíssima Trindade, reconhecendo que só para honra de Deus faziam aquela ação: **Gloria**

(13) É o Reverendo Francisco Gomes de Sousa, o único, que é natural do Bispado de Mariana.

(14) É o Reverendo Domingos Fernandes de Barros.

Patri, et Filio, et Spiritui Sancto. Sicut erat in principio, et nunc, et semper, et in saecula saeculorum. Amen. E depois de mostrarem o júbilo, e alegria interior, que tinham, no **Aleluia**, que cantaram, prosseguiram imediatamente nesta forma: **Conceptionem Virginis Mariae celebremus**: Celebremos, louvemos, veneremos, adoremos a Conceição da Virgem Maria. Adoremos este mistério, que é da graça: veneremos esta obra, que é imaculada: louvemos esta geração, que é pura: celebremos esta Conceição, que é santa; pois se não fosse santa, pura, imaculada, e cheia de graça, não a havia de celebrar a Igreja, nem mandar que a celebrássemos: **Conceptionem Virginis Mariae celebremus**. Pois tanta prefação, tanto preâmbulo de orações, vem a parar somente na celebridade, e aplauso da Conceição? Sim, Senhores; porque como esta Sé se cria para dar a conhecer ao mundo aquele escondido segredo, com que a Onipotência preservou a Maria da culpa original, e a encheu de graça no primeiro instante do seu ser, por isso a primeira ação de louvor neste Coro devia ser, como foi, a veneração da sua Conceição puríssima: **Conceptionem Virginis Mariae celebremus**.

Assim será; mas parece que não se desempenha assim a dedicação da Catedral, e a nova invocação do Templo. O Templo, como dissemos ao princípio, tem novamente o título da Glória, porque é dedicada a Sé à Assunção de Maria. Isto, que passa na realidade, era já desenho na figura do nosso Jacó. Jacó, quando viu os prodígios, que hoje vemos, consagrou o Templo à Glória, como nós fazemos hoje: **Non est hic aliud, nisi domus Dei, et porta Caeli. In Cathedralem pariter Ecclesiam, sub inuocatione eiusdem Assumptionis Sanctissimae Virginis**. Sendo pois este triunfo da glória da Senhora, tem sido até agora todo o aplauso, e celebridade da graça da sua Conceição; e como pode ser que não passando o Coro dos encômios da graça, sejam os louvores da Glória? Por que há de ser adoração reverente do Mistério da Assunção de Maria o culto da sua Conceição imaculada? Por quê? Por isso mesmo. Porque a veneração da graça, em que se concebeu a Mãe de Deus, é o obséquio da glória, que teve a Senhora na sua Assunção. Não se distinguem os elogios da glória, e da graça da puríssima Virgem; porque onde se sublima a sua graça, aí se exalta a sua glória. Grande caso sucedeu a Jacó para desempenho desta maravilha nas presentes circunstâncias.

Em Haran estava Jacó dormindo, quando viu uma escada misteriosa, pela qual incessantemente subiam, e desciam Anjos: **Angelos quoque Dei ascendentes, et descendentes per eam**. Misterioso emblema! Alguns Doutores Rabinos dizem, que esta escada tinha quinze degraus; e eu acrescentara, que estes quinze degraus são o Excelentíssimo Bispo, e os quatorze Capitulares desta Catedral, porque servem de instrumento ao ministério dos Anjos. Os Anjos desciam do Céu para publicarem a graça, com que Deus havia de pre-

servar a Maria, descendente do mesmo Jacó na sua Conceição; os mesmos Anjos sobem outra vez para o Céu, para aplaudirem a glória da Mãe de Deus, em que se refundiu a sua graça. Vêm aqueles espíritos da Glória com a notícia da graça, em que se há de conceber Maria, para que os Ministros de Deus na terra cantem, e publiquem a graça da Conceição da mesma Senhora: **Conceptionem Virginis Mariae celebremus**; mas ao verem público este portento da graça, tornam a subir as mesmas Inteligências sagradas, para admirarem no Céu a imensa glória, que provém à sempre Virgem da sua Conceição imaculada: **Quae est ista, quae ascendit?** Para este fim de engrandecerem ao mesmo tempo a graça da Conceição, e a glória da Assunção da Senhora, é que sobem, e descem diligentes os Anjos, sem que entre o descer, e o subir medeie outra ação: **Angelos quoque ascendentes, et descendentes per cam**; porque não há meio, ou divisão entre a glória, e graça de Maria, antes a sua graça é a sua glória. Para uma, e outra é só um o emblema na escada de Jacó: **Vidit in somnis scalam**, porque o instrumento da graça também é o instrumento da glória da Mãe de Deus. Enfim naquela escada misteriosa os degraus, pelos quais desceu do Céu a graça, para santificar a Senhora na sua Conceição, eram graus de glória, a que subia a Virgem Sereníssima na sua Assunção, para que se visse a propriedade, com que (imitada a geração de Jacó na criação desta Cathedral) se mudava a graça em glória; e era o mesmo a glória, que a graça, quando se admira a casa de Deus para louvar-se a glória da Assunção de Maria ao dedicar-se esta Sé a Deus no dia da Conceição: **Non est hic aliud, nisi domus Dei, et porta Caeli. Conceptionem Virginis Mariae celebremus.**

Esta é, ó Excelentíssimo, Sagrado Príncipe, a glória, que resulta a Deus, e a sua Mãe Santíssima da graça, que Vossa Excelência nos faz. Esta é, amabilíssimo, e venerabilíssimo Prelado meu, a graça, com que principiam o santo exercício do Coro os novos Capitulares desta Sé, para que logo desde o seu princípio possam dar a Vossa Excelência muita glória. Sim, estes são os primeiros filhos espirituais de Vossa Excelência, representados na geração de Jacó; e estes eram os mistérios, que gloriosamente para a presente ação se decifravam naquela geração ilustre: **Iacob autem genuit Iudam, et fratres eius.** De Direito antigo, como se refere no Capítulo **Nouit, de his, quae sunt a Praelato**, chamavam-se os Cônegos irmãos do Bispo; mas estes não querem, senão o amoroso nome de filhos, para se confessarem sempre criaturas de Vossa Excelência. Dê-lhes Vossa Excelência com o seu santo exemplo, com a sua incomparável ternura a educação de filhos, que eles cuidarão em todo o tempo merecer a glória de terem tão bom Pai, melhor do que mereceram os filhos de Jacó o lustre, e regalia de quem os gerou: **Iacob autem genuit Iudam, et fratres eius.**

Tenho mostrado o mistério da geração de Jacó nas gloriosas circunstâncias, com que se cria a Sé Marianense a indulto da graça da Conceição de Maria Santíssima, para lograr o privilégio de se consagrar à glória de sua Assunção. Mas contra toda esta alegoria está uma dúvida, que desfaz toda a novidade da nossa empresa, e vem a ser; que os filhos de Jacó, dos quais temos tratado, não são somente filhos de Raquel, também são filhos de Lia, de Bala, e de Zelfa; antes os filhos de Raquel foram os últimos, que teve Jacó; e se Raquel é figura da nossa Mariana, e se Mariana também é a última Igreja do nosso preclaro Jacó, do nosso Bispo excelso, como pode verificar-se na criação desta novíssima Catedral, ou na instituição dos seus Capitulares, toda a geração daquele grande Patriarca: **Iacob autem genuit Iudam, et fratres eius?** Porquê esta é a glória de Mariana, ou da nova Raquel, em que se representa, a qual, sendo última, se faz também primeira, para serem seus todos os filhos espirituais do místico Jacó na criação desta Sé.

Rachel plorans filios suos noluit consolari, quia non sunt. Predisse o Profeta Jeremias a morte dos inocentes, e disse, que a falta deles havia de custar muitas lágrimas a Raquel, porque todos eram seus filhos, e como tais os havia de chorar a todos: **Rachel plorans filios suos.** Não sei como se possa verificar este dito do Profeta. O estrago dos inocentes principiou em Belém, e continuou, e findou nos seus arrabaldes: **Occidit omnes pueros, qui erant in Bethlehem, et in omnibus finibus eius.** Belém não é da Tribo de algum dos filhos de Raquel, antes é da Tribo de Judas, quarto filho de Lia: **Et tu Bethlehem terra Iuda.** Pois se estes filhos da primeira mulher de Jacó, como os chora Raquel como seus, sendo ela a segunda esposa do mesmo Patriarca? Não sei outra razão, que dar, senão a que tenho dado, e é; que ainda que Raquel seja segunda consorte de Jacó, também se faz primeira, para gozar a glória da semelhança na criação espiritual dos quatorze filhos de Jacó nesta Catedral Marianense: **Iacob autem genuit Iudam, et fratres eius: Ex quo praecessit canonica electio.**

Nem convinha outra glória à nossa Raquel pela regalia dos mistérios, que celebramos, quando se criam espiritualmente estes seus filhos na criação desta Catedral: já vedes que se aplaude a graça, e a glória da Mãe de Deus. E qual destes mistérios merecerá primeiro lugar? Respondem os Teólogos, que a glória. É verdade que a graça é primeiro, e sempre a graça precede à glória; porém a glória, ainda que seja depois da graça, como prêmio dela, sempre é primeiro na eleição, e predestinação. Pois se nos mistérios do dia tem o último o primeiro lugar, como não terá o privilégio de primeira, sendo última, a nossa Raquel, ou Mariana, para lhe pertencerem todos os filhos, que gerou Jacó para tipo da presente felicidade: **Iacob autem genuit Iudam, et fratres eius,** se aqui

só o que é último, tem primeiro lugar? É tempo de acabarmos com o Sacramento, o discurso.

Cristo no Sacramento consagrou o seu Corpo, e o seu Sangue; mas primeiro que o Sangue consagrou o Corpo: o Corpo no Pão, que foi a matéria, que consagrou primeiro: **Accepit Panem, et dixit: Hoc est Corpus meum;** o Sangue no vinho, que foi a última matéria, que consagrou: **Hic est Sanguis meus.** Assim fez Cristo o Sacramento, e parece que inverteu a ordem, com que o devia fazer, para que seguisse a graça à natureza. No estado da natureza primeiro se forma, e se coagula o Sangue, e depois deste Sangue coagulado se forma o Corpo. Pois se no Sacramento está o Corpo de Cristo com o seu Sangue, por que se não faz primeiro o Sacramento do Sangue, e depois o Sacramento do Corpo?

A razão é: porque também no Sacramento quis Cristo guardar o costume da casa de Jacó. Na casa de Jacó disse o Arcanjo São Gabriel, que havia de reinar Cristo: **Regnabit in domo Iacob in aeternum.** Cumpriu-se esta profecia no Sacramento Eucarístico, porque nas espécies do Pão, e vinho consagrados tenta [...] Sacramentado a majestade do seu ser, assim como a regalia da bênção de Jacó esteve na abundância de Pão, e vinho, que lhe prognosticou [...] **Frumento, et uino stabiliui eum;** e para Cristo o mostrar assim consagrou primeiro o Corpo, que era último: consagrou último o Sangue, que era primeiro, porque na geração de Jacó não é primeiro o primeiro, nem último o último, e só os últimos são primeiros.

Na geração de Jacó, que refere o Evangelho, se conta Judas, como primogênito: **Iacob autem genuit Iudam, et fratres eius;** e entre os irmãos de Judas não foi ele o primeiro, porque foi o quarto filho de Jacó. Pois se é o quarto, como se conta por primeiro? Por isso mesmo. Porque é filho de Jacó, e é dos últimos, por isso tem o lugar de primogênito, para que se veja que nesta geração misteriosa são em tudo primeiros os que se criaram últimos. Esta é, ó illustres Capitulares, [...] irmãos meus, esta é a vossa gloriosa sorte. Sois os últimos na criação da vossa Cathedral, porque esta Sé é a novíssima entre as das Lusitânia; mas [...] e nas regalias sois em tudo primeiros, e primeiro que todos, como os excelsos filhos de Jacó. Imitai cada um de vós a sorte, que vos coube entre aqueles Patriarcas, para que desempenheis espiritualmente nos progressos da graça a glória, com que resplandeceu tão famigerada geração: **Iacob autem genuit Iudam, et fratres eius.**

E vós, amantíssimo Senhor Sacramentado, que nesse augusto trono oferecis às nossas almas toda a abundância da graça, e toda a imensidade da glória, que nos quereis dar: **Mens impletur gratia, et futurae gloriae nobis pignus datur,** para mostrar-nos que até nesse Sacramento venerabilíssimo está a glória, e a graça junta, quando no

dia da Conceição de Maria se une a graça deste mistério com a glória da sua admirável Assunção; já que em dia tão misterioso permitistes que este louvor, que se termina todo em vossa glória, principiasse pela graça de vossa Mãe, fazei também que os vossos Ministros, que lhe deram feliz princípio, e todo este luzido, e Católico povo, que aqui assiste com tão pia devoção, imitando as ações do seu virtuoso, Sagrado Pastor, tenha tais progressos nos atos da virtude, e da santidade, que justificados todos com aquela graça, que santificou a Maria Santíssima na sua Conceição imaculada, sejamos dignos da glória imensa, a que a mesma Senhora se elevou na sua Assunção triunfante. Amém.

Finis.

Laus Deo, Virginiq; Matri.

- 9. MONUMENTO DO AGRADECIMENTO,
TRIBUTO DA VENERAÇÃO, OBELISCO
FUNERAL DO OBSÉQUIO, RELAÇÃO
FIEL DAS REAIS EXÉQUIAS [...] DEDICOU O DOUTOR MATIAS ANTÔNIO SALGADO, 1751. (Ed. 1751).**

MONUMENTO DO AGRADECIMENTO,
TRIBUTO DA VENERAÇÃO,
OBELISCO FUNERAL DO OBSÉQUIO,
RELAÇÃO FIEL
DAS REAIS EXÉQUIAS,
que à defunta Majestade
DO FIDELÍSSIMO E AUGUSTÍSSIMO REI O SENHOR
DOM JOÃO V
DEDICOU
O DOUTOR MATIAS ANTÔNIO SALGADO
Vigário Colado da Matriz de Nossa Senhora do
Pilar da Vila de São João del-Rei
OFERECIDA
AO MUITO ALTO, E PODEROSO REI
DOM JOSÉ I
NOSSO SENHOR
LISBOA
Na Oficina de FRANCISCO DA SILVA
Ano de MDCCLI

Com todas as licenças necessárias

RELAÇÃO FIEL DAS REAIS EXÉQUIAS

da defunta Majestade

DO

FIDELÍSSIMO,

E AUGUSTÍSSIMO REI O SENHOR

DOM JOÃO V

Quando estas Minas, sempre leais aos seus Monarcas, esperavam ansiosas a desejada melhoria da rebelde queixa, que há tantos anos padecia a Majestade Fidelíssima do seu Augustíssimo, e Sereníssimo Rei, e Senhor Dom João o V, trocada a esperança em mágoa, o desejo em tormento, a glória em tristeza, e a gala em luto, pela Bahia de Todos os Santos chegou a vaga, e triste notícia (ainda que ao princípio só como ruim acreditada) de ser falecido para o mundo este Poderoso Monarca Lusitano, de todos os seus Reis exemplar incomparável.

O pouco seguro alívio, que esta notícia, ainda por duvidosa, aos povos comunicava, se desvaneceu com as ordens, e expressos, que o Ilustríssimo e Excelentíssimo Gomes Freire de Andrada, Governador, e Capitão General destas Minas, mandou da Cidade do Rio de Janeiro para todas as suas Comarcas, Vilas, e Câmaras, para que, assim como na vida de tal Rei tinham sido participantes de seus benefícios, fossem na sua morte com públicas, e particulares, internas, e exteriores demonstraões do justo sentimento, lastimáveis pregoeiros de tanta perda.

Aos 25 de dezembro do ano passado de 1750 chegou a esta Vila de São João de El-Rei, Comarca do Rio das Mortes, a certeza de tão infausta notícia; e é de crer que, sendo na lealdade, e no nome esta Vila tão particular da Majestade defunta, havia forçosamente de ser também entre todas a mais especial no sentimento.

Não houve em todo este povo criatura, que, tendo o Racional por diferença, não fizesse neste lamentável estrago mais apreço do sensitivo; morador, que não mostrasse no pranto a mágoa de seu ferido coração: e ainda na multidão dos escravos pouco inteligentes da pública utilidade, e que não sabem pesar a ruína do cetro na balança do entendimento, se não via algum, que no enlutado semblante, sem mudar de cor, não fosse muda estátua da pena, e da mágoa imóvel estafermo.

A Igreja sentia a falta de um Monarca tão liberalmente piedoso para o Culto Divino; os Eclesiásticos mostravam-se sentidos na perda de um Soberano, que, sem desar da Majestade, tanto os respeitava; os vassallos choravam a morte do seu Rei, que tão pacificamente os conservou; os Políticos lamentavam, que morresse um Príncipe tão perfeito; a quem, esquecidos do Senhor Dom João o II no nome, desejavam imortal na duração; e o povo finalmente clamava inconsolável que perdera, não um Rei, mas um Pai, de quem, sendo vassallos por sujeição, eram mais que filhos por amor.

Com este universal sentimento, depois de quebrados os Escudos nas praças mais públicas da Vila, (antiga cerimônia, que se observa na morte das Majestades Portuguesas) fez a Câmara na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar da mesma Vila, assistindo-lhe o Doutor Corregedor da Comarca Tomás Robi de Barros Barreto do Rêgo, com pomposo, e fúnebre aparato as suas Reais Exéquias aos 28 do mês de dezembro, mostrando na morte do seu Rei o final tributo da vassalagem, mas não o último para a sua veneração, e saudade.

Quis o Doutor Matias Antônio Salgado Vigário colado desta mesma Igreja Matriz, ou fosse por obrigação de dívida, ou por agradecimento do benefício, mostrar à Fidelíssima Majestade defunta do Senhor Rei Dom João o V, que nem a distância o fizera esquecer dos Reais favores, nem a morte o havia argüir de desagradecido à memória de um Monarca, que tanto em sua vida o favorecera; e determinou, no modo possível, pagar-lhe em bem da alma o bem; que lhe havia feito na apresentação do seu Real Padroado desta Igreja; fineza, que, ainda que experimente a emulação dos ingratos, não chegará a sentir a crise da lisonja.

Sessenta dias se dilatou a fúnebre, e magoada, mas amante demonstração deste fiel, e fervoroso agradecimento; holocausto, que, não consentindo pela dor demoras ao desejo, precisou, a estímulos do desvelo, desta tardança, para proporcionada execução da idéia de um obelisco mais sublime, que os decantados da antiga Roma, de uma Pirâmide mais elevada, que as maravilhosas do Egito, e de um Régio Mausoléu mais pomposo, e amante, que aquele, que soube erigir Artimisa para padrão do amor; e monumento da saudade à memória do seu Rei, e defunto marido Mauzeolo.

Era esta artificiosa fábrica cópia da engenhosa idéia do Sargento-mor de Moraes Sarmiento, tinha todo o corpo quarenta palmos de alto desde o último, e superior degrau; vinte de largo, de figura oitavada em forma piramidal; esta se repartia em quatro corpos parciais, membros, de que se compunha o pomposo, e agigantado composto de máquina tão funesta: os primeiros três bancos se ornavam pelas suas faces com doze tarjas de meio relevado, vestidas de fastões, e mais folhagens de ouro, e prata, que realmente as for-

moseavam, e enriqueciam: eram os escudos destas tarjas de morte cor, dentro dos quais se viam finamente pintados vários Emblemas, deduzidos de alguns lugares da Sagrada Escritura, com seus Lemas, e letras por baixo em fitas de ouro, e prata, o que logo se decifrava em elegantes Dísticos; escritos em panos prateados, que pendiam das mesmas tarjas, e ficavam nos cortes dos ditos corpos, que faziam o oitavado da figura, ornando-se tudo com várias folhagens douradas de engenhoso e admirável artifício.

O quarto, e último banco se adornava de vários gomos, e meias canas douradas, e prateadas, que com aparatosa arquitetura, e forma singular lhe faziam distinguir o plinto, corpo, e cornija, tendo sobre esta um banco, em que assentava uma almofada de veludo preto agalado de ouro, rematando em cima esta fúnebre Pirâmide com uma Coroa, e Cetro de prata, como Real Coroa de tão majestosa obra.

Sustentava-se esta triste, e sublime máquina em oito quartões de altura de nove palmos de fingido Alabastro com várias folhagens douradas, de cujas volutas prendiam fastões dourados de uns aos outros, que se enlaçavam com igualdade por baixo do plinto do primeiro banco; os plintos, em que assentavam aqueles quartões, eram de fingido mármore azul; o pavimento desta obra era um estrado formado na mesma figura oitavada de três degraus da mesma pedra; cujo plano se via pintado de um admirável xadrez azul, e branco, que além da perfeição fazia sobressair melhor a elevada fábrica deste majestoso, e tristíssimo Obelisco.

Divisavam-se os Emblemas nas oito faces principais dos dois primeiros corpos deste composto; ideados, e aplicados todos pelo amor, e engenho do mesmo Matias Antônio Salgado, que na urna da dor, ou na pira da saudade queria, na sensível morte de tão Augusto Monarca, não só mostrar a mágoa no dispêndio, mas acrescentá-lo na lembrança das ações, e virtudes, com que este Rei Fidelíssimo em sua vida tanto se distinguiu entre todos os Monarcas de Religiosa Cristandade.

Na frente deste corpo, e face principal do primeiro banco se lia numa bem lançada fita de ouro o seguinte lugar da Escritura Sagrada.

Scio hominem in Christo . . . raptum huiusmodi usque ad tertium caelum.

II, ad Corinth., 12, v.2.

Por baixo uma bem pintada Nau de morte cor dentro do escudo de uma das doze tarjas, surgindo dos abismos do Oceano, e elevando-se até o mesmo Céu, em cujo seguro porto parecia querer livrar-se das tempestades do mar, e inconstância das ondas: era a Letra: **E tumulo ad caelum.**

Decifra-se no glorioso trânsito da defunta Majestade Fidelíssima, subindo ao seguro porto do Céu, como cristãmente cremos, do undoso, e inconstante pélagos de trabalhos, em que vivia neste mundo, não só no insuportável peso da Monarquia, como no tormentoso abismo da dilatada moléstia, de que deu a alma ao Criador de tudo, e Rei dos Reis; o que cordialmente mostrava aquele Salgado engenho no prateado pano nestas cláusulas.

**Quae modo discissis uisa est tumularier undis
E tumulo ad caelum sustulit unda Ratem;
E tumulo ad caelum tempestas improba fati
Regem effert: portum iam sua puppis habet.**

Na face superior do segundo banco se viam sabiamente applicadas estas palavras da melhor Sabedoria, escritas também em fita de ouro

Spes illius immortalitate plena est.

Ad illud Sap., 3, v. 4.

Era o Emblema uma Real Águia bebendo os raios do Sol, a cujas luzes só aspirava, com este Lema: **Non est mortale, quod optat.**

Bem explicava a mesma aparada pena, descrevendo nos seguintes Dísticos o insaciável desejo, com que esta Imperial Águia Portuguesa, desprezando a fragilidade do mundo, e sombras da terra, se queria ilustrar entre as luzes do Divino Sol.

**Aspicis, ut Solen quaerit Iouis armiger ales,
Intentisque oculis lumina grata bibit?
Non sibi terra placet: Non est mortale, quod optat,
In Sole obtutum pascere solus amor
Nomina non fallunt; Aquila est Augusta Ioannes,
Atque Aquilam expressit, dum parat ire polum.
Non sibi terra placet: Non est mortale, quod optat,
Aeterno ut pascat lumina sole, uolat.**

Da parte colateral da Epístola se divisava na face do primeiro corpo em fita de prata o seguinte lugar da Escritura Sagrada.

Quasi non est mortuus, similem enim reliquit sibi post se.

Ecclesiast., 3, v. 4.

Mostrava-se dentro do escudo da tarja a pintura do Emblema na célebre fábula de El-Rei Atlante, quando, para dar descanso ao seu trabalho, largou de seus ombros sobre os de Alcides o peso de todo o mundo, que neles sustentava; e era o Epígrafe: **Non deficit alter.**

Quis com muita propriedade dizer o seu sábio Autor, que o nosso defunto Monarca, incomparável Atlante, que por tantos anos sustentou o peso grave da Lusitana Monarquia, querendo por prêmio de seu trabalho ir descansar na celeste Pátria, morrera, largando o peso do Império sobre os Régios ombros de seu Augustíssimo Filho, e Sucessor, o Sereníssimo, e Fidelíssimo Rei Dom José Nosso Senhor, que, como verdadeiro Hércules Português, o sustentará por tantos anos, quantos pede o nosso interesse, quantos deseja o nosso amor, e quantos merece a sua Real Piedade, e Beneficência: e bem se explica o Emblema nas seguintes cláusulas.

**Fessus Athlas dum liquit onus; non deficit alter
Par sibi, qui similes suppleat orbe uices.**

**Non aliter, nam fata uocant, dum Lyfius Athlas
Deposuit Regni, quod graue gessit, onus;**

**Viribus Herculeis Princeps non deficit alter,
Qui molem Imperii, Rege cadent, ferat.**

**Funere ne credas totum perüsse Ioannem,
Dum post se Sobolem linquit in orbe parem.**

**Regnat adhuc, uitamque trahit post funera sospes.
In Nato regnat, uiuit et ille suo.**

Na face do banco superior do mesmo lado se mostravam escritas em outra fita de prata estas palavras da Sacra Página.

**Mihi . . . mori lucrum.
Philip., I, v. 21.**

Explicava-se o Emblema numa vela, dando, como costuma, maior claridade, e resplendor de luz ao tempo de apagar-se, e quando morre; e era a propriedade da Letra: **In interitu clarior.**

Dando-se a entender, que este Fidelíssimo Príncipe, e Rei Sobrano, não só como vela acesa, mas como brilhante tocha da Fé, e da Cristandade, tivera em sua morte mais clara a luz do seu Real Entendimento, mostrando na mesma o maior resplendor das suas virtudes; assim o ensinava a Descrição dos versos seguintes, que ideou a eloquência do varão, que votava enternecido estes tristes, e amorosos obséquios, que se viam lavrados no prateado pano, que pendia da tarja, onde o mesmo Emblema se incluía.

**Maiorem emittit fax iam moritura nitorem;
Clarior interitu, dum cadit umbra, nitet**

**Haec est Lusiadum Regis morientis imago,
Clarior interitu, quam fuit ante, manet.**

Na frente, que correspondia para o Altar maior, se não a principal para a curiosidade do concurso, a primeira pelo termo, que mais diretamente venerava, se lia na face do corpo inferior desta fúnebre maravilha este sagrado Lugar:

Abiit accipere sibi Regnum.

Luc., 19, v. 12.

Consistia o Emblema, que no escudo da tarja se divisava, na primorosa pintura daquele brilhante Planeta, Rei, e Monarca dos Astros, quando sepultado em urnas de cristal, procura brilhar no Reino dos Antípodas, deixando entre confusões, e tristezas aqueles, de que se aparta, e para quem morre; tinha por Lema: **Regnum aliud quaerit.**

Foi felicidade do Autor mostrar com tanta energia, que o Sol Português da Majestade Augusta do Senhor Rei Dom João o V no seu sentido ocaso antes quisera deixar o seu Reino de Portugal, apesar do nosso sentimento, pelo Reino celeste; onde reinará triunfante, e glorioso por toda a eternidade entre os habitantes do Empíreo: e isto é o que inculcam as métricas consonâncias, que se seguem:

**Phoebus in occasu non Regni amittit habenas,
Regnum aliud quaerit, dum tumulatur aquis.**

**Ut Sol occubuit, liquit dum regna, Ioannes,
Non tamen occubuit funere Regis honor.**

**Regnum aliud quaerit, nullo quod clauditur aeuo,
Par meritis solum est ista corona fuis.**

Na face do corpo superior se achavam escritas em fita de ouro estas sagradas letras da Escritura.

Sol cognouit occasum suum.

Ex Psalm., 103, v. 19.

Em escudo de rica tarja se representava o Emblema na artificiosa pintura da ave Fênix, renascendo advertida das mesmas chamas, em que morre pregoeira do seu final destino; sendo o seu Epígrafe: **Fati sibi conscius.**

Dava a entender este fiel Panegirista das virtudes, e ações da Fidelíssima Majestade defunta, que antes da sua morte fora sabedor da última hora da sua vida, conhecendo o tempo, em que havia de dar a sua alma ao Criador dos Céus, e da terra; conceito, que bem explicou na elegância do metro.

**In tumulto Phaenix fati sibi conscius ardet,
Natalemque parat, dum perit igne, diem.**

**Instar Pahenicis nouit sua fata IOANNES,
Atque pio, fati conscius, igne flagrat.**

**Qui sua preuidit Rex funera doctus amore,
Crede, carens aeuo mors sibi uita fuit.**

Pela parte colateral do Evangelho na face do primeiro corpo desta elevada máquina se metiam pelos olhos, e pelo entendimento de todos, os que a contemplavam, estas sentenciosas verdades das Divinas Letras.

**Pretiosa in conspectu Domini mors eius.
Psalm., 114, v. 5.**

Mostrava em vistosa pintura o escudo da tarja, aquela decantada Árvore pelos Poetas de um ramo de ouro, que cortado, logo de novo aparecia com outro semelhante na grandeza, e preço, a que se applicava a Letra: **E caede acquirit pretium.**

Aludia este Emblema à Real, e Preciosa Árvore do Fidelíssimo Rei, e Senhor Dom João o V, que, sendo cortada no Outono de seus anos a violências do cruel golpe da Parca, adquiriu no mesmo corte o maior preço, brotando com mais riquezas; renascendo Árvore de ouro no Paraíso, veio a servir-lhe a morte de instrumento para o prêmio, que alcança na glória, como aquela moralmente nos prognostica; parece, que assim o quis dizer aquele douto Orador, e Poeta:

**E caede acquirit pretium, dum caeditur, arbor
Aurea, sub ferro laesa refundit opes.**

**Funeris haec Regis pretium late explicat arbor,
Nam pretium acquirit, dum modo caede cadit.**

**Quot uirtutis opes felici in funere prodit?
Qui sic occumbit, mors pretiosa sua est.**

Finalmente na oitava face do segundo corpo deste lado se representava em fita de prata este texto da Escriitura Sagrada.

**Volabo; ut requiescam.
Psalm., 54, v. 7.**

Não podia o Emblema ser mais genuíno para o intento, mostrando no escudo de outra semelhante tarja uma incendiada chama de fogo, subindo para o Céu, e buscando por matéria os mesmos ares, em que se ateava; tinha por conceito o seguinte Lema: **Ut requiescat.**

É a sua aplicação, que assim como a chama do fogo sobe para cima, querendo fugir da terra, como violento desterro da sua inclinação, por buscar nos Céus a sua própria região; da mesma sorte a luz do entendimento, e a incendiada chama, em que se abrasava o ardente coração, e Régio peito deste Sereníssimo Monarca no amor de Deus, quis fugir do desterro deste mundo, buscando no Céu, a que subiu, a pátria para que fora criado, como própria região, que tinha merecido por suas virtudes: este foi o conceito do Autor destes Emblemas igualmente sentenciosos, que discretos, como se mostrava do prateado pano, e lenço, que pendia da mesma tarja.

**Cernis, ut impatiens terras fax ignea linquit?
Caelesti ut tantum sede quiescat, abit.**

**Pectoris ista tui monstrat fax nota, IOANNES;
Orbe fugis, caelo nam Tibi sola quies.**

Nas outras quatro tarjas, que serviam de ornato ao terceiro corpo desta estupenda, e majestosa arquitetura pelas quatro faces principais do oitavado se liam outras tantas inscrições, e Lugares da Sagrada Página, que applicou a curiosidade à memória saudosa deste Fidelíssimo Príncipe: Na fronteira à porta principal da Igreja era o seguinte Texto:

**Vi uit anima tua, Rex?
Reg., lib. I, 17, v. 55.**

Na face colateral da Epístola o seguinte:

**Effugisti mortis imperium.
Tob., 2, v. 8.**

Na fronteira ao Altar maior se mostrava este:

**Transit a morte in uitam.
Ioann., 5, v. 24.**

E pela parte do lado do Evangelho se oferecia o seguinte Texto:

**Non est uiro huic iudicium mortis.
Ierem., 26, v. 16.**

Entre os quartões, que serviam de Atlantes, sustentando o agigantado corpo desta máquina; igualmente luzida, que horrorosa, por baixo do plinto do primeiro corpo se apresentavam também no meio das quatro faces principais em idioma vulgar quatro Sonetos lavrados em artificiosas tarjas, que a triste e nunca mais tarda Musa do indigno Escritor desta Relação Fúnebre formou em Epitáfios na mágoa com a pena do sentimento, era o da frente o seguinte:

SONETO

Aqui jaz, e não jaz, ó Lusitanos,
 Um Rei, cujas ações dão larga história:
 Realmente não jaz, sim na memória
 Dos vassallos leais Americanos.

Para seu bem, e nossos desenganos,
 O seu Reino trocou pelo da Glória;
 Por mostrar que esta vida é transitória.
 E são também mortais os Reis humanos.

Perdemos, eclipsada a Majestade,
 Fino amor, certa paz, firme esperança;
 Um Pai da pátria, o Rei de mais piedade:

Dando-nos, como a filhos, por herança
 Eterna sua vida na saudade,
 Sua morte perpétua na lembrança.

Na face do lado da Epístola se lia em outra tarja este

SONETO

Cruel Parca, golpe fero, duro corte!
 Como entre labirintos, e entre horrores
 Te opões tirana aos Régios esplendores
 Trovão de lutos, raio de Mavorte!

Tudo acaba, consome tudo a morte,
 Pobres vassallos, Reis, Imperadores,
 Baixas choupanas, torres superiores,
 Cetro Régio, elmo duro, espada forte.

Não me admira que a Parca enfurecida
 Tudo consuma, quando a todos chama
 Quem do Quinto JOÃO foi homicida.

Mas advirta, que tanto o Povo o aclama,
 Que se pode roubar-lhe a frágil vida,
 Não pode escurecer-lhe a régia fama.

Na face fronteira ao Altar maior se deixava ver o seguinte

SONETO

Esta fúnebre máquina, que encobre
 Em régio Mausoléu a Real Grandeza,
 Desenganando a humana Natureza,
 É funesta expressão do amor mais nobre.

Oculto a Majestade, e se descobre,
 Que a morte, por mais timbre da inteireza,
 Não distingue a humildade da nobreza,
 O Rei, ou vassalo, o rico, ou o pobre.

Tudo morre; e não é, não, impiedade,
 Que a mesma natureza é que assegura
 Ser feudo da mortal fragilidade.

Pois nem pode isentar-se à morte dura
 A Régia ostentação da Majestade
 Nos estragos fatais da sepultura.

E logo pelo lado do Evangelho se ostentava no escudo da última tarja o seguinte Epitáfio, e

SONETO

Aqui estão, Portugueses celebrados,
 Do nosso Rei os Régios esplendores,
 Ou em pira de luzes exteriores,
 Ou em urna de dor depositados.

Nesta morte os suspiros duplicados
 Sejam em tanto excesso superiores;
 Com que do povo os fúnebres clamores
 Correspondam leais da fama aos brados.

Chore pois esta América sentida
 De tão grande Monarca o estrago forte,
 A que a pena a conduz, e a dor convida.

Lamente Portugal, publique a Corte
 A breve duração de tanta vida,
 O golpe acelerado desta morte.

Finalmente, este assombro dos Mausoléus, esta maravilha das Pirâmides, e este funesto, e incomparável Obelisco estava com tanto custo, e engenho artificialmente ornado, que, além das riquíssimas tarjas, e folhagens douradas, e prateadas, em que se davam a admirar

tantos Emblemas, sagradas Inscrições, e Epitáfios, a abundante cópia de preciosos galões de ouro, e prata, de que se ornava, fazia enco-brir o campo dos veludos, e sedas pretas, com que se vestia todo este arquitetado composto, sobressaindo só em pequenos claros, que enlutados faziam realçar o ornato com distinção vistosa do arti-fício.

Nos quatro cortes angulares, com que esta fábrica formava a figura oitavada estavam outros tantos pedestais de dois corpos, fazendo a mesma figura com seus ressaltos, os plintos eram de Ala-bastro fingido, os corpos de mármore azul refendidos, as cornijas do mesmo Alabastro, e ouro; o segundo corpo destes pedestais, como fielmente demonstra o risco, tinha o plinto azul, o corpo branco, e o capitel Jônico, e dourado, demandando cada pedestal de altura dezessete palmos até os capitéis.

Sobre o pedestal do lado direito fronteiro à porta principal da Igreja se via em vulto um horroroso Esqueleto coberto com manto de Cavaleiro da Ordem de Cristo, e na mão direita uma Coroa em sinal de Majestade, tendo em pano branco de sombras estendido na frente pela face do seu pedestal a seguinte inscrição, parto do enten-dimento do mesmo erudito Vigário.

**Siste, Viator, et siste lacrymas,
 Maior iactura est,
 Quam ut feere possis.
 Imo
 Non lacrymis opus est,
 Quando
 Non Regem parentamus amissum,
 Sed prosequimur caelo redditum.
 Augustissimus Rex IOANNES QUINTUS
 Nec Regnum amisit, nec coronam.
 Nunc maxime supra nos regnat,
 cum in caelo regnat.
 Quod coronam adhuc retineat,
 Ex eo proditur,
 Mittit coronam suam ante Thronum.**

Na face interior do mesmo pedestal se lia numa bem lançada tarja a inadvertida repreensão; com que o mal limado Escritor desta fúnebre relação acusava a mesma Morte da crueldade do golpe neste

SONETO

Detém; morte cruel, fúria tamanha:
 Vê que acabas um Príncipe perfeito;
 Reges o golpe, ignoras o sujeito,
 Que é estrago dessa fúnebre gadanha.

Ninguém te aprovará, antes te estranha
 Todo o mundo este golpe sem respeito,
 Que esta ação é curiosa, e sem preceito,
 É rigor, e impiedade, não façanha.

Com tão pouca atenção, e desta sorte
 Se ultraja uma Coroa esclarecida,
 Se mata um Rei, tal Rei, tão sábio, e forte?

Pois sabe, monstro cruel, dura homicida,
 Que despojo não pode ser da morte,
 Quem merece por prêmio eterna vida.

Sobre o segundo pedestal do outro lado oposto, e também fronteiro à porta principal da Igreja, se levantava em vulto outro horrível organizado Esqueleto coberto com outro manto da mesma Ordem de Cristo, fazendo alarde da desatenta foice, que empunhava, como instrumento duro das suas vitórias, mostrando em outro lenço branco estendido pela frente do pedestal esta inscrição da mesma pena Latina

Ubi est, Mors, uictoria tua?

Non iacet hic,

Qui hic iacet.

Fidelissimum Regem IOANNEM QUINTUM

Tumulus non capit,

Cui

Anticipato obsequio,

Clientum desideria

Suis in cordibus

Posuere monumentum.

Ibi

De Regno immortaliter meritis

Rex Fidelissimus

Et uitam, et Regnum

Auspicatur immortale,

**Hoc tantum nomine.
Mortī obstrictus;
Quia sibi abstulit, quod mortael erat,
Ut totus fieret immortalis.**

Na face interior do mesmo pedestal se estendia em bem recordada tarja a desculpa religiosa, com que a mesma morte àquele Soneto da queixa pelos mesmos consoantes respondia no seguinte

SONETO

Cruel não é minha fúria, nem tamanha;
Como cuidas; que o Rei, por mais perfeito;
Por força do destino está sujeito
Aos estragos finais desta gadanha.

Se o pede a natureza, como estranha
O mundo perder eu qualquer respeito?
Que quem cumpre de Deus o alto preceito
Obra por sujeição, não por façanha.

Se o Rei dos Reis mandou caísse a sorte
De JOÃO na cabeça esclarecida,
Deste Poderoso Rei no peito forte;

Não sou cruel, nem sou dele homicida;
Pois o levo da vida para a morte,
Por levá-lo da morte à melhor vida.

No terceiro pedestal do lado da Epístola fronteira ao Altar maior se erguia em vulto outro Esqueleto, igualmente ornado com o manto da Ordem de Cristo, sustentando no braço direito a Real Púrpura, por baixo da qual se lia em outro pano esta engenhosa inscrição, obra do Reverendo Doutor Vigário:

**Post immensum gloriae curriculum
Relinquens Regnum Filio,
Regno Pacem,
Orbi desiderium sui;
Fidelissimus Ioannes Quintas Portugaliae Rex,
Hic in pace quiescit
Rex Pacificus,
Vixit in Imperio
Annos pene quatuor supra quadraginta
Nobis parum, sibi satis, gloriae nimium.**

E finalmente no quarto pedestal com outro manto da mesma Ordem se elevava o último Esqueleto da morte, empunhando na mão direita o Régio Cetro, dando a entender que o nosso Fidelíssimo Monarca, ainda depois de morto, não perdera a insígnia da Majestade, por estar de posse de outra Coroa no Reino do Céu: e em outro semelhante lenço aos mais se via na frente do pedestal lavrada a presente inscrição, feliz parto do mesmo Vigário:

**Pone luctus, Portugaliae Regnum,
 Post morbum diuturnum,
 Fidelissimus IOANNES QUINTUS Rex tuus
 Tandem conualuit.
 Quod sanus sit
 Inde coniiice,
 Obdormiuit in Domino.
 Non aliter dormire debuit
 Dilectus hic Christo IOANNES,
 Qui supra pectus Domini nunc recumbit.
 Ibi
 Et somno, et amori indulgens,
 Oculos in terris clausit,
 Ut in caelo aperiens sibi reditus
 Intueatur
 Quae oculus non uidit.**

Ficava toda esta engenhosa, e riquíssima obra no meio de quatro grandes, e bem fabricadas colunas da ordem coríntia com seus pedestais de outro fingido alabastro, as colunas de mármore azul fingido, cintadas de folhagens de meio relevado de ouro com capitéis dourados, coroando-se com quatro jarrões de sete palmos de alto todos prateados. Os trispalares destas colunas serviam de gigantes aos arcos, em que se suspendia a cúpula do pavilhão, a qual era da mesma figura oitavada com cimalha, e oito quartelas de ouro, e mais cores, mostrando nas quatro faces principais da figura as Reais Quinas Lusitanas.

Era a cúpula, e pavilhão, que cobria a grandiosa máquina deste Régio Mausoléu de veludo preto, todo franjado, e agalado de ouro, e prata com curiosa direção, rematando-se por cima com um dourado florão, que coroava o todo desta arquitetura: saíam desta bem composta, e rica cúpula quatro cortinas, que, indo apanhar as volutas dos capitéis das colunas, formavam quatro arcos de meia volta re-

donda, fazendo por dentro a figura de barrete com vários florões, e tarjas de ouro; não havendo em toda esta fábrica ornato, que não fosse precioso, matéria, que não fosse rica, e forma, que não fosse aplicada nas obrigações da arquitetura pela melhor idéa da curiosidade, e invenção discreta do artifício.

Batia esta fúnebre, e agigantada máquina com o florão da cúpula no levantado teto desta Igreja Matriz, que sendo na verdade um dos maiores templos, que com incrível dispêndio erigiu nestas Minas a piedade Portuguesa, achava ainda o sentido, e magoado coração, que à alma da Fidelíssima Majestade do Senhor Rei Dom João V oferecia este sacrifício, ser todo o seu dilatado âmbito pequeno teatro para representar-lhe o seu amor, e ser tanta altura curta distância para um sincero agradecimento, que para ser aceito havia de chegar forçosamente da superfície da terra ao interior das esferas celestes.

E para satisfazer de algum modo na execução; ao que apetecia, e a Igreja lhe negava, quis que a intenção nas demonstrações do sentimento suprisse a extensa esfera do seu grato desejo. Fez enlutar todo o espaçoso âmbito interior deste sagrado templo desde a porta principal até o Altar maior, mostrando nos horrores da cor a justa causa do sentimento: as negras paredes se ornavam com multiplicados Esqueletos de inteiros corpos, mortes, ossadas, e inumeráveis tarjas, em que se viam lavrados vários Lugares, e Inscrições da Sagrada Escritura, Dísticos, e outras muitas variedades de Versos, e Epitáfios, que ideou, e applicou a curiosidade para sinais da dor, e tributo da veneração.

Na porta principal deste majestoso templo da parte de fora aparecia logo à primeira vista um tão magnífico, como triste Pórtico, coberto todo de pano preto, sobre o qual se viam pintados em lenço dois Esqueletos de meio corpo, e com coroas na cabeça, entre os quais se admirava uma excelente tarja com esta inscrição da Sagrada Escritura.

Exaltas me de portis mortis

Psalm., 9, 15.

Logo ao entrar da porta da parte direita se lia numa tarja este Dístico.

Mortuus est: oculis abeuntem amplectimur udis.

Atque in perpetuum, Rex, Aue, et usque uale.

Na parede do lado da Epístola tinha outra tarjeta a seguinte Letra da Escritura Sagrada:

Ne unquam obdormiam in morte.

Psalm., 12, v. 5.

Seguia-se um inteiro Esqueleto pintado, que aos pés tinha outra tarja, com este texto:

Nunc ergo uide, ubi sit hasta Regis?

I. Reg., 26, v. 16.

Do mesmo lado se mostrava mais adiante em outra tarja este Dístico:

**Qui bene praeteritos sine labe peregerit annos,
Non horret mortis uulnera dira pati.**

Bem no meio do púlpito se lia numa tarja o fiel desengano do homem neste Dístico:

**Vita quid est hominis? Ventus; flos, fabula, faenum.
Aura, cinis, flatus, puluis, et umbra, nihil.**

E sobre a cúpula do mesmo púlpito o seguinte lugar da Escritura:

Et erat sapientior cunctis hominibus.

III Reg., 4, v. 31.

Em cima da porta da Sacristia se achava uma bem formada tarja com o Dístico seguinte

**Lysia, quid ploras? Regem: Quis luctus? Amarus.
Vae nobis! Regno! Vae, Aurifodma, tibi!**

Na outra porta fronteira a esta do lado do Evangelho se divisava em correspondência este Dístico em outra Tarja:

**Latus ad occasum; aunquam redditurus ad ortum,
Viuo hodie, moriar cras, here natus eram.**

No meio do púlpito do mesmo lado esta Letra Sagrada:

**Sum quidem et ego mortalis homo similis omnibus?
Sapient., 7, v. 1.**

E sobre a sua cúpula o seguinte Dístico numa curiosa tarja.

**Non uixisse diu uita est; at uiuere, uita est:
Quid iuuat ergo diu uiuere, deinde mori?**

Pouco mais adiante se seguia em outra igual tarja este Dístico:

**Hic iacet immiti consumptus morte IOANNES;
Quem caelo astrifero uiuida fama colit.**

Mostrava-se logo adiante um Esqueleto com a sua foice de que caía numa tarja com a seguinte Letra da Sagrada Página:

Mortuus est autem Rex.

III Reg., 2, v. 37.

E por baixo do coro na mesma parede se lia esta em outra tarja:

Mors illi ultra non dominabitur.

Ad Rom., 6, v. 9.

E enfim, era tanta a variedade de Poemas, e Inscricões, Dísticos, Epitáfios, e Esqueletos, que ao mesmo tempo, que todo o corpo deste Templo horrorizava a vista para os estímulos da dor, admirava o vário dos conceitos, e a applicação dos lugares aos juízos discretos, que os atendiam.

O Altar maior, e todos os mais desta grande Igreja se viam superiormente encerrados com negras cortinas, e vestidos com pendentes dóceis, e fitiais de veludo preto, em que somente se arvoravam os Estandartes das Sacrossantas Imagens daquele Rei dos Reis, que quis, sendo imortal, morrer voluntariamente no Lenho Sagrado da Cruz para a redenção dos homens, cujos dóceis, e fitiais, entre as demonstrações do sentimento, faziam nas muitas franjas, e galões de ouro, e prata, de que se compunham, uma vista aparatosa, e enternecida a todos os circunstantes, de tão funesta ação.

Todo este fúnebre aparato foi piedosa disposição para aquele dia, em que o agradecido coração do Doutor Matias Antônio Salgado houve de tributar a tão Augusto Monarca por sacrifício da vontade as mais solenes Exéquias, que tem visto até o presente este dilatado continente Americano, assim na estrutura, e custo da exposta máquina, como na assistência do concurso, na harmonia da Música, na solenidade do ato, no número dos Sacerdotes, em abundâncias de cera, e no discreto, e conceituoso da Oração.

Nos dois lados da Igreja se dividiram dois coros de Música em outros tantos coretos, em cada um dos quais estavam dois rabeções, e um cravo, e quatro vozes, todos tão bem ajustados, que cantando todos os Responsórios, Versos, e Lições debaixo de rigoroso compasso, era tal a melodia, e consonância, que se julgava fazerem todos um concerto, sem faltar algum ao regulado contraponto da sua voz.

Da parte colateral da Epístola assistiu o Doutor Corregedor desta Comarca com os Juizes Ordinários em corpo de Câmara com todos os seus Senadores, Capitão-mor da Vila, e mais Nobreza; da parte do Evangelho a Venerável Ordem Terceira do Patriarca São

Francisco, com toda a sua Mesa, e Irmãos Professos, e Noviços, seguindo-se a nobilíssima Irmandade do Santíssimo Sacramento, e todas as mais Irmandades, e Confrarias da mesma Igreja Matriz, que para ato tão sério quiseram assistir em corpo de Comunidade; e finalmente era tão inumerável o concurso, que sendo espaçoso o corpo deste sagrado templo; se via não menos número por toda a sua exterior circunferência.

Iluminados todos os Altares; e quando já na urna da dor queria este Régio Mausoléu ser Pira de luzes, que vomitando incêndios de um amor penalizado, ateados no sentimento, sem os poder apagar o pranto, pretendiam desafiar as Estrelas do Céu pelo Sol, que nos roubara; digo, quando já estavam acesas as inumeráveis tochas, que circulavam o majestoso artefato desta fúnebre Pirâmide, se deu feliz princípio ao solene Ofício, que ofereceu aquele grato, e triste peito pela Alma da defunta Majestade do Fidelíssimo Rei, e Senhor Dom João o V de sempre saudosa memória.

Contavam-se vinte Sacerdotes por cada lado (número excessivo para uma Vila das Minas) assistindo no meio destes quatro Dignidades com Pluviaes: era Presidente o mesmo Reverendo Vigário, que o oferecia; e tudo tão bem disposto, que não experimentou desordem: regiam o coro dois cantores de sonoras, e ajustadas vozes, havendo dois Turiferários, que incessantemente estavam incensando a urna com ornato, asseio, e gravidade, aos quais acompanhava um Sacerdote Sacristão da Igreja Matriz.

Apenas no solene Ofício se chegou ao Salmo **Laudate**, foi tanta a abundância, e profusão da cera, que a impulsos da liberalidade do dito Reverendo Vigário repartiram por todo o numeroso auditório e povo quatro nobres amigos seus, que em breve espaço distribuíram mais de quinze arrobas dela, não ficando em toda a extensão do templo pessoa de qualquer condição, a quem não se ofertasse vela de libra; sendo depois de acesas tal a iluminação, e incêndio, que deixavam a perder de vista as estrelas do Firmamento.

Principiada a Missa, que celebrou o mesmo Doutor Matias Antônio Salgado, se puseram as quatro Dignidades nos quatros pedestais, que ornavam nos cortes do oitavado aquele lutuoso Monumento, onde existiram até o fim da função.

Concluído o sacrifício, subiu ao púlpito aquele incansável espírito, a quem se a fadiga não pôde cortar-lhe os passos para o trabalho, foi poderosa a mágoa, e era bastante a causa, para lhe embargar as vozes para os suspiros. Entre montes de penas, e entre mares de prantos expôs na dor particular o sentimento comum: no fúnebre elogio das ações heróicas, e virtudes do Muito Alto, e Poderoso Rei Fidelíssimo, e Senhor Dom João o V, se conciliou afetos já

inclinados para a pena, infundiu no auditório bastantes fundamentos para o alívio, ou já fosse na cristã credulidade, que devemos ter, de que gozará por aquelas o eterno prêmio da Glória, ou porque, morrendo glorioso, nos deixou no Augustíssimo, e Fidelíssimo Rei, e Senhor Dom José Nosso Senhor, um semelhante Filho, um fiel Exemplo, um Substituto, e Sucessor da sua Coroa, das suas ações, e das suas virtudes.

Manuel José Correia, e Alvarenga.

SERMÃO RECITADO

Pelo Vigário de São João de El-Rei, o Doutor

MATIAS ANTÔNIO SALGADO,

Nas Exéquias, que fez celebrar ao Fidelíssimo

Rei, e Senhor

DOM JOÃO V

Non recedet memoria eius, et nomen eius requiretur a generatione in generationem; sapientiam eius enarrabunt gentes, et laudem eius enuntiabit Ecclesia.

Eccl., 39.

Segunda vez, Fidelíssimo Rei e Senhor Dom João o V, defunto para a nossa saudade, vivo, e imortal na nossa memória: **Non recedet memoria eius**, segunda vez venho a este lugar para oferecer diante dessa sombra fúnebre do vosso trono os extremos da nossa dor. A primeira vez subi para, em nome desta Vila, do seu nobilíssimo Senado, de todo este povo, vos tributar os afetos mais puros do coração, com que estes fiéis vassallos deram maior preço à magnificência dos sufrágios. Hoje subo a impulsos do meu amor, a império da minha obrigação, e a empenho da minha dívida. Quem, como eu, vos deveu tanto, quando vivo, já que não pôde pagar de outro modo, pague sentindo o que perdeu na vossa morte. Vossa é, Senhor, esta Igreja, a quem como Padroeiro a devo, e quando a Igreja toda sentida da vossa perda se ocupa em perpetuar na memória dos séculos os vossos louvores; como podia faltar esta Igreja, que por todos os títulos é tanto vossa! Ela por mim, e eu em seu nome farei, o que faz a Igreja toda; buscarei o alívio da mágoa, que causou a vossa morte, nos louvores augustos, e imortais da vossa vida: **Laudem eius enuntiabit Ecclesia.**

Bem sei que alguém condenará como demora culpável o suspender eu tanto tempo este funeral obséquio. Há perto de sessenta dias que recebemos a notícia infausta da morte do nosso saudoso Monarca. E como se pode conter tanto tempo, sem que respirasse a nossa mágoa, sem que prorrompesse nos excessos do sentimento o nosso amor! Mas como se engana o discurso! Isto não foi conter-se a obrigação e o amor; foi dilatar-se mais o sentimento. Demos tempo ao tempo, para dar mais tempo às lágrimas. Dilatamos este público obséquio, para estender à mais dilatada esfera os excessos da dor. Setenta dias contínuos chorou o Egito a morte do pai do seu grande Vice Rei José: **Fleuit eum Aegyptus septuaginta diebus**. E que muito dilatemos nós por sessenta dias o chorarmos a morte do Pai Sobe-rano do nosso Augustíssimo Rei, e Senhor Dom José, dado com tanta providência a Portugal, como José ao Egito: José o Primeiro para a felicidade de Portugal, como foi o primeiro José para a prosperidade do Egito. Mas que digo chorar? Eu não venho a chorar morto um Monarca glorioso, a quem as palavras do nosso tema recomendam vivo, e imortal: **Non recedet memoria eius, et nomen eius requiretur a generatione in generationem**. O Siro verteu: **Non deficiet memoria eius usque in saeculum, et nomen eius obliuioni non tradetur a generatione in generationem**. São João escreveu que os defuntos, que com uma ditosa morte dão princípio a uma vida bem-aventurada, entram no Céu acompanhados das suas obras: **Opera enim illorum sequuntur illos**. Sua Majestade, que Deus nos levou, entrou no Céu não só acompanhado das suas obras, mas do seu grande nome; das obras como acredoras do prêmio; do nome, que, incluindo no seu significado a graça, lhe segurou a posse da glória. Sendo isto tanto, não é o mais; o mais é, que as obras, e o nome, que seguiram a sua Majestade até o Céu, com uma seme-lhança de imensidade também ficaram conosco na terra. Foram com ele para lhe negociarem a imortalidade na Pátria, ficaram conosco para o imortalizarem no mundo. Foram com ele para o meterem de posse da eterna glória, ficaram conosco para lhe estabelecerem uma glória, que nunca há de acabar na memória dos séculos, e na admiração dos homens: **Non recedet etc**. Sim. Não há de acabar, porque as nações do mundo, e a Igreja, repartindo entre si os elogios deste Monarca, o farão imortal em todas as idades; as nações publicando a sabedoria, com que governou os vassallos, a Igreja celebrando a piedade, com que engrandeceu a majestade da coroa: **Sapientiam eius enarrabunt gentes, et laudem eius enuntiabit Ecclesia**. E sem advertirmos, temos achado o lenitivo da nossa dor na perpetuidade da memória, e na imortalidade do nome do nosso defunto Monarca o Fidelíssimo Senhor Rei Dom João o V. Ouviremos o que dizem as nações do mundo, e a Igreja; ouviremos os acertos do seu reinado, as maravilhas da sua piedade, e acabaremos de enten-

der que o Fidelíssimo Senhor Rei Dom João o V é de gloriosa memória, e imortal, pelo que dele publicaram as nações, e celebrará a Igreja: **Non recedet etc.**

Nada deseja tanto a vaidade dos mortais, como iludir o decreto inalterável da morte com a vida perdurável da fama, e com a imortalidade do nome. Com este pensamento levantaram estátuas, fabricaram colossos, erigiram templos; enganaram-se porém os mortais na eleição destes meios para o fim da imortalidade, a que aspiram. Não são as obras alheias mas as próprias, as que fazem imortais os homens. Cada um com as suas obras é o artífice da imortalidade do seu nome. O homem ficou mortal pela culpa, e pelo merecimento é que recupera a imortalidade, que perdeu. Ninguém soube melhor esta arte que o Fidelíssimo Senhor Rei Dom João o V: apesar da morte o respeitam imortal todas as nações; mas a sua imortalidade é efeito glorioso da sabedoria, com que governou: **Sapientiam eius enarrabunt gentes.** Não há arte tão dificultosa como a arte de governar homens, por isso nenhuma coisa é tão necessária aos Reis como a sabedoria. Bem o conheceu Salomão, a quem oferecendo Deus dar-lhe o que desejasse, o que pediu para desempenhar as obrigações de Rei, foi a sabedoria: **Postulasti tibi sapientiam.** Até o mesmo Deus em confirmação desta verdade, quando nos prometeu a seu Filho como Rei, o prometeu como Sábio: **Regnabit Rex, et sapiens erit.** Esta sabedoria, que resplandeceu no Rei imortal da glória, é a que fez imortal o nome augusto do nosso Rei. Não sou eu o que o digo; são as nações todas: **Sapientiam eius etc.** Reparem: não só louvam a sabedoria do seu governo, mas a sua sabedoria. Nos Reis uma coisa é governarem com acerto, e outra coisa é ser sua a sabedoria, com que governam. Houve no mundo outros Monarcas, que desempenharam no governo as máximas da sabedoria, mas a sabedoria, que resplandecia no governo, não era sua, era do vassalo, era do conselheiro, com quem repartiam o peso da Monarquia. Em Babilônia o Rei era Baltasar, mas o sábio era Daniel. Em Jerusalém o Rei era Davi, mas a sabedoria do conselho estava em Aquitofel. Em Egito o Rei era Faraó, mas a sabedoria, que felicitava o império, toda era de José. Em Portugal se admirou a exceção desta regra, onde o Rei era tão sábio, que os acertos do seu governo todos se atribuíam, não à sabedoria dos vassalos, mas à sua sabedoria: **Sapientiam eius.** Ele era o Baltasar, e o Daniel, o Davi, e o Aquitofel; ele era, o que governava como Faraó, e o que sabia como José: por isso os louvores, que merecia a sabedoria do seu governo, sem se repartirem com os vassalos, todos eram seus: **Sapientiam eius.** Assim como a sabedoria teve lugar tão distinto no seu trono, também procurou que dominasse no seu Reino: para este fim instituiu a Academia Real da História, de quem foi Protetor, e Mecenas, e será glorioso assunto. Este mesmo desejo manifestou nos dois claustros religiosos,

que fundou em Mafra, e nas Necessidades, aonde estabeleceu outras tantas casas de sabedoria. Como conhecia que as livrarias são as oficinas, em que a sabedoria costuma polir os engenhos, e aperfeiçoar os sábios, o seu maior estudo foi ajuntar Bibliotecas. Para constituir o seu palácio de sabedoria, o ornou de uma Biblioteca tão magnífica, como quem a ajuntou. A Mafra, e as Necessidades, que fundou, também enriqueceu com livrarias copiosas. Na Universidade de Coimbra mandou fabricar uma Biblioteca pública tão magnífica, que em tudo corresponde à grandeza daquele empório das letras. Até nos estudantes de São Antão fez Sua Majestade público o amor, que tinha à sabedoria: para os promover na ciência lhe introduziu novos estímulos no certame, e lhe fez uma oculta, e suave força com os prêmios. Consignou rendas para que duas vezes no ano se publicassem composições, destinando-se aos vencedores proporcionados prêmios em todas as classes. Por este meio viu Sua Majestade o seu Reino tão povoado de sábios, que no seu tempo teve a sabedoria em Portugal o seu império. A sabedoria para engrandecer a sua glória dizia por boca de Sábio: **Per me Reges regnant**, que por seu meio reinavam os Soberanos. Em Portugal teve esta dívida proporcionada satisfação: a sabedoria fez reinar o Monarca, e o Monarca fez reinar a sabedoria. A sabedoria o pôs no trono, e ele colocou a sabedoria no trono, em que o pôs. De sorte que ao mesmo tempo que a sabedoria olhando para todos os Reinos do mundo repete gloriosa: **Per me reges regnant**; olhando para o nosso Reino, e para o nosso defunto Monarca pôde confessar agradecida: **Per Regem regno**. Mas se ela foi tão exaltada pelo Rei no seu Reino, ela exaltou tanto no mundo ao nosso Monarca, que por todas as nações é celebrada a sua sabedoria: **Sapientiam eius**.

Teve o nosso Monarca sabedoria, mas a sua sabedoria teve por crédito ser uma sabedoria bem-aventurada, por se aplicar ao socorro dos pobres; que essa é a sabedoria bem-aventurada na opinião de Davi: **Beatus, qui intelligit super egeum, et pauperem**. Deus deu ao nosso Monarca não só a sabedoria, mas as riquezas; podendo repetir o nosso Soberano: **Venerunt mihi omnia bona pariter cum illa**; porém ele para se desempenhar com Deus beatificou a sabedoria, restituindo liberalmente a Deus as riquezas que lhe deu, pelas mãos dos pobres. Não há em todo Portugal Comunidade Religiosa, nem houve necessidade pública, a quem o nosso Monarca não socorresse com mão tão larga, como sua. Diga-o Campo Maior abrasado com desastre violento. Diga-o Lisboa na epidemia, que no seu tempo padeceu. Diga-o a Província de Além-Tejo na esterilidade continuada, que experimentou por alguns anos, onde Sua Majestade a uns deu o socorro, a outros o remédio, e a todos supriu a falta do necessário. E que dirão os mais vassallos, a quem Sua Majestade socorreu nas mais urgentes necessidades? Não é preciso que digam mais do que

diziam as suas lágrimas todas as vezes que Sua Majestade se via em perigo de vida, que foram muitas, chorando todos a sua falta, não só como Rei, senão como Pai. Assim fez o nosso Monarca bem-aventurada a sua sabedoria aplicando-a ao socorro dos necessitados: **Beatus, qui intelligit super egenum et pauperem.** Mas se a sua sabedoria foi bem-aventurada por dar aos necessitados o socorro, de que careciam, também foi bem-aventurada por dar aos seus vassallos o maior bem. E que bem será este? É aquele, que de contínuo pedimos a Deus: **Da pacem Domine in diebus nostris.** Foi a paz, que Deus nos concedeu por meio da sabedoria do nosso Monarca. Este foi o primeiro cuidado de Sua Majestade, apenas ocupou o trono, concluir os ajustes da paz e conservá-la. Tudo teve o efeito desejado; porque estipulada a paz com Castela, e França, que no princípio do seu reinado estavam em campo contra Portugal, a paz, que estabeleceu, foi uma paz firme, e perdurável. O Real Profeta Davi, falando do reinado de Cristo seu filho, disse, faria glorioso o seu império com abundância da paz: **In diebus eius abundantia pacis.** Eu bem sei que os Monarcas do mundo assim como representam a Deus no domínio, que dele recebem, também são uns Deuses pequenos cá da terra, e como tais filhos singularmente do Altíssimo; assim o reconheceu o mesmo Davi: **Ego dixi, dii estis, et filii Excelsi omens.** Porém entre todos os Reis se distinguiu o nosso Monarca, como filho do Altíssimo, que ao seu império comunicou Deus aquela abundância da paz prometida no império de seu Filho: **In diebus eius abundantia pacis.** O doutíssimo Leblanch, explicando esta abundância de paz; escreveu: **Pax copiosissima, et maxime diuturna.** Uma paz copiosíssima, uma paz, que se estende pela série dilatada dos tempos. E não é esta a paz, que se viu em Portugal no tempo do nosso Soberano? Toda Europa ardendo em guerra, todas as Monarquias inquietas, e algumas assoladas com as levas, com as campanhas, com as batalhas, com os tumultos da guerra; e Portugal logrando a abundância da paz, que lhe comunicava o seu Monarca: **In diebus eius abundantia pacis.** Uma só guerra conservou o Augustíssimo Senhor Rei Dom João o V, e foi dentro no seu Reino; era a guerra, que fazia aos crimes, e aos delinquentes: porém como nesta guerra respaldava o exercício da justiça, eram novos vínculos, com que firmou a paz, que nos dava: **Iustitia, et pax osculatae sunt.** Bem conheceu Sua Majestade a simpatia, que entre si têm estas duas virtudes; por isto buscou na paz a administração da justiça. Este foi um de seus maiores cuidados, como o primeiro que devem ter os Monarcas. Escolhia para os tribunais os ministros mais incorruptos. Não permitia que os grandes, e os poderosos entendessem eram privilegiados para a observância das leis; tão atento sempre ao fiel da balança da justiça, que se no seu tempo fez lembrar o império do Filho de Deus pelo atributo da paz, não menos o representou na inteireza

da justiça: **In diebus eius iustitia, et abundantia pacis.** Prerrogativas tão singulares, que publicadas no mundo pelos ecos da fama, de tal sorte excitaram os assombros das nações, que todas com aclamação uniforme engrandecem a sabedoria do seu governo: **Sapientiam eius enarrabunt gentes.** Ficando por este modo o Fidelíssimo Senhor Rei Dom João o V de gloriosa memória pela imortalidade do seu nome: **Non recedet memoria eius etc.**

Et laudem eius enuntiabit Ecclesia.

Mal podiam faltar os louvores da Igreja a um Monarca, que com tanto desvelo cuidou nos aumentos do Culto Divino, na perfeição das cerimônias Eclesiásticas, e em enriquecer, e levantar altares, e templos ao Rei do Céu. Mas que louvores diz a Igreja deste Rei? Diz o mesmo, que estão dizendo o ouro, a prata, os bronzes, os mármorees as pedras preciosas, que Sua Majestade ofereceu a Deus nos templos com liberalidade Real. Diz que foi um Rei pio, um Rei Católico; um Rei exemplar do zelo, da Fé, e da Religião: enfim um Rei dado singularmente por Deus para aumento da divina glória, e para utilidade da Igreja. Eterno ficará o seu nome, e a sua memória nos anais do Vaticano. Ali se lerá, para exemplo dos Reis Católicos, a veneração, o amor, e o respeito, que teve à Igreja, e a seus Pastores. O título estimabilíssimo de filho da Igreja é hereditário nos Reis de Portugal, depois que o Padre duas vezes São Pio V o deu ao nosso saudoso Rei Dom Sebastião. Mas o nosso Monarca o fez tanto seu, como se não fora herdado, acrescentando ao nome de Filho o título glorioso de Fidelíssimo com que o supremo Pastor da Igreja engrandeceu a sua piedade. E na verdade em todas as ocasiões se portou sua Majestade como Filho Fidelíssimo da Igreja. Dos filhos, que em Cristo gerou, dizia São Paulo que por fiéis eram a sua coroa: **Vos estis corona mea.** Deste filho Fidelíssimo pode dizer o mesmo a Igreja, que é a sua Coroa, pois para firmar na cabeça do Pastor Supremo a Tiara lhe acrescentou com as forças navais do seu Reino mais uma Coroa. Já também quero dizer que, implorando o Sumo Pontífice socorro de Sua Majestade contra o Turco, que com uma poderosa armada ameaçava a última ruína à Cabeça da Igreja, Sua Majestade lhe mandou um socorro tão recopilado, que sendo sete os navios, de que constava a armada Portuguesa, se lhe fizermos a conta pela aritmética do valor, acharemos era uma armada composta de milhares de vasos. Assim o deve confessar o mundo, o qual com inveja, e assombro viu que bastaram as Quinas Portuguesas para eclipsar o orgulho infiel da Lua Otomana. Retirou-se destruída a armada dos Turcos. Ficou a vitória pelos Portugueses, que tiveram a glória de engrandecer a Tiara da Igreja com mais esta Coroa. Quando Pedro no Horto queria defender a Cristo, não aceitou

Cristo a defesa, dizendo que para isto tinha no Céu a milícia dos Anjos: **An nescis possum rogare Patrem meum, et exhibebit mihi plusquam duodecim legiones Angelorum?** Vejam a glória dos Portugueses. A Cristo querer ser defendido no Horto, não admitiria os Apóstolos, porque tinha Anjos. Mas para Cristo, e Pedro ser defendido no seu Vigário, e Sucessor, não se vale da milícia dos Anjos, e quer os soldados Portugueses. Já houve, e foi o príncipe dos Pregadores, quem interpretasse a favor dos Portugueses, dando a conhecer no mundo por meio das Conquistas o nome de Deus, a profecia de Isaías: **Ite Angeli ueloces.** Não duvido foram como Anjos na propagação da Fé os Portugueses; mas também é certo encheram às vezes de Anjos, defendendo a Cristo no seu Vigário. O certo é, que Cristo, no caso que quisesse ser defendido, havia de pedir ao Pai os Anjos; e o Vigário de Cristo para ser defendido dos inimigos de Deus pediu o socorro a este Filho Fidelíssimo. Esta gloriosa ação, com que este Filho desempenhou o título de Fidelíssimo, sustentando a Cabeça da Igreja na alteza, que lhe era devida, serviu também de manifestar a união íntima do amor, que com ela tinha. O Divino Esposo, querendo louvar o pescoço da Esposa, que em figura era a Igreja, se valeu da semelhança da torre de Davi, toda guarnecida de escudos, e armas: **Turris Daud collum tuum, mille clypei pendent ex ea, omnis armatura fortium.** Semelhante à torre de Davi o pescoço da Esposa? E com que pensamento? Direi o que entendo. Não é o pescoço na simetria do corpo o mais unido à cabeça? Não há dúvida. Naquele formoso composto da Esposa não se representava a Igreja? Todos o sabem. Agora notem: A torre de Davi foi destinada para defender a santidade do Sião figura da Igreja, dos insultos atrevidos dos Jebuseos, que eram os infiéis daquele tempo. Tudo disse o doutíssimo Gislério: **Extitisse uero turrim hanc maxime Ispectabilem, ut ab expulsis Iebuseis tutam seruaret arcem Sion.** Quer pois dizer o Esposo, que quem com união mais íntima está unido à Cabeça da Igreja, é quem sabe desempenhar a glória da torre de Davi, defendendo o Sião da Igreja dos assaltos dos infiéis. Não há dúvida que todos os Reis Católicos são membros da Igreja, mas quem ocupava o lugar do pescoço; como mais unido à cabeça, foi o Filho Fidelíssimo da Igreja o Senhor Rei Dom João o V. Nas sete naus, com que socorreu a Igreja, pôs em campo sete movediças Fortalezas, e naquela ocasião os Castelos, que cercavam as Quinas nas bandeiras de Portugal, eram outras tantas torres de Davi para a defesa da Igreja: mas por isso o nosso Monarca manifesta mais íntima união com a cabeça da Igreja. Bem sei, que naquele conflito também se viram as armas dos outros Filhos da Igreja, todos valorosos, e alentados: **Et omnis armatura fortium.** Mas quis a Providência que ele, afugentando os infiéis, que se opunham à Igreja, assemelhasse à glória da torre de Davi triunfando dos Jebuseos: **Ab expulsis Iebuseis etc.**

Para que assim conhecesse o mundo, que este Filho Fidelíssimo no corpo místico da Igreja representava o mistério do pescoço, por ser o mais unido à Cabeça da mesma Igreja: **Turris David etc.**

Mas deixemos já de admirar estas ações da piedade do Filho Fidelíssimo da Igreja, em que se reparte a glória entre a piedade, e o valor, entre o zelo da religião, e a valentia; e entremos a ouvir aquelas ações do nosso Monarca, que a Igreja publica, todas filhas da sua piedade. A devoção deste grande Rei só pode ter semelhança com a sua fé. A recreação para ele mais gostosa era o vir à tribuna assistir aos Offícios Divinos, procurando que em todos se praticassem com exata perfeição as cerimônias da Igreja, em que era peritíssimo. A sua Patriarcal era todo o seu amor. Ali se achava assistindo na tribuna a todas as horas do coro; tão pontual nesta assistência, que nenhum Ministro do Altar, por mais que se distinguisse na residência, lhe levava a primazia. O mais é, que nem nos últimos anos da sua vida foi bastante a enfermidade para lhe fazer interromper esta assistência, antes quanto mais se via oprimido da enfermidade, então buscava no Autor da vida o alívio. Nesta matéria admirei um sucesso, que, ainda que o não posso canonizar por milagre, nas suas circunstâncias parece excede as forças da natureza. Uma das ocasiões, em que aquele fatal acidente assaltou a Sua Majestade, se viu em perigo tão evidente, que se publicaram preces em toda Lisboa. No segundo dia das preces esteve Sua Majestade tanto às portas da morte, que se valeram os Médicos do remédio violento das sarjas para o livrarem do perigo. No terceiro dia das preces, ao mesmo tempo que toda Lisboa estava cuidadosa, e assustada com o perigo do seu Soberano; ao mesmo tempo que a Santa Igreja Patriarcal multiplicava afetuosas rogativas pelo seu Augusto Fundador, apareceu de repente Sua Majestade na tribuna acompanhando as preces, que se faziam pela sua enfermidade com ação de graças, que vinha render a Deus pela sua melhoria. Davi, aquele piedoso Rei tão empenhado no Divino Culto, dizia viera dar ao templo infinitas graças ao autor da vida pelo livrar das portas da morte: **Exaltas me de portis mortis, ut aununtiem omnes laudationes tuas in portis filiae Sion.** Vejam a diferença, que faz Davi ao nosso Rei. Davi primeiro o livra Deus das portas da morte, e depois é que vem ao templo a dar a Deus as graças pelo livrar da enfermidade. O Senhor Rei Dom João o V, ao mesmo tempo que estava às portas da morte, por estas mesmas portas entra no templo para agradecer a Deus a vida. Quando os Ministros da Igreja oferecem preces pela sua enfermidade, aparece no templo a dar as graças pela melhoria. Por este modo extraordinário manifestou Deus quanto lhe agradava a piedade deste grande Rei, concedendo-lhe a vida com tão particular cuidado para lhe continuar os obséquios. Porém este mesmo cuidado de Deus me dá fundamento a um reparo, que en-

tendo será de todos. Reparo em Deus condenar a uma enfermidade tão prolongada um Rei piedoso, a quem com tão declarado empenho concede a vida. Dá maior força ao meu reparo um successo da Escritura. A doença, que na Escritura pode ter alguma semelhança com a do nosso saudoso Rei, foi a de Ezequias. Enfermou El-Rei Ezequias, e enfermou como o nosso Soberano, porque de ambos foi mortal e enfermidade: **Aegrotavit Ezechias usque ad mortem**. Um, e outro conseguiu a saúde milagrosa por meio de lágrimas. Ezequias por meio de muitas, que ele mesmo chorou, o nosso Monarca por meio das lágrimas de seus vassallos, que com rogativas, procissões, e preces alcançaram para o seu Rei a saúde desejada. Para a melhoria de Ezequias contribuiu um prodígio do relógio de Achaz, que estava no palácio, que por esta maravilha se manifestou a expressa figura de Maria Mãe de Deus. Tudo disse Maurício de **Vita Probata: Maria Horologium, ad cuius decimam lineam reuersus est sol iustitiae . . . ut sanaretur homo**. A melhoria da Sua Majestade também foi beneficio da Mãe de Deus: pois a Senhora das Necessidades que em Palácio lhe assistiu, reconheceu o nosso Monarca dever a vida. Entre tanta semelhança acho da parte da melhoria uma grande diferença; porque a Ezequias dilatou Deus a vida por mais quinze anos, ao nosso Monarca lhe concedeu a vida pouco mais de oito. Ezequias teve vida, que na realidade foi vida, porque conseguiu saúde perfeita; o Senhor Rei Dom João o V teve tal vida, que mais se lhe pode chamar ou enfermidade sucessiva, ou morte prolongada.

Ah Deus, e que occultos são os vossos juízos! Os homens, pondo os olhos nestes dois Monarcas, os reconhecemos os mais semelhantes nas ações da piedade, e do zelo. Ezequias destruiu os Ídolos, e fez guerra aos Idólatras: **Dissipavit excelsa, contriuit statuas . . . ipse percussit Philistaeos** (1). E isto mesmo executou na Índia o nosso Monarca, coroando a Estátua de pacífico com os triunfos da Idolatria. Ezequias foi o reparador do Divino culto em Israel. Sua Majestade o promoveu no seu Reino. Ezequias abriu novamente o templo. O nosso Monarca fundou de novo muitas Igrejas. Ezequias cuidou em restituir ao templo os Sacerdotes, os Levitas, e os Cantores, purificando com todas as cerimônias a casa de Deus. O Senhor Rei Dom João o V sagrou templos, e altares em grande número, e na Casa, que consagrou a Deus na sua Patriarcal, lhe ofereceu não só Cantores esquisitos convocados com despesa excessiva de todo o mundo, mas um número extraordinário de Ministros tão condecorados pelos seus nascimentos, pelas suas letras, pelas honras, pela dignidade, e tão abundantes de rendas, que neles se manifesta bem a grandeza de seu Real ânimo. Ezequias

(1) IV Reg., 28, 4, 81.

convocou o seu povo para celebrar a Páscoa do Cordeiro com a solenidade dos Azimos: **Misit nunties ad populum conuocandum, Phase celebrans cum Zimorum solemnitate.** Escreveu o doutíssimo Merz. Sua Majestade procurou tanto o culto do Corpo de Deus, figurado naquela solenidade, que convocou toda a sua Corte, e as suas vizinhanças para formar um triunfo tão magnífico, e glorioso, que fosse digno da Majestade Divina, a quem se oferecia, e da humana, que o consagrava. Finalmente, Ezequias louvava a Deus todos os dias entoando Salmos no seu santo templo: **Psalmos nostros cantabimus cunctis diebus uitae nostrae in domo Domini.** E Sua Majestade não só assistia na Casa de Deus todos os dias, ouvindo os Salmos, que em louvor de Deus se entoavam no Coro, senão que particularmente rezava o Ofício Divino todos os dias com raro exemplo de devoção, e piedade. À vista desta semelhança, que o Senhor Rei Dom João o V teve com Ezequias, quem não diria que Deus movido das nossas lágrimas, e da piedade deste grande Rei, lhe concederia uma vida tão próspera, e dilatada por tantos anos como a Ezequias? Mas não foi assim, como entendemos; porque a vida lhe foi só concedida por oito anos, e lhe foi outorgada com a pensão de uma enfermidade contínua, e diuturna. E com que providência assinaria Deus este decreto? Se os abismos inescrutáveis da Divina sabedoria se podem de longe reverentemente investigar, eu dissera que assim o determinou Deus para fazer dois benefícios. Um às Almas santas do Purgatório, outro à alma de Sua Majestade, que, como piamente cremos, hoje o goza. Era Sua Majestade o mais sinalado benfeitor das Almas do Purgatório; concedeu Deus a vida a Sua Majestade, e aí fez benefício às Almas do Purgatório, porque lhes prorrogou mais tempo dos sufrágios. Deu a Sua Majestade uma vida por oito anos, mas penalizada, e nisso consistiu o benefício da sua alma. Quis Deus que satisfizesse pela pena temporal do Purgatório correspondente às culpas com os sacrifícios quotidianos, que oferecia pelas Almas do Purgatório, e com o purgatório, que deste modo padeceu em oito anos de enfermidade, pudesse por meio de uma morte bem-aventurada voar a possuir o eterno descanso na vista de Deus. Parece-me que Salomão no livro do Eclesiástico nos deixou misteriosamente descrita esta felicidade do nosso glorioso Rei: **Mitte panem tuum suer transeuntes aquas, quia post tempora multa inuenies illum. Da partem septem necnon et octo: quia ingoras, quid futurum sit mali super terram.** (2) Lança o teu pão sobre as águas, que passam, e depois de muito tempo o acharás. Oferece sete, e também oito, porque não conheces os males, que estão para vir sobre a terra. Pode haver texto mais enigmático? Porém se fizermos reflexão na vida do Senhor Rei Dom João o V,

(2) Eccl., 11, v. 2.

nos será fácil adivinhar o enigma. Nas letras sagradas pelas águas se entendem as tribulações, por isso muitos intérpretes com Alápide explicaram por estas águas as penas do Purgatório, e pelo pão o pão sagrado, e consagrado, que no sacrificio da Missa se oferece em sufrágio: **Aliqui, diz Alápide, per aquas transeuntes intelligunt animas in purgatorio detentas, quasi hic pro eis iubeat effundere...** (3) Esta é a razão, com que nos diz o Ecclesiastes, que depois de muitos tempos acharemos este pão, porque depois do tempo da vida é que principalmente se colhe o fruto destes sufrágios. Toda a dúvida consiste naquele: **Septem, necnon et octo**. Rabi Salomão com outros, alegados por Alápide, pelo sete entendem os sete dias da semana: **Per septem intelligunt septem dies septimanae; quasidicat, quotidie date elemolynam**. Como se dissera: dai esmola, ofereci sufrágios todos os dias da semana, que assim vos livrareis das penas da outra vida. Assim interpreta São Jerônimo citado por Alápide as últimas palavras do texto: **Ignoras etc.**, afirmando que aqueles males ameaçados são as penas da outra vida. Tudo está bem explicado, todo o trabalho é explicar o **necno et octo**. Porém para isso não necessito de outro intérprete mais que o mesmo sucesso. Parece que o texto foi talhado para Sua Majestade, e por isso até aqui se não achava cabal interpretação àquele oito, porque a interpretação dos oito só se havia de achar nos oito anos, que Sua Majestade padeceu a vida, ou viveu lutando com a morte. O Senhor Rei Dom João o V seguindo o conselho do Ecclesiastes, lançou o seu pão sobre as águas, porque ofereceu nos sacrificios o Pão da Eucaristia, o qual, pela veneração, que lhe teve, e pelo culto singular, que lhe consagrou, ficou por antonomazia o seu pão: **Mitte panem tuum etc**. Todos os dias ofereceu estes sufrágios para encher o significado misterioso no número sete recomendado no texto. **Per septem intelligunt etc**. Nos dias dos sufrágios encheu o significado dos sete, e nos anos da enfermidade o número misterioso dos oito: **Da partem septem, necnon et octo**. Deste modo ajuntando o purgatório de oito anos aos sufrágios, que oferecia pelas benditas almas do Purgatório todos os dias, se livrou das penas da outra vida tão temerosas: **Quia ignoras quid mali futurum sit super terram**. Toda esta felicidade lhe conseguiram as ações de piedade, que exercitou, e por isso a Igreja o engrandece imortal na piedade: **Laudem eius enuntiabit Ecclesia**.

Vivei pois, Fidelíssimo Senhor, vivei, e reinai, num, e n'outro mundo Rei; num, e n'outro mundo depois da morte imortal. Na terra imortal pelas vossas ações; no Céu imortal pelo vosso merecimento. Na terra imortal com a assistência, que tivestes de Deus no vosso trono; no Céu imortal assistindo ao trono de Deus. Na

(3) Alap., *ibid.*

terra imortal pela sabedoria, com que governastes o vosso reino; no Céu imortal pela sabedoria, com que adquiristes o reino de Deus. Na terra imortal pela piedade com os homens; no Céu imortal pela misericórdia de Deus. Na terra imortal como Rei Fidelissimo, no Céu imortal como servo Fiel. Na terra imortal pela paz, em que conservastes o vosso reino; no Céu imortal pela paz, em que descansais neste reino bem-aventurado, que já é vosso.

Requiescat in pace.

10. **RELAÇÃO DAS FESTAS QUE SE
FIZERAM EM PERNAMBUCO PELA
FELIZ ACLAMAÇÃO DO MUITO
ALTO, E PODEROSO REI DE POR-
TUGAL DOM JOSÉ I. [...], POR
FELIPE NÉRI CORREIA, 1751/1752.
(Ed. 1753).**

RELAÇÃO
DAS FESTAS QUE SE FIZERAM EM
PERNAMBUCO
PELA FELIZ ACLAMAÇÃO
DO MUITO ALTO, E PODEROSO REI DE PORTUGAL

DOM JOSÉ I

NOSSO SENHOR
DO ANO DE 1751 PARA O DE 1752.

sendo Governador, e Capitão General destas Capitánias
O ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR
LUÍS JOSÉ CORREIA DE SÁ
do Conselho de Sua Majestade, etc.

POR FELIPE NERI CORREIA
Oficial Maior da Secretaria do Governo, e Secretário
particular do Mesmo Ilustríssimo, e Excelentíssimo
Senhor Governador.

LISBOA

Na Oficina de MANOEL SOARES

Ano de MDCCLIII

Com todas as licenças necessárias.

RELAÇÃO
DAS FESTAS QUE SE FIZERAM EM
PERNAMBUCO
PELA FELIZ ACLAMAÇÃO
DO MUITO ALTO, E PODEROSO REI DE PORTUGAL
DOM JOSÉ I
NOSSO SENHOR
DO ANO DE 1751 PARA O DE 1752.

Determinando o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor General dar princípio às precisas, e inescusáveis demonstrações do seu alvo-roço, na sempre feliz aclamação do nosso Augustíssimo Monarca o Senhor D. José I., e desejando que chegassem ao Céu as nossas rogativas antes que na terra se ouvissem vivas, e aclamações preferindo os atos de piedade aos de alegria escreveu logo aos Prelados das Religiões desta Praça do Reino, e Cidade de Olinda, para que estes com seus Religiosos fizessem preces, e orações a Deus pela vida, aumento, e progressos de Sua Majestade dirigindo os passos deste glorioso empenho com tão acertada ordem, como bem o manifestam as suas discretas, e judiciosas cartas, que fielmente vão copiadas neste lugar para maior clareza desta narração.

CART A

**para o Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor
Bispo de Pernambuco Dom Luís de Santa Teresa.**

Parecendo-me justo que depois de darmos graças a Deus pela mercê de nos deixar ver Coroado um Rei, que desempenha as obrigações do seu nome no cuidado com que procura o aumento dos seus vassallos, não só na generosa equidade com que distribui os prêmios, mas na retidão com que quer se administre a Justiça, determinei que na mesma noite do dia 6 de Junho (em que Vossa Excelência dispõe na sua Cathedral o **Te Deum laudamus**) com aviso das Câmaras da Cidade de Olinda, e Vila do Recife mostrassem os moradores de uma, e outra Povoação o seu justíssimo alvoroço com três noites sucessivas de luminárias; e suposto que aos Prelados das Religiões escrevo, e pedindo-lhe roguem a Deus, e às suas Comunidades pela vida do nosso Soberano, e felicidade do seu Reinado, a Vossa Excelência peço queira intimar-lhes, que concorram também para as públicas demonstrações de tão justificado contentamento, etc.

CART A

circular para os Prelados das Religiões.

Querendo dar princípio às justas demonstrações do nosso alvoroço pela Coroação do Augustíssimo Monarca El-Rei D. José I. nosso Senhor pareceu-me que fosse este no dia dos seus felizes anos, por ser o seu nascimento a origem das felicidades, e aumentos de Portugal, e das suas conquistas, antes prognosticadas no seu prodigioso, e incomparável nome, e já praticadas no seu magnífico, e Real ânimo, e como para pôr em execução o público contentamento desta Cidade, e Vila avisei a uma, e outra Câmara para determinarem três noites sucessivas de luminárias, sendo a primeira no dia 6. de Junho, não quis deixar sem aviso a Vossa Reverendíssima esperando que nas suas orações, e de todos os Religiosos seus súditos, peçam a Deus nos dilate na preciosa vida do nosso Soberano, o gosto com que agora aplaudimos a sua ditosa Coroação, etc.

CART A

para a Câmara da Cidade de Olinda.

Sendo razão que os vassallos desta Capitania se empenhem nas demonstrações do alvoroço pela feliz aclamação do nosso Augustíssimo Monarca, é justo que o princípio do obséquio, seja o louvor a quem nos quis dar um Rei, que cuida em fazer felizes os seus vassallos, e opulentos os seus Domínios, por esta causa tem o Excellentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Bispo determinado, que no dia 6. de Junho (que é o em que com a sua Real pessoa nasceu a Portugal, e às suas Conquistas a fortuna que hoje logramos todos) se cante de tarde na Sé o **Te Deum laudamus** a cujo ato devem vossas magnificências assistir em corpo de Câmara, no lugar destinado em funções semelhantes, e a noite deste dia, há de ser o primeiro de luminárias, que se continuaram até o dia oito, as quais devem vossas magnificências publicar na forma do costume, e com a antecipação que julgarem precisa, etc.

CART A

para a Câmara da Vila do Recife.

Para que os moradores desta Vila façam pública ostentação do gosto que lhe resulta da feliz Coroação do nosso Soberano, devem vossas magnificências primeiro declarar na forma do costume (com a antecipação que julgarem conveniente) a obrigação que têm todos de concorrer para tão justo aplauso, com três noites sucessivas de

luminárias, sendo a primeira no dia 6 de Junho, que é o que pareceu mais próprio para princípio do alvoroço, por ser o em que fazemos dita recordação do seu Augusto nascimento, etc.

O mesmo aviso fez Sua Excelência aos Officiais de todas as Câmaras de sua jurisdição, e lhe ordenou, que além das três noites de sucessivas luminárias (que haviam principiar em o dito dia 6 de Junho) pedissem aos Párocos das suas Freguesias (muito de mercê) quisessem concorrer (pelo que lhe tocava) para tão justificado obséquio, encarregando-lhe também, fizessem a mesma súplica aos Prelados dos Conventos nas Vilas aonde os havia, e aos Comandantes das Fortalezas da guarnição da marinha do seu Governo(como mais interessados nos cultos das Majestades) mandou, que em cada uma das ditas três noites de luminárias (para que também foram avisados) dessem três salvas de artilharia de hora, em hora, que principiarão às sete, sem que por esta ordem alterassem a que tem de dar uma ao meio dia em todos aqueles em que fazem anos as pessoas Reais.

Declinada a ação, e distribuídas que foram as ordens no Domingo em que a Igreja celebrou a Festa da Santíssima Trindade, que se contavam 6 do mês de Junho de 1751 (dia fausto para Portugal, por ser o em que o nosso ínclito Soberano cumpria seus prósperos, e festejados anos, e o em que todos principiavam já a dar sinais dos júbilos de alegria em que ardiam seus inflamados corações, deixando-se-lhes bem conhecer a cada um no alvoroço, a eficácia do seu contentamento) marcharam os dois Regimentos da Vila do Recife, e Cidade de Olinda para o terreiro da Catedral da mesma Cidade com tão majestoso aparato, desembaraço, e militar disciplina, como sempre o souberam praticar estas tropas, tanto na paz, como na guerra, conduzindo muito para o salto de tão galhardo movimento a uniformidade do novo fardamento que Sua Excelência lhe tinha destinado para dia de tanto gosto.

Formados em batalha, passaram Suas Excelências para a Sé, aonde se achava o mais nobre, e luzido auditório, que há muitos tempos se tinha ajuntado nestas Capitánias, o qual se compunha da Câmara da Cidade, Prelados das Religiões, Officiais militares, Cidadãos, e de todos aqueles a quem o seu honrado nascimento fazia inseparáveis da assistência de tão gloriosa ação, sem que os longes das suas habitações, nem o dilatado dos caminhos, lhe diminuisse o ardor com que esta porção de vassallos (imitando a seus leais primogenitores) souberam distinguir-se na fidelidade, e obséquio de seus Soberanos.

Estava aquele grande Templo magnificamente adornado, e curiosamente guarnecido das mais vistosas sedas, e ricos paramentos que permitia o país; no meio do Cruzeiro via-se como um trono levantado coberto de singulares alcatifas, sobre o qual havia um sal-

distório em que sua Excelência Reverendíssima rompeu o ato com um admirável, e doutíssimo Sermão, tomando por tema aquelas palavras da Igreja.

Corona aurea super caput ejus expressa
signon sanctitatis, gloriae, et honoris.

Sobre o que discorreu com grande energia, e erudição dividindo-se em três discursos mostrando no primeiro, que só a Coroa do nosso novo Monarca era de ouro; porque só ele a fundava na santidade verdadeira sabedoria, a qual só se podia aplicar o Texto: **Quoniam omne aurum in comperatione illius arena est exigua.** No segundo mostrou que por isso era a Coroa do nosso Monarca verdadeiramente de ouro; porque a glória de seus preclaros ascendentes, ajuntava a glória de governar os seus vassallos com piedade, e justiça como mostrou desde o primeiro dia de seu felicíssimo governo. E no terceiro, que só na santidade, e glória de governar bem os seus povos, podiam os Reis adquirir honra, e como a experiência já ia mostrando quanto apreço fazia o nosso Rei destas virtudes, justamente se podia dizer, que só a Coroa do nosso Augustíssimo Monarca era de ouro, etc.

Concluiu ultimamente o discurso, entoando o **Te Deum laudamus**, a que com suaves harmonias, e agradável melodia respondeu (e foi continuando o Hino) a música, que estava dividida em quatro bem concertados coros a quem regia, e fazia compasso o Reverendo Padre Mestre Antonio da Silva Alcântara, insigne compositor, e Mestre da Capela da mesma Sé, aonde ajuntou para esta função, os mais destros instrumentos, e as melhores vozes que havia em todo este continente, além dos Músicos do partido, sendo ele o mesmo que tinha composto aquela solfa, de que teve (pelo bom gosto dela) um geral, e bem merecido aplauso.

Dadas as graças ao Rei dos Reis pelo benefício da felicidade deste alegre dia, acabada a ação, e desfeito aquele nobre congresso, ao repicar dos sinos deram os Soldados três descargas de mosquetaria, a que responderam como em eco as Fortalezas, formando com línguas de fogo conceituosas expressões de marcial alegria.

Na noite daquela dia principiaram as três de luminárias, até o dia oito, em que o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor General deu a todos os Officiaes dos dois Regimentos (de Capitão para cima) um admirável jantar, abundante das mais esquisitas iguarias, e delicados manjares, que pôde descobrir o gosto, em um país onde não alcançam os mimos da Corte, nem as deliciosas frutas da Europa.

Acabou-se finalmente este festival, e luminoso tríduo com um bom sarau, em que o capricho, destreza, e galantaria, fizeram os principais papéis.

Passados alguns dias se entrou na manufatura de um suntuoso tablado, ou edifício, em que se haviam representar três comédias que Sua Excelência ordenou se pusessem logo prontas, cuja diligência encarregou ao grande curioso Franco de Sales Silva, o que ele soube bem desempenhar, não só em por hábeis as pessoas que haviam entrar, mas em compor para elas, discretas loas, e engraçados bailes.

Por conta de Miguel Álvares Teixeira (curioso militar da artilharia) correu a estrutura do tablado, e pinturas, de que deu tão boa conta, que não poderão já os professores da Arquitetura civil falar nele sem respeito.

Armou-se o tablado defronte das janelas do Palácio, que como parte que olha para o Recife correm dos lados duas galerias, ficou formando uma grande, e bem desafogada platéia.

Tinha a fachada daquele bem delineado edifício 50 palmos de altura, e 60 de largo, e de boca do arco grande (que era como os, mais de volta abatida) 24 de alto, e 32 de largo, e o fundo em que trabalhavam os bastidores 37 e da corrediça grande até a boca do arco sete palmos, e da boca do arco para fora onze, exceto o grande vão, que servia de vestuário. Por cima da cornija principal corria uma varanda de balaústres a Romana, alternados com suas quartelas, com vasos de flores nos extremos, e no meio um pedestal, sobre que descansavam as armas Reais Portuguesas, fabricadas em vulto, como a maior obra da varanda, arrematava o teto pela parte exterior, uma boa tarja tecida de instrumentos Militares, e nos cantos, com duas esferas, os claros da frontaria eram pintados de pedra cor-de-rosa anodoada de branco, os balaústres de encarnado mais purpúreo, os pés direitos, cornija, pedestal, quartelas, e os arcos fixos de pedra verde, e da mesma cor era também pintada a corrediça que arrematava esta primeira cena, nela se viam as armas de Sua Excelência em cima de uma peanha, que estava debaixo de uma bem fingida, e curiosa cúpula, que carregava sobre quatro colunas encarnadas de ordem coríntia. Fechava a boca do tablado uma grande cortina branca semeada de flores, e a **orquestra** que era obra de volta, servia de base a este admirável frontispício.

Compunha-se o teatro de três vistosas cenas, uma firme, e duas volantes, com cinco ordens de agradáveis, e deliciosas vistas; a primeira que era de fala Real com soberbos, e levados pórticos de estilo moderno, estava admiravelmente adornada de bofetes, espelhos, quadros, e ricos cortinados de damasco carmesin guarnecidos de ouro, e no fim um bem lançado pavilhão do mesmo damasco, com forro azul, e seu remate como de talha dourada, tanto ao natural que houve pessoas, que custaram a persuadir-se que era pintura. A segunda de colunatas de ordem Toscana, fingidas de pedra vermelha, e assen-

tadas com tal arte, que feridas com os reflexos das luzes, faziam um tão agradável enleio, que senão podia bem perceber, se aquela vista continuava por todo o comprimento da casa pelo grande fundo que representava, e o que fazia parecer ainda maior a extensão, era porque a mesma obra se mostravam os bastidores, continuava na correção do fim, que arrematava em um pequeno arco por onde se descobriam uns imperceptíveis horizontes. Duas das vistas ambas eram de jardim, mas com a diferença de ser um fechado, e outro aberto, no primeiro, se divisavam por entre as grades diferentes, e peregrinas castas de flores, e no segundo, bem debuxados canteiros, que arrematavam no princípio de um ameno prado, regado de cristalinas águas, que saíam de um excelente chafariz; a quinta, e última que era composta de rudes arvoredos (em que o Autor tanto se excede) ninguém se atrevia a apartar os olhos dela sem repugnância.

Todos estes jogos de bastidores tinham suas correções correspondentes que lhe serviam de fundo, e de divisão às Cenas.

Movia-se insensivelmente este artefato por um sarilho oculto, que parecia impraticável à suavidade, e destreza com que em um instante, e ao mesmo tempo, se ocultava uma vista, e aparecia outra. O mesmo sucedia com as luzes quando era preciso escurecer o tablado, porque com o mesmo repente com que se apagavam, se acendiam, sem haver mais demora, que a de levantar, ou abaixar uns pesos, a que estavam sujeitas as portas dos candeeiros, que como estavam assentados de sorte que se não podiam ver os movimentos, fazia esta destreza uma grande confusão aos assistentes.

O teto do tablado era de arcos de volta abatida como os da primeira Cena, e como estavam assentados em perspectiva, seguindo a mesma figura dele que ia em diminuição (segundo a regra) de qualquer lugar seguiam todos.

Compunham-se eles de fastões de flores desencontrando-se uns dos outros, de sorte, que nesta mesma ordem, estava a galantaria daquele bem matizado Pavilhão de Flora.

Era o pavimento de um agradável xadrez verde-escuro, claro, e mais claro, de maior, a menor, que ajudado das meias tintas, representava uma grande longitude.

O frontispício estava cheio de luzes ocultas com que se deixava bem lograr a obra exterior dele, e ao mesmo tempo, iluminavam insensivelmente a platéia.

Concluída a obra, ensaiadas as comédias, cuidou logo Sua Excelência no ornato das figuras, para o que escreveu à Câmara do Recife a seguinte carta.

CARTA

Aos Officiais da Câmara do Recife.

Para que em toda a parte se conheça, que esta Capitania de Pernambuco, assim como se assinalou sempre na defesa dos domínios do seu Soberano, se distinguia no aplauso da Coroação do seu Monarca, ordenei que depois de darmos com o **Te Deum** graças a Deus pela mercê de nos dar um Rei com tantas virtudes, que está prometendo encher ao seu Reino, e conquistas, de felicidade se fizessem no pátio deste Palácio umas comédias como o permitisse o estado da terra, e porque é justo que esse Senado concorra para o complemento desta festividade, ao menos com algum trabalho, visto que a falta de rendimentos em que se acha o impossibilita para outro gênero de despesas, correrá por conta de vossas magnificências vestirem as figuras que hão de entrar nas ditas comédias, e bailes, procurando para esse fim o meio que julgarem menos pesado a este povo, etc.

Em cumprimento da referida carta se valeram os Camaristas das ordens régias encarregando aos ofícios mecânicos daquela diligência, porém como alguns, mais por pobreza de ânimo, que de bens, entraram a fazer afetados requerimentos, logo Sua Excelência lhe definiu exonerando-os, para o que escreveu à Câmara a seguinte carta.

CARTA

Para os Officiais da Câmara do Recife.

Como me consta que a maior parte dos officiaes a quem vossas magnificências obrigaram a concorrer para o ornato das figuras, ou por ambição, ou por necessidade se queixam uns, e se pretendem isentar outros, não bastando para lhe fazer voluntária, e gostosa esta contribuição, nem a moderação com que vossas magnificências a arbitraram, nem o motivo da festividade, se me faz preciso dizer a vossas magnificências que mandem logo chamar a todos os principaes dos officios, e lhe declarem, que por ordem minha os desobrigam de toda a despesa, e trabalho, e farão toda a diligência para mandarem que se restitua outra vez a quem pertencer, qualquer parcela por mínima que seja que para este fim se tenha dado, e para que se não confundam as queixas, com os aplausos, tenho, tomado o accordo de encarregar este trabalho a pessoas, que cuidam ao mesmo tempo na satisfação do meu empenho, e no crédito da sua pátria, etc.

Logo que algumas pessoas souberam, que sua Excelência estava menos satisfeito daquela não esperada novidade, se vieram gostosamente oferecer, julgando cada um por favor, a eleição que se fez no

Capitão Nicolau da Costa Leitão, que bem mostrou no desempenho a sinceridade do seu oferecimento.

É o proceloso Inverno tão ingrato nesta Costa, que não permitiu que se fizessem as comédias senão no ano de 1752, a primeira, que era **la sciencia de Reinari**; representou-se na noite do dia 14 de Fevereiro, a segunda **Cueba**, y **Castillo de amor** na noite de 16 e a terceira, e última **la Piedra Filosofal** na de 18 do dito mês de Fevereiro de 1752.

Representaram-se finalmente com geral aplauso, e admiração, desempenhando os curiosos que entraram nelas, o acerto da eleição.

Omito os primores em particular, e o capricho com que foram executadas, por não alterar a ordem que levo.

Seria porém justamente arguido se não fizesse aqui uma pequena ostentação do mais luzido, e majestoso espetáculo que podia lembrar ao gosto, que era ver (no princípio de cada uma das comédias) abrir aquela grande cortina que fechava a boca do tablado, aonde achavam os olhos tanto em que empregar-se, que se acabava de cantar o tom, e ainda a vista não ficava satisfeita, não sei se pelo muito que tinha em que ocupar-se, se porque a suavidade das vozes, a harmonia dos instrumentos, lhe divertiam as operações visuais.

Compunha-se aquele bem debuchado, e lindo painel, de quatro coros de música, com trinta e tantas figuras ricamente adornadas, em que entravam quatro rabeções, doze rabeças, duas trompas, e dois **abuaci**, e tudo o mais vozes, a que fazia compasso com toda a galhardia a primeira dama.

A solfa das comédias, era composta pelo mesmo Autor da do **Te Deum**, e tão admirável como sua.

O auditório era o mais nobre, e o mais luzido destas Capitánias. O Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Bispo, assistiu só à primeira comédia; porque as suas indisposições lhe não deram lugar de dilatar-se mais tempo na companhia do Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor General, sem embargo da extremosa assistência com que foi tratado naqueles dias.

Concluiu-se o festejo com três sucessivas noites de fogo, e na última se despediu o Reverendo Padre Mestre Alcântara de Sua Excelência com uma boa serenata.

Estas obsequiosas oblações, e encarecidos sinais do contentamento, para que todos olhavam com respeito, e admiravam com pasmo, moveu de forte os ânimos de todos, que nem ainda aqueles que se escusaram, deixaram de conhecer a falta em que os fez cair a sua pusilanimidade querendo-a imputar uns aos outros, e os que o sério do estado, e o grave dos empregos, lhe não dava lugar a con-

correr pessoalmente para este festival empenho, não podendo suportar o fogo em que sentiam abrasar os seus leais e amantes corações, romperam em métricos aplausos, mostrando bem, que o fumo do intento não ofusca o simulacro.

E para que os leitores modifique o ineficaz com o suave elegi das obras que saíram o seguinte:

SONETO ANÔNIMO

Viva El-Rei Dom José, e a sua idade
Os seus vassallos vejam tão crescida,
Que a duração da sua augusta vida
Chegue a igualar a mesma eternidade

Que em nós tudo há de ser felicidade
No tempo em que reinar, ninguém duvida,
Sendo neste Monarca conhecida
A inclinação aos atos de piedade.

Serão as suas ações do mundo espanto
Entre todos os Reis será portento
E de leias afetos doce encanto;

Dão-nos tantas virtudes fundamento
A esperar que o seu Reino cresça tanto
que o nome desempenhe, que é Aumento.

F I M.

12. **RELAÇÃO DAS FESTAS QUE FEZ
LUÍS GARCIA DE BIVAR [...], PELA
FELIZ ACLAMAÇÃO DO NOSSO
FIDELÍSSIMO REI O SENHOR DOM
JOSÉ O I, [S.I.A.], 1752. (Ed. 1753).**

REL A Ç Ã O
DAS FESTAS QUE FEZ
LUÍS GARCIA DE BIVAR
FIDALGO DA CASA DE SUA MAJESTADE,
e Sargento Maior de Batalha de
seus Exércitos, e Governador
da Nova Colônia de Sacramento,
Pela feliz Aclamação do nosso Fidelíssimo Rei

O SENHOR
DOM JOSÉ O I.

Em 2 de fevereiro de 1752, acompanhando-se
de seis pessoas dos Principais desta Praça,
que mui voluntários o ajudaram para
as despesas, que se fizeram naquele
festejo, os quais são os seguintes;

**O Sargento Maior da Ordenança Manoel Lopes
Fernandes,**

O Capitão José Pereira de Carvalho;

O Capitão Jerônimo Pereira do Lago;

O Capitão Manoel Pereira Franco;

José da Costa Bandeira;

Diogo Gonçalves Lima;

L I S B O A :

Na Oficina de Pedro Ferreira Impressor da Augustíssima
Rainha Nossa Senhora. Ano de M D C C L I I I
Com todas as licenças necessárias.

Em o primeiro de fevereiro, foi o nosso Governador à Igreja Matriz assistir, à Bênção do Estandarte Real, acompanhado de todos os Officiais Militares, e no fim da Bênção se deu uma salva de Artilharia.

Depois saiu o Meirinho, Escrivão, e Porteiro com o acompanhamento de trompas a publicar, pela Praça o bando de três dias de luminárias.

Na manhã do dia 2 se ajuntaram em casa do Governador, o Escrivão da Fazenda Real, e as seis pessoas nomeadas do Comércio, com todos os Militares graduados, e das Ordenanças, Marinha, e pessoas seculares, as mais principais da Praça, custosamente vestidos, e concorreram todos os Eclesiásticos, Portuguezes, e Espanhóis, e dali saiu o acompanhamento na forma seguinte.

Iam diante do acompanhamento cinco Trombetas, e Timbales, vestidos de encarnado, agaloados de seda cor de ouro; e as capas dos Timbales de Damasco carmesim, agaloados de ouro fino, que levavam dois negros da mesma libré dos cinco.

Seguia-se o Meirinho geral da Praça, e seu Escrivão, depois todas as pessoas seculares, e Eclesiásticas; e desfilando a luzida Companhia de Granadeiros, pelos lados, formavam duas alas, na testa das quais liam quatro Trompas, e Flautas do nosso General, e Governador, vestidos de libré de sua Casa, tocando a marcha.

No centro das alas iam o Sargento Maior da Praça, e o seu Ajudante, em seu seguimento o Secretário do Governo, que levava a bolsa com a Carta do Secretário de Estado, escrita ao nosso Governador sobre este assunto.

Em duas fileiras iam as seis pessoas, que formavam o corpo do negócio do comércio, e em último lugar o Escrivão da Fazenda, que levava o Estandarte Real, a quem seguia o nosso Governador acompanhado de quatro criados graves de sua família. Serravam as alas o Capitão, e subalternos de Granadeiros, e assim correram as principais ruas da Praça até chegar ao arco triunfal do Terreiro do Portão, por onde entraram, e foram todos, e acompanhamento buscar a escada, que subia para a varanda do Teatro onde se havia fazer a aclamação. Na Praça fronteira ao Teatro estavam todas as Tropas formadas, da guarnição desta Praça, que comandava o Mestre de Campo Manoel Botelho de Lacerda, e tanto que o nosso Governador subiu a escada levando o Estandarte ao seu lado direito, e chegou ao Teatro, correram-se as cortinas do magnífico docel, em que estava

o Retrato de Sua Majestade, a quem ele, e todos os do acompanhamento fizeram a devida cortesia, a pouco espaço ordenou o Governador ao Secretário lesse a Carta do Secretário de Estado, o que ele fez tomando primeiro vênia ao Retrato de Sua Majestade. Dizia assim o Capítulo da Carta o seguinte:

No dia 31 de julho de 1750 foi Deus servido levar para sua Santa Glória, o Senhor Rei Dom João quinto, e no dia 7 de setembro do mesmo ano se fez nesta Corte a Aclamação pública de Sua Majestade, que Deus guarde o Fidelíssimo Senhor Dom José o primeiro. Lisboa 2 de setembro de 1750. Diogo de Mendonça Corte Real. Senhor Governador da Nova Colônia do Sacramento Luís Garcia de Bivar. Depois chegou o nosso Governador para a Varanda trazendo à direita o Estandarte, e à esquerda o Secretário a quem ordenou repetisse as palavras da Aclamação, o que ele fez, dizendo.

Ouvi, ouvi, ouvi, e estai atento, Real, Real, pelo Muito alto, mui poderoso, e Fidelíssimo Senhor Dom José o primeiro, viva, viva, viva. Foram tantos os vivas de todos os que estavam, e assistiam a este ato que deram tempo a que dessem três descargas de mosquetaria, e depois a artilharia da Praça, a que se seguiu a Fortaleza da Ilha de São Gabriel, e todos os navios, e saluas que havia no Porto.

Pôs-se em marcha o acompanhamento na mesma forma em que havia vindo fazendo cortesia ao Retrato de Sua Majestade, e foram todos para a Igreja Matriz, que se achava custosamente armada, e iluminada; e o Santíssimo exposto, e entoando a excelente música, e destríssimos instrumentos, que o nosso Governador fez conduzir de Buenos Aires, o **Te Deum laudamus** e no fim dele se deu segunda salva, como a primeira, e depois, que o Estandarte se encostou ao lado do Evangelho, tomou o nosso Governador o seu costumado lugar, e o Secretário, Escrivão e as seis pessoas de Comércio ocuparam os seus assentos rasos defronte dele. Cantou-se a Missa, e pregou o Padre Antônio Simões, Superior da Companhia, tomando por assunto, a celebridade da Purificação da Senhora, a Aclamação, como também o completar o nosso Governador neste dia os três anos de seu felicíssimo Governo, em que percorreu com a sua costumada erudição, e naquele dia com tanta elegância, que parece se excedeu a si próprio, e depois de acabada a Missa, quando se encerrou o Santíssimo, se repetiu terceira salva, como as duas primeiras, e tornou o mesmo acompanhamento a conduzir o nosso Governador, e o Estandarte Real, a sua casa.

Deu o nosso Governador jantar público a mais de setenta pessoas de distinção, e o repetiu três dias com o igual concurso; e o primeiro brinde(s) (sic) se fez à saúde de Sua Majestade Fidelíssima; e da Augustíssima Rainha Nossa Senhora, e no fim dele se deu outra salva de Artilharia, e brindando o nosso Governador à saúde de Suas

Majestades Católicas, fez dar quinta salva não só pelo obséquo devido àquelas Majestades tão aliadas com as nossas, mas por lisonjear aos Espanhóis, que havia naquelas três mesas, que o estimaram.

Soltou o nosso Governador bastantes presos, e fez repartir pela pobreza muitas esmolos com a caridade, que costuma.

Mandou por editais para que aqueles seis dias, que durassem os festejos, haver máscaras, recomendando sossêgo com o ameaço do castigo, o qual foi escusado; pois é tão respeitado, que desde que governa esta Praça não tem havido nela mortes, ferimentos, ou roubos dignos de dar exercício ao seu rigor; e bem se experimentou agora, pois durante estes sete dias de Festas, não se obrou, ação que não fosse de gosto, e obediência às suas ordens.

Na noite deste dia houve a Tragicomédia dos Estudantes no Trem, que recitaram com geral aplauso de todos os assistentes.

As três se fizeram as Festas de cavalo no Terreiro da Praça onde o nosso Governador havia mandado fazer uma resplêndida Praça com trincheiras, palanques, e camarotes, com tantas distinções, que mais parecia obra da Corte do que seguir o uso destas Índias, onde se não praticam tantas regularidades.

Na varanda do Governador admitiu o Mestre de Campo, e os dois Sargentos Maiores da Praça, e Têrço, os Padres da Companhia, o Vigário da Vara, e da Igreja, os Religiosos, e várias Pessoas Espanholas, e Portuguesas, que de Buenos Aires vieram assistir a estes Festejos, sendo dos Portugueses os mais distintos, José Vienne, e Manoel de Oliveira Braga.

Por baixo da sua varanda estava um palanque mui bem guardado, e vistoso país, as seis pessoas do Comércio, às quais deu consentimento levasse a ele todos os Estrangeiros, e pessoas de maior graduação, para dali lograrem todo o festejo que se fez, e por este modo, e estilo se praticou toda a mais acomodação, muito à satisfação de todos.

Dava hora certa para se entrar ao festejo que neste dia começou; entrando o Neto de Golilha à Espanhola, acompanhado de dois volantes, vestidos com toda a perfeição; e depois de fazer as cortesias ia levar as ordens que recebia do Sargento maior da Praça para o Governo do que se havia obrar no Terreiro.

Entrou a companhia de Granadeiros que fazia a guarda da Praça fazendo primeiro exercício de Arma, e depois fogo, e por último lugar lançou cada Soldado três granadas, e dividindo-se em quatro corpos despejaram a gente do terreiro, e ocuparam as quatro faces que ficaram guarnecidas em boas figuras dos próprios granadeiros.

Seguiu-se a entrada dos vinte e quatro Cavaleiros, vestidos doze de encarnado, e branco, e os outros doze, de azul e branco, trazendo consigo vinte e quatro volantes com as mesmas divisas igualmente nas adargas que sem dúvida faziam estes, a melhor figura pelo uniforme, com que estavam.

Fizeram escaramuça, contoadas, alcanzias, e canas, correram cabeças, e acabaram com escaramuça de pistolas, e ultimamente de espada, fazendo uma, e outra coisa com excelente desembaraço, e aplauso geral de todos os circunstantes.

Nesta noite houve baile de máscaras em casa do Governador, e por fim um magnífico refresco de doces, e bebidas excelentes de várias castas, a que assistiram a Senhora Dona Rita de Melo, mulher de José Vienne, e a mulher do Mestre de Campo Manoel Botelho de Lacerda, e do Sargento Maior da Praça, e outras Senhoras Donas das principais da terra, que quiseram obsequiar a dita Senhora Dona Rita, como estrangeira na Praça.

A quatro se representou no Teatro do Trem uma Loa mui discreta, louvando a feliz Aclamação de Sua Majestade e depois dela a Comédia intitulada as Armas de Hermozura; houve nela três bailes, e algumas danças primorosas competindo o luzimento das Figuras com o bem executado dos papéis, que recitaram.

A cinco se repetiram no terreiro da Praça as cavalladas, fazendo-se as entradas como no primeiro dia, e neste a novidade de diferentes escaramuças, e além das contoadas, e alcanzias correram os Cavaleiros fortilhas, pombos à lança, patos à mão, e algum carneiro à espada.

Nesta noite houve segundo baile em casa do Governador; começando primeiro por Serenata, e nela houve o costumado refresco, e assistências das Senhoras Donas.

A seis foi o primeiro dia de Touros em que cinco capinhas Espanhóis vestidos com toda perfeição à custa do nosso Governador, e logo que tomaram vênias, entraram a fazer destríssimas sortes de todo o gênero de habilidades ainda que arriscadas porque neste País se não usa cortar as pontas aos animais, nem nelas se admitirem bolas; toureou de cavalo um Espanhol com máscara ao uso destas terras, que é diferente do da Europa.

Nesta noite houve terceiro baile em casa do Governador, a que concorreram vistosas máscaras, e se fizeram belíssimas contradanças ao som da admirável música, e no fim o costumado refresco com assistências das senhoras Donas.

A sete houve segundo dia de touros imitando em tudo ao primeiro dia, e em ambos deu o nosso Governador uma grande quantia de dobras aos Toureiros, e Cavaleiro que lhe ofereciam a sorte.

Nesta noite foi o último baile em casa do Governador, não só para as Senhoras, músicos, instrumentos, e máscaras; mas para todas as pessoas da maior distinção a quem deu uma magnífica ceia, e depois dela durou o divertimento, até quase ao amanhecer sendo tantas, e tão diferentes as bebidas que mais se fazia crer estavam os convidados em Lisboa que nos Estados da Colônia.

A oito se fez uma Comédia Portuguesa no Trem, e com ela se deu fim aos seis dias de festas, e sem se contar o dia da Aclamação.

Querer referir, e reduzir a número os custosos vestidos que o nosso Governador fez para esta função não só para a sua pessoa como para toda a sua comitiva dos criados graves, particulares, comuns, e ultimamente todos os seus escravos, seria um impossível, e muito maior a generosidade de ânimo com que hospitalizou a todos os naturais e estrangeiros que todos foram prendados de sua grande liberalidade, a qual nele é tão natural que não dependia deste objeto para exercitá-la, e o que é mais de louvar, foi a política com que desde a hora que entrou a fazer os preparos precisos para todas estas funções não consentiu se gastasse nelas coisa alguma que pertencesse à Fazenda Real, cuja circunstância é uma das mais recomendáveis para o devermos aplaudir, único nos empregos de nosso Soberano; e digno de eternos louvores.

F I M.

Í N D I C E

	Págs.
7. Súmula Triunfal da Nova e Grande Celebridade do Glorioso e Invicto Mártir São Gonçalo Garcia [...], Sotério da Silva Ribeiro, 1745	7
7.1. Introdução, Da Direção	9
7.2. Dedicatória	11
7.3. Dedicatória, Sotério da Silva Ribeiro	13
7.4. Introdução	15
7.5. Forma da Ordem da Procissão	24
7.6. Carro Triunfal	32
7.7. Carro Triunfal, em que ia o Glorioso Mártir	39
7.8. Formada da Cavalhada	42
7.9. Títulos das Comédias, La Fianza satisfecha	46
7.10. Descrição Métrica	48
7.11. Academia	55
7.12. Oração Academia [S.I.A.]	55
7.13. Soneto, [S.I.A.]	55
7.14. Mote, [S.I.A.]	59
7.15. Mote geral, Glosa, Inácio Ribeiro Noial	62
7.16. Mote geral, Glosa, Manuel Ribeiro	64
7.17. Mote geral, Glosa, Manuel Félix da Cruz	65
7.18. Mote geral, Glosa, Francisco de Sousa Magalhães	67
7.19. Mote geral, Glosa, Felipe Néri da Trindade	68
7.20. Mote geral, Glosa, Inácio Duarte	69
7.21. Mote geral, Glosa, Antônio Planger Aranha	71
7.22. Mote geral, Glosa, Capitão Francisco Soares, e Silva	72
7.23. Mote geral, Glosa, Felipe Benício	73
7.24. Mote geral, Glosa, Antônio Boia Benavido	75
7.25. Mote geral, Glosa, Padre Antônio Pereira	76
7.26. Assunto Particular. Mostrar em um assunto a eficácia com que São Gonçalo Garcia da Cruz do seu martírio exortava aos mais companheiros a que dessem a vida por Cristo. Soneto, Inácio Ribeiro Noia	77
7.27. Assunto Académico Particular, Qual dos dois Martírios foi maior para São Gonçalo, se o que padeceu, ou o desejo de padecer. Oitavas, Manuel Ribeiro	78
7.28. Assunto Particular. Mostrar a Glória, que o Santo Mártir goza no Céu. Décimas, Manuel Félix da Cruz	80
7.29. Assunto Académico Particular. Mostrar-se o gosto, e contentamento, que teve São Gonçalo Garcia quando o Tirano o prendeu para o martirizar. Oitavas, Francisco de Sousa Magalhães	83

	Págs.
7.30. Assunto Particular. Mostrar a São Gonçalo Garcia deixando as riquezas, e delícias do mundo pela Religião. Soneto, Padre Felipe Néri	86
7.31. Assunto Particular. Descrição da coroação, que fizeram os Anjos a São Gonçalo Garcia pelo Martírio, que recebeu, Décimas, Inácio Duarte	87
7.32. É assunto para mostrar a São Gonçalo Garcia traspassado a lanças pró Cristo. Silva, Antônio Splanger Aranha	90
7.33. Assunto Altíssimo Particular. Mote, Décimas, Capitão Francisco de Sales, e Silva	93
7.34. Louvores ao Presidente Ao Muito Reverendo Doutor José Correia de Melo, Tendo orado em verso em louvor de São Gonçalo Garcia, Epigramma, [S.I.A.]	95
7.35. Versem em Soneto, Inácio Ribeiro Noia	95
7.36. Décimas Laudatórias ao Presidente da Academia o Reverendo Doutor José Correia de Melo na celebridade de São Gonçalo Garcia, Manuel Ribeiro	96
7.37. Em louvor do Muito Reverendo Doutor José Correia de Melo, Presidente da Academia, Manuel Félix da Cruz	97
7.38. Ao Muito Reverendo Doutor José Correia de Melo, Presidente da Academia, [...] Soneto, Iosephi penna Martis superat mucronem	98
7.39. Epigramma, [S.I.A.]	98
7.40. Soneto em esdrúxulos, Francisco de Sousa Magalhães	99
7.41. Ao Muito Reverendo Doutor José Correia de Melo, Presidente da Academia, Soneto, [S.I.A.]	99
7.42. Ao Muito Reverendo Doutor José Correia de Melo, [...], Epigramma, Felipe Néri da Trindade	100
7.43. Ao Muito Reverendo Doutor José Correia de Melo, Presidente da Academia, Décimas, [S.I.A.]	100
7.44. Soneto, Inácio Duarte	101
7.45. Redondilhas em eco, Ao Reverendo Doutor Presidente, [S.I.A.]	101
7.46. Ao Muito Reverendo Doutor Presidente, José Correia de Melo, Soneto, Padre Antônio Pereira	102
7.47. Ao Muito Reverendo Doutor, Soneto, [Francisco de Sales, e Silva]	103
7.48. Décimas, Capitão Francisco de Sales e Silva	103
7.49. Resposta, que dá o Presidente aos Acadêmicos, Soneto, [José Correia de Melo]	104
7.50. Por fim de todas as Obras, Décimas, [José Correia de Melo] ..	105
8. Aureo Trono Episcopal, colocado nas Minas de Ouro, ou Notícia Breve da Criação do Novo Bispado Marianense, [...], [dado à luz por Francisco Ribeiro da Silva], 1749	107
8.1. Dedicatória. Preclaríssimo, e Gloriosíssimo Senhor São Bernardo, Francisco Ribeiro da Silva	111
8.2. Licenças do Santo Officio, do Ordinário, do Paço	112
8.3. [Narração]	114
8.4. Texto, [José de Andrade e Moraes]	137

	Págs.
8.5. Glosa, [José de Andrade e Moraes]	137
8.6. Entre outros, que merecedores da estampa não se imprimem, por não avultar o volume, repetiu o Reverendo Padre Gregório dos Reis e Melo este Canto Heróico, fundado no Cântico de Simeão: <i>Nunc dimittis seruum tuum Domine, etc.</i>	141
8.7. [Narração — continuação]	150
8.8. Ordem da Procissão	152
8.9. Soneto, Cônego Francisco Xavier da Silva	154
8.10. Oitavas, [S.I.A.]	154
8.11. Soneto Acróstico, [S.I.A.]	157
8.12. [Narração — continuação]	157
8.13. Seguiam-se todas as Irmandades, e Confrarias da Sé	164
8.14. Oração Acadêmica, e Congratulatória à felicíssima, e desejada entrada do Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Manuel da Cruz [...], José de Andrade e Moraes	166
8.15. In laudem Reuerendissimi, ac Sapientissimi Praesidis, Décima, Cônego Francisco Xavier da Silva	175
8.16. Soneto, [Cônego Francisco Xavier da Silva]	176
8.17. Soneto, joco-sério, [Cônego Francisco Xavier da Silva]	176
8.18. Soneto, Reverendo José Felipe de Gusmão e Silva	177
8.19. Soneto, João Coelho Gato de Amorim	177
8.20. [Assunto] Foi assunto da Academia a pena, e saudade do Maranhão na ausência do Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Manuel da Cruz, Bispo que foi daquela Diocese, é a glória de Mariana na posse do mesmo Excelentíssimo Senhor, seu primeiro digníssimo Bispo	178
8.21. Epigramma, Antônio Dias Cordeiro	178
8.22. Epigramma, Floriano de Toledo e Piza	178
8.23. Aliud, [Floriano de Toledo e Piza]	179
8.24. Epigramma, Reverendo José Felipe de Gusmão e Silva	179
8.25. Elegia, João Coelho Gato de Amorim	179
8.26. Soneto Diacróstico, [Reverendo José de Andrade e Moraes] ..	180
8.27. Soneto, [José de Andrade e Moraes]	181
8.28. Soneto, Cônego Manoel de Pinho Cardido	181
8.29. Soneto, Cônego Francisco Xavier da Silva	182
8.30. Soneto, [Francisco Xavier da Silva]	182
8.31. Soneto, Reverendo José Felipe de Gusmão e Silva	183
8.32. Soneto, [José Felipe de Gusmão e Silva]	183
8.33. Soneto, [José Felipe de Gusmão e Silva]	183
8.34. Invocatória a Sua Excelência Reverendíssima, Soneto, [S.I.A.] ..	184
8.35. Invocatória ao Sapientíssimo Presidente, Soneto, [S.I.A.]	185
8.36. Ao assunto. Soneto, [S.I.A.]	185
8.37. Glosa, Padre Diogo Alvares da Silva	186
8.38. Canto Heróico, Gregório dos Reis de Melo	189
8.39. Silva joco-séria, Sancho Pança de Apolo	195
8.40. Mote, Glosa, Padre Diogo Alvares da Silva	199
8.41. O mesmo Mote, Glosa, Sancho Pança de Apolo	200

	Págs.
8.42. Sermão no segundo Dia do Tríduo, com que se celebrou a Criação, e dedicação da nova Catedral de Mariana [...] pre-gou-o o Muito Reverendo Doutor José de Andrade e Moraes [...]	202
9. Monumento do Agradecimento, Tributo da Veneração, Obelisco Funeral do Obséquo, Relação Fiel das Reais Exéquias [...] dedicou o Doutor Matias Antônio Salgado, 1751	223
9.1. Relação Fiel das Reais Exéquias da defunta Majestade do Fidelíssimo, e Augustíssimo Rei o Senhor Dom João V, Manuel José Correia, e Alvarenga	227
9.2. Sermão recitado pelo Vigário de São João de El-Rei, o Doutor Matias Antônio Salgado, nas Exéquias, que fez celebrar ao Fidelíssimo Rei, e Senhor Dom João V	245
10. Relação das Festas que se fizeram em Pernambuco pela Feliz Aclamação do Muito Alto, e Poderoso Rei de Portugal Dom José I [...], Felipe Néri Correia, 1751/1752	257
10.1. Carta para o Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Bispo de Pernambuco Dom Luís de Santa Teresa	261
10.2. Carta circular para os Prelados das Religiões	262
10.3. Carta para a Câmara da Cidade de Olinda	262
10.4. Carta para a Câmara da Vila do Recife	262
10.5. Carta aos Oficiais da Câmara do Recife	267
10.6. Carta para os Oficiais da Câmara do Recife	267
10.7. Soneto Anônimo	270
11. Relação das Festas que fez Luís Garcia de Bivar [...], pela Feliz Aclamação do Nosso Fidelíssimo Rei o Senhor Dom José o I, [S.I.A.], 1752	271

26



IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO

SÃO PAULO - BRASIL

1975